

MARIA APARECIDA DE PAIVA MONTENEGRO

PULSÃO DE MORTE E RACIONALIDADE NA
TEORIA FREUDIANA

Tese de Doutorado apresentada ao
Departamento de Filosofia do
Instituto de Filosofia e Ciências
Humanas da Universidade
Estadual de Campinas, sob a
orientação do Prof. Dr. Osmyr
Faria Gabbi Jr.

Campinas - São Paulo
Novembro / 1998



9915102

MARIA APARECIDA DE PAIVA MONTENEGRO

PULSÃO DE MORTE E RACIONALIDADE NA TEORIA FREUDIANA

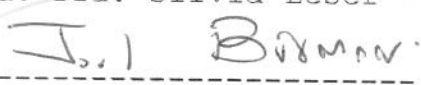
Tese de Doutorado apresentada
ao Departamento de Filosofia
do Instituto de Filosofia e
Ciências Humanas da
Universidade Estadual de
Campinas, sob a orientação do
Prof. Dr. Osmyr Faria Gabbi Jr.

Este exemplar corresponde à

redação final da Tese
defendida e aprovada
pela Comissão Julgadora
em 18/12/1998



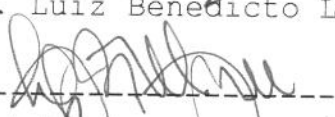
Prof. Dra. Sílvia Leser



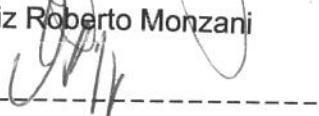
Prof. Dr. Joel Birman



Prof. Dr. Luiz Benedicto Lacerda Orlandi



Prof. Dr. Luiz Roberto Monzani



Prof. Dr. Osmyr Faria Gabbi Jr.

Novembro / 1998

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DO IFCH - UNICAMP**

M 764 p **Montenegro, Maria Aparecida de Paiva**
 Pulsão de morte e racionalidade na teoria freudiana /
Maria Aparecida de Paiva Montenegro . - - Campinas, SP : [s.n.],
1998.

Orientador: Osmyr Faria Gabbi Jr.
Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas,
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Freud, Sigmund, 1856-1939. 2. Teoria das pulsões.
3. Razão. I. Gabbi Junior, Osmyr Faria, 1950 -
II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e
Ciências Humanas. III. Título.

Aos meus pais, Yêda e Ignácio,
e a Martinho, meu marido,
dedico este trabalho, o meu
amor e a minha eterna gratidão.

***“Compreende-se melhor a psicanálise sempre
que se persegue o caminho de sua formação e
desenvolvimento.”***

(Freud, S. (1922) “*Psychoanalyse*”
und “*Libidotheorie*” . GW, XIII, p.
211; SE, XVIII, p. 235; ESB, XVIII, p.
287.

AGRADECIMENTOS

Após tantos anos envolvida no projeto e execução deste trabalho, devo a realização do mesmo a uma verdadeira rede de apoio e incentivo proveniente das mais variadas fontes.

Agradeço ao meu orientador, Osmyr Faria Gabbi Jr., pelas idéias e sugestões fornecidas através de sua leitura atenta e rigorosa, com a qual acompanhou todas as versões do trabalho com o intuito de melhorá-lo; pela tradução de "*Verneinung und Wiederkehr*", de Kimmerle, que constituiu a base a partir da qual o exame proposto foi conduzido. Sobretudo, agradeço-lhe por haver encontrado, na seriedade e originalidade com que realiza o seu próprio trabalho, aquilo que eu aspirava desde os anos em que ainda cursava minha graduação em Psicologia, quando interessei-me por uma leitura filosófica do pensamento de Freud.

Aos membros titulares da Banca Examinadora, Profa. Dra. Sílvia Leser (USP), Prof. Dr. Joel Birman (UFRJ / UERJ), Prof. Dr. Francisco Orlandi (UNICAMP), Prof. Dr. Osvaldo Giacóia Jr. (UNICAMP), agradeço-lhes pela presteza com que aceitaram participar, em um período tão conturbado, característico dos finais de ano, da última etapa para a obtenção do título de Doutor em Filosofia. Agradeço aos suplentes, Prof. Dr. Marcos Nobre e Prof. Dr. Luiz Roberto Monzani. A este último, minha gratidão pelas sugestões e comentários apresentados na ocasião do Exame de Qualificação.

A Fernando Rey Puente, amigo incondicional, agradeço-lhe a inestimável ajuda por traduzir textos e tirar dúvidas do Alemão, o interesse em procurar e enviar artigos relacionados ao tema do trabalho, à leitura e sugestões durante a redação do mesmo, pelo

acolhimento de meus "recorrentes desesperos" e pelas incansáveis palavras de encorajamento e apoio. Devo-lhe também o privilégio de receber a amizade e o carinho de uma pessoa tão ilustre que é Leo Gilson Ribeiro, a quem sou grata pelas mensagens calorosas e bem-humoradas que sempre me elevaram o espírito.

À Joyce, por me ter introduzido, por pura amizade, no estudo do Alemão, sou-lhe imensamente grata por sua dedicação e incentivo que tanto auxiliaram a realização deste trabalho.

À equipe técnica e à Comissão Sindical (em especial a Wilson Roberto que, na época, era o coordenador político desta última) do Programa de Saúde do Trabalhador da Prefeitura Municipal de Campinas, onde eu trabalhava logo que ingressei no curso de doutorado. Agradeço-lhes pela liberação de 50% de minha carga horária semanal de trabalho, a fim de dedicar-me aos estudos. A ambas devo também o encontro de amigas como Verinha e Telma, que acompanharam os percalços deste trabalho com apoio e solidariedade.

À profa. Maria Cecília Machado, pela gentileza de traduzir para o Francês o resumo deste trabalho.

Aos meus pais, Yêda e Ignácio Montenegro, co-patrocinadores, co-autores emocionais deste trabalho e co-partícipes de toda a minha formação pessoal e acadêmica. A este último agradeço também a tradução (quase simultânea) do resumo para o Inglês.

A Martinho, meu marido, verdadeira condição de possibilidade para que eu viesse a realizar este trabalho, e que, como ninguém, suportou com amor, dedicação, tolerância e apoio incondicionais todas as etapas do mesmo.

Ao Dr. Paulo Ricci, Vera Aleixo, Walter Maleronka, Alessandra e Dr. Carlos, Vera Salerno e Rogério, sem cuja ajuda não teria sido possível vencer as recorrentes crises de 'tesite'.

Ao Sr. Rubens e D. Damaris, pela amizade e apoio que vêm prestando desde que vim morar em Campinas.

Aos meus sogros, D. Dora e Sr. Martinho, obrigada pelo carinho, compreensão e ajuda nos momentos de dificuldade, pelo apoio e pelas orações. À Gisela e Ana Luísa, pela torcida calorosa e palavras de incentivo.

Aos meus irmãos, a quem tantas vezes recorri para expressar as angústias e incertezas quanto à finalização desta etapa de minha vida, obrigada pela aposta positiva e pelo encorajamento.

Aos colegas do CLE, aos amigos de ontem, hoje e sempre: Edna, Clara, Christiana Maria, Isabella, Ruth, Lílían Magalhães, Tarcísio Pequeno, Lia e Taunay, Cláudio e Ana Vitória, D. Nena, Ciça e a todos que, direta e indiretamente, contribuíram com comentários, sugestões, palavras de apoio e incentivo.

Aos meus colegas professores, alunos e funcionários da PUCCAMP, que acompanharam os últimos anos deste trabalho e que tanto torceram para que eu 'sobrevivesse' ao final, obrigada pelo apoio e compreensão pelos momentos em que tive de me ausentar.

Aos funcionários do CLE e do IFCH, em especial ao Marcos, obrigada pela solicitude e eficiência nos serviços que me foram prestados.

Ao CNPq, por me haver concedido a bolsa que viabilizou a realização deste estudo.

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS.....	i
RESUMO.....	vii
ABSTRACT.....	ix
RÉSUMÉ.....	xi
INTRODUÇÃO.....	1

PARTE I:

CAPÍTULO I: Intenção x Fisicalismo na pré-história da psicanálise: Elementos para uma teoria dos atos irracionais.....	18
1.1. O verbete "Hysterie": Primeiras formulações sobre o sintoma como uma espécie de ato irracional.....	21
1.2. Freud entre Charcot e Bernheim: A auto-sugestão como produtora de atos irracionais.....	26
1.3. Rumo a uma teoria dos atos irracionais.....	30
1.4. Distúrbios da Intencionalidade causados por anormalidades da vida sexual.....	39
1.5. Uma teoria dos atos irracionais viabilizada por uma genealogia do desprazer.....	41
1.6. Intenção e Sexualidade.....	48

CAPÍTULO II: O paradigma da sedução como deflagradora do patológico.....	59
CAPÍTULO III: A relação somato-psíquico: A neurose de angústia e a questão da irrepresentabilidade.....	68
CAPÍTULO IV: 'A Psicoterapia da histeria': Primeiras aproximações de uma arquitetura da mente.....	77
CAPÍTULO V: Projeto de uma Psicologia	
5.1. Considerações Gerais.....	87
5.2. Análise das teses centrais.....	93

PARTE II

CAPÍTULO I: A máquina psíquica do ponto de vista tópico.....	117
1.1. Formulações natalinas sobre afetos normais e neuróticos.....	121
1.2. Sedução e escolha da neurose.....	125
CAPÍTULO II: A teoria da memória estratificada.....	133
CAPÍTULO III: Da teoria das substâncias sexuais à teoria da representação.....	140
CAPÍTULO IV Fantasia, sexualidade, sonho: Contribuições à metapsicologia.....	149
CAPÍTULO V: O Capítulo VII de " <i>Die Traumdeutung</i> ".....	162
5.1. A representabilidade dos sonhos.....	168
5.2. Intencionalidade e racionalidade no modelo do Capítulo VII de " <i>Die Traumdeutung</i> ".....	180
CAPÍTULO VI: Determinismo e desprazer na teoria da sexualidade.....	193

PARTE III

CAPÍTULO I: O embaraçamento dos princípios da teoria freudiana no contexto da introdução do narcisismo.....	203
CAPÍTULO II: Pulsão e representação.....	223
CAPÍTULO III: 'Estranhas' são a repetição e a morte.....	242
CAPÍTULO IV: Pulsão de morte, representação e racionalidade.....	262
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	313

RESUMO

O presente estudo consiste em um exame das implicações da introdução do conceito de pulsão de morte na teoria freudiana, pensada como uma teoria dos atos irracionais. Orienta-se pelo trabalho de Kimmerle (1988) acerca de "Para além do Princípio de Prazer", segundo o qual a pulsão de morte constituiria tão-somente um ponto de convergência de contradições que se acumulariam desde as origens da metapsicologia.

Nessa perspectiva, este estudo empreende uma investigação de escritos freudianos de cunho metapsicológico, selecionados no período que abrange desde as formulações pré-psicanalíticas até a apresentação da segunda tópica do aparelho psíquico. Mediante esse percurso, realiza um rastreamento das possíveis contradições intrínsecas ao projeto teórico de Freud e identifica o cerne das aporias na tradição empirista herdada pelo fundador da psicanálise. Mais precisamente, na concepção de que a descrição dos processos psíquicos deve remontar à origem a partir da qual esses processos teriam sido constituídos. À luz dessa concepção, a ordem empírica dos acontecimentos originários do psiquismo adquire uma importância fundamental, uma vez que o primeiro evento seria determinante da meta a ser perseguida pelo funcionamento mental. Nesse caso, contrariamente a indistinção proposta por Freud, fugir do desprazer e buscar

o prazer constituiriam metas diferenciadas, de tal maneira que a anterioridade da primeira em relação à segunda implicaria a precedência da realidade sobre o prazer.

A fim de manter a tese central da psicanálise - a ascendência do inconsciente sobre a consciência - Freud tentaria mostrar que o desprazer associado aos transtornos psicopatológicos remontaria a um prazer anterior, interdito pela repressão. No entanto, ao invés do prazer, a gênese dos processos psíquicos envolveria um desprazer ainda mais originário, o que o faria recuar essa origem cada vez mais, até chegar à formulação da pulsão de morte. Com esta pulsão, a origem do psiquismo seria conduzida para além dos limites da experiência, de onde não seria mais possível recuar.

À medida que as contradições são evidenciadas em todos os modelos metapsicológicos formulados por Freud, conclui-se que seria errôneo supor que a noção de racionalidade subjacente a essa teoria ficaria comprometida a partir da formulação dessa nova pulsão. Antes, essa noção estaria comprometida desde o início, uma vez que não pareceria consistente propor que a racionalidade (consciência) seria fundada sobre uma base psíquica não-racional (o inconsciente).

ABSTRACT

The present study consists of a survey of the implications of the introduction of the concept of death drive to Freudian theory, conceived of as a theory of irrational acts. It is based on the work of Kimmerle (1988) on "Beyond the Pleasure Principle", whereby death drive would solely be a convergence point of contradictions which would accumulate since the origins of metapsychology.

From that perspective, this study undertakes an investigation of Freudian writings of metapsychologic character, selected from the period that comprehends the pre-psychoanalytic formulations up to the presentation of the second topic of the psychic apparatus. Along that course, it traces the possible intrinsic contradictions to the Freudian theoretical project and identifies the core of apories in the empiricist tradition inherited by the founder of psychoanalysis. More precisely, in the assumption that the description of psychic processes should go back to the origin from which those processes would have originated. In the light of that conception, the empirical order of the events that originated the psyche gains a fundamental importance, given that the first event would determine the goal to be pursued by the functioning of the mind. Thus, contrary to the lack of distinction proposed by Freud, to escape from displeasure and to search for pleasure would constitute differentiated goals, in such a way that the precedence of the former in relation to the

latter would imply in the precedence of reality over pleasure.

In order to maintain the central thesis of psychoanalysis - the precedence of the unconscious over the conscious - Freud would try to demonstrate that the displeasure associated with psychopathologic disturbances would go back to an earlier pleasure interdicted by repression. However, instead of pleasure, the genesis of the psychic processes would involve an even more remote displeasure, which would make him move that origin even further back, until reaching the formulation of the death drive. Under that drive, the origin of the psyche would be moved beyond the limits of experience, from where it would not be possible to move any further back.

As the contradictions emerge in all metapsychologic models formulated by Freud, it would seem erroneous to consider that the notion of rationality underlying that theory would be compromised by the formulation of that new drive. In fact, that notion would be compromised from its very beginning, since it would not seem consistent to propose that rationality (conscience) would be founded on a non-rational psychic basis (the unconscious).

RÉSUMÉ

La présente étude consiste en un examen des implications de l'introduction du concept de pulsion de mort dans la théorie freudienne, conçue comme une théorie des actes irrationnels. Elle est orientée par le travail de Kimmerle (1988) sur l'Au-delà du Principe du Plaisir selon lequel la pulsion de mort ne constituerait qu'un point de convergence des contradictions qui s'accumuleraient depuis les origines de la métapsychologie.

Dans cette perspective, cette étude fait une investigation des écrits freudiens à caractère métapsychologique, sélectionnés dans la période qui comprend dès les formulations pré-psychanalytiques jusqu'à la présentation du deuxième topique de l'appareil psychique. Tout au long de ce parcours, elle fait une recherche des possibles contradictions intrinsèques au projet théorique de Freud et identifie le noyau des apories dans la tradition empiriste héritée du fondateur de la psychanalyse. Plus précisément, dans la conception selon laquelle la description des procédés psychiques doit remonter à l'origine à partir de laquelle ces procédés auraient été constitués. Selon cette conception, l'ordre empirique des événements originaires du psychisme acquiert une importance fondamentale puisque le premier événement serait déterminant de l'objectif qui devra être poursuivi par le fonctionnement mental. Dans ce cas, contrairement à l'indistinction proposé par Freud, fuir du déplaisir et

chercher le plaisir constitueraient des objectifs différenciés, de telle façon que l'antériorité de la première par rapport à la deuxième impliquerait l'origine de la réalité sur le plaisir.

Dans le but de conserver la thèse centrale de la psychanalyse - l'ascendance de l'inconscient sur la conscience - Freud essaierait de montrer que le déplaisir associé aux troubles psychopathologiques remonterait à un plaisir antérieur, interdit par la repression. Cependant, au lieu du plaisir, la genèse des procédés psychiques comporterait un déplaisir encore plus originaire, ce qui ferait reculer encore plus cette origine jusqu'à la formulation de la pulsion de mort. Avec cette pulsion, l'origine du psychisme serait conduite au-delà des limites de l'expérience, d'où il ne serait plus possible reculer.

Au fur et à mesure que les contradictions seraient mises en évidence dans tous les modèles métapsychologiques formulés par Freud, on arrive à la conclusion qu'il serait une faute de supposer que la notion de rationalité subjascente à cette théorie serait compromise à partir de la formulation de cette nouvelle pulsion. Cependant cette notion serait compromise depuis le début, - puisqu'il semblerait problématique de proposer que la rationalité (conscience) soit fondée sur une base psychique non rationnel (l'inconscient).

INTRODUÇÃO

Em "*Racionalidade, sentido e referência*" (1994), Gabbi Jr.¹ procura ilustrar a tese de Davidson (1982), apresentada em "*Paradoxes of irrationality*",² segundo a qual a teoria freudiana poderia ser pensada como uma teoria dos atos irracionais que teria produzido uma expansão do âmbito da racionalidade prática.³ Para ambos os autores, Freud teria mostrado que fenômenos até então considerados não-

¹ Gabbi Jr., O.F. (1994) "*Racionalidade, sentido e referência*". Campinas, Coleção CLE, Vol. 13.

² Davidson, D. (1982) '*Paradoxes of irrationality*'. in "*Philosophical essays on Freud*". (org.) Wolheim, R. e Hopkins, J. Cambridge, Cambridge University Press, pp. 289-305.

³ No presente trabalho, empregaremos a distinção entre irracionalidade e não-racionalidade proposta por Davidson (op. cit., p. 299), de acordo com a qual a irracionalidade remeteria às falhas da razão, restringindo-se, portanto, a seres racionais, isto é, capazes de atribuir razões para suas ações (atitudes proposicionais). A não-racionalidade extrapolaria o âmbito da razão, uma vez que implicaria 'forças cegas' atuando na produção de certos estados. Contudo, considerando que a emergência do não-racional no interior das explicações sobre a irracionalidade constituiria um dos paradoxos apontados por Davidson, cumpre explicitar o sentido que, ao nosso ver, o campo da não-racionalidade adquire na teoria freudiana: O não-racional que interessa à psicanálise não se refere ao plano dos processos fisiológicos (esta seria a concepção subjacente às formulações de Breuer e Charcot, de quem Freud não tardaria a divergir). O não-racional que se erige como objeto da psicanálise remete justamente ao plano no qual os processos somáticos teriam alçado a representação, apresentando, portanto, um estatuto mental. Nesse sentido, não só a pulsão - enquanto um conceito-limite entre o somático e o psíquico - consistiria em um processo não-racional; também os seus representantes, atribuídos à porção inacessível do inconsciente (as representações de coisa), configurariam processos deste tipo. Enquanto a esfera da racionalidade limitar-se-ia aos eventos mentais regidos pelo funcionamento secundário do aparelho anímico, a irracionalidade, por sua vez, implicaria aqueles processos racionais que, por serem inadmissíveis à consciência, sofreriam repressão e, como consequência, passariam a ser regidos pelas regras do sistema não-racional do aparelho psíquico. Nesse caso, o efeito de irracionalidade adviria da irrupção do processo psíquico primário no interior do processo secundário, decorrente do retorno desse material reprimido (sob a forma de sintomas e atos falhos).

racionais⁴ - como era o caso dos sonhos, dos sintomas neuróticos e psicóticos e mesmo de esquecimentos e atos falhos -, consistiriam em processos irracionais que, uma vez submetidos à análise, remontariam a conteúdos racionais, isto é, plenamente coerentes e consistentes do ponto de vista do próprio agente, bem como do julgamento público.

Para essa ampliação, Freud teria mostrado que a suposta ausência de racionalidade atribuída a esses atos dever-se-ia, em última análise, à formação de uma "má representação" decorrente de mecanismos psíquicos inconscientes, a partir dos quais seus verdadeiros motivos permaneceriam inacessíveis até para o próprio agente. Desfazer essa "má representação", de modo a substituí-la por uma outra - supostamente adequada - implicaria empreender um trabalho que, em última análise, coincidiria com a própria construção da empresa psicanalítica pautada sobre dois eixos interdependentes: um eixo interpretativo, que envolveria a análise das falhas e lacunas do discurso do agente mediante certas regras, fundamentado por um eixo teórico;⁵ este, por sua vez, erigido com base no próprio material proveniente do primeiro.

Davidson reconhece a existência de certos problemas⁶ na teoria freudiana, mas acredita que qualquer abordagem atual do tema da irracionalidade deva levar em consideração

⁴ No sentido em que corresponderiam a processos fisiológicos (ver nota acima).

⁵ A metapsicologia que, segundo Gardner(1993), ocupar-se-ia das 'condições de possibilidade' da irracionalidade.

⁶ Entre os quais ele destaca justamente a noção de inconsciente no sentido sistemático que, por esse motivo, ele deliberadamente exclui de suas considerações. Abordaremos este aspecto na Parte II, capítulo V, seção 5.2.

algumas teses sustentadas por Freud. De acordo com o filósofo americano, uma vez enunciadas de forma suficientemente ampla, essas teses estariam livres de confusão conceitual.⁷ Desse modo, propõe que elas sejam enunciadas sob a forma de três requisitos a serem preenchidos por toda teoria que pretenda dar conta dos atos irracionais, acreditando que a psicanálise atenda aos mesmos.⁸

Em primeiro lugar, é preciso supor que a mente seja dividida em instâncias. Segundo, que essas instâncias, além de gozarem de uma semi-autonomia entre si, possuam uma certa estrutura, de modo a serem capazes de nutrir desejos, intenções, crenças e demais traços psicológicos que, por sua vez, possam causar outros eventos na própria mente ou fora dela. Por último, que certos eventos mentais referentes a uma instância estabeleçam relações do tipo causal com os eventos de outra instância da mente, de tal maneira que, nessas relações causais, estariam ausentes, assim como nas descrições fisicalistas, quaisquer relações intencionais e, conseqüentemente, qualquer aspecto racional.

Com essa análise, Davidson pretende legitimar, na condição de um paradoxo da irracionalidade, a possibilidade de uma intenção ser a causa de determinada ação mental,

do presente estudo, quando examinaremos as noções de intencionalidade e racionalidade subjacentes ao modelo do capítulo VII de "*Die Traumdeutung*".

⁷ No entanto, é justamente uma confusão conceitual - em virtude da qual estaria implicada a própria empresa freudiana e a noção de racionalidade a ela subjacente - que pretendemos eleger como foco da presente investigação.

⁸ Do exame que pretendemos realizar neste estudo, depreende-se que o preço a ser pago pela psicanálise a fim de atender aos requisitos acima implicaria em abrir mão de uma de suas noções mais caras: a noção de inconsciente enquanto um sistema e não apenas como um estado transitório de determinados eventos psíquicos.

sem, contudo, constituir uma razão para aquilo que causa.⁹ Assim procedendo, procura avançar em relação às críticas comumente dirigidas à teoria freudiana¹⁰ alegando que qualquer teoria que pretenda explicar os atos irracionais recai sobre a complexidade intrínseca não só ao tema da irracionalidade, como ao próprio tema do "mental".

Em outros termos, adverte que, ao se lidar com essa temática, penetra-se inevitavelmente em um campo onde não é possível formar um conjunto fechado, pois muito do que aí acontece é necessariamente causado por eventos que não são passíveis de uma descrição em termos mentalistas. Ou seja, nem sempre é possível conferir aos mesmos uma linguagem em que se costuma atribuir razões, desejos e intenções. Desse modo, uma vez que se reconheça relações causais entre eventos mentais nas quais são parcialmente desconsideradas as relações lógicas entre as descrições de tais eventos, é possível penetrar em um domínio no qual não há um conjunto unificado e coerente de princípios constitutivos; os conceitos empregados devem ser tratados como mistos, em parte mantendo aliança com as suas conexões com o mundo das forças não-mentais, em parte com seu caráter mental direcionado a conteúdos proposicionais.

À luz da leitura proposta por Davidson, a teoria freudiana poderia, portanto, ser pensada como uma teoria que explicaria os atos irracionais, procurando contemplar o

⁹ Nesse caso, o paradoxo residiria na emergência do não-racional no âmbito da racionalidade/irracionalidade.

¹⁰ Críticas que apontam a presença, na teoria freudiana, de dois padrões de racionalidade teórica incompatíveis: o da razão científica e o da razão histórica (A esse respeito, ver Goldberg, S.E. (1988) "Two Patterns of Rationality in Freud's Writings". Alabama, The University of Alabama Press). Nos termos de Ricoeur, a presença de um discurso misto: o energético e o

problema da reflexividade (Gardner, 1993) envolvido na irracionalidade, isto é, a falha do agente em fornecer razões para esses atos. Supomos que seria justamente através de uma concepção mecânico-teleológica - segundo a qual a mente constituiria uma máquina de representação dividida em instâncias com regras de funcionamento distintas - que Freud teria conseguido fornecer a explicação alegada por Davidson para esse problema que, a seu ver, não teria sido alcançada pelas padronizadas 'explicações em termos de razões'. O mérito de Freud nesse caso teria sido o de inferir que a falha no teste da auto-confrontação (Gardner, 1993) remontaria a intenções de determinada instância que causariam certas ações no interior de outra, sem, no entanto, constituírem razões para aquilo que teriam causado.

Diferentemente de outros comentadores,¹¹ portanto, Davidson considera que Freud não teria errado ao ter atribuído um papel de causa às razões subjacentes aos atos aparentemente irracionais. Todavia, ele nos alerta para os problemas que esse tipo de explicação traz para qualquer teoria, estando aí incluída a teoria freudiana. Ou seja, ao se admitir a ocorrência de relações causais entre eventos mentais - tal como nas explicações fisicalistas -, abre-se a possibilidade de se propor leis nas quais esses eventos

hermenêutico (Cf. Ricoeur, P. (1965) *"De l'interprétation - Essai sur Freud"*. Paris, Seuil).

¹¹ Referimo-nos aos filósofos citados por Davidson - Tolmin, Flew, McIntyre e Peters - que empreenderam suas críticas à teoria freudiana a partir da apreciação da mesma efetuada por Wittgenstein. Segundo este último, Freud teria confundido razões com causas, ao tentar descrever, em uma linguagem na qual estão ausentes quaisquer termos intencionais, eventos que necessariamente implicam em relações lógicas e, conseqüentemente, em intenções (Cf. Davidson, D. *"Paradoxes of irrationality"*, op. cit., p. 292;

venham a ser subsumidos. Contudo, se por um lado isto poderia representar a tão almejada aceitação da psicologia no quadro das ciências naturais, por outro lado, os trabalhos da mente não pareceriam redutíveis a leis rígidas e determinísticas. Os fenômenos identificados em termos mentais pressupõem descrições que, por lidarem com intenções, não seriam postuláveis em leis.

A respeito da expansão da racionalidade efetuada pela teoria freudiana nos moldes identificados pelo filósofo americano, Gabbi Jr.(1994) não parece certo de que essa suposição manter-se-ia plausível após a publicação de "*Jenseits des Lustprinzips*"(1920), quando são introduzidas as noções de compulsão à repetição e pulsão de morte. Uma vez que tais noções lhe pareceriam não intencionais, apontariam um limite ao trabalho psicanalítico de dissolver os sintomas "*através da força normativa que nos comanda enquanto seres racionais*",¹² vindo inclusive a pôr em xeque os próprios parâmetros da racionalidade veiculados na metapsicologia. Desse modo, finaliza esse seu trabalho reservando para investigação futura o exame das repercussões da compulsão à repetição e da pulsão de morte sobre a concepção de racionalidade subjacente à teoria freudiana.

O presente estudo deriva em certo sentido dessa proposta de Gabbi Jr. e pretende mostrar que a relação entre a noção de pulsão de morte e a temática da irracionalidade, da qual se ocuparia a teoria freudiana, envolve contradições que, além de extrapolarem os próprios

Ver também Wittgenstein, L. (1970) "*Psicologia, Estética e Religião*". Notas de Smythies, Rhees & Taylor. Tradução de J. Paulo Paes. S. Paulo, Cultrix).

paradoxos da irracionalidade apontados por Davidson em sua defesa de um discurso misto para as descrições de processos mentais, fariam emergir questões que antecederiam uma discussão sobre o caráter não-intencional das noções de compulsão à repetição e de pulsão de morte enquanto limitantes do âmbito da razão supostamente ampliada até então.

Mais precisamente, pretendemos mostrar que a entrada em cena da pulsão de morte abriria um debate mais radical do que o comumente travado em torno da 'reviravolta conceitual' de 1920, no qual se polarizam, de um lado, o que chamaremos aqui de 'teses da ruptura'¹³ e, de outro, a defesa de uma redefinição de conceitos formulados nos primórdios das investigações freudianas.

Guiados pelo exame empreendido por Kimmerle(1988)¹⁴ de "*Jenseits des Lustprinzips*", supomos que a introdução da pulsão de morte implicaria, aquém de uma ruptura ou de uma retomada de noções antigas, um ponto de estrangulamento conceitual sobre o qual se encurralariam aporias concernentes aos princípios fundamentais da psicanálise. Tais aporias, que se viriam arrastando desde os primeiros escritos de cunho metapsicológico, comprometeriam as próprias bases a partir das quais Freud teria construído uma teoria dos atos irracionais.

¹² Gabbi Jr., O.F. "Racionalidade, sentido e referência". Op. Cit., p. 230.

¹³ Reunimos sob esse rótulo as leituras de "*Jenseits des Lustprinzips*" nas quais se encontram as reiteradas acusações de abandono da pretensão psicanalítica à cientificidade e de mergulho no terreno da especulação e da mitologia - que em geral concluem que o conceito de pulsão de morte deveria ser ou redefinido ou desconsiderado como reflexo de problemas ligados à vida pessoal de Freud.

¹⁴ Cf. Kimmerle, G. (1988) "*Verneinung und Wiederkehr: Eine Methodologische Lektüre von Freuds 'Jenseits des Lustprinzips'*". Tübingen, Edition Diskord

Nessa perspectiva, a introdução da pulsão de morte, em princípio depreendida da noção de compulsão à repetição, resultaria igualmente de problemas teóricos internos. Estes, contudo, seriam como que dissimulados sob o véu de uma indiferenciação das metas que, no contexto da psicanálise, direcionariam o funcionamento psíquico: a fuga do desprazer, a busca do prazer e a manutenção da quantidade nos mais baixos índices possíveis. Curiosamente, a diferença entre o alvo dessas metas pareceria um dado de considerável importância para a própria teoria freudiana que, herdeira de uma tradição empirista, insistiria em propor uma origem a partir da qual os processos psíquicos ter-se-iam constituído. Ora, se se privilegia uma ordem empírica de formação do registro mental, a anterioridade de um evento em relação a um outro parece um fator determinante daquilo que será originário e, portanto, regulador de toda a atividade psíquica. Nesse sentido, a anterioridade da fuga do desprazer em relação à busca do prazer como meta primordial do funcionamento anímico constituiria, ao nosso ver, um aspecto da maior importância. Com efeito, ela apontaria, contrariamente ao que a psicanálise pretenderia mostrar, a precedência do princípio de realidade em relação ao princípio de prazer. Precedência esta que, em última análise, comprometeria a tese que julgamos central na empresa freudiana: a ascendência do inconsciente sobre a consciência.

Em vista desse problema, supomos que a tentativa de apontar um prazer originário na gênese dos processos psíquicos - e, desse modo, garantir a plausibilidade da

("Denegação e retorno: uma leitura metodológica de 'Para além do Princípio

referida tese -, constituiria o verdadeiro motor das inúmeras reformulações a que Freud submeteria a metapsicologia ao longo de toda a sua produção conceitual. Em outras palavras, supomos que a teoria freudiana ter-se-ia desenvolvido no sentido de tentar mostrar que o desprazer associado aos quadros psicopatológicos remontaria a um prazer anterior, interditado e distorcido pelo trabalho da repressão. Uma vez que suas próprias formulações sobre a constituição do aparelho psíquico pressuporiam, ao invés do prazer, um desprazer ainda mais originário, Freud ver-se-ia como que levado a recuar essa origem cada vez mais, enredando-se em uma espécie de busca que só terminaria com a formulação da pulsão de morte.

Nessa perspectiva, a pulsão de morte tão-somente apontaria um limite para o que se poderia chamar de uma genealogia freudiana do desprazer, dado que ela conduziria essa origem para além do próprio campo da experiência. Por esse motivo, antes de promover uma reviravolta conceitual - ou uma retomada de noções antigas, como o princípio da inércia -, a pulsão de morte tornaria praticamente indistigíveis certas aporias intrínsecas aos termos nos quais seria mantido, mesmo após reiteradas reformulações, a essência do projeto freudiano.

A esse respeito, veremos que em "*Jenseits des Lustprinzips*" - obra em que a pulsão de morte é introduzida -, Freud tentaria mais uma vez dissimular essas aporias, uma vez que procuraria tributar a revisão radical a que submete o princípio de prazer às evidências trazidas pelo fenômeno da compulsão à repetição e não a problemas

teóricos internos. Desse modo, a nova pulsão apareceria como uma decorrência inevitável de pressões exteriores à teoria, o que, pelo menos, teria desviado o alvo da crítica que imediatamente recaiu sobre essa polêmica noção.

No entanto, a contradição viria novamente à tona, à medida que a revisão do princípio de prazer conduziria à suposição de uma operação de ligação da quantidade ("*Bindung*") anterior e independente da vigência desse princípio. Mediante a explicitação dessa operação, emergiria a pré-existência do processo psíquico secundário - em obediência ao qual a quantidade circularia de forma vinculada - em relação ao processo primário - sob cuja vigência a quantidade circularia de forma livre.

Essa contradição, que nas palavras de Kimmerle provocaria um 'embaraçamento dos princípios' (*Verwirrung der Prinzipien*),¹⁵ parece-nos, tal como dizíamos há pouco, de importância fundamental, porque comprometeria justamente o eixo sobre o qual a teoria freudiana teria, por assim dizer, lançado ao campo do conhecimento a sua provocação: a tese da primazia do inconsciente sobre a consciência (e os processos pré-conscientes).

Conforme tentaremos mostrar, esse problema já se insinuaria no próprio contexto em que foi escrito "*Entwurf einer Psychologie*" (1895), no qual Freud não conseguiria fornecer uma explicação satisfatória para a origem do eu - todas as explicações tentadas pressuporiam a ação dessa organização mental inibidora dos processos alucinatórios característicos do processo psíquico primário.

¹⁵ Este é o título do quarto capítulo de "*Verneinung und Wiederkehr*". Op. cit., pp. 127-148).

A mesma contradição reapareceria no momento em que é introduzido o conceito de narcisismo, desencadeador de importantes reformulações na teoria das pulsões. A partir da noção de narcisismo primário, impõe-se a suposição de um eu-prazer, o que implicaria na estranha formulação de um eu - sede por excelência dos processos psíquicos secundários - regido pelo processo primário.

Nessa perspectiva, suspeitamos que a emergência dessa mesma contradição em diferentes momentos da formulação metapsicológica seria indicativa de que Freud não teria conseguido, contrariando pretensões alimentadas desde seus escritos iniciais, romper com as premissas de uma certa tradição filosófica segundo a qual a consciência deteria o poder de auto-conhecimento imediato e, conseqüentemente, privilegiado em relação a qualquer outro observador de seus estados mentais (condição que permitiria as descrições de tais estados na primeira pessoa).

Em outras palavras, supomos que a noção de que a racionalidade seria fundada sobre uma base psíquica não-racional¹⁶ - depreendida da tese freudiana do determinismo inconsciente dos processos psíquicos - deparar-se-ia com uma contradição interna, uma vez que não pareceria possível prescindir de uma racionalidade anterior que funcionaria como uma espécie de condicionante da própria base não-racional do aparelho psíquico.

Essa contradição poderia igualmente ser depreendida, em última análise, dos fundamentos da teoria freudiana da representação, de acordo com a qual os processos primários reinariam sobre o que Freud denominou de 'representações de

¹⁶ Ver nota nº 3, acima.

coisa' (registros de sensações organizadas pelas imagens visuais), enquanto os processos secundários regulariam as 'representações de palavra' (registros de sensações organizadas pelas imagens acústicas). Com base nessa formulação, Freud propõe que a consciência de uma representação dar-se-ia a partir da ligação entre representação de coisa e representação de palavra, de tal maneira que a garantia de sua significação fosse conferida pela primeira (representação de coisa).¹⁷

Por outro lado, contudo, a palavra (processo secundário e racional) pareceria apresentar a importante função de fixar, ao cunhar-lhe um nome, a representação de coisa (componente não-racional do aparelho anímico). Nesse sentido, seria a palavra que dotaria as sensações de significado, transpondo para o plano psíquico algo inicialmente somático. Por conseguinte, ter-se-ia novamente o problema da anterioridade do processo secundário em relação ao primário, uma vez que, para tornar as sensações somáticas algo de natureza psíquica, seria necessário nomeá-las.

Além da mencionada indiferenciação das metas do aparelho psíquico - fuga do desprazer, busca de prazer, manutenção da constância -, as várias versões da contradição intrínseca aos termos em que seria construída a metapsicologia pareceriam, até 1920, dissimuladas sob o próprio modo pelo qual essa teoria parece conceber o processo de fixação/nomeação das sensações: a partir da

¹⁷ No contexto da teoria da sedução, por exemplo, o sentido sexual do atentado sofrido na infância só seria adquirido com a emergência da pulsão sexual, por volta da puberdade. Antes desse período, portanto, a 'vítima' do atentado não seria capaz de reconhecer a verdadeira conotação de tal acontecimento.

intervenção de um outro agente, imprescindível para o atendimento das pulsões da fome e da sexualidade.¹⁸ Ora, se seria o outro aquele que fixaria as sensações no agente dotando-as de significado, não seria o próprio agente, mas o outro, o observador privilegiado dos processos que ocorreriam na vida mental do primeiro. Desse modo, pareceria garantida a possibilidade de estabelecer a prevalência das descrições desses processos na terceira pessoa, tal como convém a uma ciência natural.

Em "*Jenseits des Lustprinzips*", contudo, a reincidência das referidas contradições seria agravada por dois aspectos que pareceriam inviabilizar a possibilidade de teorização na psicanálise: 1) o mutismo atribuído à pulsão de morte permitiria supor a sua irrepresentabilidade, o que faria implodir a teoria freudiana da representação; 2) a pulsão de morte pareceria prescindir de qualquer intervenção do outro, de modo a configurar-se como algo inominável e, portanto, inacessível ao registro psíquico. Nesse caso, como manter a tese de uma base psíquica não-racional como fundamento do âmbito da racionalidade?

À luz dos aspectos acima levantados, objetivamos um estudo das repercussões da pulsão de morte sobre a concepção de racionalidade veiculada pela psicanálise, não exatamente porque os problemas por ela suscitados implicariam numa ruptura das relações de dependência entre racionalidade e intencionalidade estabelecidas, de forma sub-reptícia, desde os primeiros escritos freudianos; com

¹⁸ Apesar de sua característica auto-erótica, a pulsão sexual constrói e elege seus objetos internos a partir de uma interação com outrem.

efeito, essa vertente de leitura parece supor, ao nosso ver, que até 1920 a empresa freudiana fundamentar-se-ia sobre uma base teórica consistente.

Antes, visamos mostrar que Kimmerle teria razão em supor que, ao contrário, tais problemas é que estariam presentes desde os primórdios das formulações metapsicológicas, de modo a constituírem o próprio fator desencadeador das sucessivas reformulações a que as mesmas seriam submetidas. Segundo esse autor,

"A pulsão de morte não contradiz uma formação usualmente livre de contradições. Sua dialética comprova, ao contrário, que a forma metapsicológica não é adequada ao conteúdo psíquico, em que ela deve apreendê-lo. Por essa razão, impõe-se voltar o olhar para a construção originária da metapsicologia, para investigar como se originou esse quadro conceitual de apresentação, que experiências são incluídas nele e como elas, através dele, são desfiguradas e deformadas".¹⁹

Nessa perspectiva, nossa tarefa consistiria basicamente em rastrear essas contradições desde os escritos metapsicológicos iniciais até o contexto de *"Jenseits des Lustprinzips"*, por meio do que tentaríamos mostrar que a teoria dos atos irracionais atribuída a Freud teria sido construída a partir de uma espécie de genealogia do desprazer.

Cumpramos ressaltar que a relevância de um estudo da introdução da pulsão de morte na teoria freudiana pensada como uma teoria dos atos irracionais justificar-se-ia à medida que permitiria evidenciar a constante ameaça interna

¹⁹ Kimmerle, G. op. cit., p. 143.

que parece sofrer a própria noção de racionalidade a ela subjacente.

A fim de realizarmos este estudo de cunho epistemológico,²⁰ concentraremos o nosso trabalho sobre o exame de escritos do próprio Freud, selecionados, em ordem cronológica, a partir de alguns critérios. Dada a importância da teoria da representação para se depreender uma concepção freudiana de racionalidade, além do aparente paradoxo que a noção de uma pulsão de morte implicaria para a teoria psicanalítica - que mantém o caráter irrepresentável da morte no inconsciente -, concederemos destaque às relações entre pulsão, morte e representabilidade ao longo de quase todo o presente estudo.

Com o intuito de mostrar que as aporias trazidas à tona pela introdução da pulsão de morte remontariam aos primeiros trabalhos de caráter metapsicológico e subjaziriam às produções subseqüentes dessa natureza, orientamos nossa investigação no sentido de considerar todo esse longo processo como a construção de uma genealogia do desprazer. Desse modo, dividimos a mesma em três partes.

Na primeira parte, examinaremos escritos da fase que se convencionou chamar de pré-psicanalítica (1886-1899). Desta, escolhemos aqueles estudos que podem ser pensados como tentativas de ampliar o campo da discussão sobre os

²⁰ No sentido empregado por Lebrun (1977), que consistiria em "prestar atenção ao caráter autóctone dos princípios de uma ciência e ao caráter singular de sua montagem teórica que permite determinar os 'objetos' de forma quase inédita - em suma, preferir, àquilo que uma ciência 'descobre' (para a maior glória da 'ratio'), a maneira que é a sua de produzir enunciados ou regras que permitem construí-los..." (Lebrun, G. (1977) 'L'idee d'epistemologie'. in "Manuscrito". 1(1):7-21, Campinas, Universidade Estadual de Campinas, p. 12).

distúrbios histéricos, dado que vão aos poucos introduzindo nas explicações propostas uma dimensão intencional, constituindo desse modo as bases do estilo misto característico de Freud. Procuraremos mostrar que a introdução dessa dimensão intencional, a partir da qual se poderia pensar a teoria freudiana como uma teoria dos atos irracionais, implicaria em operações conceituais que acabariam por identificar um correspondente mental para a causa do desprazer. Contudo, o caráter propriamente intencional dessa causa só parece delinear-se aos poucos, à medida que Freud passa a propor a divisão da mente em instâncias. Incluímos nessa parte um estudo de "*Entwurf einer Psychologie*", obra não publicada que, entretanto, revela, ao mesmo tempo, a essência do empreendimento psicanalítico e os termos de sua contradição.

Dedicamos a segunda parte do trabalho ao exame do período posterior a "*Entwurf einer Psychologie*" e anterior à introdução do narcisismo, do qual destacamos os escritos em que se pode depreender que o desprazer passaria a ser pensado como um derivado, ou seja, uma decorrência da repressão de um prazer originário.

Na terceira parte, focalizaremos o período que compreende desde o artigo sobre a introdução do narcisismo - a respeito do qual abordaremos o acirramento dos problemas em torno da função do eu - até a formulação da segunda tópica do aparelho psíquico apresentada em "*Das Ich und das Es*"(1923). Nessa última parte, empreenderemos um exame de "*Jenseits des Lustprinzips*"(1920), a partir do qual estabeleceremos conexões com o material reunido na análise dos textos anteriores. Desse modo, procuraremos

mostrar que as contradições apontadas nesses contextos tão-somente chegariam ao ápice com a noção de pulsão de morte, quando não seria mais possível recuar a origem do desprazer.

Em seguida, abordaremos algumas questões enunciadas em "*Das Ich und das Es*". A respeito dessa obra mais tardia, chamaremos tão-somente a atenção para a reincidência das aporias aglutinadas em torno da pulsão de morte, apesar dos esforços teóricos de Freud para acomodar, por meio da noção de associação pulsional, a pulsão destrutiva em uma nova tópica do psiquismo.

De resto, finalizaremos com um breve comentário relativo à atribuição dos papéis conferidos ao eu, que evidenciariam, em certo sentido, as dificuldades de Freud em realizar seu projeto de uma psicologia capaz de manter uma base psíquica não-racional para a racionalidade; em última análise, que viesse romper com as premissas da tradição filosófica em oposição à qual ele teria registrado a marca do pensamento psicanalítico.

PARTE I

CAPÍTULO I

INTENÇÃO X FISCALISMO NA PRÉ-HISTÓRIA DA PSICANÁLISE: ELEMENTOS PARA UMA TEORIA DOS ATOS IRRACIONAIS

As primeiras formulações de Freud que poderiam ser pensadas como concepções sobre atos irracionais seriam, pouco a pouco, construídas a partir da utilização do material obtido através de, pelo menos, três vertentes: 1) das hipóteses de Charcot acerca da disposição hereditária à histeria; 2) da visão de Bernheim, segundo a qual a histeria seria um produto da sugestão; 3) dos achados clínicos de Breuer indicando que o sintoma histérico dever-se-ia à ocorrência de um processo de represamento de uma soma de energia psíquica. Esta, não tendo podido seguir o rumo habitual de esvaziamento por via da ação, ter-se-ia enervado sobre uma porção somática.

Depois de Charcot, não pareceria mais possível atribuir a histeria a degenerações anatômicas, uma vez que, a partir das pesquisas do mestre da Salpêtrière, ter-se-ia um novo paradigma para a concepção dessa afecção neurótica. A histeria passaria a ser pensada como um distúrbio fisiológico determinado por fatores hereditários que fariam com que algumas pessoas produzissem maior quantidade de excitação nervosa, a ser eliminada sob a forma de sintomas

de hiperestesia, paralisia, anestesia, etc. Tais pessoas seriam suscetíveis à hipnose, através da qual o médico poderia produzir um deslocamento dos sintomas por entre várias regiões do corpo.

Esse material adquiriria grande importância para a formulação freudiana das noções fundamentais de quantidade psíquica e de processos inconscientes. Juntamente com a concepção de Bernheim - contrária à de Charcot - acerca do papel da sugestão hipnótica na produção, em qualquer pessoa, de sintomas histéricos, Freud tornar-se-ia capaz de avaliar o papel da autoridade do médico no tratamento da histeria. Com o método catártico de Breuer, usado no caso Anna O., a palavra seria definitivamente estabelecida como elemento importante tanto na formação, quanto na dissolução do sintoma. Mediante a introdução da palavra, abrir-se-iam as portas para se pensar o sintoma como símbolo que, por ocupar o lugar da coisa simbolizada, seria portador de um sentido a ser decifrado no tratamento.

Em outros termos, a partir dos elementos extraídos das formulações de Charcot, Bernheim e Breuer, Freud pareceria reivindicar um terreno misto para abordar o problema da histeria; um terreno conceitual que levasse em conta tanto os aspectos fisiológicos, cujos processos são explicados numa linguagem fisicalista de forças cegas causando a produção de dados eventos, quanto os aspectos intencionais, para os quais são formuladas explicações que constituam razões.

Não poderíamos deixar de considerar, em relação a esse período da arqueologia da psicanálise, que o interesse de Freud também esteve voltado para um quadro bastante comum

em sua clínica das doenças nervosas: os distúrbios designados posteriormente como neuroses atuais, até então reunidos sob o rótulo de neurastenia, do qual Freud distinguiu uma outra modalidade patológica que batizou de neurose de angústia. A partir do estudo de tais afecções, ele chegaria a um dos aspectos centrais de toda a sua produção ulterior: o conteúdo sexual oculto no sintoma.

Ademais, as formulações de Freud acerca dessas neuroses permitiriam entrever o processo de construção de seu campo misto de teorização, à medida que ele teria atribuído às mesmas problemas decorrentes de uma má integração entre as esferas somática e psíquica. Os primeiros esboços de sua teoria da representação seriam traçados justamente no contexto desses estudos, a partir dos quais seria possível depreender como ele chegaria às explicações para as psiconeuroses em termos de causas que não constituiriam razão para os sintomas produzidos.

1.1. O VERBETE "HYSTERIE": PRIMEIRAS FORMULAÇÕES SOBRE O SINTOMA COMO UMA ESPÉCIE DE ATO IRRACIONAL

O primeiro escrito de Freud que tentaria incluir - ainda que de forma bastante incipiente - o campo da ação para explicar os distúrbios histéricos a partir de uma oposição entre intenção e compulsão seria o verbete "Hysterie" (1888),²¹ escrito para a enciclopédia de Villaret. À primeira vista, poder-se-ia pensar que, no contexto desse verbete, Freud se teria mantido fiel à doutrina de Charcot, segundo a qual a histeria "*baseia-se total e inteiramente em modificações fisiológicas do sistema nervoso*",²² cuja essência "*deve ser expressa numa fórmula que leve em consideração as condições de excitabilidade nas diferentes partes do sistema nervoso*".²³

No entanto, ele pareceria muito mais valer-se das concepções de Charcot para distanciar os sintomas histéricos de comprometimentos anatômicos. Desse modo, garantiria plausibilidade à noção de que o mecanismo dos distúrbios histéricos envolveria elementos de natureza psíquica, para cuja descrição, contudo, cumpriria levar em conta as operações fisiológicas às quais esses distúrbios corresponderiam.²⁴

²¹ Freud, S. (1888) "Hysterie". in. A. Villaret "Handwörterbuch der gesamten Medizin". Band. 1, Stuttgart; GW, Nachtragsband; SE, I, pp. 37-57; ESB, I, pp. 77-100.

²² Ibid. SE, I, p. 41; ESB, I, p. 79.

²³ Idem, Ibidem.

²⁴ Ainda que a empresa de descrever processos psíquicos a partir de uma linguagem fisiológica constituísse algo bastante em voga à época de Freud, talvez não fosse injustificado supor que ele já parecia de algum modo atento à impossibilidade de tais distúrbios psíquicos serem descritos numa linguagem mentalista tradicional, na qual o psíquico corresponderia apenas à

Com efeito, Freud já alude²⁵ nesse contexto à total ignorância da anatomia do sistema nervoso por parte do paciente histérico, o que será posteriormente utilizado como critério para diferenciar as paralisias motoras orgânicas das histéricas:²⁶ enquanto nestas últimas verificar-se-ia a ocorrência de paralisia de partes do corpo tal como estas seriam representadas popularmente, aquelas obedeceriam às prerrogativas orgânicas das ligações entre os órgãos e os nervos.

Após relacionar e descrever os sintomas físicos da histeria - paralisias, hemi-anestesias, contraturas, ataques convulsivos, etc -, Freud chama atenção para os distúrbios psíquicos, a partir dos quais supõe que *"futuramente, as modificações características da histeria sem dúvida serão decifradas"*.²⁷ A esse respeito, lembra que *"a análise deles, até o momento, mal começou"*.²⁸

Ao descrever as manifestações psíquicas da histeria, ressalta os distúrbios na esfera da vontade, além das alterações no curso das idéias, exagero e supressão dos sentimentos, bem como inibição da atividade. Contudo, ele desvincula esses distúrbios daquilo que, popularmente, seria atribuído a um *"temperamento histérico"*: *"instabilidade da vontade, alterações do humor, aumento da*

consciência. Nesse sentido, a fórmula a que Freud se refere como recurso a ser utilizado para expressar as relações de excitabilidade das diferentes partes do sistema nervoso parece conter as raízes do ponto de vista econômico da metapsicologia, à luz do qual ele tentará levar a cabo a sua genealogia do desprazer.

²⁵ Ibid. SE, I, pp. 48-49 ; ESB, I, p. 89.

²⁶ Cf. Freud(1893) *"Quelques considérations pour une étude comparative des paralysies motrices organiques et hysteriques"* ("Alguns pontos para o estudo comparativo das paralisias motoras orgânicas e histéricas").

GW, I, pp. 36-55; SE, I, pp. 155-172; ESB, I, pp. 223-239.

²⁷ *"Hysterie"*. Op. cit. SE, I, p. 49; ESB, I, p.89.

²⁸ Idem, Ibidem.

excitabilidade com uma diminuição de todos os sentimentos altruísticos".²⁹ Com esse intuito, adverte que tais características não estariam necessariamente presentes em todos os histéricos, pois muitos desses pacientes "encontram-se entre as pessoas mais amáveis e inteligentes, de vontade muito forte, que percebem nitidamente sua doença como algo alheio à sua natureza".³⁰

Em vista de tais observações, pareceria legítimo entrever nesse contexto uma primeira referência ao sintoma como uma espécie de incontinência, percebido pelo próprio agente como algo que fugiria à esfera de sua deliberação. Ou seja, não seria de todo injustificado supor que Freud talvez já tentasse chamar a atenção para o caráter não consciente da atividade que produziria tais transformações. Ademais, ao alertar para o fato de que distúrbios dessa natureza nada teriam a ver com degenerações do intelecto - tal como sustentava Janet³¹ - ele pareceria sugerir que os mesmos poderiam ser pensados como problemas na esfera da ação e não necessariamente como transtornos hereditários.

Todavia, uma vez que àquela época a significação de psíquico aderiria totalmente à de consciente, a tese de uma atividade não consciente da mente implicaria em conceber os processos psíquicos em termos de quantidades de excitação; ou seja, como uma espécie de processo fisiológico. Por conseguinte, se por um lado eles começariam a ser pensados como transtornos da intencionalidade, por outro lado, ao serem descritos nos termos das explicações fisicalistas,

²⁹ Ibid. SE, I, p. 49; ESB, I, p. 90.

³⁰ Idem, Ibidem.

³¹ Cf. Freud(1894) "Die Abwehr-Neuropsychosen" ("As neuropsicoses de defesa"). GW, I, p. 60; SE, III, p. 46; ESB, III, pp. 58-59.

destituídas de qualquer componente intencional, manter-se-iam vinculados a uma disposição hereditária.

Desse modo, apesar de considerar que as "*modificações psíquicas devem ser assimiladas como o fundamento do estado histérico*",³² não seria possível para Freud, naquele momento, desvinculá-las das concepções charcotianas, segundo as quais a histeria consistiria em "*alterações na distribuição normal, no sistema nervoso, das quantidades estáveis de excitação*"³³ determinadas hereditariamente.

Nesse contexto ambíguo, Freud reserva um comentário acerca do tratamento da histeria, subdividindo-o em duas categorias: um tratamento indireto, que consiste em "*negligenciar a queixa pontual e visar a uma influência geral sobre o sistema nervoso*".³⁴ Esta modalidade incluiria as terapias de massagem, isolamento do paciente, vida ao ar livre, etc. O outro tipo de tratamento consistiria em uma intervenção direta, que promoveria a "*remoção das fontes dos sintomas histéricos*".³⁵ Nesse momento, Freud explicita a suposição de que a causa da histeria deve ser buscada na vida representacional inconsciente.³⁶

Como tratamento direto, Freud cita o método da remoção do sintoma através da sugestão do paciente sob hipnose³⁷ e o método de Breuer criado no caso Anna O.. A respeito deste último, assegura que, apesar de novo, produz um efeito de cura não alcançado pelos outros, porque o mesmo leva o

³² "Hysterie". Op. cit. SE, I, p. 49; ESB, I, p. 90.

³³ Ibid. SE, I, p. 49; ESB, I, p. 89.

³⁴ "Hysterie". Op. cit. SE, I, p. 56; ESB, I, p. 98.

³⁵ Idem, Ibidem.

³⁶ Idem, Ibidem.

³⁷ Utilizado, juntamente com o tratamento indireto, no caso Emmy Von N.

paciente, também sob hipnose, a "remontar à pré-história psíquica da doença",³⁸ compelindo-o "a reconhecer a ocorrência psíquica em que se originou o referido distúrbio".³⁹ Desse modo, considera-o o método mais apropriado para a histeria, "justamente porque imita o mecanismo da origem e cessação desses distúrbios histéricos".⁴⁰

Apesar da inequívoca ambigüidade do conteúdo do verbete, não podemos deixar de reconhecer no mesmo os primeiros passos de Freud na busca de suas próprias formulações. Nesse sentido, o escrito poderia ser pensado como o início de um longo processo de construção de uma teoria *sui generis*⁴¹ dos atos irracionais. Contudo, a emancipação desejada, que parece ter sido parcialmente alcançada anos mais tarde, com a sua teoria das pulsões, estaria longe de livrá-lo dos problemas, que mencionávamos na introdução, ligados à construção de uma teoria dos atos irracionais na terceira pessoa.

³⁸ Ibid. SE, I, p. 56; ESB, I, p. 99.

³⁹ Idem, Ibidem.

⁴⁰ Idem, Ibidem.

⁴¹ Uma vez que propõe explicações em termos de intenções e de forças cegas. O caráter misto das descrições psicanalíticas dos atos irracionais diferenciaria sua abordagem do "problema especial da irracionalidade" (ruptura dos laços de coerência lógica entre as explicações que o agente é capaz de fornecer acerca dos próprios atos) em relação às explicações padronizadas em termos de razões (Davidson, 1982; Gardner, 1993).

1.2. FREUD ENTRE CHARCOT E BERNHEIM: A AUTO-SUGESTÃO COMO PRODUTORA DE ATOS IRRACIONAIS

No "Prefácio à tradução de *De la Suggestion*, de Bernheim", também escrito em 1888, Freud parece dar um passo decisivo na direção de sua emancipação em relação às concepções antagônicas de Bernheim e Charcot acerca da histeria e do hipnotismo. Contudo, ele reconhece o mérito de ambos e, nesse artigo em especial, do primeiro, por relacionar "os fenômenos hipnóticos aos processos cotidianos da vida desperta e do sono".⁴²

Com efeito, a concepção da Escola de Nancy pareceria útil para Freud, uma vez que ele poderia, com base na mesma, obter respaldo para a tese da continuidade entre normal e patológico, de acordo com a qual a diferença entre tais estados dar-se-ia em termos de intensidade e não mais de natureza. Com essa tese, pareceria possível justificar teoricamente a suposição de que, na vida cotidiana de todos, incluindo os estados de sono, existiria a possibilidade da emergência de eventos mentais até então atribuídos apenas a vítimas de distúrbios fisiológicos determinados por disposições hereditárias. Nesse sentido, as formulações freudianas pareceriam mais próximas de uma teoria dos atos irracionais.

A discussão suscitada por Freud nesse prefácio tem como objetivo propor uma forma alternativa de abordar o tema da hipnose e da histeria, de acordo com a qual se estabeleça "um elo que ponha em conexão as duas espécies de

⁴² "Prefácio à tradução de '*De la Suggestion*', de Bernheim" (1888-9). SE, I, p. 75; ESB, I, p.117 (Daqui em diante, "Prefácio").

fenômenos",⁴³ tanto os fisiológicos quanto os psíquicos. Só desse modo seria possível sair do impasse colocado pelo antagonismo entre as concepções de Charcot e Bernheim, em que são considerados, respectivamente, ou apenas os fatores eminentemente fisiológicos, ou os exclusivamente psíquicos.

Nesse contexto, Freud retoma a noção de Charcot de auto-sugestão como fator de propensão ao hipnotismo e à histeria conferindo-lhe, contudo, um novo sentido, ao considerar que ela se refere a

*"processos psíquicos que se inserem entre um estímulo externo e a condição do sistema nervoso produzida pela própria atividade do sujeito, onde esses processos psíquicos não estão sob o domínio completo da consciência".*⁴⁴

A auto-sugestão apresentaria, por conseguinte, aspectos igualmente psicológicos e fisiológicos, vindo a tornar simplista qualquer concepção que valorizasse apenas um dentre os mesmos.

Para Freud, o que conferia àquele antagonismo uma *"enganadora exatidão, que de fato não existe"*,⁴⁵ era o uso *"cambiante e ambíguo"* da palavra 'sugestão'. Ao refletir sobre o sentido de tal palavra, aponta para a presença de uma espécie de influência psíquica que difere dos demais tipos por levar o indivíduo sugestionado a pensar que a idéia sugerida originou-se espontaneamente, a partir de si próprio, e não de outrem. Contudo, ele conclui que

"mesmo a sugestão somente desencadeia determinados grupos de manifestações fundamentadas nas

⁴³ "Prefácio". Op. cit. SE, I, p. 82; ESB, I, p. 125.

⁴⁴ Gabbi Jr. "A pré-história da teoria freudiana - os materiais de construção". Tese de doutorado apresentada ao Instituto de Psicologia da USP. São Paulo, 1981, pp. 41-42.

⁴⁵ Freud, S. "Prefácio". SE, I, p. 82; ESB, I, p. 126.

peculiaridades funcionais do sistema nervoso hipnotizado, e que, na hipnose, se fazem presentes também outras características do sistema nervoso, além da sugestionabilidade".⁴⁶

Desse modo, Freud parece insinuar que o sujeito seria mais sugestionável a partir de conteúdos psíquicos desconhecidos de si próprio, do que de algum sugestionador externo.

Com essa suposição, a questão da intencionalidade que, a partir da concepção de sugestão defendida por Bernheim, poderia ser pensada como determinada, em grande escala, por interferências alheias adquire, em Freud, um outro tipo de determinação. Ou seja, com a noção de auto-sugestão, a intencionalidade do agente seria determinada não mais a partir de fora, mas a partir do próprio agente. Contudo, uma vez que tais determinantes, por estarem fora do alcance da consciência, vão se comportar como uma espécie de alteridade interna, o acesso aos mesmos envolverá necessariamente a intermediação de um outro.

Parece, portanto, justificado, a partir da leitura desse prefácio, admitir que Freud se valeria, na medida em que lhe fosse conveniente, das concepções antagônicas de Charcot e Bernheim para propor a sua própria formulação acerca dos fatores implicados no hipnotismo e na histeria. Assim procedendo, tentaria garantir que fossem consideradas tanto a importância de um certo componente sugestivo, quanto a ação de processos psíquicos inconscientes (embora) ligados a um vocabulário fisiológico.

⁴⁶ Ibid. SE, I, p. 84; ESB, I, p. 128.

No penúltimo parágrafo de tal escrito, encontramos a seguinte passagem que, de certo modo, sintetizaria o seu pensamento naquele momento de sua produção conceitual:

"Não temos critério algum que nos possibilite estabelecer uma distinção exata entre um processo psíquico e um processo fisiológico, entre um ato que ocorre no córtex cerebral e um ato que ocorre numa substância subcortical; isso porque a 'consciência', o que quer que isto seja, não está ligada a toda atividade do córtex cerebral, e não está sempre ligada em igual grau a alguma de suas atividades em particular; não é algo que esteja em conexão com alguma região do sistema nervoso. Portanto, parece-me que não pode ser aceita, nessa formulação assim genérica, a questão de saber se a hipnose exhibe fenômenos psíquicos ou fisiológicos; (...)".⁴⁷

Apesar de referir-se especificamente ao fenômeno da hipnose, Freud pareceria reivindicar, nesta passagem, um caráter necessariamente misto para uma teoria dos processos psíquicos capaz de explicar distúrbios como a histeria.

⁴⁷ Ibid. SE, I, pp. 84-85; ESB, I, p. 129.

1.3. RUMO A UMA TEORIA DOS ATOS IRRACIONAIS

Na "Resenha de '*Hipnotismo*', de August Forel" (1889),⁴⁸ Freud deixaria igualmente entrever suas reservas à teoria da sugestão proposta pela Escola de Nancy. Ao comentar o livro do autor - adepto dessa teoria - que ressalta os extraordinários poderes persuasivos da sugestão sob hipnose, ele lança a seguinte indagação, cuja natureza, apesar de inequivocamente ética, revelaria a preocupação de Freud com a determinação interna - e não externa - da intencionalidade: se a sugestão, conforme propõe Forel, parece mesmo capaz de intervir sobre as funções sensitivas e motoras do corpo, bem como sobre a esfera psíquica, de modo a exercer influências sobre as ações e decisões das pessoas; se se poderia mesmo pensar na possibilidade de crimes sugeridos - o que implicaria na introdução de um dado novo na prática forense - como estabelecer critérios para seu uso?

Freud, no entanto, tentaria enfraquecer os argumentos de Forel ao indicar que a fragilidade de sua formulação residiria na incapacidade de descrever a natureza da sugestão, ou seja, de examinar em que esse processo consistiria. Não sendo capaz de definir seu principal conceito e instrumento, essa teoria não poderia alcançar o estatuto de ciência - o que, aos olhos de Freud, implicaria em seu conseqüente descrédito.

⁴⁸ Freud(1889) "*Besprechung von August Forel 'Der Hypnotismus'*". GW, Nachtragsband; SE, I, pp. 89-102; ESB, I, pp. 133-150.

Se o artigo *Hipnose*(1891),⁴⁹ também escrito para um dicionário médico, não introduz nenhum aspecto propriamente novo em relação aos trabalhos anteriores, ele detém-se sobre uma questão que parece relevante para os nossos propósitos: a constatação de que certos pacientes não seriam hipnotizáveis, apesar de não haver, em princípio, nenhuma regra que permitisse explicar tais casos. A esse respeito, sabe-se apenas que não ocorrerá hipnose no caso de alguém que se recuse a submeter-se às palavras do hipnotizador, ou que se encontre muito ansioso para passar por tal experiência. Freud chega a dizer que a situação ideal ocorreria quando o paciente não tivesse muita expectativa quanto à hipnose e seus efeitos mas, mesmo assim, aceitasse submeter-se à experiência.

Reapareceria, nesse contexto, a advertência de que o hipnotizado não seria um autômato passível de ser totalmente controlado. Por outro lado, contudo, o verbete ressaltaria a ocorrência de uma forte influência sugestiva do hipnotizador sobre o hipnotizado.

Em outras palavras, tudo se passa como se o primeiro fosse capaz de levar, através da sugestão, o segundo a fazer não o que ele não quer mas, antes, a se livrar de algo do qual não consegue pela via da auto-deliberação. Nesse caso, o hipnotizador funcionaria como a instância deliberativa do próprio paciente que, na histeria, encontrar-se-ia enfraquecida.

Apesar de tratar-se de um trabalho inicial de Freud, poder-se-ia reconhecer no mesmo traços da concepção que

⁴⁹ Freud(1891) "*Hypnose*". GW, Nachtragsband; SE, I, pp. 103-114; ESB, I, pp. 151-165.

julgamos presente ao longo de toda a sua obra e que, ao nosso ver, constituiria uma tentativa de romper com o cartesianismo.⁵⁰ Com efeito, embora ele mantenha a crença de que a origem da intencionalidade seria interna, parece supor que o próprio agente não deteria o conhecimento imediato e privilegiado do motor de suas ações; tal conhecimento só seria viabilizado pelo outro.

Essa concepção é exemplarmente ilustrada no artigo *Ein Fall von hypnotischer Heilung*,⁵¹ de 1892, no qual Freud relata o tratamento bem sucedido de uma mãe que era incapaz de amamentar seu bebê recém-nascido, apesar de desejá-lo intensamente. Tal incapacidade já havia ocorrido quando do nascimento de seu primeiro filho. Nessa ocasião, a mãe era acometida de dores sempre que o bebê era posto a mamar, tendo chegado a perder o apetite e o sono, até ser arranjada uma ama-de-leite e abandonada essa tentativa. No nascimento do segundo filho, os sintomas reapareceram de forma ainda mais intensa:

"A paciente vomitava todo o alimento ingerido, ficava inquieta quando o bebê era trazido para junto de sua cama e estava completamente incapaz de dormir".⁵²

Estando dessa vez descartado o recurso à ama-de-leite, foi-lhe indicada a sugestão hipnótica, através da qual a

⁵⁰ O termo 'cartesianismo', no presente contexto, é empregado no mesmo sentido daquilo que Davidson, em entrevista concedida a Giovanna Borradori, denomina de 'visão cartesiana'; ou seja, trata-se de uma metáfora e não propriamente de um comentário sobre Descartes. Nesse caso, refere-se a um certo modo de se fazer filosofia segundo o qual seria possível construir um quadro do mundo independentemente de qualquer intercâmbio com outrem. Tal quadro seria erigido com base naquilo que se nos apresenta, não importando se ele resulta da experiência imediata, de dados sensoriais ou da estimulação de nossas terminações nervosas (Cf. Borradori, G. (1994) "The American Philosopher". Chicago, The University of Chicago Press, p. 50).

⁵¹ Freud (1892) "Ein Fall von hypnotischer Heilung" ("Um caso de cura pelo hipnotismo"). GW, I, pp. 1-17; SE, I, pp. 115-128; ESB, I, pp 171-185.

⁵² Ibid. GW, I, p. 5; SE, I, p. 118; ESB, I, p. 173.

mãe foi finalmente capaz de realizar seu intento. Freud enfatiza que, quanto mais a paciente tentava agir de acordo com a sua intenção de amamentar o filho, mais a sua incapacidade aumentava através da intensificação dos sintomas referidos. Além disso, ele atenta para o fato de que, uma vez livre dos sintomas que a afligiam, nem ela, nem o marido emitiram qualquer sinal de reconhecimento do seu trabalho. Contudo, quando novamente os sintomas surgiram por ocasião do nascimento do terceiro filho, Freud foi novamente solicitado, vindo a repetir o sucesso terapêutico. A paciente então confessou ter sentido vergonha de ter atendido a "*uma coisa como a hipnose*"⁵³, enquanto não era capaz de obedecer à sua própria força de vontade.

Freud utiliza o caso para apresentar sua primeira formulação teórica sobre o mecanismo psíquico dos distúrbios histéricos. Supõe a existência de um afeto de expectativa ("*Erwartungsaffekt*") que se liga a certas representações ("*Vorstellungen*"), podendo estas últimas ser de dois tipos: intenções - representação de que se faz algo - e expectativa propriamente dita - representação de que algo possa acontecer ao agente. A ligação dessas representações a uma determinada soma de afeto depende do grau de importância que o resultado da intenção desempenhe para o agente, bem como de sua incerteza frente à expectativa do resultado.

Freud denomina de "representações contrastantes penosas" ("*peinliche Kontrastvorstellungen*") aquelas representações contrárias às intenções e expectativas de

⁵³ Ibid. GW, I, p. 8; SE, I, p. 120; ESB, I, p. 175.

sucesso que costumam passar despercebidas, ou que são suprimidas pela "poderosa autoconfiança" característica da saúde. Nos casos de neurose, onde se supõe a "presença primária" de uma *"tendência à depressão e à diminuição da autoconfiança"*,⁵⁴ o agente dedica grande atenção a essas representações contrastantes penosas. Freud supõe que o fenômeno aconteça

*"talvez porque o tema de tais representações se coaduna com o estado de ânimo da neurose, ou talvez porque as representações contrastantes, que de outro modo estariam ausentes, vicejam no terreno da neurose".*⁵⁵

Observe-se que Freud atribui a intensificação de tais representações à presença da neurose, mas não consegue explicar a própria intensificação nesses estados. Ele chega a supor uma espécie de classificação das representações contrastantes, de acordo com o tipo de neurose implicada: quando se trata de representação do tipo expectativa, em caso de simples *status nervosus*, a representação penosa se expressa sob a forma de um quadro geral de pessimismo; na neurastenia, ocorrem fobias, além de verificar-se um enfraquecimento da vontade; quando se trata da intensificação de uma intenção, tem-se o quadro de *"folie de doute"*, acompanhada de descrédito na capacidade pessoal.

Ao referir-se à histeria, ele ressalta a peculiaridade concernente a este quadro - algo que provém das formulações de Breuer -, que consiste na existência de um predisposição, no histérico, para a divisão da consciência, desencadeada, por sua vez, a partir de estados de fadiga do sistema nervoso. Em virtude dessa tendência, tanto a

⁵⁴ Ibid. GW, I, p. 9; SE, I, p. 121; ESB, I, p. 177.

intenção, quanto a representação contrastante penosa são afastadas do curso normal de pensamentos continuando, contudo, a *"existir como representação desconectada de seu contexto, muitas vezes sob uma forma da qual o paciente não tem consciência"*.⁵⁶ Assim sendo,

"quando chega o momento de pôr em execução a intenção, a representação contrastante inibida consegue manifestar-se através da inervação do corpo, com a mesma facilidade com que o faz, em circunstâncias normais, uma representação volitiva".⁵⁷

O resultado do processo é a imposição da representação contrastante sob a forma de uma 'contravontade' - que contrasta com a intenção que o agente pretende levar a cabo - de modo que este venha a se reconhecer totalmente impotente para realizá-la. Cria-se uma espécie de estranhamento, por parte do próprio agente, que não consegue entender por que não é capaz de levar a efeito a ação intencionada.

Esse artigo reflete a mesma ambigüidade apontada no exame do verbete sobre a histeria, pois, de um lado, Freud declara-se empenhado apenas em explicar por que os sintomas assumem a forma particular ilustrada no caso apresentado, parecendo admitir a tese de Breuer e não levar em consideração os aspectos psicológicos do estado histérico; nesse sentido, a emergência da contravontade seria em princípio suposta como efeito da referida divisão da consciência, na vigência de certos estados de alteração do sistema nervoso.

⁵⁵ Ibid. GW, I, p. 9; SE, I, pp. 121-122; ESB, I, p. 177.

⁵⁶ Ibid. GW, I, p. 10; SE, I, p. 122; ESB, I, p. 177.

⁵⁷ Ibid. GW, I, p. 10; SE, I, p. 122; ESB, I, p. 178.

Por outro lado, contudo, o quadro explicativo por ele proposto parece sugerir, à medida que emprega termos do vocabulário mentalista - 'intenção' e 'representação' - que o sintoma histérico envolveria também um distúrbio na esfera da vontade, de modo que uma explicação a respeito do mesmo deveria abranger o campo da ação e, portanto, o âmbito da racionalidade prática.

Freud parece dar nova demonstração de sua posição em favor de uma abordagem da histeria que contemplasse fatores intencionais quando, nas páginas finais do artigo, revela sinais de dúvida em relação à concepção de Breuer.⁵⁸ Ao levantar a suspeita de que a emergência da contravontade poderia ser produzida pela laboriosa supressão dos grupos de representações contrastantes,⁵⁹ ele parece indicar que, nesses distúrbios, o determinante intencional seria imprescindível.

Ademais, mesmo advertindo que não está levando em consideração os aspectos psicológicos do estado histérico, ele não perde a oportunidade de lançar a suposição segundo a qual as representações contrastantes não deixariam de existir nas pessoas normais; manter-se-iam armazenadas, levando uma vida insuspeitada, no que chama de reino das sombras ("*Schattenreich*"), "até emergirem como maus espíritos e assumirem o controle do corpo, que, geralmente, está sob as ordens do dominante Eu-consciente".⁶⁰

Não se pode extrair desse contexto conceitual uma concepção de inconsciente no sentido atribuído

⁵⁸ Dúvida que se transforma pouco a pouco em oposição, até atingir o extremo da ruptura, por volta da publicação dos "*Studien über Hysterie*".

⁵⁹ Freud, S. "*Ein Fall von Hypnotischer Heilung*" (op. cit.). GW, I, p. 15; SE, I, p.126; ESB, I, pp. 182-183.

ulteriormente por Freud, uma vez que o 'reino das sombras' parece apenas servir de abrigo para representações excluídas da consciência. De todo modo, esta passagem seria ilustrativa de seu empenho em estabelecer uma continuidade entre os estados normais e os patológicos - o que, ao nosso ver, pareceria aproximar os distúrbios histéricos de atos irracionais corriqueiros.

Cumprir notar que essa primeira tentativa de fornecer um quadro explicativo para a irrupção de distúrbios histéricos parece particularmente interessante para o presente trabalho, considerando que nossa temática envolve o rastreamento, na teoria freudiana, de uma espécie de genealogia do desprazer.

Se tivermos razão em supor que a produção de Freud consiste em um longo percurso no qual ele tentaria fundar a consciência sobre uma base inconsciente por meio de uma progressiva internalização da origem do desprazer⁶¹ e de uma subsequente redução do mesmo a um prazer interdito pela repressão,⁶² o quadro conceitual apresentado no artigo ora em exame pode ser pensado como o primeiro dessa longa série.

Com efeito, ele já admite que o sintoma remeteria a um conflito - noção que se manter em todos os modelos explicativos da genealogia freudiana do desprazer. Porém, apesar de se tratar de um conflito entre representações, um

⁶⁰ Idem, Ibidem.

⁶¹ Inicialmente atribuída a fatores externos, como hereditariedade e trauma.

⁶² Ao nosso ver, contudo, apesar de propor posteriormente um prazer reprimido na gênese dos sintomas neuróticos, Freud não conseguiria identificar, em nenhum dos modelos metapsicológicos, um prazer originário no processo de constituição do psiquismo. A exigência teórica de um desprazer anterior pareceria levá-lo a recuar cada vez mais a origem deste acontecimento, até o

dos elementos do conflito - no caso, a representação contrastante penosa - não parece ter um caráter intencional no sentido de envolver algum intuito ou meta atribuível ao agente; antes, constituiria o negativo de uma intenção, algo que, confrontado com esta, resultaria em uma compulsão, geradora de desprazer.

Portanto, nesse momento da obra, a origem do desprazer parece encontrar-se a meio caminho entre o externo e o interno. A internalização da mesma requer que se lhe atribua um caráter intencional, para o que seria preciso supor o primeiro dos requisitos indicados por Davidson para uma teoria dos atos irracionais: a divisão da mente em instâncias - algo que a teoria freudiana só formulará mais tarde.

De todo modo, esse modelo já parece atender a outro dos três requisitos do filósofo americano: a suposição de que a causa de certos eventos mentais não constitui uma razão para aquilo que causa.

De resto, quanto à temática da compulsão, abordada através da noção de contravontade e na qual supomos encontrar-se a essência do que se poderia considerar como a concepção psicanalítica de ato irracional, vale ressaltar que Freud lhe atribui um "caráter demoníaco" (*dämonischen Zug*):⁶³

(...) isto é, a característica de os pacientes serem incapazes de fazer alguma coisa precisamente quando e onde eles mais ardentemente desejam fazê-la; ou de fazerem justamente o oposto daquilo que lhes foi solicitado, e de

ponto em que, com a pulsão de morte, ela fosse conduzida para fora dos limites da experiência.

⁶³ "Ein Fall von Hypnotischer Heilung" op. cit., GW, I, p. 14; SE, I, p. 126; ESB, I, p. 183. Esse mesmo atributo ser-lhe-á conferido, anos depois, no contexto da introdução da pulsão de morte, à luz, conforme veremos, das inovações conceituais trazidas por essa noção.

serem obrigados a cobrir de maus tratos e suspeitas tudo o que mais valorizam. A perversão de caráter que os histéricos mostram, sua ânsia de fazer a coisa errada, de parecer doentes, quando mais necessitam estar bem - compulsões dessa ordem (...), muitas vezes podem comprometer os caracteres mais irrepreensíveis, quando, durante algum período, esses pacientes se tornam vítimas inermes de suas representações contrastantes.⁶⁴

1.4. DISTÚRBIOS DA INTENCIONALIDADE CAUSADOS POR ANORMALIDADES DA VIDA SEXUAL

Nas notas de rodapé à sua tradução das "*Leçons du Mardi*", de Charcot (1892-94), Freud anuncia uma série de divergências em relação ao mestre da Salpêtrière que devem ser aqui enumeradas, uma vez que trazem nova conformação ao caráter irracional dos distúrbios histéricos e neurastênicos.

Em primeiro lugar, Freud não se vale do método descritivo referendado por Charcot; a partir das contribuições de Breuer, ele toma a histeria traumática - que na concepção de Charcot constituía apenas um entre vários tipos de histeria -, como o paradigma de todas as formas de manifestação desse distúrbio. Ou seja, supõe que todo e qualquer ataque histérico reproduziria uma lembrança, constituindo "*a revivescência alucinatória de uma cena que é significativa para o desencadeamento da doença*".⁶⁵ O conteúdo de tal lembrança seria um trauma psíquico, definido "*como um incremento de excitação*"⁶⁶ no

⁶⁴ Ibid. GW, I, pp. 14-15; SE, I, pp. 126-127; ESB, I, p. 183.

⁶⁵ Freud, S. (1892-94) "*Prefácio e notas de rodapé à tradução das Leçons du Mardi, de Charcot*". SE, I, p. 137; ESB, p. 196.

⁶⁶ *Erregungszuwachs*.

sistema nervoso"⁶⁷ que, por sua vez, seria "incapaz de fazer dissipar-se adequadamente pela reação motora".⁶⁸

Assim, tanto um evento que produza grande aumento de excitação no sistema nervoso constituiria um trauma, quanto eventos de menor intensidade, desde que ocorridos (estes últimos) durante um momento particular da consciência.⁶⁹ Nessa perspectiva, o ataque histérico seria aproximado a "uma tentativa de completar a reação do trauma".⁷⁰

Ora, com a explicitação de suas divergências em relação às teses charcotianas, Freud parece marcar posição em favor de uma teoria psicológica⁷¹ capaz de explicar, entre outros, um fenômeno considerado fisiológico - o ataque histérico. Desse modo, à medida que tenta fornecer explicações mentalistas para tais fenômenos de automatismo - ataques, paralisias, contraturas -, Freud parece deflagrar, através de uma teoria que supõe a compulsão como uma forma *sui generis* de intencionalidade, um processo de responsabilização do neurótico pelo seu sintoma (até então este era considerado vítima de um mal hereditário).

⁶⁷ "Prefácio e notas de rodapé à tradução das *Leçons du Mardi*, de Charcot". SE, I, p. 137; ESB, I, p. 196.

⁶⁸ Ibid. SE, I, p.137; ESB, I, p. 197.

⁶⁹ Esse "momento particular" configura o que Breuer entende por estado hipnóide (Cf. Breuer, J. & Freud, S. (1893) '*Über den psychischen Mechanismus hysterischer Phänomene: Vorläufige Mitteilung*'. in "*Studien über Hysterie*" ('Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos: Comunicação Preliminar' in "Estudos sobre Histeria"). GW, I, pp. 81-98; SE, II, pp. 2-17; ESB, II, pp. 43-59.

⁷⁰ "Prefácio e notas de rodapé à tradução das *Leçons du Mardi*, de Charcot". SE, I, p.137; ESB, I, p. 197. Essa concepção também reaparece no contexto da introdução da pulsão de morte, quando Freud propõe uma explicação para o conteúdo dos sonhos de angústia recorrentes nos casos de neurose traumática.

⁷¹ Breuer, em suas "*Theoretischen*" ("Considerações Teóricas". in Breuer, J. & Freud, S. (1895) "*Studien über Hysterie*". GW, Nachtragsband; SE, II, pp. 183-251; ESB, II, pp. 237-308), propõe fornecer explicações psicológicas para os distúrbios histéricos, mas, fixando-se em uma analogia do sistema nervoso com um sistema elétrico, mantém-se no campo das explicações fisiológicas.

Um dos componentes mais importantes da teoria freudiana das neuroses - a sexualidade -, também é aludido nesse contexto. Com efeito, Freud supõe que "*anormalidades na vida sexual*" podem levar o agente a *adquirir* distúrbios histéricos, com o que pode pôr em xeque o fator hereditário como determinante único indispensável na causação das neuroses.

Cumprе destacar, a esse respeito, que, ao admitir a possibilidade de se adquirir uma neurose em decorrência de certas práticas sexuais, Freud reiteraria a posição que viria assumindo nos escritos anteriores: a de que o sintoma neurótico não deveria mais ser pensado como sinal de degenerações orgânicas, mas como uma espécie de distúrbio na esfera da intencionalidade - o que aproximaria suas formulações de uma teoria dos atos irracionais.

1.5. UMA TEORIA DOS ATOS IRRACIONAIS VIABILIZADA POR UMA GENEALOGIA DO DESPRAZER

O manuscrito que, na edição brasileira, recebe o título de *Esboços para a 'Comunicação Preliminar'* [1893(1892)], consiste na verdade em uma carta de Freud endereçada a Breuer,⁷² em 29.06.1892. Nesta, estão dispostos, de forma esquemática, os tópicos de "*Über den psychischen Mechanismus hysterischer Phänomene: Vorläufige Mitteilung*",⁷³ que leva a assinatura de ambos.

⁷² "*Brief an Josef Breuer*". GW, XVII, pp. 3-6; SE, I, pp. 145-150; ESB, I, pp. 205-216.

⁷³ '*Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos: Comunicação Preliminar*', op. cit. Daqui em diante, "*Vorläufige Mitteilung*".

Na referida missiva, consta a primeira formulação do que mais tarde será denominado 'princípio da constância' ("Konstanzprinzip"), que aparece como "teorema concernente à constância da soma de excitação",⁷⁴ enunciado para fundamentar a explicação do trauma psíquico como fator etiológico da histeria. Nessa versão, o princípio propõe uma tendência que seria característica do sistema nervoso: para preservar-se em condições saudáveis, o mesmo procuraria livrar-se dos acúmulos de excitação (desprazer), quer através da associação, quer de uma reação motora apropriada. A formulação desse princípio, inspirada em um postulado geral da Física, demarcaria os parâmetros sob os quais Freud tentaria explicar como o sintoma histérico poderia ser pensado enquanto um distúrbio na esfera da ação, ou seja, como um processo mental.

Desse modo, o conteúdo da carta formalizaria o ponto de vista presente de forma subjacente em escritos anteriores, a partir do qual caberia expressar a essência das modificações fisiológicas do sistema nervoso implicadas na histeria, "através de uma fórmula que levasse em conta as relações de excitabilidade"⁷⁵ das diferentes partes desse sistema. Referimo-nos ao ponto de vista econômico, cuja importância fundamental nas diferentes versões metapsicológicas da mente permitiria que a teoria freudiana fosse pensada como uma teoria dos atos irracionais que tentaria fornecer uma genealogia do desprazer.

No contexto desse esboço, Freud chama a atenção para um tipo de histeria distinto daquela causada por um fator

⁷⁴ Ibid. GW, XVII, p. 5; SE, I, p. 147; ESB, I, p. 209.

⁷⁵ Freud(1888) "Hysterie". Op. cit. SE, I, p. 41 ; ESB, I , p. 79.

disposicional - a histeria decorrente de um trauma psíquico. Nestes casos, mesmo alguém que não apresentasse disposição hereditária para a doença poderia, no entanto, vir a sofrer de tal distúrbio.

A fim de tentar explicar a formação de tais quadros, Freud propõe, de forma bastante esquemática, uma teoria da memória que, em última análise, permitiria retirar do componente hereditário o papel de condição indispensável para a histeria, além de aproximá-la cada vez mais de um problema na esfera da ação⁷⁶ e, por conseguinte, de um distúrbio da intencionalidade.

Nessa perspectiva, o trauma psíquico é definido como *"toda impressão que o sistema nervoso tem dificuldades em abolir"*⁷⁷ por meio dos expedientes normais. Por conseguinte, o ataque histérico seria considerado uma tentativa de livrar-se do excesso de excitação através de uma reação motora patogênica que, nesse caso, agiria como uma espécie de recordação do evento traumático. Desse modo, a formulação de uma teoria da memória pareceria indispensável, uma vez que deveria explicar como seria possível supor a estranha noção de lembrança inconsciente.

Na versão em que aparece na carta em questão, a referida teoria pareceria impor duas prerrogativas:

1º) *"a lembrança que forma o conteúdo de um ataque histérico não é uma lembrança qualquer; é o retorno do*

⁷⁶ Quando o agente não é capaz de apresentar razões consistentes - tanto de seu próprio ponto de vista quanto do da comunidade à qual pertence - para o ato que constitui o sintoma.

⁷⁷ Freud(1893) *"Brief an Josef Breuer"*, op. cit. GW, XVII, pp. 12-13; SE, I, p. 154; ESB, I, p. 216.

evento que causou a irrupção da histeria - o trauma psíquico";⁷⁸

2º) "A lembrança que forma o conteúdo de um ataque histérico é uma lembrança inconsciente; ou, mais corretamente, faz parte do segundo estado da consciência, que está presente, organizado em grau maior ou menor, em toda histeria".⁷⁹

Com as duas teses, Freud estabeleceria, por assim dizer, os primeiros elementos que garantiriam a existência de uma certa conexão entre o sintoma e sua causa. O sintoma seria descrito como uma forma *sui generis* de recordação de um ou mais eventos, cujo registro mnêmico seria acompanhado de uma soma de excitação a qual o sistema nervoso não teria sido capaz de dissipar pelas vias tradicionais da associação de pensamentos, nem através de uma reação motora apropriada.

A fim de que tal explicação parecesse plausível, seria preciso supor, na histeria, a ocorrência de uma divisão do conteúdo da consciência, de modo que o registro do evento traumático, bem como a emoção associada ao mesmo tornar-se-iam inacessíveis à evocação por parte do paciente.

A tese da divisão da consciência, explorada por Breuer por meio de sua formulação dos 'estados hipnóides', mantinha-se fiel a um dado aspecto da escola charcotiana, em consonância com a qual teria sido primeiramente suposta. De acordo com a mesma, seria difícil propor um tratamento para a histeria. Com efeito, na perspectiva de Breuer, os estados hipnóides que acarretariam uma dissociação da

⁷⁸ Ibid. GW, XVII, p. 10; SE, I, p. 152; ESB, I, p.214.

⁷⁹ Ibid. GW, XVII, p. 11; SE, I, p. 153; ESB, I, p.215.

consciência seriam determinados por fatores fisiológicos característicos da disposição à histeria.

Em outras palavras, os histéricos seriam, em decorrência de fatores hereditários, particularmente dotados de um excedente de excitação nervosa que provocaria esses estados fisiologicamente determinados de dissociação, de modo que se instalaria em suas mentes uma espécie de torpor cataléptico responsável pela incapacidade de reagir satisfatoriamente a quaisquer eventos que, porventura, ocorressem durante tais estados. Para Breuer, portanto, seria a incapacidade de ab-reagir ("Abreagiren") provocada pelo estado hipnóide que imprimiria a um dado evento um caráter traumático.

Desse modo, a história de vida de sua paciente Anna O. - favorável ao florescimento de uma grande capacidade imaginativa, bem como ao surgimento de estados de devaneio - figuraria tão-somente como um fator propiciador da emergência dos estados hipnóides, cujo caráter seria disposicional. Nessa perspectiva, o tratamento através do método catártico de Breuer não exibiria uma natureza causal, mas apenas sintomática.

A clínica de Freud, contudo, parece abrir caminho para a suposição de que a histeria poderia ser adquirida, o que implicaria em uma série de reformulações com relação às concepções de Breuer, a começar pela possibilidade de elevar o método catártico à categoria de terapia causal.⁸⁰

Assim sendo, ao mesmo tempo em que se mostraria necessária, a tese da dissociação da consciência não

⁸⁰ O curso tomado pelas formulações subsequentes de Freud indica que ele não consegue afastar o fator disposicional da histeria.

poderia admitir, nas formulações de Freud, que esse processo estivesse estritamente vinculado a determinantes fisiológicos, pois tal vinculação não afastaria o aspecto disposicional da histeria. Impunha-se, portanto, a suposição de que certos eventos ocorridos ao longo da história do sujeito poderiam, independentemente da disposição para a histeria, apresentar uma conotação traumática capaz de produzir como efeito a irrupção de estados hipnóides, a partir dos quais surgiriam os sintomas.

Se, para Freud, não seria o evento em si que se constituiria enquanto trauma, mas a representação de tal evento, a teoria capaz de dar conta dos distúrbios histéricos requereria, mais cedo ou mais tarde, uma teoria da representação; por conseguinte, uma teoria dos processos mentais. Nesse caso, tudo se passa como se a empresa freudiana se houvesse originado a partir da tentativa de formular uma teoria capaz de fazer frente àquelas que privilegiavam o fator hereditário na produção da neurose e que apontavam, entre outros aspectos problemáticos, um sombrio prognóstico para a clínica de tais distúrbios.

De todo modo, a tradição empírico-naturalista na qual se formou o pensamento do fundador da psicanálise teria influenciado fortemente sua teoria dos processos psíquicos, uma vez que o distanciamento das explicações fisiológicas como as de Charcot e Breuer não implicaria no abandono de uma linguagem fisicalista. Antes, o emprego dessa linguagem na descrição de relações intencionais pareceria, aos olhos de Freud, a condição para se propor uma teoria capaz de explicar os sintomas neuróticos como problemas na esfera da

vontade e da ação, uma vez que ela garantiria descrições na terceira pessoa.⁸¹

A empresa de Freud pareceria, portanto, firmar-se aos poucos como o processo de construção de uma teoria da mente, a partir da qual seus aspectos teleológicos deveriam subsumir-se em uma linguagem mecânica e biológica.⁸² À luz desta teoria, não estaria reservado um lugar para a figura de um sujeito detentor de um auto-conhecimento privilegiado.

Tentaremos mostrar, na terceira parte deste estudo, que a introdução da pulsão de morte manteria a essência dessa orientação do pensamento freudiano, ainda que a teleologia suposta na referida noção viesse extrapolar o âmbito das explicações até então utilizadas na metapsicologia. Contudo, considerando os problemas concernentes à execução desse projeto desde o início, conduziremos nossas análises na direção apontada por Kimmerle, para quem a pulsão de morte constituiria apenas o ponto de aglutinação de todas as contradições presentes nesse empreendimento.

⁸¹ A pretensão freudiana de romper com o cartesianismo dever-se-ia à impossibilidade que essa tradição teria, a seu ver, de fornecer explicações para os sintomas neuróticos como distúrbios da intencionalidade, uma vez que o próprio neurótico desconheceria as explicações em termos de razões para o seu sintoma. Estando vetado pela via da introspecção, o acesso a tais explicações só seria possível pela intermediação do médico.

⁸² O modelo mecânico propõe explicações para os processos psíquicos em termos de operações automáticas de uma quantidade, permitindo descrições na terceira pessoa. O modelo biológico pretende fornecer uma origem (onto e/ou filogenética) desses processos. Veremos adiante, na análise de "*Entwurf einer Psychologie*" (nota nº 152, p. 99, abaixo), que, segundo Gabbi Jr. (1995), Freud lançaria mão de um terceiro modelo explicativo: o modelo da denotação. Este, por sua vez, remeteria à teoria freudiana da representação esboçada em sua monografia sobre as afasias (Cf. Freud, S. (1891) "*Zur Auffassung der Aphasien*". Leipzig und Wien, Deuticke [Tradução cotejada: 'Contribution à la conception des aphasies', de C. Van Reeth. Paris, PUF, 1983]. Daqui em diante, "Aphasien").

Voltando ao contexto do "Esboço para a 'Comunicação preliminar'", podemos detectar sinais da dificuldade que Freud teria em conciliar suas próprias formulações acerca dos distúrbios histéricos com aquelas defendidas por Breuer. Com efeito, a "*Vorläufige Mitteilung*" ('Comunicação Preliminar'), publicada em "*Studien*", contém, como bem mostra Gabbi Jr. (1981), uma série de problemas, pois tenta dissimular uma diferença insuperável entre as concepções que seus autores defendem acerca dos fatores etiológicos da histeria. Convém que nos detenhamos um pouco sobre alguns aspectos dessa divergência, uma vez que, a partir da mesma, surgiriam as primeiras formulações freudianas acerca da intencionalidade subjacente aos sintomas, juntamente com suas primeiras contradições.

1.6. INTENÇÃO E SEXUALIDADE

Alguns casos apresentados por Freud nos capítulos subseqüentes de "*Studien*" - particularmente o de Lucy R. e Elizabeth Von R. - abririam a perspectiva para se supor, contrariamente a Breuer, que o próprio trauma psíquico poderia desencadear a divisão da consciência e a conseqüente produção de sintomas. Tal estado de coisas, no entanto, esconderia a ocorrência de um conflito entre representações incompatíveis que o paciente teria rechaçado intencionalmente, de modo a mantê-las afastadas de sua consciência.

De acordo com o princípio da constância, o conflito provocaria um acúmulo de tensão cujo rebaixamento, impedido de ocorrer pela via adequada, deveria então ser obtido

através de uma via regressiva, qual seja, a conversão em distúrbio somático. A aparência de afecção orgânica do sintoma histérico cumpriria o objetivo da operação de repressão. Desse modo, quando indagado acerca da origem de seus sintomas, o paciente não seria capaz de relacioná-los de imediato a qualquer aspecto de sua vida psíquica.

Esta e outras divergências entre Breuer e Freud produziriam tantas contradições na obra que leva a assinatura de ambos ("*Studien*"), que o prefácio à primeira edição pareceria advertir o leitor para não tomá-las como vacilação em relação aos pontos de vista dos autores; para considerá-las, antes, como

"divergências naturais e justificáveis entre as opiniões dos dois observadores que estão de acordo quanto aos fatos e a leitura básica dos mesmos, mas que não concordam invariavelmente em suas interpretações e conjecturas".⁸³

Contudo, as divergências em questão seriam, ao nosso ver, bastante significativas. Elas evidenciariam o intuito de Freud de elevar o elemento de intencionalidade subjacente aos sintomas histéricos à condição de aspecto central do estudo sobre a histeria, de modo que a linguagem fisicalista em voga àquela época viesse a ser usada não para reduzir os processos psíquicos a operações fisiológicas, mas justamente para dar conta das relações intencionais envolvidas em tais distúrbios.

Em outras palavras, enquanto as formulações de Freud o conduziram progressivamente na direção de uma teoria da histeria passível de ser pensada como uma forma de ato

irracional, as de Breuer não permitiriam que ele cumprisse com a promessa, feita nas páginas iniciais de seu capítulo teórico sobre histeria, de que "*pouca menção será feita ao cérebro, e nenhuma absolutamente às moléculas*";⁸³ ou seja, de que ele procuraria fornecer uma linguagem psicológica à abordagem dos processos psíquicos evidenciados na histeria. Com efeito, conforme ressalta o editor inglês da obra de Freud, o capítulo teórico de Breuer "*trata amplamente das 'excitações intracerebrais' e de paralelos entre o sistema nervoso e instalações elétricas*".⁸⁴ Vejamos, em linhas gerais, as teses de cada autor.

De acordo com a concepção de Breuer acerca dos estados hipnóides, o sintoma teria um caráter contingente, ou seja, pareceria o efeito indesejado decorrente de uma incapacidade de reagir apropriadamente a uma representação afetiva devida à irrupção coincidente de um estado hipnóide.

Conseqüentemente, a utilização do método catártico limitar-se-ia apenas a submeter o paciente à reprodução artificial de tal estado (mediante hipnose), posto que só assim seria capaz de recordar o momento em que se teria formado o sintoma. Desse modo, o médico levaria o paciente a ab-reagir - dar palavra ao afeto - a emoção ligada à representação que, somente por haver ocorrido durante um estado hipnóide, teria sido impedida de eliminação. Nomeado o afeto, seria obtida a dissolução do sintoma. Ao sair da hipnose, não haveria nenhuma integração entre os eventos

⁸³ Breuer, J. & Freud, S. "*Studien*". GW, I, p. 78; SE, II, pp. xxix-xxx; ESB, II, p. 38.

⁸⁴ Breuer, J. "*Theoretischen*" ('Considerações teóricas' in "*Studien*". SE, II, p. 185; ESB, II, p. 237.

ocorridos durante esse estado com os demais processos da vida de vigília do paciente. Nessa perspectiva, o sintoma seria considerado como um "corpo estranho" (*FremdKörper*) que, em dada circunstância, ter-se-ia insinuado entre os processos normais.

Em Freud, por sua vez, operar-se-ia, pouco a pouco, uma espécie de inversão quanto à ênfase atribuída aos fatores detectados na histeria. Desse modo, tal afecção, antes descrita como um distúrbio de natureza somato-psíquica, passaria a ser explicada, a partir das formulações freudianas, como uma disfunção 'psico-somática' (Gabbi Jr., 1981).

Essa inversão seria viabilizada pela concepção segundo a qual haveria uma relação simbólica entre o sintoma e seu agente causal. Tal perspectiva, por sua vez, seria aberta, em grande medida, pelo exame empreendido por Freud acerca das afasias⁸⁶. Com efeito, esta obra teria influenciado, entre outros, seu estudo comparativo entre as paralisias motoras orgânicas e histéricas, considerado o "*divisor de águas entre os escritos neurológicos e psicológicos de Freud*".⁸⁷

Na monografia sobre as afasias, Freud já pareceria supor, com a noção de paralelismo psicofísico,⁸⁸ um

⁸⁵ Strachey, J. (ed.) in "Studien". SE, II, p. xxiv; ESB, II, pp. 31-32.

⁸⁶ Cf. Freud, S. "Aphasien", op. cit.

⁸⁷ Strachey, J. (ed.) in Freud (1893) "*Quelques considerations pour une étude comparative des paralysies motrices organiques et hystériques*" ("Alguns pontos para um estudo comparativo das paralisias motoras orgânicas e histéricas") (escrito originalmente em francês). SE, I, p. 158; ESB, I, p. 221.

⁸⁸ Freud toma emprestada essa noção de Hüglins Jackson, para quem haveria, entre os processos psíquicos e físicos, uma espécie de paralelismo funcional, ao invés de uma correspondência topológica (tese de Meynert).

registro propriamente psicológico, não localizável em estruturas anatômicas, nem totalmente redutível a processos fisiológicos. Em outras palavras, um registro no qual os processos poderiam ser pensados em termos de representações,⁸⁹ o que implicaria em atribuir-lhes intenções.

No estudo em que compara as paralisias motoras orgânicas e histéricas, Freud adverte que o aspecto intencional dessas representações poderia, por sua vez, ser descrito em termos de quantidade de excitação, dado que

*"todo acontecimento, toda impressão psíquica, é dotado de um certo montante afetivo que é descarregado pelo eu ou pela via da reação motora ou por um trabalho psíquico associativo".*⁹⁰

Nesse estudo, Freud supõe que as paralisias motoras histéricas seriam paralisias de representação, *"mas com um tipo especial de representação cujas características permanecem assunto a ser desvendado"*.⁹¹ Ele acredita que a paralisia histérica implicaria em uma lesão

"completamente independente da anatomia do sistema nervoso, pois, nas suas paralisias e em outras manifestações, a histeria se comporta como se a anatomia não existisse, ou como se não tivesse conhecimento desta. (...) Ela toma os órgãos pelo sentido popular dos nomes que eles têm: a perna é a

⁸⁹ A grande contribuição da monografia sobre as afasias seria a de fornecer os fundamentos da teoria freudiana da representação. A partir do modelo do aparelho da linguagem proposto nessa obra, a mente poderá ser pensada como uma intrincada rede de representações divididas, por sua vez, em dois grandes grupos: as representações de palavra e as representações de objeto, de modo que a significação de uma palavra seria obtida somente pela ligação entre ambos os conjuntos de representações.

⁹⁰ Freud(1893) *"Quelques considerations pour une étude comparative des paralysies motrices organiques et hysteriques"*. Op. cit. GW, I, p. 54; SE, I, p. 172; ESB, I, p.238.

⁹¹ Ibid. GW, I, p. 43; SE, I, p. 163; ESB, I, p. 227.

perna até sua inserção no quadril, o braço é o membro superior tal como aparece visível sobre a roupa".⁹²

O distúrbio em questão na histeria consistiria, portanto, em uma modificação na concepção da representação da parte ou função do corpo atingida pelo sintoma, de modo a ocorrer uma dissociação entre a representação de dado órgão ou função e as demais "*idéias*"⁹³ *que constituem o eu, do qual o corpo do indivíduo é parte importante*".⁹⁴ Tal dissociação decorreria do envolvimento da representação do órgão ou função somática com uma grande quantidade de afeto que a pessoa relutaria em se livrar através de uma reação motora apropriada. Desse modo, a representação superocupada ficaria afastada das demais associações, isto é, ficaria mantida no inconsciente.

Com esse quadro, Freud viria fornecer, mediante as explicações propostas em termos de representação, novos fundamentos para a noção que, conforme pudemos depreender de nosso exame até o presente momento, pareceria vir-se formando aos poucos nos escritos anteriores: a noção de que componentes intencionais constituiriam os aspectos mais importantes na formação do sintoma.

Com efeito, a partir dessa nova fundamentação, poder-se-ia até mesmo supor que a relutância (ou o não querer) do histérico em eliminar a quota de afeto ligada à representação do órgão ou parte do corpo atingida pelo sintoma dever-se-ia a um ato de vontade na própria elevação de certo evento à condição de trauma. Em outros termos, o

⁹² Ibid. GW, I, p. 51; SE, I, p. 169; ESB, I, p. 234.

⁹³ Uma vez que esse artigo foi originalmente escrito em francês, os termos usados por Freud são "*idée*" e "*conception*" para se referir ao que em alemão designaria como "*Vorstellung*" (representação).

histérico seria alguém que, em certa medida, 'preferiria' refugiar-se na doença a ter que enfrentar o conflito que se lhe teria imposto.

Mediante essa suposição, Freud, diferentemente de Breuer e demais predecessores, consolidaria a inserção do tema da histeria e, logo em seguida, dos demais distúrbios psíquicos no registro da racionalidade prática, a partir do que se tornaria possível atribuir ao agente a responsabilidade por atos irracionais dessa natureza.

No presente contexto do pensamento freudiano, portanto, a supressão da representação afetiva suposta como deflagradora do sintoma não decorreria da irrupção de um estado hipnóide; antes, resultaria de um conflito provocado por uma representação incompatível com o eu, que aqui poderia ser considerado o representante do "melhor julgamento"⁹⁴ do agente (neste caso, do paciente). Por conseguinte, o sintoma constituiria uma forma de evitar o enfrentamento da situação de conflito, dado que o agente considerar-se-ia incapaz de lidar apropriadamente com essa situação.

A representação incompatível, em princípio consciente, passaria a existir afastada da consciência, de modo que o histérico não teria acesso imediato às razões que teriam agido como causa de seu distúrbio. Assim sendo, tudo se passa como se o histérico, ao mesmo tempo, soubesse e não

⁹⁴ Ibid. GW, I, p. 52; SE, I, p. 170; ESB, I, p. 236.

⁹⁵ Ou seja, aquilo que é contrariado quando se produz um ato irracional como a acrasia. Veremos, a seguir, que a partir do caso Katharina, não será mais atribuível ao eu o papel de representante do melhor julgamento do agente. Com efeito, esta é uma suposição característica da tradição que considera o eu o sujeito do conhecimento e, por conseguinte, da vontade, justamente a noção que Freud passa a combater com a introdução da intencionalidade inconsciente. A partir daí, deveria desaparecer qualquer possibilidade de se eleger um representante do melhor julgamento do agente.

quisesse admitir que tal representação incompatível seria a causadora de seu sofrimento.

Nesse caso, a dissolução do sintoma exigiria, necessariamente, um processo de reconhecimento da representação incompatível que o paciente ter-se-ia empenhado em afastar de seu pensamento, ao ponto de passar a desconhecer a influência da mesma sobre o processo patológico desencadeado.⁹⁶ Por conseguinte, o método catártico usado por Freud envolveria um trabalho de vencer a resistência contrária ao acesso à representação incompatível, resultante do esforço do paciente em mantê-la banida de sua consciência.

Note-se que, nessa perspectiva, a divisão da consciência decorreria de um ato *intencional* por parte do paciente. Diferentemente da formulação esboçada em "*Ein Fall von Hypnotischer Heilung*", em que a representação contrastante penosa equivaleria ao negativo de uma intenção, ter-se-ia agora uma teoria segundo a qual algo aparentemente exterior ao registro da racionalidade - uma afecção somática - obteria uma explicação a partir da qual as causas funcionariam também como razões.

A histeria pareceria dispor agora de todas as condições para ser pensada como uma forma de ato irracional. Entretanto, a intenção em questão, tal como sugeririam as explicações fornecidas para os casos Lucy e Elisabeth, seria, em princípio, de natureza consciente. Ora, esse aspecto indicaria, em última análise, que o paciente ainda poderia ser colocado na posição de sujeito

⁹⁶ Cf. Caso 3: Miss Lucy R. in "*Studien*". GW, I, pp. 163-183; SE, II, pp. 106-124; ESB, II, p. 153-172.

privilegiado do auto-conhecimento - algo que poderia enfraquecer as pretensões de Freud de propor explicações na terceira pessoa. A noção de intenção inconsciente, que pareceria afastar esse tipo de ameaça, só se tornaria possível, conforme veremos adiante, a partir da explicação fornecida para o caso Katharina.

Apesar da indisfarçável divergência existente entre Breuer e Freud no contexto de "*Studien*" haveria, contudo, no primeiro capítulo,⁹⁷ uma formulação que conseguiria sintetizar o pensamento dissonante de seus autores: a de que o histérico sofreria de reminiscências.

Do ponto de vista de Breuer, o histérico padeceria de tal sofrimento porque, sendo vítima de distúrbios fisiológicos que provocariam dissociação da consciência, estaria impedido de lembrar dos eventos ocorridos durante a emergência de tais estados. Seria, pois, como que *compelido* a reagir patologicamente a esses eventos que, nessas condições, tornar-se-iam traumáticos.

Do ponto de vista de Freud - no contexto dos casos clínicos Lucy R. e Elisabeth von R. -,⁹⁸ a explicação do sofrimento do histérico por reminiscências apontaria, conforme tentamos indicar acima, a intervenção da intencionalidade na formação do sintoma. Nesses casos, o impedimento do funcionamento normal do "princípio de constância" (*Konstanzprinzip*) adviria de fatores eminentemente psíquicos: ou o paciente se recusaria a enfrentar a situação que eliminaria o acúmulo de excitação por temor aos "conflitos mentais angustiantes", ou se

⁹⁷ Cf. "*Vorläufige Mitteilung*" ('Comunicação Preliminar'), op. cit.

⁹⁸ Inclui-se também o caso de Frau Cäcilie, mencionado em "*Studien*"

sentiria proibido de agir por restrições sociais - como ocorreria no caso de impressões sexuais.

A sexualidade começaria, mediante tais constatações, a desempenhar um importante papel como fator etiológico da histeria. Na verdade, a relação do sintoma com representações sexuais já havia sido estabelecida desde os estudos de casos de neurastenia e neurose de angústia. Contudo, a exclusividade da etiologia sexual no caso da histeria só se tornaria possível mediante uma fundamentação teórica que, por sua vez, só seria encontrada na análise do caso Katharina.⁹⁹ Com base no mesmo, Freud formularia a teoria da sedução que, além de fornecer a fundamentação para uma descrição dos distúrbios histéricos na terceira pessoa, introduziria a noção de intencionalidade inconsciente - distinta, portanto, do tipo de intencionalidade identificado nos casos acima mencionados.

Essa nova concepção de intencionalidade promoveria um movimento que se poderia denominar de desapossamento da vontade do eu, uma vez que ela permitiria supor os processos intencionais como operações do tipo encontrado nas descrições fisicalistas. Com o emprego desse vocabulário, o funcionamento psíquico equivaleria a um trabalho mecânico, de acordo com o qual a intenção estaria intimamente ligada a um processo repetitivo.

Esse mecanicismo pareceria patente em "*Entwurf einer Psychologie*", à medida que Freud tentaria fornecer um quadro explicativo dos processos psíquicos normais e patológicos numa descrição científico-naturalista. Nessa

apenas em notas de rodapé.

⁹⁹ Cf. Caso 4: Katharina. in "*Studien*". GW, I, pp. 184-196; SE, II, pp. 125-134; ESB, II, pp. 173-183.

obra, a teoria da sedução figuraria como o paradigma explicativo do patológico.

Por conseguinte, tanto o caso Katharina, quanto "*Entwurf einer Psychologie*" seriam interessantes para o nosso estudo, uma vez que pareceriam veicular uma relação entre intencionalidade e repetição - aspecto de importância fundamental no contexto da introdução da pulsão de morte. Todavia, o segundo mostrar-se-ia particularmente interessante, dado que revelaria a primeira tentativa freudiana de sistematizar os termos nos quais supunha deveriam ser explicados os processos psíquicos.

Ademais, esse empreendimento exibiria as primeiras associações entre o movimento da quantidade de excitação - já suposta anteriormente - e sensações de prazer e desprazer, o que nos permitiria pensá-lo como a primeira versão da genealogia freudiana do desprazer. Versão que, conforme tentaremos mostrar, conteria tanto as bases do que viria a ser formulado mais tarde, quanto as contradições que passariam a emergir do interior da empresa psicanalítica.

CAPÍTULO II

O PARADIGMA DA SEDUÇÃO COMO DEFLAGRADORA DO PATOLÓGICO

De acordo com a teoria da sedução, seria necessário a ocorrência de, pelo menos, dois eventos traumáticos. O primeiro evento, do ponto de vista cronológico, consistiria em uma vivência na qual o paciente sofreria um atentado sexual por parte de um adulto. O referido evento ocorreria em um período anterior à puberdade, em que Freud acredita ainda não ser possível compreender o conteúdo sexual do ocorrido. Contudo, o atentado provocaria no paciente uma liberação sexual precoce, cujo significado ser-lhe-ia ignorado justamente porque, nessa época, ainda não se havia constituído a pulsão¹⁰⁰ sexual. Por essa razão, o registro de tal evento manter-se-ia associado a um circuito de representações inadequado, o circuito da pulsão da fome.¹⁰¹ Desse modo, a liberação sexual produzida a partir da vivência de sedução adquiriria, por assim dizer, uma representação psíquica provisória, até que a emergência da pulsão sexual viesse dotá-la de seu verdadeiro significado.

O segundo evento não precisaria ter uma conotação sexual. Contudo, por ocorrer após a emergência da puberdade - quando só então o paciente seria capaz de formar representações sexuais e, por conseguinte, compreender o

¹⁰⁰ Ver nota 107, p. 61, abaixo.

¹⁰¹ Idem.

seu significado -, ele dotaria de seu devido sentido a lembrança da primeira vivência. Sua rememoração faria com que a representação do atentado, devidamente compreendida, produzisse um aumento quantitativo no interior do aparelho psíquico que provocaria uma defesa primária no interior do eu.¹⁰² Essa reação consistiria na repressão da lembrança do atentado sexual e na conseqüente produção de um símbolo (sintoma) que viria ocupar o lugar da representação da sensação sexual precoce reprimida.

Parece particularmente curioso que Freud considerasse o caso Katharina "um caso típico"¹⁰³ justamente quando introduziria, na análise do mesmo, as modificações, acima referidas, acerca da noção de intencionalidade.

Para efeito do presente exame das formulações apresentadas no relato desse caso, lançaremos mão de noções que só aparecem em "*Entwurf*".¹⁰⁴ Tal recurso não pareceria de todo injustificado, considerando que esse escrito deveria constituir o capítulo teórico com o qual Freud gostaria de ter complementado "*Studien über Hysterie*".¹⁰⁵ Ademais, "*Entwurf*" aborda o mecanismo dos processos patológicos a partir de um caso clínico no qual são destacados aspectos igualmente apontados no caso Katharina.

Freud admite que, diferentemente dos demais casos apresentados em "*Studien*", o caso Katharina exibiria um

¹⁰² Ver nota 106, p. 61, abaixo.

¹⁰³ Caso Katharina, op. cit. GW, I, p. 194; SE, II, p. 133; ESB, II, p. 182.

¹⁰⁴ Esse texto é fundamental para a compreensão do desenvolvimento posterior da empresa freudiana e por esse motivo é de grande importância para este estudo. Um exame cuidadoso do mesmo pode ser encontrado em Gabbi Jr., Notas críticas sobre "*Entwurf einer Psychologie*", op. cit. (Ver nota 4, pp. 110-111 dessa publicação).

¹⁰⁵ Ver Gabbi Jr., Notas críticas sobre "*Entwurf einer Psychologie*", op. cit. (nota 4, pp. 110-111 dessa publicação).

mecanismo de repressão devido à ignorância. De acordo com a explicação fornecida em "Entwurf", o eu¹⁰⁶ não adotaria inicialmente nenhuma medida protetora em relação à representação da liberação sexual precoce vivida após o atentado. Em outros termos, ele ignoraria o verdadeiro significado de tal representação, uma vez que a mesma teria estabelecido uma ligação com as demais representações que comporiam o circuito da pulsão da fome.¹⁰⁷ Quando sua conotação fosse finalmente conferida pela pulsão sexual, o eu, então, seria, por assim dizer, pego de surpresa; ou seja, permitiria a irrupção da liberação sexual (inadmissível), de modo a se produzir uma elevação da quantidade e a subsequente sensação desprazível que, por sua vez, desencadearia o mecanismo da repressão.¹⁰⁸

Um exame atento da explicação proposta pela teoria da sedução permitiria entrever que a noção de intencionalidade

¹⁰⁶ O eu é uma organização no sistema Ψ , de extensão variável, mas que mantém uma ocupação constante da quantidade. "A forma de ação do eu consiste em inibir (*hemmen*) o processo alucinatório, em evitar que tanto no caso da repetição da vivência de satisfação como da vivência de dor o agente alucine, respectivamente, de forma positiva o objeto de desejo e de maneira negativa o objeto hostil" (Gabbi Jr., op. cit., nota 123, p. 139. [Ver também notas 119-122, pp. 138-139 dessa publicação]).

¹⁰⁷ Em "Entwurf", Freud utiliza o termo *Triebfelder* (mola pulsional) para designar o produto dos estímulos endógenos gerados pela necessidade da vida - fome e sexualidade - que, diferentemente da respiração, requerem modificações no mundo externo; ou seja, envolvem a intervenção de um outro agente que deverá realizar a ação específica. Nessa perspectiva, a primeira pulsão a ser constituída seria a pulsão da fome. Contudo, as bases do conceito de pulsão, de importância fundamental para a teoria psicanalítica, não parecem surgir a partir de reflexões sobre a função da fome na formação do psíquico. Na correspondência de Freud a Fliess - sobretudo nos rascunhos E e G, não datados, porém, certamente anteriores a "Entwurf" -, ele tece algumas considerações acerca da sexualidade. Nesses rascunhos, Freud parecia tentar, através de um esquema diagramático da sexualidade, propor um modelo explicativo para os quadros de neurastenia, neurose de angústia e melancolia. A respeito desta última, ele chega mesmo a apontar uma determinação sexual de um sintoma característico deste quadro, a anorexia: "perda de apetite: em termos sexuais, perda de libido" ("A Correspondência Completa". Op. cit., p.99).

¹⁰⁸ A repressão corresponderia, nos termos de "Entwurf", a um mecanismo automático de eliminação da quantidade geradora de desprazer.

pretendida por Freud nesse contexto - qual seja, uma intencionalidade sobre a qual o eu não desempenharia o papel de observador privilegiado -, já apresentaria sinais da contradição à qual nos referíamos na apresentação do tema de nosso trabalho.

Com efeito, se a conotação sexual da vivência de sedução só seria possível com a emergência da pulsão sexual por ocasião da puberdade, pareceria plausível supor que a pulsão constituísse o elemento responsável (a referência) pela atribuição do significado apropriado de uma representação. Nesse caso, o sentido seria dado pela referência (Gabbi Jr., 1994),¹⁰⁹ de tal maneira que à linguagem caberia tão-somente a função de nomear a representação da pulsão. Nessa perspectiva, a intencionalidade constituiria uma meta imposta pela pulsão através de seus representantes, de modo que, ao eu, caberia tão-somente o trabalho de torná-la atingível.

Essa concepção utilitarista da linguagem é apresentada ao final do relato do caso Elisabeth e associada à teoria darwinista, uma vez que, segundo a mesma, a linguagem teria surgido para expressar sensações,¹¹⁰ de modo a portar inicialmente um sentido literal que se teria, pouco a pouco, tornado metafórico. Com base na noção de 'mola pulsional' proposta em "Entwurf", poder-se-ia supor que as representações de sensações a serem nomeadas seriam aquelas

¹⁰⁹ O que equivaleria dizer que o processo primário antecederia o secundário.

¹¹⁰ "Todas essas sensações e inervações pertencem à 'expressão das emoções', que, como Darwin nos ensinou, consiste de desempenhos originariamente significativos e apropriados; em geral, elas podem ser tão fracas hoje que sua expressão lingüística nos aparece como uma transcrição figurativa, contudo, muito provavelmente, uma vez tudo foi dito literalmente" (Freud in Breuer, J. & Freud, S. "Studien". GW, I, p. 251; SE, II, p. 181; ESB, II, pp. 230-1.

provenientes do interior do corpo; mais precisamente, carências decorrentes da necessidade da vida: respiração, fome e sexualidade.

Contudo, no âmago dessa noção freudiana de intenção, formulada sob uma perspectiva fenomenista, haveria uma peculiaridade digna de nota: apesar de se constituir a partir de sensações corpóreas, a intenção requereria, como aspecto imprescindível para a configuração de sua meta, relações de comunicação e significação¹¹¹ obtidas através da intervenção do agente prestativo da ação específica. Nesse sentido, não pareceria arriscado supor que seria justamente a relação com o outro, mediada pelos atos de nomeação, que fixaria as intenções.

Ora, nesse caso, ao mesmo tempo em que a intencionalidade derivaria da meta imposta pela necessidade da vida, não poderia ser pensada unicamente como subproduto de (representações de) sensações corpóreas. Ou seja, no próprio processo de nomeação das sensações, poder-se-ia entrever o trabalho através do qual se garantiria que o significado de dada sensação fosse reconhecido sempre que ela retornasse. Nesse sentido, a linguagem não receberia apenas a função de nomear, mas de condicionar o próprio registro psíquico de tais sensações. Conseqüentemente, poder-se-ia pensar que o eu não desempenharia apenas o papel de tornar as metas pulsionais atingíveis, mas o de atribuir o próprio caráter intencional dos processos psíquicos.

¹¹¹ O próprio desejo, para se constituir enquanto tal, precisa da intervenção de um agente prestativo que realize a ação específica, a fim de rebaixar a tensão do aparelho psíquico imposta pelas necessidades da vida. Essa ação, conforme consta em "Entwurf" (op. cit., p. 32), constitui a fonte da comunicação e, posteriormente, de todos os motivos morais.

Em outras palavras, uma vez que o mecanicismo freudiano não comportaria o solipsismo característico das concepções dessa natureza, abriria a possibilidade para contradições quanto à origem do eu; ou, o que daria no mesmo, para a dificuldade de estabelecer, no plano psicológico (empírico), a anterioridade lógica do processo primário sobre o secundário. Essa dificuldade comprometeria a premissa fundamental da psicanálise, segundo a qual o inconsciente constituiria o fundamento de todos os processos psíquicos; ou seja, de que o processo secundário tão-somente garantiria a meta do processo primário mediante a operação de inibição da quantidade. Como consequência, a teoria freudiana, pensada como uma teoria dos atos irracionais, não pareceria capaz de manter a consistência da concepção de uma base não-racional da racionalidade.

De resto, no contexto da teoria da sedução, surgiria um outro problema, de caráter mais pontual, mas que também estaria relacionado ao estatuto *sui generis* da intencionalidade veiculada pela mesma. À medida que a histeria seria "consequência de um *choque sexual pré-sexual*",¹¹² reintroduzir-se-ia algo que Freud teria lutado para despojar-lhe de sua importância: o fator hereditário que, além de conferir aos histéricos uma susceptibilidade à liberação sexual precoce, retiraria de seus ombros a responsabilidade pelos seus sintomas.¹¹³

¹¹² "A Correspondência completa". Carta de 15/10/1895, Op. cit., p. 145.

¹¹³ Afinal, a representação sexual incompatível só adquire uma intensidade capaz de surpreender o eu e levá-lo a recorrer ao mecanismo da repressão porque o seu significado ficou vetado ao próprio paciente até a emergência da pulsão sexual, de modo a inviabilizar outras formas de liberação da quantidade envolvida (associação, reação motora apropriada).

Por um lado, essa suposição acabaria por enfraquecer a hipótese da histeria adquirida que Freud tentava demonstrar no relato dos casos Lucy e Elisabeth e que parecia representar a única oportunidade de fazer do método catártico um tratamento causal. Por outro lado, a intencionalidade emancipada da vontade do eu ainda estaria muito próxima de um processo fisiológico, o que tornaria um pouco forçado pensar a histeria como um distúrbio na esfera da ação.

O entrave da hereditariedade pareceria, portanto, levar Freud a retomar, no capítulo final de "*Studien*" - "*Zur Psychotherapie der Hysterie*"-,¹¹⁴ a posição que já constava em "*Vorläufige Mitteilung*", sob a influência das teses fisiológicas do co-autor do artigo: a suposição de que o método catártico "*não pode afetar as causas subjacentes da histeria*",¹¹⁵ não podendo impedir o aparecimento ulterior de novos sintomas. Ademais, teria igualmente contribuído para que as cartas de Freud a Fliess, após o envio de "*Entwurf*", viessem recheadas de modificações tanto em relação à teoria do aparelho psíquico veiculada no mesmo, quanto à teoria da sedução, até culminar no subsequente descrédito da última.

Apesar de devolver à hereditariedade seu papel principal na causação de distúrbios histéricos, a teoria da sedução teria trazido alguns avanços para a teoria freudiana. Através da mesma, ter-se-ia obtido o respaldo necessário à tese da etiologia sexual da histeria e, logo

¹¹⁴ Freud, S. (1895) *Zur Psychotherapie der Hysterie* ('A Psicoterapia da histeria'). in "*Studien*". GW, I, pp. 252-312; SE, II, pp. 255-305; ESB, II, pp. 311-363.

¹¹⁵ Ibid. GW, I, p. 260; SE, II, p. 261; ESB, II, p. 318.

em seguida, das outras afecções que, junto com esta, receberiam a denominação de neuroses de defesa (*"Abwehr-Neurosen"*).

Com efeito, ao sustentar a etiologia sexual das neuroses de defesa, a teoria da sedução pareceria permitir que se estabelecesse uma importante relação de comparação entre estas e o grupo de afecções reunidas sob a rubrica da neurastenia, da qual Freud destacaria um quadro distinto que receberia, por sua vez, a designação de neurose de angústia. O interesse de Freud pelas últimas dever-se-ia tanto à grande incidência das mesmas na clínica, quanto ao fato de exibirem com facilidade a implicação de fatores sexuais na formação dos quadros patológicos, corroborando assim a sua hipótese acerca da possibilidade da neurose adquirida. Ademais, seria possível encontrar uma grande semelhança entre os sintomas da neurose de angústia e os da histeria, de modo a se tornar necessário o estabelecimento de formas de diferenciação entre ambos os quadros de neurose.

A esse respeito, cumpre ressaltar que, em 1896, no artigo *"L'hérédité et l'etiologie des névroses"*,¹¹⁶ Freud anunciaria a tese, apresentada pouco antes a Fliess,¹¹⁷ acerca da determinação do quadro neurótico pelo período de ocorrência do fator etiológico específico (vivência de sedução).

A designação da neurastenia e da neurose de angústia sob o rótulo de neuroses atuais só ocorreria em 1898, no

¹¹⁶ Freud(1896) *"L'hérédité et l'etiologie des névroses"*. ("A hereditariedade e a etiologia das neuroses"). GW, I, pp. 405-422; SE, III, pp. 263-285; ESB, III, pp. 163-186.

¹¹⁷ Cf. "Rascunho K" de *"A Correspondência Completa"*, op. cit.,

artigo "*Die Sexualität in der Ätiologie der Neurosen*".¹¹⁸ De qualquer maneira, o artigo de 1896, acima referido, já veicularia a crença de que, enquanto ambas envolveriam disfunções na atividade sexual contemporânea do agente, decorrentes de práticas sexuais nocivas como a masturbação e o '*congressus interruptus*', as psiconeuroses remontariam a vivências sexuais ocorridas na infância.

Essa diferenciação, contudo, seria antecedida por uma importante forma de conceber a relação entre o somático e o psíquico, justamente a propósito do mecanismo da neurastenia e da neurose de angústia.¹¹⁹ É lícito que nos detenhamos sobre tal formulação, dado que ela parece conter o embrião da teoria pulsional, na qual estaria pressuposta uma teoria da representação.

pp. 163-171.

¹¹⁸ Freud (1898) "*Die Sexualität in der Ätiologie der Neurosen*" ("A sexualidade na etiologia das neuroses"). GW, I, p. 489-516; SE, III, pp. 263-285; ESB, III, pp. 287-312.

¹¹⁹ Cf. "A Correspondência completa", op. cit., pp. 78-83. Ver também Freud (1895[1894]) "*Über die Berechtigung von der Neurasthenie einen Bestimmten Symptomenkomplex als 'Angstneurose' Abzutrennen*" ("Sobre os critérios para destacar da neurastenia uma síndrome particular intitulada 'neurose de angústia']"). GW, I, pp. 313-342; SE, III, pp. 85-115; ESB, III, pp. 103-137.

CAPÍTULO III

A RELAÇÃO SOMÁTICO-PSÍQUICO: A NEUROSE DE ANGÚSTIA E A QUESTÃO DA IRREPRESENTABILIDADE

No manuscrito designado como o Rascunho E¹²⁰ da Correspondência a Fliess, Freud supõe a existência de duas formas de tensão com as quais o psiquismo teria de lidar em obediência ao princípio da constância: a tensão exógena, oriunda do mundo externo, da qual a psique se livraria mediante a ordem de uma reação motora apropriada; a tensão endógena, cujas fontes seriam as necessidades vitais do corpo: fome, sede, impulso sexual. "*Nesse caso, somente reações específicas têm serventia*".¹²¹

Nesse contexto, a tensão endógena seria pensada como algo que cresceria contínua ou alternadamente, mas que, para obter expressão psíquica, precisaria atingir um certo limiar a partir do qual seriam providenciadas, através de sua ligação com certos grupos de idéias, as devidas reações. Esse processo seria usado para explicar, através de um esquema de três tempos, o funcionamento da sexualidade, cujo impulso precisaria atingir um certo grau de tensão somática(I) suficiente para apresentar-se ao psiquismo como afeto sexual(II), para o qual uma relação sexual satisfatória constituiria a reação específica(III).

¹²⁰ "A correspondência completa". Op cit. pp. 78-83.

¹²¹ Ibid., p. 80.

Quando a sequência não fosse possível, originar-se-iam os vários distúrbios neuróticos, cuja especificidade dependeria, mais que da disposição herdada pelo indivíduo, do tipo de prática sexual nociva a que seria impelido a realizar em virtude das restrições sociais impostas particularmente à esfera da sexualidade.

No contexto desse rascunho, Freud ressalta a neurose de angústia enquanto decorrência de um aumento de tensão sexual, cuja ligação psíquica oferecida mostrar-se-ia insuficiente. Assim, *"a tensão física, não sendo psiquicamente ligada, transforma-se em - angústia"*.¹²² Como exemplo paradigmático da ocorrência de tal processo, são apontadas as consequências da prática reiterada do coito interrompido.

Ao tentar explicar por que a tensão sexual insuficientemente ligada à esfera psíquica transformar-se-ia justamente em angústia, Freud alega que a angústia seria também a sensação de acúmulo de outro estímulo endógeno - a respiração -, estímulo que não seria passível de representação psíquica. Supõe igualmente que seria possível considerar a angústia como o resultado do acúmulo de toda tensão física do organismo.

Curiosamente, contudo, ele não aponta a angústia como resultado possível do acúmulo de tensão da fome, eleito como modelo para descrição do processo de constituição do aparelho psíquico em *"Entwurf"*, provavelmente escrito no ano seguinte ao do referido rascunho. No contexto daquela obra, o destino dado ao acúmulo de tensão da fome seria a *'alteração interna'*, *"uma incitação para obter alívio na*

direção do caminho motor"¹²³ (expressão de emoções, gritos, inervação vascular). A alteração interna constituiria, portanto, um recurso automático através do qual o aparelho psíquico, debalde, tentaria livrar-se o mais rápido possível do acúmulo de tensão sentido como altamente desprazível.

A angústia, portanto, seria associada apenas aos estímulos da respiração e aos da sexualidade, apresentando uma característica comum àquele: uma condição primeira de irrepresentabilidade. Ora, este aspecto parece trazer consequências de grande importância para o que pretendemos examinar no presente estudo.

Com efeito, a respiração não figuraria entre o grupo de estímulos que requereriam uma modificação no mundo externo, realizada durante uma ação específica por intermédio de outro agente, sem o que não se obteria a cessação do acúmulo de tensão endógena geradora de desprazer. Ademais, a respiração seria, dentre os estímulos vitais, o único que não poderia sofrer grande acúmulo, pois ele conduziria fatalmente à morte do indivíduo.

A esse respeito, podemos assinalar duas importantes implicações. Em primeiro lugar, a condição de representabilidade pareceria justamente possibilitada por essa mediação do agente prestativo, cuja participação criaria, para usar o vocabulário de "*Entwurf*", um caminho preferencial através do qual a quantidade acumulada deveria passar a fim de obter uma eliminação duradoura e, assim, cessar temporariamente o acúmulo de tensão. Em outros

¹²² Idem, Ibidem.

¹²³ Freud(1895) "*Entwurf*", op. cit., p. 31.

termos, seria através da relação com o outro que, por sua vez, passaria pelos atos de nomeação, que se criaria a condição para a memória e, conseqüentemente, para a formação e recuperação de representações.

Em segundo lugar, podemos depreender algo que não seria explicitamente problematizado nesse e mesmo em qualquer outro momento da investigação freudiana, até onde sabemos: a respiração constituiria justamente o estímulo vital que estaria presente, em ordem inversa, no nascimento e na morte.

Anos mais tarde, quando for apresentar a sua nova teoria da angústia,¹²⁴ Freud discordará de Otto Rank a respeito de que o trauma do nascimento constituiria a vivência primordial de perda, em torno da qual estaria organizado todo o psiquismo. Ele contraporá o complexo de castração como desempenhando esse papel fundamental, alegando que o momento do nascimento não seria acompanhado de uma atividade representativa, não podendo, portanto, constituir propriamente uma vivência capaz de dotar de significado as demais situações de perda características da vida humana.

A castração, por sua vez, estaria, de acordo com a teoria psicanalítica, representada na vida individual em virtude de remeter a uma bagagem filogenética de todo ser humano. Por conseguinte, preencheria plenamente a condição de assumir o papel de conferir sentido a todas as vivências de perda; entre elas, tanto as anteriores ao Complexo de Édipo - perda do seio, das fezes -, quanto aquelas

¹²⁴ Cf. Freud(1926) "*Hemmung, Symptom und Angst*" ("Inibição, sintoma e angústia"). GW, XIV, pp. 111-205; SE, XX, pp. 75-172; ESB, XX, pp. 107-198.

situações que seriam em princípio irrepresentáveis: o nascimento e a morte.

Contudo, antes de subsumir a morte definitivamente à castração, Freud a elevaria, em "*Jenseits des Lustprinzips*", à condição de origem e meta da vida. Retornaremos a este ponto no último capítulo de nosso estudo.

À luz das observações contidas no rascunho E, depreender-se-ia, portanto, um tipo de relação entre as esferas somática e psíquica que nem sempre produziria resultantes passíveis de representação. A angústia, nesse momento, emergiria como o protótipo de um afeto que não poderia ser ab-reagido, ou seja, não poderia ser posto imediatamente em palavras. Quanto à neurose de angústia, Freud¹²⁵ admitiria não ser possível tratá-la por meio da terapia catártica, apesar de todas as alterações por ele introduzidas nesse procedimento. Somente quando ocorresse uma vinculação posterior do afeto da angústia com alguma representação, é que se disporia de uma representação afetiva - por exemplo, uma idéia obsessiva -, agora passível de ser ab-reagida.

Não é novidade que a noção de angústia, tal como é postulada por Freud, constitui um dos pilares de sua teoria das neuroses, pois ela não estará presente apenas no quadro das neuroses atuais como a neurose de angústia; com efeito, nos primeiros escritos de Freud acerca do assunto,¹²⁶ a angústia é considerada a base somática da histeria e,

¹²⁵ Cf. Freud *Zur Psychotherapie der Hysterie* ('A psicoterapia da histeria') in "*Studien*". GW, I, pp. 252-312; SE, II, pp. 253-305; ESB, II, pp.311-367.

posteriormente, das demais psiconeuroses. Desse modo, os casos clínicos destes distúrbios configurariam, na verdade, quadros mistos, nos quais somente a afecção psiconeurótica seria passível de ser analisada. Tal suposição implicaria que em todo quadro dessa natureza permaneceriam resíduos sintomáticos irremovíveis.

Nos escritos posteriores, tanto a neurastenia como a neurose de angústia serão raramente mencionadas. Contudo, em um artigo de 1912 intitulado "*Zur Onanie-Diskussion*",¹²⁷ Freud reitera sua posição inicial acerca do tema. A angústia, portanto, assume progressivamente o papel de substrato afetivo de todas as psiconeuroses, de maneira que as várias modalidades desses transtornos - obsessões, fobias e também a histeria - constituiriam diferentes "destinos" da mesma, isto é, diferentes formas de lidar psiquicamente com um afeto que, em um primeiro momento, havia sido impedido de representação na esfera psíquica.

Esses aspectos, nem sempre articulados na obra freudiana, trariam implicações de grande importância para a compreensão daquilo que pretendemos examinar no presente estudo. Mais precisamente, as primeiras formulações sobre a angústia sugeririam a presença de um elemento denotativo (referencial), mas não lingüístico no sintoma, o que acabaria por imputar aos processos psíquicos em geral um substrato, ou melhor, um resíduo não passível de representação.

¹²⁶ Em 1926, Freud reformula sua teoria da angústia, mas mantém a explicação fornecida inicialmente para a dinâmica deste afeto nos quadros de neurose atual.

¹²⁷ Freud(1912) *Zur Onanie-Diskussion* ("Contribuições a um debate sobre a masturbação"). GW, VIII, pp. 332-345; SE, XII, pp. 243-254; ESB, XII, pp. 307-319.

Essa consequência, em última análise, confrontar-se-ia com a concepção, amplamente difundida, segundo a qual a pulsão de morte viria pôr em xeque o racionalismo característico do pensamento freudiano, seja porque implicaria um mergulho no terreno da pura especulação, seja porque introduziria no procedimento psicanalítico um limite à possibilidade de fazer remontar o irracional a um conteúdo racional.

Ora, a partir da noção de que o núcleo da neurose - a angústia - seria um elemento irrepresentável, talvez não fosse de todo injustificado supor a presença de um material dessa natureza desde as formulações pré-psicanalíticas. Nesse caso, não pareceria mais tão evidente que a pulsão de morte envolveria o tipo de ruptura alegada, uma vez que o problema da irrepresentabilidade no interior de uma teoria psicológica baseada fundamentalmente sobre a noção de representação já pareceria impor-se desde esse período.

À luz do exame do caso Katharina e do Rascunho E, poder-se-ia supor que o problema da irrepresentabilidade seria intrínseco a uma teoria psicológica que pretendesse retirar o eu do controle da vontade, mas que, para tanto, tivesse que assentar a intencionalidade sobre processos biológicos - o que acabaria por enfraquecer seu próprio estatuto.

Conforme vimos salientando desde o início do presente estudo, se a inclusão do outro nesse modelo explicativo garantiria, por um lado, a representabilidade e a intencionalidade dos processos psíquicos, promoveria, por outro lado, o embaraçamento dos próprios processos propostos para descrever as formas de funcionamento mental.

Nesse sentido, a dificuldade, que já se colocaria desde os primórdios da metapsicologia de modo a ser apenas exacerbada com a introdução da pulsão de morte, consistiria em responder que tipo de racionalidade estaria suposto numa teoria que concebe a intencionalidade nos moldes propostos por Freud, quais sejam, em termos de um mecanicismo não-solipsista.

Voltando aos quadros de angústia, encontrar-se-iam, conforme mencionado acima, sintomas de dispnéia e palpitações simples que, além de envolverem acúmulo da tensão de respiração, constituiriam também as vias de inervação da tensão sexual física, "*mesmo quando está em vias de ser psiquicamente elaborada*".¹²⁸ Embora no coito essas vias de inervação (da respiração) sejam complementares, na neurose de angústia servem como as "*únicas válvulas de escape da excitação*".¹²⁹

Configurar-se-ia, nesse sentido, um processo de conversão na neurose de angústia, tornando-a semelhante à histeria. Nesta, contudo, seria uma excitação psíquica - uma representação afetiva - que seguiria o caminho errado da inervação somática. De todo modo, considerando a suposição freudiana de que a angústia estaria na base de todas as neuroses, de maneira que os quadros clínicos de tais distúrbios envolveriam invariavelmente quadros mistos, voltamos àquilo que já havíamos suposto acima: à tese de que a irrepresentabilidade, bem como a irreduzibilidade da irracionalidade não constituiriam problemas propriamente introduzidos pela pulsão de morte; pois que esses problemas

¹²⁸ "Correspondência a Fliess", op. cit., p. 82.

¹²⁹ Ibid.

estariam presentes desde as formulações iniciais de Freud, de modo a apenas chegarem a uma espécie de encurralamento com a introdução dessa noção. Cumpre, portanto, examinar, ao longo da presente investigação, como a teoria freudiana articularia sua teoria da representação com uma concepção *sui generis* de intencionalidade e que tipo de racionalidade ela viria propor.

Do exame realizado até o presente momento, podemos depreender que as descrições dos processos psíquicos fornecidas pela teoria da sedução - à luz da qual o caso Katharina constituiria um caso típico -, viriam ratificar a forte inclinação freudiana a construir sua teoria a partir de uma orientação naturalista. Esse empreendimento teórico assumiria sua primeira versão em "*Entwurf einer Psychologie*", publicado apenas postumamente. Dada a sua grande importância para o entendimento das pretensões alimentadas por Freud nos primórdios de suas formulações (sem falar na sua influência sobre os modelos metapsicológicos ulteriores), fomos, por assim dizer, obrigados a antecipar algumas de suas teses. No exame que se segue acerca do capítulo final de "*Studien*", a alusão a certos aspectos contidos naquela obra mostrar-se-ia igualmente inevitável, uma vez que, tendo sido escritos no mesmo ano, ambos pareceriam constituir tentativas de cobrir o mesmo campo empírico.

CAPÍTULO IV

'A PSICOTERAPIA DA HISTERIA': PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES DE UMA ARQUITETURA DA MENTE

"Zur Psychotherapie der Hysterie" promove uma importante modificação em relação à concepção do material psíquico inconsciente. No contexto da "Vorläufige Mitteilung", esse material era considerado um *corpo estranho*,¹³⁰ o que implicava uma total alienação do mesmo em relação à consciência. Conseqüentemente, favorecia-se, com a crença nessa alienação, a noção de uma descontinuidade entre os quadros normais e patológicos. À luz da suposição freudiana da intervenção de um ato de vontade no processo de dissociação da consciência - explorada na análise dos casos Lucy e Elisabeth -, o material que se tornaria inconsciente passaria a ser considerado um infiltrado, de modo a não ser mais possível estabelecer uma demarcação nítida entre o inconsciente e o consciente.¹³¹

A operação teórica - de fundamental importância para o nascimento da psicanálise - que atribuiria à consciência o *status* de uma ínfima porção dos processos psíquicos, em sua maioria inconscientes, só seria viabilizada, contudo, através da análise do caso Katharina, sendo finalmente

¹³⁰ A mesma concepção é mantida por Breuer em seu capítulo teórico constante dessa obra. (Cf. Breuer, J. "Theoretischen" ['Considerações Teóricas'], op. cit. SE, II, p. 221; ESB, II, p. 276).

consumada em "*Entwurf*". Uma vez que neste último seriam privilegiados os aspectos quantitativos do funcionamento psíquico, tornar-se-ia particularmente difícil descrever os processos conscientes, pensados justamente como aqueles que seriam os responsáveis pela atribuição das qualidades.

Ademais, no contexto desse escrito, Freud não conseguiria estabelecer, a partir da suposição de uma quantidade de natureza interna e outra externa, a relação que já havia detectado em "*Studien*" entre desejo e repressão.

As formulações sobre o funcionamento dos processos psíquicos veiculadas em "*Zur Psychotherapie der Hysterie*" também carregariam uma espécie de ambigüidade quanto à concepção de intencionalidade: se, de um lado, essa noção já apresentaria elementos de um automatismo (caso Katharina), manteria, de outro lado, traços de um processo subjetivo, no qual estaria envolvido um ato de vontade por parte do eu (casos Lucy e Elisabeth), pensado como parte da consciência.

A noção de resistência pareceria ilustrativa dessa ambigüidade. Com efeito, ela permitiria entrever, de um lado, o componente quantitativo¹³² suposto no fenômeno clínico correspondente, à medida que Freud o define como uma força que se opõe a que as representações patogênicas

¹³¹ Desse modo, Freud aproximar-se-ia de uma perspectiva continuísta no que tange as relações entre normal e patológico.

¹³² "Não se deve esquecer, contudo, que se trata sempre aqui de uma questão de comparação quantitativa, de uma luta entre as forças motivadoras de diferentes graus de vigor ou intensidade" ("*Zur Psychotherapie der Hysterie*" ['A psicoterapia da Histeria']. in "*Studien*". GW, I, p. 270; SE, II, p. 270; ESB, II, p. 326). Ora, essa espécie de "alerta" para o aspecto quantitativo dos processos psíquicos parece incompatível com a explicação que atribui a repressão a um ato de vontade por parte do eu - um processo em princípio consciente.

se tornem conscientes.¹³³ Por outro lado, contudo, essa definição estaria apoiada sobre o pressuposto de que os pacientes "sabiam tudo que fosse de qualquer significado patogênico e que se tratava apenas de uma questão de obrigá-los a comunicá-los".¹³⁴

A respeito da resistência, Freud supõe que a força empregada pelo paciente a fim de se opor tratamento, que se manifestaria inicialmente através da impossibilidade de submeter-se à hipnose, seria diretamente proporcional à força com que foi, por um ato de vontade, repelida a representação incompatível com o eu. Desse modo, ele ressaltaria o "não querer saber"¹³⁵ como desencadeador da repressão.

A ambigüidade presente na noção de resistência transpareceria, portanto, na suposição de que, para vencê-la, bastaria obrigar o paciente a comunicar a representação incompatível,¹³⁶ ao mesmo tempo em que se atenta para o seu aspecto quantitativo,¹³⁷ possivelmente relacionado a seu caráter compulsivo.

¹³³ Zur Psychotherapie der Hysterie ('A psicoterapia da histeria'). "Studien". GW, I, p. 268; SE, II, p. 268; ESB, II, p. 325.

¹³⁴ "Studien". GW, I, p. 168; SE, II, p. 110; ESB, II, p. 157.

¹³⁵ "Assim, uma força psíquica, aversão por parte do eu, originalmente impelira a representação patogênica para fora da associação e agora se opunha ao seu retorno à memória. O 'não saber' do paciente histérico era na verdade um 'não querer saber' - um não querer que podia, em maior ou menor medida, ser consciente" (Freud, S. Zur Psychotherapie der Hysterie ('A psicoterapia da Histeria')). "Studien". GW, I, p. 269; SE, II, pp. 269-270; ESB, II, p. 326).

¹³⁶ Essa suposição implica que o paciente teria um acesso relativamente fácil à representação incompatível, de modo a ser capaz de estabelecer algum tipo de relação entre seu sintoma e o conflito. Tudo o que o paciente não parece querer é admitir essa relação, donde a oposição ao tratamento. Em outras palavras, pressupõe-se nesse caso um conhecimento privilegiado na primeira pessoa.

¹³⁷ Dado que nesse último capítulo de "Studien" Freud se refere à hipótese de "uma relação quantitativa entre causa e efeito no campo psíquico" (Ibid. GW, I, p. 288; ESB, II, p. 285; ESB, II, p. 341) como uma espécie de exigência

A resistência atingiria expressão máxima na transferência, outra noção de fundamental importância para o método psicanalítico, formulada a partir da constatação de que o paciente passaria a nutrir pela pessoa do médico sentimentos dirigidos e propriamente cabíveis a figuras marcantes de sua história particular, sendo igualmente incapaz de suspeitar dessa espécie de "engodo" armado pelo material inconsciente. A esse respeito, Freud refere-se à formação de uma "*mésalliance*", decorrente de uma compulsão a associar ("*Assoziationszwang*"), mostrando o quanto é curioso que o paciente seja enganado a cada vez que a transferência se repete.

Cumprе ressaltar que Freud aborda a particular importância assumida no tratamento catártico pela relação médico-paciente justamente quando explora a noção de que o inconsciente se constituiria como um derivado da consciência. Com efeito, esse aspecto não é considerado à luz da explicação proposta para o caso Katharina, em que Freud atribui o desconhecimento da representação reprimida por parte da paciente a uma impossibilidade criada pelas características conferidas à sexualidade. Nesses casos, a repressão não seria mais suposta como um ato de vontade, passando a constituir o resultado de uma operação automática - a irrupção de um processo primário no interior do eu.

teórica na qual insiste, não pareceria demasiado supor que a consideração de um aspecto de natureza quantitativa apontado na resistência implicaria um tipo de descrição desse processo em termos que, inevitavelmente, excluiriam a possibilidade de um conhecimento privilegiado na primeira pessoa (Com efeito, a descrição em termos de quantidades circulantes no aparelho psíquico permite o emprego da terceira pessoa).

Em outras palavras, tudo se passa como se os processos psíquicos se comportassem como os processos fisiológicos, ou seja, como mecanismos que ocorreriam à revelia da consciência.¹³⁸ O problema, contudo, pareceria, tal como mencionamos acima, garantir o estatuto psicológico desses processos sem incorrer em contradições teóricas estruturais.

Face a essa verdadeira mudança de paradigma identificada a partir da análise do caso Katharina, a explicação fornecida para a ação da resistência no contexto das análises dos casos Lucy e Elisabeth não pareceria valer para o automatismo suposto naquele processo de repressão. Com efeito, como seria a explicação do mecanismo da resistência em um caso como o de Katharina, em que o paciente não teria conhecimento anterior daquilo que seria reprimido, ou, em outros termos, no qual não seria possível um conhecimento privilegiado na primeira pessoa? Esta indagação remeteria novamente à ambigüidade a que nos referíamos há pouco e que, por sua vez, pareceria refletir-se sobre a própria articulação entre uma concepção que excluiria a possibilidade de um conhecimento privilegiado na primeira pessoa, ao mesmo tempo em que se manteria presa à imprescindibilidade do eu enquanto responsável pela operação de síntese viabilizadora do auto-conhecimento.¹³⁹

¹³⁸ Com efeito, o caso Katharina exibiria aquilo que seria teoricamente explicado em "Entwurf": a tese segundo a qual o eu seria suposto como uma organização que faria parte do sistema de memória, desprovido de qualidade. A consciência, por sua vez, seria suposta como o sistema de neurônios 'ø' que conferiria às representações atributos de qualidade, destituída, contudo, da propriedade de memória. Logo, supor alguma superposição entre eu e consciência tornar-se-ia teoricamente injustificado à luz desse modelo.

¹³⁹ Tentaremos mostrar, no nosso último capítulo, que essa tensão reapareceria na segunda tópica do aparelho psíquico, formulada justamente para abrigar o conceito de pulsão de morte (Cf. "Das Ich und das Es"[1923]).

De tais conjecturas ambíguas, Freud depreenderia, no contexto de "*Zur Psychotherapie der Hysterie*", algo de importância capital para a viabilidade de uma clínica das psiconeuroses: a idéia de que o tratamento consistiria em um movimento invertido em relação ao mecanismo da resistência. Desse modo, se seria através de uma espécie de truque que o material inconsciente permaneceria inacessível - dissimulado tanto pela recalcitrância à hipnose, quanto pela transferência -, seria também a partir de um truque que o médico deveria vencer a resistência.

A técnica da pressão sobre a testa, utilizada como alternativa à hipnose, passaria a desempenhar justamente esse papel de truque, uma vez que deveria fazer com que a vigilante atenção do eu (do paciente) se concentrasse sobre a pressão e, desse modo, enfraquecesse sua oposição à emergência da representação incompatível. Por meio de tal recurso, Freud tentaria trazer à tona, através da fala, o material reprimido. Nessa perspectiva, o ardil da técnica freudiana consistiria em tentar "imitar" o processo que ocorreria no sono e na hipnose.

"*Zur Psychotherapie der Hysterie*" apresentaria também um modelo segundo o qual o material psíquico reprimido encontrar-se-ia organizado como uma "*estrutura em várias dimensões, que é estratificada em pelo menos três formas*

Nesse contexto tardio, em que a mente seria pensada em termos de uma estrutura tripartite, Freud supõe um eu que, ao mesmo tempo em que seria definido como um escravo que serve a três diferentes senhores - o Isso, o Supereu e a realidade - (GW, XIII, p. 286; SE, XIX, p. 56; ESB, XIX, p. 72), seria suposto, na esfera da ação, como uma espécie de "monarca constitucional, sem cuja sanção nenhuma lei pode ser aprovada, mas que hesita longo tempo antes de impor seu veto a qualquer medida apresentada pelo parlamento" (Idem, Ibidem).

diferentes".¹⁴⁰ Cada dimensão seria constituída de grupos de representações organizados por temas.¹⁴¹ Tais grupos, por sua vez, formariam camadas concêntricas e construiriam redes intrincadas abrigando um núcleo onde estariam as representações patogênicas.

A partir desse modelo, pareceria possível supor que tudo o que fosse dito no tratamento estaria relacionado direta ou indiretamente ao sintoma e, portanto, ao núcleo no qual se encontraria a lembrança patogênica. Caberia, pois, um trabalho conjunto -envolvendo médico e paciente - no intuito de vencer a resistência imposta no sentido periferia-núcleo e alcançar a representação reprimida, dissolvendo, desse modo, o sintoma. Esse procedimento demandaria um período indeterminado de tempo, dado que implicaria em perseguir o fio lógico (*logisch Faden*) que ligaria a trilha de representações situadas na periferia do psiquismo até atingir o núcleo. Uma interrupção nesse encadeamento lógico significaria uma manobra da resistência, de modo a obrigar médico e paciente a recorrerem a outro grupo de associações, até que todas as possibilidades fossem esgotadas.¹⁴²

¹⁴⁰ Op. cit. GW, I, p. 291; SE, II, p.288; ESB, II, p. 345.

¹⁴¹ Supor que o material reprimido obedeceria a uma organização parece implicar a ação de uma "inteligência" inconsciente, o que reforçaria a tese de que a irracionalidade atribuída ao sintoma seria apenas aparente. Contudo, tal suposição tornar-se-ia suscetível à crítica (cujo representante principal seria Sartre) segundo a qual o inconsciente constituiria uma espécie de segunda consciência; uma entidade dotada de propriedades lógicas análogas à própria consciência, o que tornaria sem sentido a divisão proposta. De todo modo, esse modelo parece implicar uma descrição tópica, isto é, uma certa concepção de espaço psíquico.

¹⁴² Note-se que a referência ao fio lógico que ligaria, mesmo com interrupções, a periferia ao núcleo da estrutura psíquica seria ilustrativa da convicção freudiana acerca do caráter racional das representações inconscientes (isto é, do material submetido à repressão). Com efeito, Freud deixa explícito que não estaria na subscrição da histeria desfazer as leis que regem o encadeamento lógico característico do pensamento atribuído aos

Apesar da referida ambigüidade presente na maneira como seria concebida a repressão - ora como decorrência de um ato de vontade consciente, ora como um automatismo -, as formulações acerca do material inconsciente pareceriam novamente privilegiar apenas a primeira concepção, uma vez que ele seria considerado como um conteúdo que seria afastado da consciência.¹⁴³ De todo modo, Freud atribui em "*Zur Psychotherapie der Hysterie*" duas importantes características à noção de inconsciente que se manterão nas formulações ulteriores, pelo menos até a introdução da pulsão de morte: a compulsividade e a aparência de contrasenso.

A tarefa imposta a Freud seria, portanto, a de fornecer uma teoria capaz de fundamentar a introdução desses processos compulsivos, até então considerados não-rationais, no registro da racionalidade/irracionalidade.¹⁴⁴ Nesse caso, a clínica funcionaria como o campo a partir do

normais (Cf. GW, I, p. 298; SE, II, p. 293; ESB, II, p. 351). Nesse caso, o que conferiria ao discurso histérico um caráter irracional decorrente de representações particularmente intensas seria, de acordo com a teoria, a formação de falsas ligações. Tais ligações esconderiam os verdadeiros motivos do aumento de intensidade no psiquismo - estes, diferentemente dos sintomas, seriam facilmente compreensíveis para o próprio paciente, bem como para o julgamento público. Uma vez que os mesmos envolveriam representações incompatíveis, portanto inaceitáveis à consciência, o psiquismo histérico retomaria automaticamente formas primitivas de significação características de uma linguagem de sentido literal; ou seja, de uma linguagem vinculada à nomeação de sensações corpóreas.

¹⁴³ A segunda concepção - repressão como mecanismo automático - só passaria a constituir a forma por excelência da operação repressiva em "*Entwurf*", quando o inconsciente deixaria de ser considerado apenas uma porção afastada da consciência, passando a ser pensado como a condição primordial de todos os processos psíquicos.

¹⁴⁴ Conforme mencionado na introdução do presente estudo, a empresa freudiana realizaria o seguinte movimento: em primeiro lugar, trataria de mostrar que o não-rationais (pensado como um processo fisiológico) - o sintoma psiconeurótico - consistiria antes em um processo irracional; em seguida, mostraria que o irracional ocultaria um processo racional, resgatável mediante análise. Nessa perspectiva, o contrasenso apontado no sintoma - que conferiria ao mesmo o caráter de irracionalidade - seria apenas aparente, podendo ser desfeito no tratamento psicanalítico.

qual se obteriam os elementos empíricos indispensáveis para uma formulação teórica nos moldes de uma concepção empírico-naturalista. O método terapêutico teria o valor de um instrumento capaz de promover evidências - favoráveis ou não - para a teoria.

Por conseguinte, no contexto de "*Zur Psychotherapie der Hysterie*", o tratamento proposto consistiria em desfazer o caráter compulsivo da representação patogênica, através de um processo de reintegração da mesma à organização psíquica da qual havia sido afastada: o eu. Este, de posse das representações que teriam configurado o conflito - desencadeando a repressão e o conseqüente aparecimento do sintoma -, seria então capaz de submetê-las às suas regras de mediação e, desse modo, *escolher*¹⁴⁵ a atitude a ser tomada segundo seu melhor julgamento.

De resto, cumpre ressaltar o modo como Freud posicionar-se-ia a respeito do papel do trabalho terapêutico por ele proposto em "*Zur Psychotherapie der Hysterie*". No parágrafo final desse capítulo de "*Studien*",

¹⁴⁵ O processo de escolha poderia ser descrito, à luz das formulações de "*Entwurf*", nos seguintes termos: o eu, enquanto uma rede de representações de tamanho variável, mas de ocupação constante, disporia do recurso - inexistente nos processos primários - de submeter determinado caminho de descarga (*Entladung*), formado por um grupo de representações, à comparação com vários outros caminhos. Desse modo, desfrutaria da possibilidade de avaliar qual, dentre os vários caminhos, pareceria o mais adequado, o mais eficiente (menos dispendioso) de acordo com as condições impostas pelo mundo externo em diferentes ocasiões. O processo primário caracterizar-se-ia justamente pela falta de tal flexibilidade; melhor dizendo, impor-se-ia uma espécie de rigidez que conduziria repetidamente o curso da quantidade para a mesma direção (no contexto de "*Entwurf*", os caminhos de eliminação (*Abfuhr*) dos processos primários seriam aqueles fixados pelas duas vivências fundamentais: a de dor e a de satisfação). Note-se que, quando a quantidade circula de forma ligada (nos processos secundários), tem-se a possibilidade de *escolha*; quando ela circula de forma livre, o que se tem é a imposição da mesma representação (ou grupo de representações) à consciência, independente da ocasião. Essa imposição, infinitas vezes repetida, constituiria a essência da compulsão, sob cujo domínio se encontraria o neurótico.

o fundador da psicanálise parece deixar claro que o objetivo do tratamento não seria propriamente alterar as difíceis provações impostas pelo destino (*Schicksale*). Antes, tratar-se-ia tão-somente de proporcionar condições psíquicas ao paciente para que este pudesse estar melhor armado contra a infelicidade comum (*gemeines Unglück*) à vida.¹⁴⁶ Essa espécie de advertência, para além de uma maneira um tanto prosaica de se conceber a vida, permitiria entrever que, nesse período de suas formulações, Freud pareceria atribuir à morte um caráter exterior aos processos mentais, estando incluída no rol dessa 'infelicidade comum à vida' tramada pelo destino.

¹⁴⁶ "Zur Psychotherapie der Hysterie". GW, I, p. 312; SE, II, p. 305 ESB, II, p.363.

CAPÍTULO V

PROJETO DE UMA PSICOLOGIA¹⁴⁷

5.1. CONSIDERAÇÕES GERAIS

A julgar pela reiterada alusão e utilização que vínhamos fazendo das teses de "*Entwurf einer Psychologie*" mesmo antes de submetê-las a exame, parece legítimo atribuir a essa obra uma importância capital para o entendimento de toda a empresa conceitual e clínica de Freud. Com efeito, sua tentativa de fornecer uma psicologia nos moldes das ciências naturais conteria a essência daquilo que seu autor almejava construir a partir da posição marcada nos escritos anteriores e cujas contradições poderiam ser pensadas como os desencadeadores das sucessivas reformulações por que a metapsicologia teria passado até a introdução da pulsão de morte.

Ademais, "*Entwurf*" consiste na primeira sistematização das formulações freudianas sobre a estrutura e o funcionamento da mente, além de constituir sua única tentativa de esboçar uma arquitetura do psiquismo em que procura fundamentar os processos mentais normais. Embora Freud nunca a tenha publicado, o reflexo de seus principais

¹⁴⁷ O exame que se segue baseia-se no minucioso trabalho de decodificação de cada uma das teses desse escrito freudiano, realizado por Gabbi Jr. (op. cit.), para o qual remetemos o leitor que deseje obter um conhecimento mais aprofundado da obra.

enunciados¹⁴⁸ sobre os trabalhos metapsicológicos ulteriores seriam suficientes para tornar o exame de algumas de suas teses uma espécie de parada obrigatória no percurso que o presente estudo propõe realizar.

Cumpre salientar que nosso interesse concentra-se sobre a noção de intencionalidade veiculada nessa obra, de acordo com a qual o caso Katharina constituiria um exemplo paradigmático. Conforme dizíamos no capítulo anterior, o modo encontrado por Freud para fundamentar a tese de que a intencionalidade não poderia mais ser identificada a um ato de vontade por parte da consciência teria sido a formulação de uma teoria da mente na qual os processos psíquicos fossem descritos à luz dos modelos mecânico e biológico;¹⁴⁹ isto é, em termos de quantidade e neurônio. Admitindo que a mente funcionaria como uma máquina, a intencionalidade, assim como todos os processos mentais, seria pensada como um automatismo, ou seja, como produto de operações mecânicas.

Nesse contexto, a consciência não coincidiria com a organização que Freud denomina de eu. Antes, constituiria uma ínfima porção das operações psíquicas, suposta como um dispositivo com duas funções básicas: emitir sinais que deverão informar o eu quando se estiver diante de uma

¹⁴⁸ Como a distinção entre os processos psíquicos primário e secundário (mantida ao longo de toda a metapsicologia, apesar das contradições que pareceria engendrar); a formulação do princípio da constância (que coincide em muitos aspectos com o princípio da realidade, proposto posteriormente, bem como com o princípio do prazer, tal como figura no início de *Jenseits des Lustprinzips*); a crença de que a percepção é mediada pela memória; a tese de que o pensamento visa realizar desejo; a noção de pulsão como motor dos processos mentais.

¹⁴⁹ Ver nota nº 82, acima.

percepção ou de uma representação;¹⁵⁰ receber os sinais referentes à série prazer-desprazer. Em vista de sua função, seria destituída de memória.¹⁵¹

Nessa perspectiva, a consciência, que nas explicações mentalistas tradicionais constituiria o elemento inalienável do mental, parece ser suposta, em princípio, como uma espécie de produto de uma relação necessária entre a mente e o mundo externo, mas que, no âmbito dos processos internos, dever-se-ia manter em uma posição periférica e não nuclear.

O curso da produção anterior de Freud permite entrever que esta deveria ser a principal tese de "*Entwurf*", em defesa da qual toda a intrincada rede de enunciados presentes na obra deveria ser formulada. Contudo, de acordo com o que vimos antecipando nas páginas anteriores, essa tese requereria uma suposição que, ao mesmo tempo, pareceria inviabilizá-la. Com o recurso a essa suposição, Freud criaria, ao nosso ver, um núcleo de contradição da qual tentaria escapar ao longo de suas várias reformulações metapsicológicas. Estas, no entanto, pareceriam tão-somente acumulá-las até se chegar a uma espécie de ápice com a

150 Essa diferenciação entre percepção e representação é da maior importância para todo o funcionamento do aparelho psíquico, uma vez que é através dela que se obtém a informação sobre a presença do objeto de desejo no mundo externo, evitando desgaste com processos alucinatórios (característicos do funcionamento primitivo do psiquismo). Contudo, tal diferenciação parece ser algo que Freud não consegue explicar à luz dos modelos que utiliza nesse contexto. A consciência, dependendo da quantidade que ocupe o interior do aparelho, pode confundir uma representação com uma percepção e levar o eu a dar início a um processo de eliminação que não resultará em prazer.

151 No esquema de "*Entwurf*", memória e consciência se excluem. O sistema de neurônios onde é armazenada a memória (sistema ψ) não tem a propriedade de registrar qualidades (característica da consciência). Por outro lado, o sistema de neurônios responsáveis pela consciência (sistema ω , que fornece os sinais de qualidade) são destituídos da capacidade de memória.

noção de pulsão de morte. Conforme tentaremos mostrar neste capítulo, a tese em questão emergiria das condições da relação entre interno e externo na constituição dos processos mentais.¹⁵²

Com efeito, parece possível depreender, do exame de "*Entwurf*", que a condição para se atribuir um caráter psíquico aos processos internos - de modo a se garantir a opacidade do agente em relação ao conhecimento de si mesmo - seria criada somente a partir de uma relação com o mundo externo. Nesta, estaria incluída a relação com um outro, dotado, por sua vez, da capacidade de nomeação.¹⁵³

Em outras palavras, a mediação do outro elevar-se-ia em "*Entwurf*" como a condição para a constituição da intencionalidade e, por conseguinte, para a própria formação do registro mental. Com essa suposição, Freud tentaria desvincular a intencionalidade da consciência, de modo a atribuir a esta última um papel secundário na vida psíquica. Desse modo, a obra tentaria garantir que a

¹⁵² Para Kimmerle, a relação interno/externo configuraria possivelmente a oposição fundamental da psicanálise, a partir da qual Freud conceberia o organismo lutando contra um meio hostil, a fim de obter autonomia interna (Cf. Kimmerle, G. (1988) "*Verneinung und Wiederkehr*". Op. cit., pp. 95-96).

¹⁵³ Pode-se depreender a influência do naturalismo e do nominalismo de Stuart Mill sobre a teoria do aparelho psíquico proposta por Freud em "*Entwurf*". Para Mill, o mundo seria constituído de possibilidades permanentes de sensação; as sensações seriam fugazes e o corpo seria a causa desconhecida de nossas sensações, enquanto a mente o recipiente desconhecido das mesmas (cf. Mill, J.S. '*Sistema de Lógica*' e '*Um exame da filosofia de Sir William Hamilton*'. in "*Os Pensadores*" (trechos selecionados). Tradução de Pablo Mariconda e Marcos Coelho. São Paulo, Abril Cultural, 1974, Vol. XXXIV). Nessa perspectiva, o que torna possível fixar as sensações e por conseguinte viabilizar o conhecimento são os nomes. No modelo do psiquismo apresentado em "*Entwurf*", o mental parece constituir-se a partir da representação de sensações corpóreas, envolvidas, por sua vez, nas vivências de dor e satisfação. Esse material representado seria em princípio inconsciente, de modo que o que tornaria possível a consciência - e portanto o conhecimento - de processos como o pensamento seriam os signos linguísticos. Tal como em Mill, o conhecimento para Freud seria sempre a *posteriori*.

consciência dos processos internos fosse pensada como um dado *a posteriori* e não imediato, distanciando-se, portanto, das teses de correntes filosóficas que atribuem à mesma o papel de sede dos eventos mentais.

Contudo, além de "*Entwurf*" fracassar na descrição da consciência em termos de quantidade e neurônio, uma vez que a ela caberia dotar os processos mentais de aspectos qualitativos, a própria concepção de uma intervenção externa como condicionante do interno imputaria ao empreendimento uma contradição de grandes proporções: uma vez que a referida intervenção externa pressupõe a mediação da linguagem, ter-se-ia uma anterioridade - leia-se prioridade - dos processos lógicos, característicos da consciência, sobre os processos inconscientes, pensados inicialmente como os verdadeiros condicionantes dos processos psíquicos.

O problema da consciência, conforme tentaremos mostrar, detonaria modificações no interior do esquema proposto por "*Entwurf*", a partir do que o caráter inicial da obra pareceria desvirtuar-se. Além dos modelos mecânico e biológico, Freud seria, por assim dizer, obrigado a introduzir o que Gabbi Jr. chama de 'modelo da denotação',¹⁵⁴ baseado, por sua vez, no esquema do aparelho

¹⁵⁴ O 'modelo da denotação' seria depreendido de uma progressiva modificação identificada por Gabbi Jr. no interior das formulações de "*Entwurf*". Mais precisamente, refere-se à substituição da concepção inicial de que a quantidade determinaria o sentido (modelo mecânico), para a suposição segundo a qual os efeitos semânticos provocariam uma alteração do curso da quantidade. Segundo o comentador, o modelo da denotação pressupõe que o processo secundário operaria sobre o registro da palavra (regido pela lei da sucessão), enquanto que o processo psíquico primário seria pensado em função da imagem (regido pela lei da simultaneidade). Cf. Gabbi Jr. (1995) "*Notas críticas sobre Entwurf einer Psychologie*". Rio de Janeiro, Imago, notas nº 281, 344 e 434, pp. 174, 189 e 207.

da linguagem apresentado no estudo sobre as afasias. Com a introdução desse modelo, o estatuto psicológico da descrição dos processos mentais na terceira pessoa pagaria, ao nosso ver, o preço de introduzir certas aporias nas próprias bases sobre as quais se pretenderia erigir.

A segunda parte de "*Entwurf*" é dedicada à explicação dos processos patológicos. O critério da opacidade do agente em relação ao auto-conhecimento seria suposto justamente para explicar esses casos, cujo paradigma seria a compulsão histérica:¹⁵⁵ o agente seria incapaz de fornecer uma explicação consistente para seu sintoma; todas as explicações forjadas provocariam nele próprio e na comunidade onde se insere uma espécie de estranhamento, a partir do que se poderia supor esse transtorno como um tipo de ato irracional.

Analogamente ao modo como é construído o psiquismo normal, não seria possível, pela via da introspecção, compreender aqueles atos que irrompem de modo compulsivo - contrários ao melhor julgamento do agente. A compreensão requerida, conforme mencionado, só se tornaria acessível pela mediação de um outro; no presente caso, pela intervenção do médico. O tratamento propiciaria a desmontagem da operação realizada pelo mecanismo da

¹⁵⁵ A correspondência a Fliess datada do período em que fora escrito *Entwurf* (1895) (Cf. carta de 8 de outubro de 1895 in "*A Correspondência completa*", op. cit., pp.141-3) deixa entrever que Freud logo reconhece que o esquema da mente por ele proposto não era capaz de explicar a operação detectada na neurose obsessiva (*Zwangneurose*), a saber, a repressão do prazer: "...estou na trilha da seguinte precondição estrita da histeria: a de que deve ter ocorrido uma vivência sexual primária (anterior à puberdade), acompanhada de repugnância e medo; na neurose obsessiva, ela deve ter ocorrido acompanhada de prazer (...) Mas não tenho tido sucesso na elucidação mecânica; ao contrário, estou inclinado a ouvir a voz silenciosa que me diz que minhas explicações não são suficientes" (Ibid. p.142).

repressão, a saber, a formação de um símbolo patogênico.¹⁵⁶ Mediante esse processo, o motivo do sintoma passaria a ser compreendido, o que equivaleria a dizer que o mesmo, inicialmente considerado como um fenômeno não-racional (correspondente a um processo fisiológico), ter-se-ia evidenciado como um tipo de ato irracional passível de integrar-se no âmbito da racionalidade.

Desse modo, a teoria dos processos mentais proposta em "*Entwurf*" sugere que o tratamento permitiria nomear (denotar) adequadamente uma representação que havia perdido sua conotação sexual, tão logo fosse devolvida à mesma a quota de afeto retirada pela repressão.

Acreditamos que a operação teórica que incluiria o sintoma no registro da irracionalidade/racionalidade derivaria de um dos pressupostos cruciais de "*Entwurf*": o de que todo processo psíquico seria intencional. O grande desafio dessa empresa freudiana seria o de garantir o estatuto psicológico desse mecanismo guiado pela quantidade, o que, ao nosso ver, não teria sido alcançado.

5.2 ANÁLISE DAS TESES CENTRAIS

Evidencia-se na obra o propósito de tomar os processos psíquicos como "*estados quantitativamente determinados de partes materiais capazes de serem especificadas*".¹⁵⁷ Todos os processos devem em princípio obedecer a duas premissas fundamentais: 1) A quantidade (Q) é o que diferencia atividade de repouso e está sujeita à lei geral do

¹⁵⁶ O símbolo patogênico consistiria em uma nomeação inadequada, de acordo com a qual o símbolo não denotaria a coisa simbolizada.

movimento;¹⁵⁸ 2) Os neurônios constituem as partículas materiais especificáveis. Partindo dos processos de conversão, compulsão, substituição e eliminação (*Abfuhr*) detectados na clínica das neuroses, supôs-se que a excitação nervosa envolvida nos mesmos deve ser pensada como quantidade em fluxo.

A lei da inércia serve de fundamento ao princípio da inércia nervosa, segundo o qual o neurônio aspiraria livrar-se de Q.¹⁵⁹ Se $Q(\text{quantidade}) = A(\text{atividade}) - R(\text{repouso})$, o princípio da inércia pretende que essa diferença seja nula; ele origina o movimento reflexo, de modo que a recepção de Q venha a ser cancelada pela emissão de Q.

Contudo, tal princípio seria violado desde o início; o organismo, sujeito às carências impostas pela necessidade da vida - fome, respiração, sexualidade -, gera uma Q interna,¹⁶⁰ cuja eliminação (*Abfuhr*) só é eficaz mediante

¹⁵⁷ Freud, S. "Entwurf". Op. cit., p. 9.

¹⁵⁸ Em nota à tradução de "Entwurf", Gabbi Jr. esclarece: "a lei geral do movimento deve ser entendida como lei da inércia, como expressão da tendência de um corpo para conservar sua quantidade de movimento enquanto não for perturbado por outro corpo (...) Inércia não se refere a um zero absoluto, mas à ausência de diferença" (op. cit., nota nº 2 pp. 109-110). Ou seja, ausência de uma mudança de estado, seja de um movimento mais intenso para um menos intenso, ou vice-versa. Em nota posterior, o comentador adverte também que, ao introduzir a noção de período do movimento para dar conta dos processos psíquicos qualitativos, Freud parece referir-se a novas leis (op. cit., nota nº 64, p.106).

¹⁵⁹ A eliminação de Q se dá pela via motora, portanto através de uma ação.

¹⁶⁰ O princípio da inércia pareceria relacionar-se à Q externa, de modo a ser modificado desde o início por imposição da Q interna. Alguns comentadores supõem que a noção de pulsão de morte implicaria uma reedição desse princípio, uma vez que imprimiria uma tendência a restabelecer no organismo o estado de $Q = 0$ anterior à vida. De acordo com Kimmerle (op. cit., p. 97), contudo, a morte da pulsão de morte não se assemelharia à morte como ameaça a partir do exterior, à medida que ela se originaria do interior do organismo, impondo ao mesmo um caminho a ser percorrido para morrer apenas no seu devido tempo. Desse modo, envolveria a Q interna estando, portanto, relacionada ao próprio princípio da constância.

uma ação específica proveniente de um agente prestativo.¹⁶¹ Face à diferença entre a Q externa e a Q interna,¹⁶² a tendência originária é abandonada e substituída pelo princípio da constância, segundo o qual o sistema nervoso deve esforçar-se para manter o acúmulo indispensável de quantidade no menor índice possível. O aparato mental lida, portanto, com quantidade (Q) externa e interna.¹⁶³

Inicialmente, são destacados dois tipos de neurônios que compõem o sistema nervoso. A diferença entre ambos deve-se, sobretudo, à posição que ocupam no campo neuronal. Aqueles que se situam na periferia são denominados de neurônios ϕ , sendo altamente permeáveis às quantidades provenientes do mundo externo. Tal permeabilidade torna-os incapazes de retenção de Q, de modo que, após a passagem da mesma, eles retornam ao estado anterior, ou seja, não sofrem modificações. Por serem os receptores da Q externa, são considerados neurônios perceptuais.

O segundo grupo de neurônios está situado em uma porção mais interna do aparelho e, dada a sua localização, recebe a Q externa somente através de ϕ - o que significa

¹⁶¹ Somente a ação específica é capaz de cessar temporariamente a tensão formada pelo processo vital. Em "Entwurf", admite-se a existência de duas pulsões, fome e sexualidade. Contudo, uma vez que supõe que a última só emerge na puberdade, apenas a fome figura na constituição do aparelho. Nesse sentido, a ação específica considerada é o fornecimento de alimento.

¹⁶² A Q externa é de grande magnitude e age no aparelho por impacto, enquanto a Q interna é de magnitude muito pequena, agindo apenas por somação. Desse modo, somente o acúmulo de Q interna pode levar o sistema nervoso a detectar a formação de tensão, a partir do que pode acionar mecanismos que busquem seu rebaixamento, isto é, que propiciem a realização da ação específica (choro, grito).

¹⁶³ Por conseguinte, o mental constituiria o registro (representação) das sensações oriundas do interior do próprio corpo e das sensações provocadas (no corpo) pela ação de outros corpos.

que essa quantidade já teve sua magnitude diminuída.¹⁶⁴ Conseqüentemente, esses neurônios fazem uso de suas *barreiras de contato*, recurso suposto para explicar justamente a capacidade de o aparelho, a um só tempo, manter a inalterabilidade para estar receptivo a novas excitações e alterar-se permanentemente. Com esse recurso, seria explicada a ação da memória. As barreiras de contato não funcionariam nos neurônios ϕ , pois apresentariam uma resistência muito inferior à ordem de grandeza da Q externa. No segundo sistema de neurônios, denominados neurônios ψ , tais barreiras seriam eficientes, dado que a quantidade que chega através de ϕ geralmente apresenta-se em uma altura proporcional à sua capacidade de resistência. Os neurônios ψ são os responsáveis pela função da memória e tornam-se permanentemente modificados após o curso da quantidade. O caminho da Q pelos neurônios ψ deixa atrás de si *facilitações*¹⁶⁵ nas barreiras de contato, de maneira a se estabelecerem caminhos preferenciais; esses caminhos, em uma nova passagem de Q , serão automaticamente retomados.¹⁶⁶

¹⁶⁴ Os neurônios ϕ dispõem de cápsulas de terminações nervosas que fracionam a Q externa, de modo que o sistema nervoso venha a ser sensível somente a certos tipos de estímulo.

¹⁶⁵ As diferenças de facilitação nas barreiras de contato de ψ servem para figurar a memória.

¹⁶⁶ Tem-se nessa formulação uma primeira alusão ao caráter compulsivo do funcionamento primário do aparelho psíquico. Essa compulsividade, no entanto, já estava implícita na tese de que a tendência primordial do sistema nervoso seria livrar-se de Q . Desse modo, com a instauração da memória através da formação de facilitações nas barreiras de contato, o que se cria é uma intenção; ou seja, uma tendência a percorrer novamente, de modo automático, os caminhos facilitados (que uma vez conduziram à eliminação da quantidade) a cada novo acúmulo de Q no interior do sistema nervoso. Nessa perspectiva, a intenção é pensada como um processo primordialmente compulsivo. Todavia, o princípio da constância - consideração da necessidade de o aparelho anímico acumular alguma quantidade para que se promova a ação específica - impõe que essa compulsividade seja refreada através da instauração de um mecanismo mediador: o eu. Essa mediação supõe a formação de várias facilitações, de maneira a ser possível

O sistema ψ mantém uma dupla conexão: de um lado, vincula-se às fontes endógenas de excitação, e, de outro, à quantidade externa proveniente de ϕ . Desse modo, apresenta a seguinte divisão: a parte nuclear corresponde à camada mais interna, em contato apenas com a Q endógena; a parte do manto, formada posteriormente, está ligada tanto ao núcleo quanto ao mundo externo (através de ϕ).¹⁶⁷

Uma vez que a função primária - livrar-se de Q - não seria suplantada pela função secundária - regida pelo princípio da constância -, a própria arquitetura do aparelho favoreceria a primeira. Nesse sentido, a quantidade que provém de um neurônio ϕ é distribuída entre vários neurônios ψ , o que fraciona o seu impacto.

Contudo, o aparelho pode ser invadido por grandes quantidades externas, vindo a pôr em risco sua estratégia de funcionamento. Essa irrupção ocorre no fenômeno da dor, que provoca no sistema a *"mais decidida inclinação para fuga"*.¹⁶⁸ Dado o caráter externo de tal fenômeno, supõe-se a intervenção de um objeto hostil. Desse modo, a fuga da imagem do objeto hostil implica uma retirada da Q que ocupava essa imagem, isto é, uma eliminação da quantidade, denominada por Freud de defesa primária.¹⁶⁹ No caso da dor,

que a quantidade percorra determinado caminho ao invés de outro. Dessa forma, a intencionalidade passaria a ser controlada por um mecanismo mais sofisticado que o primitivo, capaz de considerar que caminho pareceria mais adequado em determinado contexto. Em outras palavras, tudo se passa como se o mecanismo que constitui o eu fosse guiado pelo 'princípio da utilidade', enquanto o automatismo primitivo seria incapaz de observar a adequabilidade de sua ação, funcionando de forma estereotipada e rígida - do ponto de vista econômico, ineficiente.

¹⁶⁷ Freud não consegue formular uma boa explicação para a origem do manto de ψ .

¹⁶⁸ "Entwurf". Op. cit., p.9.

¹⁶⁹ Todo aumento de Q no interior do aparelho resulta na sensação de desprazer, enquanto o seu rebaixamento é sentido como aprazível.

ψ é praticamente transformado em ϕ , uma vez que as grandes irrupções de Q desprezam a resistência das barreiras de contato, criando em ψ facilitações permanentes. Nesse caso, como explicar a memória da dor?

A dor produz no aparelho um registro: a vivência de dor.¹⁷⁰ A recordação dessa vivência (leia-se: a ocupação da representação que corresponde à vivência de dor) aciona na máquina mental o movimento automático de fuga, através do qual se obtém o rebaixamento imediato da tensão. O resultado é a produção de uma alucinação negativa, ou seja, nega-se, via eliminação da quantidade que ocupa o neurônio, a existência do objeto hostil.

Para supor a recordação de tal vivência, Freud é, por assim dizer, obrigado a introduzir uma classe de neurônios bastante peculiar: os neurônios secretores. Eles têm a propriedade de liberar uma quantidade no interior do aparelho, de modo a produzir desprazer. Uma vez que a ação

¹⁷⁰ Segundo Gabbi Jr. (op. cit., nota 115, p. 137), a vivência de dor precederia logicamente a vivência de satisfação. O comentador parece supor que, no contexto de "Entwurf", as ações provenientes do mundo externo (por exemplo, um toque por parte de outrem) que não façam parte da ação específica seriam vivenciadas, em princípio, como desprazíveis. Tal suposição estaria vinculada à idéia - formulada pelo próprio Freud na correspondência a Fliess - de que as primeiras vivências sexuais seriam de natureza passiva e desprazível. No rascunho anexo à carta datada de 1º de janeiro de 1896 (op. cit., pp. 165-170), Freud, após uma certa vacilação, acaba por aproximar a passividade ao desprazer e a atividade ao prazer; supõe que tanto a neurose obsessiva quanto a histeria implicariam uma vivência sexual primária desprazível, "isto é, de natureza passiva" (p. 169). Pouco mais tarde, na carta de 6 de dezembro de 1896, Freud supõe uma substância sexual masculina, cuja liberação geraria prazer e uma substância sexual feminina, cuja liberação produziria desprazer (op. cit., p. 211). Anos depois, em "Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie" ("Três ensaios sobre a teoria da sexualidade" [Daqui em diante, "Drei Abhandlungen"]. GW, V, pp. 27-145; SE, VII, pp. 123-243; ESB, VII, pp. 135-226), Freud confere à libido um caráter ativo e masculino (essa característica da libido aparece plenamente desenvolvida na edição de 1915 da referida obra). Parece, portanto, plausível sugerir, a partir dessas formulações, uma possível vinculação entre masculino-atividade-prazer e feminino-passividade-desprazer.

desses neurônios está associada à imagem de um objeto perceptual, este último é identificado ao objeto hostil. O resultado é a defesa primária e o produto de tal recordação não é dor, mas desprazer.

Antes, contudo, Freud tenta explicar o fenômeno da consciência introduzindo um terceiro sistema de neurônios que se diferencia dos outros dois por conferir aspectos qualitativos ao conteúdo perceptual: o sistema de neurônios ω . Essa inovação deve-se à característica atribuída ao sistema ψ de reter o material mnêmico destituído de qualidade.¹⁷¹

Os neurônios ω , portanto, devem transformar quantidade em qualidade, de modo a realizar a função primordial do aparelho: manter-se afastado de Q . Contudo, a Q que chega a ω , proveniente de ψ , é de uma grandeza muito diminuta para excitar aquele sistema. Por conseguinte, surge uma primeira diferenciação entre os neurônios, inicialmente supostos como idênticos: ω é sensível ao período, uma outra característica do movimento que, nos dois outros sistemas de neurônios, apresentava-se de forma monótona. A excitação de ω fornece a ψ o sinal de qualidade que deve indicar que se está diante de uma percepção e não de uma recordação.¹⁷²

¹⁷¹ Note-se que todos os processos até então descritos prescindiam totalmente de características qualitativas. Assim procedendo, Freud julgava ser possível formular teoricamente a tese de que a maior parte dos processos psíquicos seria totalmente inconsciente, embora estivessem identificados as operações fisiológicas (o que tão-somente reiteraria o naturalismo freudiano).

¹⁷² A diferenciação entre percepção e representação é uma operação que, em decorrência da necessidade da vida, torna-se fundamental para a manutenção da função secundária do aparelho. A não observância dessa diferença produz alucinação.

É interessante ressaltar que o sinal de qualidade, fornecido por ω (que produz a consciência), decorre do período do movimento neuronal, o que permitiria supor que aquilo que dá a consciência de uma percepção proviria de um processo interno. Desse modo, não pareceria haver uma correspondência pontual entre interno e externo: a lei de Fechner (do paralelismo psicofísico) seria mencionada tão-somente como meio de ilustrar a relação entre a quantidade externa e a sensação despertada na consciência.¹⁷³

Ademais, se ω está situado posteriormente a ψ , a consciência de uma percepção pressupõe que a representação do percebido seja necessariamente submetida a uma espécie de comparação com as representações registradas na memória - de ϕ a ω , passa-se necessariamente por ψ . Conseqüentemente, Freud pode enunciar que o conhecer consistiria, na verdade, em um re-conhecer.

Essa arquitetura do aparelho deve explicar, além do processamento da Q externa, o movimento da Q endógena gerada pelas excitações derivadas da necessidade da vida. O acúmulo da última até um certo limiar é um '*sine qua non*' para que sejam dadas as condições da aproximação do agente prestativo que deverá realizar a ação específica. Tais condições constituem os sinais de tensão interna que geralmente se expressam pelo caminho habitual da inervação motora - movimentos desordenados, gritos. Estes, como se

¹⁷³ O que indicaria que o fenomenismo freudiano não supõe uma relação arbitrária entre interno e externo (Gabbi Jr., op. cit. Ver notas 256, p. 168 e 393, p. 199). A concepção freudiana acerca de como o externo é representado internamente pode ser encontrada em "Aphasien". Nessa obra, Freud opõe-se à teoria da projeção de Meynert, segundo a qual a periferia do corpo estaria representada topicamente (ponto por ponto) no córtex cerebral. Para Freud, a representação da periferia do corpo no córtex dá-se de modo

sabe, constituem tentativas estéreis de livrar-se da Q endógena. Contudo, o impulso gerado pelo acúmulo de tensão interna é pensado como o organizador de toda a atividade psíquica. Freud denomina-o de *vontade*, derivada das *pulsões*.

Gabbi Jr.¹⁷⁴ chama a atenção para o caráter não intencional (não-racional) da pulsão. Inicialmente, tratar-se-ia de uma tensão que precisa ser rebaixada; contudo, a própria inervação que essa tensão provoca na musculatura indica que o organismo desconhece inteiramente o objeto que pode promover esse rebaixamento. A intenção - e, portanto, o ingresso no registro propriamente mental - só é possibilitada mediante as duas vivências fundamentais: a vivência de dor, após a qual o agente saberá de qual objeto deve desviar-se; a vivência de satisfação, promovida pela ação específica, após o que o agente será capaz de visar o objeto que rebaixará temporariamente a excitação interna. Nessa perspectiva, a própria intencionalidade do agente seria viabilizada pela relação com o outro.

É justamente a incapacidade inicial do organismo humano de realizar por si só a ação específica que o coloca numa relação muito especial com o agente prestativo. Este, ao mesmo tempo em que participa do circuito da vivência de satisfação, que constitui o objeto de desejo,¹⁷⁵ participa também do circuito da dor, uma vez que realiza certas ações que o configuram como objeto hostil. Contudo, no registro

funcional, assim como um poema contém o alfabeto ("Aphasien". op. cit, p. 103 da tradução francesa).

¹⁷⁴ Notas críticas...Op. cit., nota 91, p. 132.

¹⁷⁵ Desejo, adverte Gabbi Jr., (op. cit., nota 101, p.135), é tão-somente o registro de um circuito neuronal - aquele que corresponde ao caminho percorrido pela quantidade endógena durante seu processo de eliminação.

dessas duas vivências, não há relação alguma entre objeto hostil e objeto de desejo.¹⁷⁶

Há um outro aspecto comum às duas vivências fundamentais: em ambas está presente a inervação motora que produz o grito. Na vivência de satisfação, o grito do organismo necessitado participa, tanto quanto a palavra emitida pela pessoa auxiliar, no momento em que se efetua a ação específica; na vivência de dor, o grito serve como sinal da proximidade do objeto hostil, de modo a avisar que se deve desviar do mesmo. Portanto, é através dessas duas vivências que o ser humano é imiscuído em um universo de significação e linguagem.

Freud considera o desamparo inicial do ser humano a fonte da comunicação, bem como de todos os motivos morais. Nessa perspectiva, todas as manifestações ulteriores do agente constituiriam sofisticações das duas intenções primordiais: afastar-se de objetos hostis que gerem dor e, conseqüentemente, desprazer; aproximar-se do objeto de desejo que, no decorrer do tempo, passa a adquirir configurações cada vez mais complexas.

Essa fórmula manter-se-ia aparentemente consistente na produção metapsicológica até 1920, quando só então seria posta em xeque, ou seja, quando Freud supusesse uma inclinação ainda mais primitiva no ser humano, a saber: a busca pela restauração de um estado em que estivera ausente toda e qualquer excitação (somática e psíquica) e que seria resgatável apenas através da morte.¹⁷⁷

¹⁷⁶ Ou seja, apesar de possuírem a mesma referência externa, internamente remetem à referências (sensações corpóreas) distintas.

¹⁷⁷ Com a noção de uma pulsão de morte, impõe-se a questão da própria constituição da intencionalidade, uma vez que nem os modelos mecânico e

Supomos que as concepções apresentadas em "*Entwurf*" e em "*Jenseits des Lustprinzips*" constituiriam extremos de um longo percurso entremeado pelas diferentes formas com que Freud, no decorrer de sua produção conceitual, teria tentado, por assim dizer, dissimular os problemas concernentes à diferença, por ele não evidenciada, entre as metas do aparelho psíquico.

Em outras palavras, tudo se passa como se a indistinção entre fugir do desprazer e buscar o prazer escondesse um aspecto que, para uma teoria como a de Freud - que privilegiaria a ordem empírica de formação dos processos psíquicos - pareceria fundamental. Com efeito, a anterioridade da fuga do desprazer em relação à busca do prazer implicaria uma inversão da ordem por ele proposta na constituição dos processos que regiriam o funcionamento anímico. Mais precisamente, considerando que a fuga do desprazer exigiria do aparelho uma observância da realidade, o processo psíquico secundário pareceria anteceder o processo primário, suposto como o mais antigo. Essa contradição afetaria, em última instância, a tese segundo a qual o inconsciente constituiria a base sobre a qual se fundaria a consciência.

Desde o contexto dessas primeiras formulações, portanto, Freud ver-se-ia envolvido na tarefa de propor uma origem para os processos psíquicos, tal que o desprazer constituísse um derivado e não um acontecimento primordial. No entanto, o ressurgimento, em todos os modelos, de um desprazer sempre mais originário teria levado essa contradição a uma espécie de encurralamento com a

biológico, nem mesmo o modelo da denotação poderão explicar a inclinação

introdução da pulsão de morte, para além da qual não pareceria mais possível recuar a gênese dos processos mentais.

Tanto em "*Entwurf*", quanto em "*Jenseits*" depreende-se a concepção de um desprazer originário, embora não nos pareça plausível identificar no primeiro uma teleologia interna para a morte. Conforme mencionamos há pouco, no contexto daquele, o desprazer envolvido nos quadros patológicos consistiria no aumento da quantidade decorrente de uma liberação dos neurônios secretores, por ocasião da recordação de uma vivência de dor. Se considerarmos que o paradigma do patológico nesse quadro é explicado pela teoria da sedução, a origem do desprazer implicaria na conjugação de um fator externo (atentado sexual) com um interno (disposição hereditária à sensação sexual precoce); contudo, algo cuja origem não seria propriamente atribuível a um processo intencional. Até chegar ao outro extremo ("*Jenseits des Lustprinzips*"), no qual ele identificaria a presença de um desprazer interno originário, mas cujo caráter intencional pareceria igualmente difícil de se atribuir, Freud percorreria um caminho através do qual não se mostraria possível, tal como julgamos ser a sua pretensão, supor o desprazer como um derivado de um prazer interditado pela repressão.

Antes de nos determos sobre as contradições presentes em "*Entwurf*", cumpre retomarmos o exame de suas teses mais importantes, uma vez que parecem indispensáveis para a própria compreensão dos problemas que pretendemos apontar. Desse modo, tem-se que a vivência de satisfação marca no

aparelho caminhos preferenciais de eliminação que serão simultaneamente ocupados quando do surgimento de um novo acúmulo de tensão endógena. Esse processo dá origem à alucinação do objeto de desejo. A vivência de dor, por sua vez, cria a tendência à defesa primária, que consiste igualmente em um processo automático de eliminação da quantidade produzida pelos neurônios secretores associados à representação do objeto hostil.

Nessa perspectiva, em que a forma primária de funcionamento psíquico seria a compulsão, o aparelho seria impelido a repetir, de forma automática, o curso associativo por meio do qual se teria efetuado a eliminação da quantidade. Esse dispositivo estaria relacionado a uma incapacidade primordial do aparelho de observar a diferença entre interno e externo.¹⁷⁸ Contudo, a sobrevivência do organismo depende da observância de tal diferença, já que a alucinação não diminui efetivamente a tensão gerada internamente.

Assim sendo, através do processo que Freud denomina de aprendizagem biológica, o organismo deverá regular os processos de eliminação - o que valeria tanto para os casos de dor, quanto para os de satisfação. Desse modo, a eliminação da quantidade só ocorrerá no circuito da fome quando estiver assegurada a presença, no mundo externo, do objeto de desejo, cujo sinal é fornecido internamente por ω ; ¹⁷⁹ no circuito da dor, a alucinação negativa, em que

¹⁷⁸ Isto é, uma incapacidade de discriminar entre uma simples representação e a representação de uma percepção (de um objeto que se encontra no mundo externo) (Gabbi Jr., op. cit.).

¹⁷⁹ Uma vez que ω pode igualmente ser ocupado no caso de uma alucinação, o mecanismo que possibilita a discriminação entre uma percepção e uma representação é o eu, através de seu desempenho inibidor da quantidade. O

consiste a defesa primária, também será evitada através da formação de ocupações laterais.¹⁸⁰

A função de regulação dos processos de eliminação é desempenhada pelo eu, a partir do que se dispõe de uma forma secundária de funcionamento do aparelho que, por sua vez, consistiria em uma inibição da compulsão. Todavia, tal inibição não implica em que o processo secundário altere o objetivo do processo primário. Ao contrário, a meta do processo secundário continua sendo a eliminação da quantidade, de maneira que a diferença reside tão-somente na forma de atingí-la. O processo secundário trata de refrear o funcionamento compulsivo do aparelho que, por desprezar a diferença interno/externo, põe em risco a própria sobrevivência do organismo. Nesse sentido, o processo secundário submete a quantidade a uma mediação, o que constitui a garantia de uma eliminação eficaz.

Note-se que, através da diferenciação do funcionamento psíquico em uma forma primária e secundária, deveria emergir os termos da concepção freudiana de intencionalidade. De acordo com a perspectiva mecanicista que parece orientar o pensamento do fundador da psicanálise, não haveria contradição entre intencionalidade e compulsão no que tange aos processos psíquicos. Antes, o mecanicismo imprimiria à intencionalidade um caráter primordialmente automático. Desse modo, quando a quantidade estiver entregue ao processo primário, a intenção apresentar-se-á sob a forma de compulsão (o que a faz

que Freud não consegue explicar em "Entwurf" é como se origina esse mecanismo.

¹⁸⁰ Ocupações laterais constituem representações que compõem o manto do eu e possibilitam um fluxo de quantidade sob a forma ligada, impedindo assim o processo alucinatório.

parecer incompreensível para o próprio agente). Por outro lado, o fluxo da quantidade inibido pelo eu produz processos psíquicos compreensíveis para o agente (aqueles comumente considerados intencionais). Por conseguinte, o processo secundário tão-somente se superporia ao primário, sem com isto extingui-lo.

Ora, a esse respeito, vínhamos há pouco chamando a atenção para a presença de uma contradição na relação entre os dois processos, decorrente da suposição freudiana de uma ordem empírica de constituição dos mesmos. Tal contradição, ao nosso ver, constituiria uma espécie de fator subjacente a todas as versões do modelo do aparelho psíquico; mais precisamente, o verdadeiro detonador das reformulações a que Freud submeteria sua metapsicologia.

Entretanto, além dessa contradição, o modelo proposto em "*Entwurf*" também evidenciaria problemas concernentes à tentativa de subsumir em um vocabulário estritamente mecanicista a teleologia dos processos psíquicos. Ou seja, Freud enfrentaria dificuldades com esse tipo de explicação, utilizada com o intuito de tornar plausível a concepção de que uma ação psíquica, portanto um processo interno, comportar-se-ia como uma operação externa, de modo a poder ser descrita na terceira pessoa.

À luz do mecanicismo de "*Entwurf*", o sintoma deveria ser pensado como uma forma de ato irracional, para o qual a explicação seria a de que o agente sentir-se-ia como que compelido, por uma força que consideraria exterior, a repetir automaticamente um certo modo de agir contrário a seu melhor julgamento (aqui representado pelo eu, regido pelo processo secundário).

Enretanto, a impossibilidade de descrever a consciência em termos estritamente mecânicos, somada à dificuldade de resguardar o aspecto intencional subjacente aos processos patológicos pareceria inviabilizar os termos do empreendimento. Com efeito, conforme pudemos constatar, Freud não teria conseguido fornecer explicações no plano intencional para os processos automáticos envolvidos no sintoma: o 'não poder saber', ao qual teria sido atribuída a causa da repressão, remontaria, em última análise, a uma disposição hereditária e não a um processo intencional. Somente mais tarde, quando Freud empreender uma série de modificações em sua concepção do aparelho psíquico, será possível reintroduzir a noção de conflito, o que, no entanto, não o livrará das referidas contradições.

A terceira parte de "*Entwurf*" dedica-se à descrição dos processos psíquicos normais como o julgamento e o pensamento. Ambos constituem os processos psíquicos secundários mais importantes e estão envolvidos no trabalho de estabelecimento de uma identidade entre a representação de uma percepção e a representação do objeto de desejo, condição em que a quantidade é eliminada de forma eficaz. Enquanto o julgar consistiria na comparação entre os complexos perceptuais e desiderativos, o pensamento implicaria a descoberta do caminho através do qual as partes díspares dos complexos atingiriam a identidade, de modo a se obter a meta desencadeada pelo desejo.

Contudo, haveria uma modalidade do pensar emancipada de tal obtenção, o pensar cognitivo, cuja característica seria a de ter, desde o início, o mecanismo da atenção voltado para os sinais de eliminação do pensar: os signos

linguísticos, através dos quais o curso de associação tornar-se-ia consciente e reproduzível. É justamente na abordagem desses processos que ocorrem no interior do eu e envolvem o recurso à linguagem que Freud reconhece explicitamente os limites da explicação mecânica. Ao se deparar com a tarefa de explicar a origem do eu, ele fornece uma explicação estritamente biológica: se não houvesse uma organização como o eu, o próprio organismo pereceria. Uma vez que deixa em aberto o processo mesmo de constituição do pensamento e do juízo, tal explicação permitiria supor que o eu implicaria uma espécie de condição '*a priori*', ou seja, sempre que se pensasse em sua formação, ele já pareceria suposto.

A fim de explicar o curso do pensamento enquanto movimento que busca obter a identidade entre objeto de desejo e objeto da percepção, bem como as relações entre os processos do pensamento e a linguagem, Freud parece recorrer a um terceiro modelo, por meio do qual tentaria articular os modelos mecânico e biológico: um modelo representacional (denotação) que retoma, por sua vez, aspectos do modelo apresentado na monografia sobre as afasias para o aparelho da linguagem.

Desse modo, propõe que os neurônios sejam pensados como complexos representativos (perceptuais e desiderativo) divididos em um componente que se mantém constante e que denomina de *coisa* e um componente mutável, que designa como *predicado* (da coisa). Tais componentes remontariam, respectivamente, à representação de objeto e à representação de palavra, esboçadas em "*Aphasien*".

Gabbi Jr.¹⁸¹ aponta a filiação dessa concepção freudiana à filosofia de J.S. Mill,¹⁸² segundo a qual só seria possível obter uma crença - jamais uma certeza - em relação aos objetos do mundo externo. Estes seriam assim supostos como constituindo possibilidades permanentes de sensação que, em si mesmas, seriam imutáveis, porém intangíveis. As sensações geradas a partir de tais possibilidades permanentes de sensação, seriam, por sua vez, passíveis de apreensão. Porém, devido à fugacidade que lhes seria peculiar, exigiriam um recurso mais ou menos estável, através do qual se tornasse possível o conhecimento das mesmas. Esse recurso consistiria na linguagem, que desempenharia a função de nomear as sensações e que, desse modo, possibilitaria o acesso às mesmas.

Freud teria, então, inspirado-se nessa filosofia quando, em "*Aphasien*", atribuíra à representação de objeto um caráter aberto, parecendo com isto apontar para uma intangibilidade a esta inerente. Em "*Entwurf*", ele introduz a noção de coisa como um elemento constante e inapreensível, ainda que, diferentemente de Mill, a coisa, enquanto possibilidade permanente de sensação, provenha do mundo interno.

Do mesmo modo, a filosofia stuartiana estaria refletida na concepção da representação de palavra que, em "*Aphasien*", aparece como um conjunto fechado, embora extensível. Em "*Entwurf*", a representação de palavra

¹⁸¹ Op. cit., nota nº 1, p. 106.

¹⁸² Freud cita, em nota de rodapé a "*Aphasien*" (Op. cit., p.128), as seguintes obras de Mill: "Um exame da Filosofia de Sir William Hamilton" e "Sistema de Lógica" (op. cit.).

figuraria como o predicado da coisa, o que indicaria o aspecto tangível da linguagem, que parece ser suposta como via privilegiada de acesso ao que, em si, seria inapreensível. Nesse sentido, exibiria um caráter normativo, uma vez que imporiam um certo padrão de nomeação a ser obedecido. A questão que se impõe a esse respeito é a de saber até que ponto esse caráter normativo não seria o próprio condicionante da representação de coisa.

Freud aponta a existência de uma relação de *proporção*¹⁸³ entre a parte constante da representação do objeto de desejo e a parte nuclear da representação do objeto da percepção, bem como entre os predicados de ambos os complexos de representações. Ora, tanto a característica das representações apontadas em "*Aphasien*", quanto a relação de proporção estabelecida em "*Entwurf*" parecem indicar que não se pode tomar a noção de representação em Freud como se esta fosse um tipo de retrato do objeto externo, da coisa em si. Isto vale mesmo para a representação da percepção que é, por sua vez, organizada pela memória, não podendo, portanto, constituir um retrato ponto a ponto da realidade material.

A noção de representação de objeto e representação de palavra veiculada em "*Aphasien*", bem como a noção de *coisa* e *predicado da coisa*, presente em "*Entwurf*", constituem os pilares da teoria freudiana da representação que, ao lado dos aspectos tópicos e econômicos, fundamentam toda a metapsicologia. Tais noções, impregnadas do fenomenismo nominalista de Stuart Mill, indicam que o modo freudiano de

¹⁸³ O que é diferente de identidade.

conceber a relação interno/externo, a ser mediada pela linguagem, parece *sui generis*.

Com efeito, essas noções permitem supor que, para Freud, o único elemento apreensível seria a sensação, cuja representação instauraria o psíquico. Contudo, vimos reiteradamente chamando a atenção para o problema que emerge do interior de uma concepção como esta. Desse modo, ao nosso ver, se por um lado o recurso ao modelo inspirado nas teses de Mill pareceria vir em seu socorro, por outro lado, acabaria por conduzi-la novamente a uma aporia.

Com esse modelo, Freud pretendia que as representações das sensações fossem em princípio inconscientes, de modo a só se tornarem conscientes (portanto, cognoscíveis) quando ligadas a signos lingüísticos (as representações de palavra). Ou seja, ele pretendia fundamentar a antecedência do inconsciente sobre a consciência, relegando a esta a condição de um conhecimento *a posteriori*. O problema, conforme tantas vezes aludido, residiria em conciliar essa antecedência com a imprescindibilidade da mediação do outro no próprio processo através do qual o agir humano adquire uma dimensão intencional.

Em outras palavras, se a 'intencionalização' dos processos internos requer uma mediação lingüística com o externo e se é a consciência que emite para o interior do aparelho os sinais lingüísticos, parece difícil manter esta última na posição de instância psíquica relegada a um plano secundário, tal como pretendia Freud.

O fenomenismo nominalista da teoria freudiana da representação fundamentaria igualmente a psicopatologia proposta em "*Entwurf*". Com efeito, o sintoma neurótico é

pensado como o produto de uma peculiaridade da sensação sexual: a de ser mais intensa quando recordada, do que quando propriamente vivida, face à irrupção tardia da pulsão sexual. A intensidade da sensação sexual recordada provoca, conforme vimos acima, a ocorrência de um processo primário no interior do eu: eliminação da quantidade através da repressão, seguida da formação de um símbolo (o sintoma). Conseqüentemente, a teoria da representação também fundamentaria a finalidade do método catártico que seria a de dar palavra ao afeto. Essa operação implicaria em desvincular o afeto sexual da representação de palavra incongruente - o símbolo - e ligá-la à representação de palavra apropriada.

Falsas ligações (entre representação de objeto e representação de palavra) podem ocorrer também no funcionamento normal do psiquismo (ou seja, quando a 'coisa' erroneamente nomeada não se tratar da coisa sexual). Todavia, a explicação fornecida por Freud para esses casos não supõe que a quantidade envolvida na sensação de desprazer relativa à falsa ligação deva-se à ação dos neurônios secretores. Antes, a origem dessa quantidade é atribuída a dois fatores: ao mecanismo de atenção, que ao ocupar uma representação de palavra inadequada ao contexto de determinado curso de pensamento será acompanhada por uma sensação de desprazer; à não consideração das regras biológicas para o curso do pensar, cujo resultado também conduz à mesma sensação.

Diferentemente, portanto, do desprazer produzido pelo afeto vinculado à recordação da vivência de dor, tem-se o desprazer da contradição ou das 'falhas lógicas' que levará

o pensamento a buscar a ligação apropriada. De todo modo, pode-se facilmente depreender que o direcionamento dado em "*Entwurf*" ao movimento dos processos psíquicos seria o da fuga ou evitação do desprazer, sobre cujas implicações aludimos acima.

As subseqüentes reformulações do modelo do aparelho psíquico apresentado nesse escrito parecem intimamente relacionadas à dificuldade de se abordar a consciência a partir de uma concepção que prioriza o funcionamento psíquico inconsciente. Com efeito, mencionamos anteriormente que a grande dificuldade então encontrada teria sido justamente a de fornecer uma descrição quantitativa para processos qualitativos como a consciência de uma representação.

O próprio Freud chega, inclusive, a admitir que nem todas as representações que emergem à consciência de forma hiper-clara - isto valeria tanto para as representações ligadas ao circuito da vivência de satisfação quanto ao de dor - devem o seu destaque ao destino da quantidade, conforme indicam os exemplos retirados do próprio "*Entwurf*". Portanto, o fato de uma representação de importância secundária em cada um dos circuitos aparecer de forma vívida na consciência não decorreria, unicamente, de fatores produzidos pelo curso da quantidade.

Tomemos como exemplos a fórmula da trimetilamina no sonho de Freud, relatado no final da Parte I dessa obra e o riso associado a 'vestido' e a 'entrar sozinha em uma loja' no sintoma de Emma, examinado na Parte II. No caso do sonho, podemos inferir de sua análise o desejo de Freud de que a sexualidade fosse formada por produtos químicos. Já

no sintoma, a teoria postula que a recordação envolvida remete à vivência de um atentado sexual. Apesar de constituírem situações concernentes a circuitos distintos, haveria, em ambos os casos, uma outra determinação em relação à escolha de tais representações que escaparia aos desígnios da quantidade. Tal determinação, no entanto, permanece obscura no texto de "Entwurf".

À luz dessa constatação, parece entrar em cena mais um aspecto que não pode ser explicado a partir da quantidade. Desse modo, faz-se necessário valer-se de outros recursos explicativos que exigirão alterações quanto à forma de se conceber a qualidade no interior do aparelho psíquico.

Um outro aspecto que evidencia também uma "falha" na explicação quantitativa é a impossibilidade de estabelecer uma identidade, almejada por Freud, entre os dois processos psíquicos por ele privilegiados - sonho e sintoma - dada a implicação dos mesmos com uma teoria da memória.

Com efeito, o arcabouço conceitual proposto em "Entwurf" não permite que se depreenda qualquer relação entre desejo e prazer no sintoma,¹⁸⁴ nem tampouco um mecanismo de repressão no sonho que implicaria em repressão do prazer. Em termos quantitativos, isto seria um contrasenso: se tanto a repressão quanto o prazer consistem em uma eliminação da quantidade, como supor a eliminação de uma eliminação (Gabbi Jr., op. cit.)?

Parece, pois, bastante provável que estes impasses tenham contribuído para que Freud viesse a conceder maior destaque ao aspecto tópico do aparelho psíquico que,

¹⁸⁴ O mecanismo da repressão estaria mais próximo ao circuito da dor; mais precisamente, à recordação da vivência de dor, uma vez que decorre da geração de uma quantidade, a partir dos neurônios-chave.

inclusive, já havia aparecido na própria configuração $\phi\psi\omega$ de "Entwurf". Teremos a oportunidade de acompanhar a seguir, no exame que compõe a Parte II deste estudo e que aborda as reformulações por ele propostas, o destino das contradições que supomos inerentes ao seu projeto teórico.

PARTE II

CAPÍTULO I

A MÁQUINA PSÍQUICA DO PONTO DE VISTA TÓPICO

Na carta a Fliess datada de 1º de janeiro de 1896,¹ Freud anuncia o que constitui o primeiro passo para uma importante mudança na arquitetura do aparelho psíquico formulada em "*Entwurf*".

Abordaremos aqui apenas os aspectos mais relevantes para as questões que vimos formulando desde o início deste estudo: o embaraçamento dos processos primário e secundário; o processo de internalização da causa do sintoma enquanto uma causa intencional, viabilizado pela suposição de uma origem eminentemente interna da quantidade psíquica; a progressiva reformulação da concepção acerca da origem do desprazer que, nos modelos subseqüentes (até 1920), passa a ser suposto como um derivado do prazer. Desse modo, o exame que compõe esta segunda parte será basicamente norteado pelas mudanças relativas a essas questões.

No final da primeira parte, vimos que Freud não teria conseguido estabelecer, no contexto de "*Entwurf*", a pretendida relação entre os mecanismos envolvidos no sonho

¹ Cf. Masson, M.J. (org.) *A correspondência completa de Sigmund Freud a Wilhelm Fliess*. op. cit., pp 159-163.

e no sintoma, uma vez que não teria sido possível fundamentar nem a ação da repressão no primeiro, nem a existência de desejo no segundo.

No caso deste último, vimos que não teria sido suficiente atribuir a sua causa a um acontecimento (atentado sexual) cuja recordação produziria desprazer e a subsequente defesa patológica. Ou seja, observamos a reintrodução da hipótese de uma disposição hereditária à liberação sexual precoce como fator predisponente imprescindível para a histeria. Considerando que essa hipótese representaria um recuo para a crença freudiana na possibilidade de psiconeuroses adquiridas, impunha-se a necessidade de rever os termos da teoria dos processos psíquicos, cuja pretensão parece ser a de contemplar o aspecto intencional dos mesmos a partir de descrições em termos de operações mecânicas. O desafio imposto a Freud seria, nessa perspectiva, o de explicar como o desprazer poderia derivar de um prazer originário, considerando que os processos psíquicos seriam primordialmente regulados para evitarem o desprazer.

Freud propõe, na referida carta, uma reordenação da configuração $\phi\psi\omega$ para $\phi\omega\psi$. Essa alteração permite supor que a memória armazenada em ψ seja, desde o início, dotada de qualidade, de modo que a repressão passe a envolver aspectos qualitativos, além de prescindir de qualquer interferência por parte de percepções. O principal objetivo dessa modificação parece ser o de tentar assegurar o caráter eminentemente inconsciente dos processos psíquicos que, a partir de então, estarão restritos ao sistema ψ .

Entretanto, à medida que persiste a noção de que a consciência desses processos seria obtida de forma artificial, através da ligação a operações de eliminação e percepção, ou seja, a associações da fala,² veremos que parece recolocar-se, em última análise, o problema que supomos estrutural e ao qual vimos aludindo ao longo de toda a Parte I do presente estudo: a dificuldade de se manter a tese da predominância dos processos inconscientes no psiquismo - o que equivaleria a identificar uma contradição na suposição de uma base psíquica não-racional como condicionante da racionalidade, a partir da pretendida anterioridade do processo primário em relação ao secundário.

Ao nosso ver, essa dificuldade seria tributária da herança empirista impregnada no pensamento freudiano que, por sua vez, promoveria uma espécie de confusão entre uma ordem lógica e uma ordem cronológica (empírica) de formação dos processos mentais. Enquanto a primeira pressupõe a referida anterioridade do processo primário em relação ao secundário, a ordem empírica, ao contrário, impõe a precedência deste sobre aquele. O resultado, por conseguinte, seria o enredamento das formulações freudianas em uma aporia que se arrastaria ao longo das sucessivas construções metapsicológicas, até chegar a uma espécie de encurralamento com a introdução da pulsão de morte.

Antes, contudo, de abordarmos o modo como essa aporia emergiria das reformulações do modelo de "*Entwurf*", cumpre ressaltar que, com essa reordenação dos sistemas psíquicos, Freud tentaria obter respaldo para a tese de que a "força

² Ibid. p. 161.

de vontade", isto é, a fonte da quantidade que realmente impulsionaria o funcionamento do aparelho seria a fonte endógena - a pulsão -, pois ψ estaria separado de ϕ por ω . Dessa forma, a quantidade envolvida nos circuitos do desejo e da repressão passaria a ter a mesma origem - interna - o que poderia viabilizar uma possível identidade entre sonho e sintoma.

Essa nova configuração permitiria vislumbrar o que Freud denomina de *"a tão longamente buscada distinção entre os movimentos 'voluntários' e 'espasmódicos'".*³ As ações voluntárias seriam determinadas por uma transferência de Q para os centros motores, já que eliminam, de forma eficaz, a tensão psíquica; a eliminação produtora de prazer que, nesse contexto, é aproximada a uma operação espasmódica, não decorreria de uma transferência, mas de um esvaziamento da quantidade decorrente *"de uma possível diminuição da Q de ligação no centro sensorial pareado com ele"*⁴ (com o centro motor).

Nesse sentido, a diferença entre voluntário e espasmódico residiria não na presença ou ausência de intenção, mas tão-somente no estado em que se encontrar a quantidade: se esta estiver em estado ligado, tem-se uma transferência de quantidade e um conseqüente ato voluntário; se a ligação da quantidade diminuir, ocorrerá uma eliminação de Q , vindo a se produzir um espasmo (compulsão).

³ Idem, Ibidem.

⁴ Idem, Ibidem..

1.1. FORMULAÇÕES NATALINAS SOBRE AFETOS NORMAIS E NEURÓTICOS

Em anexo à carta de 1º de janeiro de 1896, Fliess recebeu do amigo um manuscrito, intitulado "*Um conto de fadas natalino*",⁵ repleto de importantes formulações sobre as neuroses de defesa. Nele Freud propõe, como condição para a formação de quadros psiconeuróticos, a sexualidade e o infantilismo. Nesse contexto, as causas para a irrupção da histeria, da neurose obsessiva e da paranóia coincidiriam, respectivamente, com os mesmos fatores causais dos afetos normais de conflito, auto-recriminação e mortificação. Tais afetos, por sua vez, envolvem necessariamente um conteúdo sexual que deve ser remetido a uma vivência anterior à puberdade. Com estes dois requisitos, torna-se possível explicar por que uma lembrança seria capaz de gerar um desprazer maior do que aquele produzido quando da ocorrência do evento correspondente à mesma.

A repressão, nessa perspectiva, continua a incidir sobre um aumento quantitativo, mas passa a ser provocada por aspectos qualitativos, ligados à moralidade e à vergonha. Essa suposição, entretanto, não parecerá suficientemente plausível a Freud, que acredita que "deve

⁵ Na compilação da correspondência de Freud a Fliess organizada por Marie Bonaparte, Anna Freud e Ernst Kris ("*Sigmund Freud, Aus den Anfängen der Psychoanalyse. Briefe an Wilhelm Fliess, Abhandlungen und Notizen aus den Jahren 1887-1902*"). Londres, Imago Publishing Company, 1950), os manuscritos teóricos enviados por Freud em anexo às cartas foram denominados de rascunhos, arrolados em ordem alfabética de A a N. O anexo em questão se trata, de acordo com essa nomenclatura, do rascunho K. Ver Masson, J.M.(org.) *A correspondência completa*, op. cit., pp. 163-170.

haver uma fonte independente de liberação de desprazer na vida sexual".⁶

Desse modo, começa a se impor, progressivamente, a necessidade de uma teoria da sexualidade, uma vez que, sem ela, permanecerá injustificada a tese de que somente as representações sexuais seriam passíveis de repressão. A construção dessa teoria pode ser acompanhada no próprio decorrer da correspondência com Fliess. No contexto do rascunho K, contudo, Freud limita-se à suposição de que a determinação da especificidade de uma neurose dependerá da maneira como se realiza a repressão.

Por conseguinte, ele considera que a neurose obsessiva resultaria de duas vivências sexuais anteriores à puberdade: a primeira, puramente passiva, geradora de desprazer; a segunda, ativa, seria acompanhada de prazer. Freud supõe que *"é a convergência posterior dessa experiência passiva com a experiência de prazer que acrescenta desprazer à lembrança apazível e possibilita o recalçamento".⁷*

Ora, se por um lado essa formulação permitiria entrever uma primeira alusão ao sintoma neurótico como uma relação de compromisso, por outro lado, pareceria manter a

⁶ Masson, op. cit., p. 164. Essa 'fonte independente de liberação de desprazer na vida sexual' não poderia, ao nosso ver, ser pensada como uma antecipação do reconhecimento de um desprazer interno originário e irreduzível, de modo a apontar para um 'além do princípio do prazer' desde esse período. Antes, acreditamos que essa suspeita de Freud estaria voltada para a tentativa de prescindir da explicação segundo a qual uma vivência sexual precoce seria a causa eficiente dos quadros de neurose, de modo a buscar, nas próprias características da sexualidade, fatores desencadeadores de desprazer. A esse respeito, o próprio rumo de suas formulações subsequentes permitiriam entrever, entre a concepção veiculada em *"Entwurf"* e em *"Jenseits"* acerca de um desprazer originário, a formulação de explicações segundo as quais o desprazer passaria a ser suposto como um derivado de um prazer primordial.

tese de um desprazer originário decorrente de uma vivência de caráter puramente passivo. Ou seja, apesar de supor uma vivência ativa aprazível na produção do sintoma manteria, no cerne da formação do distúrbio, um desprazer anterior.

De todo modo, com essa suposição, Freud consegue explicar como uma lembrança aprazível (da vivência sexual ativa) geraria desprazer, de modo a fazer emergir, de início, um afeto consciente de recriminação. Este provocaria uma primeira repressão, de forma que tanto a lembrança quanto a recriminação se tornariam inconscientes; à consciência, sobreviria agora "*um sintoma antitético, uma nuance de conscienciosidade*"⁸ que não invalidaria o sucesso temporário da defesa. Contudo, o material reprimido retornaria à consciência, inicialmente sob a forma de um sentimento puro de culpa, isto é, destituído de conteúdo. Posteriormente, travaria uma luta com o eu, a partir do que se formariam os sintomas da doença propriamente dita que implicariam em distorções quanto ao teor e ao tempo: o afeto de recriminação ligar-se-ia a um conteúdo análogo ao reprimido, formando representações substitutas; estas, diferentemente da representação reprimida, relacionar-se-iam a ações contemporâneas.

Nessa perspectiva, portanto, o sintoma - a idéia obsessiva - constituiria uma formação de compromisso, à medida que, de um lado, conteria um afeto genuíno de recriminação, enquanto que, de outro, apresentaria um conteúdo inapropriado decorrente das distorções operadas pela força repressora do eu.

⁷ Ibid., p. 165.

⁸ Masson, op. cit., p. 165.

A idéia obsessiva, acrescenta Freud, estaria, como qualquer outra, submetida à lógica. Contudo, apresentaria uma *força compulsiva* inabalável.⁹ Mais uma vez, percebe-se o esforço de Freud em atribuir à compulsão o estatuto de uma expressão *sui generis* da intenção; ou seja, em mostrar que a compulsividade de uma representação, que conferiria à mesma um caráter incompreensível, uma vez que se imporia tirânica e repetitivamente à consciência, não implicaria uma oposição à intencionalidade. Antes, tratar-se-ia de um processo em que determinada representação, coerente do ponto de vista lógico, mas inadmissível à consciência devido a preceitos morais, seria rechaçada, provocando um sentimento de recriminação. Este último seria "emprestado" a uma representação substituta, de modo a se criar um efeito de irracionalidade que seria desfeito tão logo se restabelecesse a ligação apropriada entre afeto e representação.

Freud prossegue com a descrição do mecanismo da paranóia que, assim como a neurose obsessiva, remontaria a uma vivência sexual aprazível, embora envolvesse também o processo de projeção decorrente de uma recusa à auto-recriminação subsequente. Uma vez que tal recusa seria consciente, Freud supõe que a repressão na paranóia ocorreria em uma idade mais avançada do que nas outras formas de psicose. O caráter compulsivo da paranóia recairia principalmente sobre a projeção da recriminação, que seria automaticamente atribuída a terceiros, vindo a gerar os delírios de perseguição. Não seria possível,

⁹ Masson, J.M. (org.) A correspondência completa. Op. cit., p. 166.

contudo, estabelecer a origem do mecanismo de projeção (se disposicional ou acidental).

Na histeria, pressupõe-se apenas a ocorrência de uma vivência sexual primária, passiva, geradora de desprazer. O eu não seria suficientemente forte para resistir ao aumento de tensão provocado pela vivência desprazível e seria *"obrigado a permitir uma manifestação de eliminação - em geral, uma expressão exagerada de excitação"*.¹⁰ Este constituiria o primeiro estágio da histeria, caracterizado por manifestações de sobressalto e lacunas na psique. A repressão, à qual se seguiriam os sintomas, ocorreria apenas subsequente e agiria sobre a lembrança da vivência sexual passiva através da intensificação de uma *"idéia limítrofe"* (de um lado pertenceria ao eu e, de outro, seria *"parte não distorcida da recordação traumática"*).¹¹ Contudo, a idéia limítrofe, que passaria a representar no eu a idéia reprimida, não se envolveria em um processo de substituição, tal como ocorreria na neurose de compulsão. Antes, por estar em jogo uma lacuna na psique, seria possível que a idéia limítrofe viesse a representar uma manifestação motora (ataque histérico).

1.2. SEDUÇÃO E ESCOLHA DA NEUROSE

As cartas subseqüentes a Fliess deixam entrever o grande interesse de Freud pela questão da cronologia da vivência de sedução e sua relação com a *"escolha da neurose"*. Conforme adverte Gabbi Jr.(1995), ele precisaria

¹⁰ Op. cit., p. 169.

apontar um fator etiológico específico para as psiconeuroses, dado que, àquela altura, achava-se convencido de que a hereditariedade não presidiria a escolha de tais distúrbios.¹² Esse fator etiológico passa a ser atribuído, portanto, à época em que ocorreu, na história do indivíduo neurótico, a cena de sedução. Todavia, mantém-se a idéia de um desprazer originário provocado por um acontecimento externo, persistindo a dificuldade de conferir um caráter derivado à produção de tal sensação.

Na carta de 1º de março de 1896, ao comentar o manuscrito em que Fliess expunha suas formulações sobre as relações entre o nariz e os órgãos sexuais femininos, que fundamentavam a sua teoria dos períodos, Freud supõe que "*a época depois da qual as experiências sexuais deixam de ter um efeito póstumo e passam a ter um efeito real - coincidem com a segunda dentição.*"¹³ De resto, afirma que a neurose de angústia constituiria uma espécie de intoxicação, "*para a qual um processo orgânico deve suprir as bases fisiológicas.*"¹⁴

¹¹ Ibid., p. 170. Reaparece nessa passagem a noção de sintoma como formação de compromisso.

¹² Cf. Freud, S. "*L'hérédité et L'étiologie des névroses*". Op. cit.

¹³ Masson, J. M. (org.) *A correspondência completa*. Op. cit., p. 175.

¹⁴ Idem, Ibidem. Outra alusão à neurose de angústia como uma forma de intoxicação consta também na carta de 2 de abril de 1896 (ibid., p. 181). Parece, portanto, que, para Freud, a neurose de angústia situa-se em um registro limítrofe, entre o orgânico e o representado. Ao expressar seu contentamento referente à capacidade do amigo para substituir o que considera suas "idéias preliminares" por *realia* (Idem), Freud parece reconhecer que a psicologia que pretende construir pressupõe uma base bioquímica que ele pessoalmente não se acha capaz de fornecer, mas que julga que possa ser obtida a partir das formulações de Fliess.

Na carta de 30 de maio de 1896, Freud apresenta o que supõe ser *"a solução para a etiologia das psiconeuroses"*¹⁵ e formula considerações tópicas, econômicas e dinâmicas acerca do psiquismo. Desse modo, propõe uma divisão da vida em quatro fases, intercaladas por duas fases de transição, durante as quais ocorreria, na maioria das vezes, a repressão. Nesse contexto, acredita que

*"A evocação, em época posterior, de uma lembrança sexual de época anterior produz um excesso de sexualidade na psique, que atua como inibidor do pensamento e confere à lembrança e a suas conseqüências um caráter obsessivo - impossibilidade de inibição".*¹⁶

Em outras palavras, o excesso de sexualidade produzido pela recordação da cena de sedução suscitaria a atuação da defesa, acarretando uma espécie de irrupção de sintomas no interior do curso normal do pensamento. Estes, não sendo passíveis de inibição, atuariam como inibidores do próprio pensamento.

Surge também uma primeira formulação da noção de tradução que, nesse momento, refletiria o modo como Freud vinha tentando estabelecer tanto a relação somático-psíquico, quanto a relação inconsciente-consciente em termos de representação. A noção de tradução referir-se-ia, portanto, à expressão por meio de palavras - uma espécie de decodificação - da recordação da vivência de sedução.

Nesta perspectiva, a histeria remontaria a cenas de sedução ocorridas durante a primeira fase da vida (de zero a quatro anos), quando ainda não seria possível a tradução

¹⁵ Masson, J. M. *A correspondência completa*. Op. cit., p. 188.

¹⁶ Idem, *Ibidem*.

do material mnêmico em imagens verbais; o resultando seria, portanto, a produção de um excesso de sexualidade (desprazer) que, combinado com a ação da defesa, levaria, ao invés de sintomas na esfera representativa, a uma conversão.

A neurose obsessiva resultaria de cenas ocorridas durante a segunda fase da vida (de quatro a oito anos), quando já seria possível a tradução dos resíduos mnêmicos em palavras. O redespertar desses resíduos na terceira (de dez a catorze anos) ou quarta fase da vida (dos dezoito anos em diante) acarretaria a formação de sintomas psíquicos obsessivos.

A paranóia, por sua vez, envolveria cenas ocorridas na terceira fase, redespertadas na maturidade, quando a defesa assumisse a forma da desconfiança.

Freud defende, nessa carta, um ponto de vista que abandonará mais tarde:

"... as fases em que ocorre o recalçamento não têm nenhum significado para a escolha da neurose; as fases em que ocorre o evento é que são decisivas. A natureza da cena é importante, na medida em que é capaz de dar origem à defesa".¹⁷

A ausência de cenas de sedução nas três primeiras fases da vida (portanto, antes da irrupção da sexualidade) daria lugar a uma defesa normal. A produção, na maturidade, de um excesso de sexualidade atenderia "às condições dos ataques de angústia".¹⁸ Neste caso, Freud supõe uma insuficiência, por parte dos traços mnêmicos, de absorver

¹⁷ Masson, J.M. A correspondência completa. Op. cit., p. 189.

"a quantidade sexual liberada"¹⁹ (ou seja, a sexualidade somática), "que deve transformar-se em libido"²⁰ (sexualidade psíquica). Esta insuficiência faria com que a sexualidade somática, ao invés de transformar-se em libido, viesse a se transformar em angústia.

O tornar-se consciente implicaria três aspectos: 1) a consciência das lembranças dá-se, na maioria dos casos, pelo acesso às representações de palavra associadas; 2) não se restringe exclusivamente nem ao chamado domínio consciente, nem ao domínio inconsciente; 3) é determinado pelo compromisso entre as forças psíquicas conflitantes que fazem acionar o mecanismo da repressão.

A noção de forças psíquicas em conflito constitui, na verdade, uma espécie de reformulação das noções de representação afetiva e de representação incompatível com o eu apresentadas em "*Studien*". Essa noção proporcionaria um grande impulso às investigações já denominadas por Freud de metapsicológicas²¹, uma vez que viabilizaria o enfoque intencional que ele pretendia inserir no estudo científico da neurose.

Freud aponta a necessidade de se proceder a um minucioso estudo de tais forças, lembrando que as mesmas devem ser inferidas a partir de seus resultados:

"São elas (1) a força quantitativa intrínseca de uma representação e (2) uma atenção livremente móvel, que é

¹⁸ Ibid. p. 190.

¹⁹ Idem, Ibidem.

²⁰ Idem, Ibidem.

²¹ O termo metapsicologia aparece na carta a Fliess de 13 de fevereiro de 1896 (op. cit., p. 173).

atraída segundo certas regras e repelida segundo a regra da defesa".²²

Freud reitera a necessidade de se distinguir processos psíquicos inibidos dos não-inibidos pelo pensamento,²³ supondo ser do conflito entre ambos que surge o sintoma como compromisso, através do qual "se abre o acesso à consciência".²⁴ Nesse contexto, ele retoma a importante observação segundo a qual, na neurose, ao contrário do que se costuma pensar até hoje, tanto os processos inibidos quanto os não inibidos são, em si mesmos, "corretos";²⁵ isto é, são coerentes, do ponto de vista da racionalidade prática, ainda que os últimos constituam processos mono-ideativos (levem em conta unicamente o desejo). O aspecto "incorreto" (incoerente, irracional) do sintoma decorreria, portanto, do compromisso entre ambos os processos, cujo resultado pareceria análogo a um erro de pensamento.

De resto, Freud chama a atenção para a importância das condições quantitativas dos processos psíquicos no que tange ao surgimento de distúrbios: certos distúrbios emergem a partir de um aumento do poder dos processos não-inibidos, enquanto outros ocorrem quando se dá um relaxamento do poder de inibição do pensamento (tal é o caso dos sonhos). A psicose envolveria a posse exclusiva do

²² Masson, J.M. *A correspondência completa*. Op. cit., p. 190.

²³ Processos não-inibidos e inibidos pelo pensamento correspondem, respectivamente, aos processos primário e secundário do aparelho psíquico apresentados em "Entwurf" (Parte I, seção 15).

²⁴ Ver nota 26, acima.

²⁵ Freud utiliza o termo alemão *korrekt* (Cf. "A correspondência completa.", op. cit., nota de rodapé nº 1, p. 191).

acesso à consciência verbal por parte dos processos psíquicos não-inibidos.²⁶

Antes de declarar que enterraria sua "varinha de condão"²⁷ por aquele semestre, Freud acrescenta que não há como separar os dois processos psíquicos; haveria a possibilidade de várias transições associativas entre ambos, refreadas, contudo, pelo desprazer que seriam capazes de causar. Essa observação permitiria, ao nosso ver, duas interpretações distintas: 1) Freud estaria tentando garantir que o processo secundário consistiria apenas em uma modificação do primário, de modo que a intenção contida neste último fosse mantida naquele mediante inibição - o que implicaria no caráter derivado do processo secundário em relação ao primário e, por conseguinte, da consciência em relação ao inconsciente; 2) Freud estaria tentando dizer que não seria possível pensar um processo independente do outro - o que tornaria sem sentido pensar na anterioridade de um sobre o outro e, conseqüentemente, do inconsciente sobre a consciência. Esta última pareceria desfazer a contradição que supomos intrínseca ao projeto freudiano. Contudo, a julgar pelo tratamento concedido à questão dos dois processos em escritos ulteriores, como o capítulo VII de "*Die Traumdeutung*" e "*Das Unbewußte*", bem como pelo modo como a contradição parece emergir no contexto da introdução da

²⁶ Em 1915, no artigo metapsicológico "*Das Unbewusste*" ("O Inconsciente". GW, X, pp. 263-303; SE, XIV, pp. 159-204; ESB, XIV, pp. 191-233), essa formulação reaparecerá numa versão mais aprimorada: a psicose constitui o caso em que a representação de palavra toma o lugar da representação de coisa.

²⁷ Op. cit., p. 191.

pulsão de morte, acreditamos que Freud tenha-se mantido preso ao sentido da primeira.

Na carta de 9 de junho de 1896,²⁸ Freud refere-se, sem no entanto aprofundar-se, a um aspecto digno de nota no contexto do presente estudo: ele começa a suspeitar que haveria uma diferença entre compulsão e o efeito da defesa. Com base no material teórico acumulado até aquela data, podemos inferir que tal suposição parece um tanto problemática. Ora, tudo vai depender do que estaria sendo considerado como compulsão e como defesa. Ademais, esse problema recairia sobre o limite da própria teoria que, naquela época, não havia, por assim dizer, acomodado a idéia, já vislumbrada por Freud, de repressão do prazer, a partir do qual derivaria o desprazer vinculado ao sintoma.

Na missiva de 30 de junho de 1896,²⁹ destaca-se o comentário de Freud sobre a possibilidade de seu amigo vir a dissipar algumas de suas dúvidas sobre a teoria da repressão, sobretudo com explicações acerca da menstruação masculina e feminina em um mesmo indivíduo. Ele parece alimentar a esperança de que a teoria dos períodos de Fliess - que supunha a existência de duas substâncias químicas sexuais em todos os seres humanos -, pudesse de algum modo fornecer a fundamentação fisiológica para suas formulações psicológicas, principalmente no que dizia respeito à angústia, sobre a qual ainda existiam muitos aspectos obscuros.

²⁸ Op. cit., p. 193.

²⁹ Op. cit., p. 194.

CAPÍTULO II

A TEORIA DA MEMÓRIA ESTRATIFICADA

A carta de 6 de dezembro de 1896,³⁰ tantas vezes submetida ao estudo minucioso de inúmeros comentadores da obra freudiana, posto que esboça o modelo do psiquismo proposto no capítulo VII de "*Die Traumdeutung*", traz com efeito uma série de reformulações. Estas parecem fornecer uma nova forma de conceber a estrutura e o funcionamento do aparelho psíquico, de modo a diminuir a importância de certos aspectos que não se adequavam às explicações quantitativas propostas até então.

O exame que empreenderemos a seguir acerca dessas formulações, condensadas numa única carta, tem um objetivo preciso. Tentaremos mostrar que o modelo proposto na mesma constituiria o primeiro esquema metapsicológico em que se poderia entrever o esforço de Freud para atribuir ao desprazer um caráter derivado.

Com efeito, nesse modelo o desprazer seria pensado como resultante da própria estratificação da mente em sistemas e não como um dado originário. No entanto, Freud não consegue explicar, por meio do referido modelo, por que o alvo da repressão seriam as representações sexuais. Desse modo, recorre a uma suposição, derivada da hipótese de Fliess acerca da bissexualidade de todos os seres humanos.

Mediante esse recurso, reintroduz-se a questão de um desprazer originário gerado pela liberação de uma substância sexual feminina.

Freud anuncia uma importante tese: "*a memória não se faz presente de uma só vez, e sim ao longo de diversas vezes, |e| que é registrada em vários tipos de indicações*".³¹ De acordo com essa nova concepção, o aparelho psíquico ter-se-ia constituído a partir de um processo de estratificação, de tal modo que o material mnêmico acumulado seria submetido, de tempos em tempos, a uma espécie de reconfiguração - nas palavras de Freud, a uma *retranscrição* -,³² de maneira a observar algumas mudanças de condições impostas pela vida.³³ Ademais, essa reformulação introduz a noção de fases psíquicas que, cumpre notar, não coincidem nesse contexto com os períodos de desenvolvimento sexual.

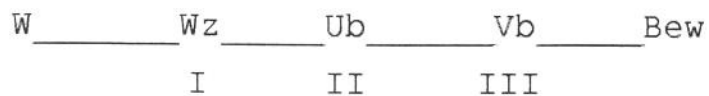
Freud supõe a formação de pelo menos três registros mnêmicos, recorrendo, para melhor se referir aos mesmos, a um esquema tópico nos moldes que se seguem:

³⁰ Op. cit., pp. 208-216.

³¹ Op. cit., p. 208.

³² Idem, Ibidem.

³³ Note-se que o modelo do aparelho anímico proposto em "*Entwurf*" é submetido a mais uma reformulação. Além da nova configuração $\phi\psi\omega$, o sistema de neurônios ψ passa a ser dividido em três sub-sistemas.



W (*Wahrnehmungen*)³⁴ representaria o conjunto de neurônios nos quais se originariam as percepções, ligadas, por sua vez, à consciência. Tais neurônios seriam incapazes de retenção de qualquer traço de memória (corresponderiam aos neurônios ϕ do modelo proposto em *Entwurf*). Wz (*Wahrnehmungszeichen*)³⁵ constituiria o primeiro grupo de neurônios nos quais seriam registradas as percepções. Caracterizar-se-ia por uma total inacessibilidade à consciência e seria organizado segundo a associação por simultaneidade. Ub (*Unbewußtsein*)³⁶ comporia o segundo registro, igualmente inacessível à consciência, organizado a partir de relações causais (Freud acrescenta que os traços de Ub talvez correspondam a lembranças conceituais). Vb (*Vorbewußtsein*)³⁷ configuraria o terceiro registro: estaria ligado às representações de palavra e corresponderia ao que Freud denomina de "eu oficial". Seria acessível à consciência mediante certas regras, de modo a produzir uma consciência secundária do pensamento.

Esse modelo pressupõe que cada transcrição em um novo registro deve inibir sua predecessora, de maneira a esgotar o seu processo excitatório. Assim, partindo de tal esquema, no qual "*os registros sucessivos representam conquistas*

³⁴ Percepções.

³⁵ Indicações de percepção.

³⁶ Inconsciente.

³⁷ Pré-consciente.

psíquicas de fases sucessivas da vida",³⁸ Freud pretende introduzir a tese de que a repressão resultaria precisamente da retranscrição do material mnêmico que, por ocasião da passagem de um a outro registro, seria submetido a uma tradução.

Nessa perspectiva, aquilo que, no registro anterior, fosse considerado aprazível poderia, ao ser traduzido no registro seguinte, ser tomado por algo desprazível, de modo que essa tradução não viesse a se completar. Nesse caso, ocorreria o que Freud havia denominado de "falha na tradução",³⁹ que faz com que a excitação seja "*tratada de acordo com as leis psicológicas vigentes no período psíquico precedente e seguindo as vias abertas naquela época*".⁴⁰

De acordo com essa tese, o desprazer seria gerado pelo próprio processo de tradução e não pelo conteúdo da lembrança em si. Tudo se passa como se o desprazer, decorrente da retranscrição de um traço mnêmico no registro seguinte, gerasse um distúrbio do pensamento que impedisse o término do trabalho de tradução. Mediante essa formulação tópica, na qual a psique parece constituir basicamente um aparelho de memória, Freud teria conseguido solucionar uma dificuldade que a teoria da sedução, fundamentada no modelo de "*Entwurf*", teria produzido. Nesse novo modelo, a fonte do desprazer patológico deixaria de depender diretamente de uma vivência originária e de uma disposição hereditária, uma vez que decorreria de um processo ocorrido no âmbito do

³⁸ Op. cit., p. 209.

³⁹ Idem, Ibidem.

⁴⁰ Idem, Ibidem.

registro psíquico. Desse modo, a geração do desprazer não implicaria um dado originário, nem tampouco uma intenção; antes, decorreria de uma 'falha de tradução'.

À luz dessa concepção tópica, a defesa normal constituiria a *inibição* da magnitude de excitação de uma lembrança, ocorrendo apenas no interior de uma mesma fase psíquica e entre registros de uma mesma espécie. Assim, sempre que, nessas condições, ocorresse a geração de desprazer, a quantidade de excitação seria inibida. No caso de lembranças de vivências sexuais, a defesa normal não seria possível porque tais lembranças apresentariam a peculiaridade de se comportarem como se fossem eventos atuais. Ou seja, as lembranças de vivências sexuais, ocorridas em determinada fase psíquica, seriam superocupadas com quantidades geradas nos três períodos do desenvolvimento da sexualidade,⁴¹ de modo que estariam, à medida que o indivíduo atingisse a puberdade, submetidas à ocupação de novas cargas de excitação.

Face a essas novas formulações, Freud parece, por assim dizer, obrigado a recolocar em discussão os aspectos quantitativos ligados à defesa patológica, para responder por que somente as lembranças sexuais seriam reprimidas. Nesse sentido, ele aprimora uma idéia, anunciada em missiva

41 Freud propõe o seguinte diagrama para relacionar as fases do desenvolvimento psíquico com as do desenvolvimento sexual:

Idade	1 1/2	4	8	14-15
Psí	Ia	Ib	II	III
Sex	I	II	III	

O período I da sexualidade abrangeria os períodos Ia e Ib do desenvolvimento psíquico, indo de um ano e meio a oito anos de idade; o período II iniciaria-se um pouco depois dos oito anos e finalizar-se-ia antes dos catorze anos (o que indicaria uma correspondência apenas parcial entre os períodos psíquico e sexual do desenvolvimento); o período III iniciaria-se um pouco

anterior,⁴² segundo a qual na neurose obsessiva encontrar-se-iam vivências sexuais desprazíveis, em que o indivíduo teria desempenhado um papel passivo, seguidas de vivências sexuais aprazíveis, nas quais o mesmo desempenharia um papel ativo.

Na carta de 6/12/1896, portanto, Freud supõe que nem todas as vivências sexuais produziriam desprazer; antes, a maioria delas geraria prazer. Prazer este que não seria passível de inibição quando a vivência sexual fosse reproduzida; antes, produziria uma *compulsão*.

Com base nessas considerações, Freud conclui que, quando uma vivência sexual fosse recordada numa outra fase, a produção de prazer seria acompanhada pela compulsão, enquanto que a geração de desprazer acarretaria em repressão. De resto, acrescenta que, em ambos os casos, a tradução para a fase seguinte parece estar inibida.

Note-se que, com essa suposição, Freud pode contemplar algo que até então não havia aparecido em suas formulações: uma forma de manifestação da sexualidade que, mesmo envolvendo vivências sexuais precoces, teria escapado à repressão. Referimo-nos à perversão. As questões que se colocam agora são formuladas nos seguintes termos: por que vivências sexuais que geraram prazer quando eram atuais, passariam, ao serem recordadas em outra fase, a gerar desprazer em algumas pessoas, persistindo em outras como compulsão? Por que não haveria coincidência entre as fases psíquicas e as sexuais do desenvolvimento? Por que, em alguns casos, surgiria a perversão e, em outros, a neurose?

depois dos catorze anos, o que confirmaria a correspondência parcial entre eles.

Após uma complicada elaboração que integra a teoria dos períodos de Fliess,⁴³ Freud responde à última das indagações acima recorrendo à hipótese da bissexualidade de todos os seres humanos. Supõe que a perversão decorreria de um excedente de eliminação masculina, produzida em "seres puramente masculinos",⁴⁴ enquanto que a neurose ocorreria em "seres puramente femininos", nos quais se manifestaria um excesso de substância desprazível. Entretanto, admite a possibilidade de uma "metamorfose" em um mesmo indivíduo que, sendo perverso na idade do vigor, passaria por um período de angústia, vindo depois a se tornar histérico. Essa possibilidade serviria de base para a hipótese - amplamente desenvolvida em 1905, em *Drei Abhandlungen* -, segundo a qual "*a histeria não é a sexualidade repudiada, e sim a perversão repudiada*".⁴⁵

A despeito da riqueza do material condensado nessa carta e com o qual Freud passaria a se ocupar nos próximos nove anos de sua produção teórica, cumpre notar que, ao recorrer à hipótese das substâncias sexuais masculina e feminina, Freud seria, por assim dizer, obrigado a reintroduzir a suposição de um desprazer irreduzível.

⁴² Cf. *A Correspondência completa*. Op. cit. Rascunho K, pp. 165-166.

⁴³ De acordo com a qual existiriam duas substâncias: uma masculina - apresentando um período de vinte e três dias, cuja liberação geraria prazer; a outra feminina - com período de vinte e oito dias e cuja eliminação da quantidade seria sentida como desprazível.

⁴⁴ "*A Correspondência Completa*". Op. cit., p. 213.

⁴⁵ Idem, *Ibidem*.

CAPÍTULO III

DA TEORIA DAS SUBSTÂNCIAS SEXUAIS À TEORIA DA REPRESENTAÇÃO

O capítulo que se segue mantém-se na trilha proposta por este estudo e pode ser lido como uma tentativa de mostrar que a empresa freudiana de erigir uma teoria dos processos psíquicos nos moldes de uma ciência natural, ao mesmo tempo capaz de guardar o caráter intencional de tais processos, envolveria, desde sua 'pré-história', a formulação de uma genealogia do desprazer.

Na carta de 17 de dezembro de 1896, Freud propõe que as substâncias sexuais masculina e feminina seriam simultaneamente liberadas todos os dias, havendo uma diferença na distribuição de cada uma, o que acarretaria a diferenciação dos sexos. Assim, o indivíduo do sexo masculino apresentaria uma espécie de excesso na distribuição da substância masculina, enquanto o indivíduo do sexo feminino apresentaria um excesso na distribuição de substância feminina. A produção anormal, a distribuição anormal das reservas (de ambas as substâncias) efetivamente presentes em cada momento específico da vida, bem como as rupturas que implicariam a passagem de um período de vinte e três para um período de vinte e oito dias são relacionadas à formação de alguns quadros patológicos.

Desse modo, a melancolia e a mania decorreriam de uma produção anormal (ocorreria uma produção separada e,

portanto, não simultânea) das substâncias masculina e feminina; a neurastenia e a neurose de angústia resultariam, à luz dessa nova perspectiva, de uma distribuição anormal das reservas reais de ambas as substâncias.

Freud acrescenta que a distribuição das duas substâncias seria múltipla, isto é, somática e psíquica, além de, possivelmente, apresentar um efeito diretamente tóxico. A angústia decorreria de uma distribuição anormal, no plano somático, da substância feminina (cujo período é de vinte e oito dias), quando a liberação dessa substância sexual lhe fosse negada; a neurastenia, por sua vez, resultaria de uma distribuição anormal, também no plano somático, da substância masculina (período de vinte e três dias), quando a liberação dessa substância lhe fosse igualmente negada.

A passagem da vigência de um a outro período (do masculino ao feminino, ou vice-versa) implicaria uma espécie de ruptura que poderia trazer efeitos patológicos, cujas manifestações, diferenciadas segundo o sexo do indivíduo, apareceriam nas precondições que dariam origem às compulsões e à repressão.

Freud recorre a uma hipótese de Fliess, segundo a qual ambos os períodos, masculino e feminino, seriam sucedidos por "dias de menstruação", durante os quais seriam eliminadas as substâncias não distribuídas. Ele mesmo admite a inexatidão de suas formulações, que tentam a todo custo transformar as teses organológicas de Fliess em "infra-estrutura" para as suas produções no campo da psicologia. Assim é que parece reiterar o que já havia

suposto na carta de 6 de dezembro do mesmo ano: a repressão consistiria em uma espécie de efeito patológico da distribuição psíquica da substância sexual feminina (geradora de desprazer), enquanto a compulsão envolveria eliminações psíquicas de substância sexual masculina (aprazível).

Freud finaliza sua exposição sobre as substâncias sexuais e a teoria dos períodos com as seguintes palavras: *"Escondida bem no fundo disso está minha cria idealizada e acabrunhada - a metapsicologia. O sentimento de prazer, penso eu, é uma eliminação, e não uma sensação de intoxicação"*.⁴⁶

A suposição de que a distribuição das substâncias sexuais masculina e feminina estaria no cerne dos processos psicopatológicos ocupa, conforme se pode depreender do exposto acima, um lugar central no contexto das primeiras formulações consideradas pelo próprio Freud como metapsicológicas. Não é propriamente o mérito de tais noções o que nos interessa no presente contexto, mas o fato de que elas permitem entrever os percalços de Freud em sua busca por um caráter derivado para o desprazer, por meio do que se tornaria plausível supor a anterioridade empírica do processo primário em relação ao secundário; em última análise, a precedência do inconsciente sobre os demais processos psíquicos.

Nesse sentido, o período da correspondência com Fliess ora em exame torna-se particularmente interessante, uma vez que nos permite supor que, àquela época, Freud encontrar-se-ia dividido entre a necessidade de recorrer à interação

entre o somático e o mental para explicar as peculiaridades das representações de caráter sexual e a exigência teórica de encontrar uma explicação para a produção do desprazer.

Pouco a pouco, à medida que se consolida a sua teoria da representação, Freud conseguiria eximir-se da tarefa de penetrar nos meandros biológicos da descrição da interação entre o somático e o mental, então considerada como a "infra-estrutura" de sua metapsicologia. Com efeito, uma vez que o campo da representação parece progressivamente tornar-se o objeto privilegiado da reflexão psicanalítica, sem, contudo, ferir a convicção freudiana de que produzia conhecimento científico, a interação entre o somático e o psíquico vai ficar ao encargo do conceito psicanalítico de pulsão.⁴⁷

Desse modo, nem o fato de as teorias médico-biológicas da época não respaldarem as teses freudianas, nem mesmo o fim do intercâmbio teórico com Fliess constituiriam problema para a psicanálise, uma vez que esta passou a se ocupar tão-somente do estudo do material passível de representação psíquica. O tão almejado respaldo biológico parece ir aos poucos ficando ao encargo dos avanços da pesquisa bioquímica futura.

Veremos que, mediante a formulação de certas noções fundamentais, Freud passará a se referir às substâncias

⁴⁶ Op. cit., p. 217.

⁴⁷ Em "*Trieb und Tribschicksale*" (1915) (*Os instintos e suas vicissitudes*. GW, X, pp. 209-232; SE, XIV, pp. 109-140; ESB, XIV, pp. 137-162), Freud finalmente explicita o âmbito da investigação psicanalítica circunscrevendo-o à esfera da representação. Desse modo, o conceito de pulsão figuraria como uma convenção, que estabeleceria "*relações significativas com o material empírico*" (GW, X, p. 209; SE, XIV, p. 109; ESB, XIV, p. 137), embora não fosse claramente determinável. Tal como qualquer outra ciência, a psicanálise partiria de formulações dessa

sexuais como 'pulsões sexuais', das quais se ocupará apenas com seus representantes. Entretanto, veremos no último capítulo que, com a introdução do conceito de pulsão de morte, operam-se importantes modificações em todos esses aspectos: seja no próprio conceito de pulsão, seja no âmbito da teoria da representação, ou, ainda, nas relações de fundamentação entre biologia e psicanálise.⁴⁸

As cartas a Fliess constituem, com efeito, importante material para acompanharmos esse rumo, paulatinamente trilhado pelo pensamento freudiano, em direção a uma formulação dos processos psíquicos fundamentada sobre uma teoria da representação. O ano de 1897 concentra algumas constatações decisivas que, ao culminarem com a descrença na teoria da sedução, operam um verdadeiro deslocamento do objeto da psicanálise que, a partir de então, passa a envolver as noções de fantasia, sexualidade infantil e Complexo de Édipo.

Na carta de 3 de janeiro daquele ano, ao supor que necessitaria de um prazo de dez anos para concluir sua teoria das neuroses e sua "nova psicologia",⁴⁹ Freud faz o seguinte comentário, acerca dos fundamentos de ambas:

"É claro que você não acredita que minhas teorias sobre a neurose tenham uma base tão frágil quanto os

natureza, de maneira que a pulsão consistiria em um "conceito-limite", na fronteira entre o somático e o psíquico.

⁴⁸ Kimmerle (op. cit., pp. 105-106) sugere que, com a introdução da pulsão de morte, ocorreria uma espécie de inversão nas relações entre biologia e psicanálise. Se antes a biologia servia de respaldo às teses psicanalíticas, como no caso da noção de 'fonte' pulsional, com a pulsão de morte passaria a ocorrer o contrário, uma vez que aquela ciência não teria fornecido os fundamentos para a tese de que todo organismo vivo pereceria por determinações internas. Nesse sentido, a psicanálise é que passaria a apontar o rumo das investigações a serem realizadas pela biologia a respeito da morte.

⁴⁹ Trata-se da teoria psicológica esboçada em "Entwurf", submetida, obviamente, às várias reformulações anunciadas na própria correspondência (Ver exame das cartas de 1/01/1896, 30/05/96 e 6/12/96, acima).

comentários que lhe estou mandando sobre a organologia. Nesse assunto, falta-me todo e qualquer material e só consigo fazer suposições; já em minha área, apóio-me nos fundamentos mais sólidos que você possa imaginar. Com certeza, ainda tenho muito que aprender(...)".⁵⁰

Mais adiante, na mesma carta, Freud parece responder a um possível comentário de Fliess a respeito do fato de as neuroses não provocarem a morte do paciente; tal aspecto conferiria a esse tipo de distúrbio uma interpretação distinta, à luz da teoria das substâncias sexuais, daquela que pudesse ser proposta para outras patologias orgânicas como, por exemplo, o derrame cerebral. Freud supõe que as substâncias sexuais, masculina e feminina, seriam diferentes das outras, de cujas vicissitudes Fliess ter-se-ia ocupado, embora concordasse com a hipótese do amigo de que todas as substâncias seriam liberadas em irrupções de 23 e 28 dias. Mesmo que não possamos compreender exatamente o que Freud queria dizer com essa distinção das substâncias sexuais em relação às outras - pois não se dispõe das cartas escritas por Fliess -, depreendemos, a partir de um comentário constante da mesma carta, que ele pretendia manter distinto o campo da neurose do das demais patologias orgânicas.⁵¹

Com efeito, Freud concentrou, àquela época, grande esforço na tentativa de mostrar que a neurose diferenciava-se de outros distúrbios, justamente por envolver as substâncias sexuais, cujas particularidades seriam responsáveis pela formação de relações até então

⁵⁰ Op. cit., p. 220.

⁵¹ "Eu não gostaria que a fronteira entre o neurótico e o orgânico fosse obscurecida" (op. cit., p. 221).

incompreendidas entre as esferas somática e psíquica. Desse modo, o estudo das neuroses poderia tornar-se um meio privilegiado para se investigar e possibilitar novas reflexões a respeito das relações mente-corpo. Freud poderia, finalmente, através desse caminho que se lhe apresentara pela via da Medicina, realizar o anseio, alimentado desde a juventude,⁵² em relação ao conhecimento filosófico.

Entretanto, o rumo tomado por suas investigações indica que a ansiada elucidação desses temas, a partir da união de suas formulações com as de Fliess, será, conforme aludimos acima, pouco a pouco substituída pela convicção de que o interesse da psicanálise deve recair sobre aquilo que é passível de representação.

Por conseguinte, as questões suscitadas pelas neuroses atuais, que até os últimos anos do século passado tanto despertaram o interesse do fundador da psicanálise, darão lugar a aspectos que julgamos mais promissores. Em princípio, porque, diferentemente daqueles distúrbios, mostrar-se-ão mais suscetíveis à intervenção do método psicanalítico. Ademais, com a entrada em cena da noção de fantasia - elemento eminentemente psíquico -, e da noção de sexualidade infantil - elemento cuja fonte é somática, mas passível de representação -, Freud parece chegar mais próximo de uma teoria segundo a qual o desprazer resultaria de um prazer interdito pela repressão.

Na carta de 8 de fevereiro de 1897, Freud faz o seguinte comunicado a Fliess, a respeito de suas incursões teóricas pelo que denominava de 'organologia': "A verdade é

⁵² Ver carta de 2 de abril de 1896, op. cit., p. 181.

*que desisti há muito tempo de qualquer tentativa, jamais feita a sério, de tocar o apito que você toca. Prefiro que me dê um concerto na Páscoa".*⁵³

Além das dificuldades de obter fundamentos nas estranhas hipóteses acerca da periodicidade das substâncias vitais postuladas pelo amigo, haveria ainda um forte fator influenciando a decisão freudiana de eximir-se de tal tarefa. Trata-se de uma atividade com que passa a ocupar-se intensamente a partir daquele ano (1897): sua auto-análise.

Nesse caso, retirar de sua alçada a tarefa de obter uma "infra-estrutura" biológica e mergulhar em sua auto-análise proporcionaram a Freud uma série de importantes reformulações conceituais e clínicas. Estas, por sua vez, permitiram-lhe reunir o material com o qual passou a erguer o edifício propriamente psicanalítico.

Nessa nova perspectiva, o inconsciente não mais precisaria coincidir com o fisiológico, como meio de fugir à determinação da tradição filosófica que havia vinculado o psíquico à consciência. Ademais, Freud já havia discordado de Charcot e Breuer, para quem os aspectos fisiológicos eram indispensáveis a uma concepção acertada dos distúrbios histéricos. Portanto, a formulação das novas noções a partir de sua auto-análise parecem constituir o passo decisivo para a diferenciação da psicanálise, tanto em relação à psicologia, quanto à fisiologia.⁵⁴ Voltemos,

⁵³ Op. cit., p. 230.

⁵⁴ Note-se que as constatações obtidas no próprio terreno da psicanálise - o terreno da representação -, adquirem, para Freud, a legitimidade suficiente para compor um novo corpo de conhecimento científico, com base no qual os processos somáticos que serviriam de fundamento para as operações psíquicas poderiam ser inferidos.

pois, à correspondência com Fliess, uma vez que nela se anunciam os primeiros sinais dessa importante mudança.

Freud já vinha demonstrando interesse, em cartas anteriores,⁵⁵ pela idéia de que haveria uma analogia entre aquilo que era considerado nos tribunais inquisitórios como possessão demoníaca e os sintomas de conversão histérica. As confissões das bruxas, arrancadas sob as torturas praticadas pelos juízes, costumavam evocar cenas em que o demônio abusava sexualmente delas. Freud aproxima esse tipo recorrente de confissão das bruxas, bem como as próprias práticas de tortura realizadas pelos juízes, a formas de produção fantasiosa de vivências de sedução na infância, de modo que o demônio seria uma espécie de disfarce defensivo da figura paterna. Os juízes realizariam, através da tortura, a reprodução, agora ocupando o papel ativo, da cena de sedução de que também foram vítimas na infância. Com essa aproximação, abre-se um espaço para se considerar a fantasia um elemento determinante na formação dos sintomas.

⁵⁵ Cf. cartas de 17 e 24 de janeiro de 1897, op. cit. p.225 e pp. 227-228.

CAPÍTULO IV

FANTASIA, SEXUALIDADE, SONHO: CONTRIBUIÇÕES À METAPSICOLOGIA

Na carta de 6 de abril de 1897, Freud reconhece a importância das fantasias histéricas como reveladoras das produções do inconsciente. Concede um maior destaque ao seu conteúdo, que não mais implica em acontecimentos necessariamente vividos pelo paciente, uma vez que *"remontam sistematicamente a coisas que as crianças entreouvem em idade precoce e só compreendem numa ocasião posterior"*.⁵⁶ Por conseguinte, mesmo supondo que o sintoma seria uma forma de reprodução da cena de sedução na infância, Freud admite que as fantasias constituiriam *"estruturas protetoras"*,⁵⁷ que se ergueriam, em alguns casos, à frente das recordações das cenas de sedução. Funcionariam, portanto, como meio de *"sublimações dos fatos, embelezamento deles"*,⁵⁸ servindo ainda para *"alívio pessoal"*.⁵⁹

Para que se dimensione esse progressivo direcionamento da produção freudiana rumo ao espaço teórico reconhecido posteriormente como o território propriamente psicanalítico - diferenciado da psicologia, bem como da fisiologia -,

⁵⁶ Op. cit., p. 235.

⁵⁷ Op. cit., p. 240.

⁵⁸ Idem, Ibidem.

cumprir lembrar que, já em "*Entwurf*", Freud havia estabelecido que o material reprimido não seria constituído exatamente pelas recordações da cena de sedução; antes, o alvo da repressão seria a liberação sexual precoce, decorrente do atentado sexual na infância, cujo significado - prazer - só poderia ser compreendido - e, conseqüentemente, reprimido - após a emergência da puberdade.

No presente contexto, o material reprimido seria formado pelos impulsos sexuais produzidos a partir da cena de sedução. Tudo se passa como se, agora, o atentado sexual produzisse não mais uma simples liberação de uma sensação corpórea aprazível, mas instaurasse uma espécie de tendência a reativar o resíduo mnêmico de tal liberação.

Entra em cena a noção de fantasia que, em um primeiro momento, é definida como uma formação psíquica, construída a partir de algo ouvido na infância, mas só posteriormente compreendido. Assim, a produção dos impulsos sexuais a partir de vivências de sedução poderia dispor, através desse material que foi apenas ouvido, de um meio de escapar parcialmente à repressão. A fantasia tornaria possível a dissimulação da natureza sexual dos impulsos, o que viria proporcionar um "alívio pessoal" através de uma eliminação desses mesmos impulsos. Nesse contexto, portanto, as fantasias, diferentemente do sintoma, não envolveriam o mecanismo da repressão, mas o da sublimação, que supõe uma eliminação eficaz, embora dessexualizada.

⁵⁹ Idem, *Ibidem*.

Em rascunho anexo à carta de 25 de maio de 1897,⁶⁰ a fantasia é suposta como algo que, em princípio, faria cessar os sintomas. Mais precisamente, ela consistiria no resultado do amálgama e distorção de fragmentos de coisas vividas e ouvidas de acordo com certas tendências, cuja finalidade seria tornar inacessível as lembranças a partir das quais se formaram os sintomas.⁶¹ No lugar destes últimos, formar-se-iam as fantasias como espécies de "ficções inconscientes" não sujeitas à defesa. Contudo, Freud admite que elas podem vir a sofrer um aumento de intensidade, o que as levaria a tentar forçar a entrada na consciência. O resultado desse processo seria a repressão, através da qual as fantasias seriam decompostas, dando novamente lugar à formação de sintomas.⁶² Diferentemente das formulações anteriores, portanto, a fantasia também estaria sujeita à repressão.

Freud ressalta que os principais alvos da distorção das lembranças são as relações cronológicas. Com essa observação, ele reitera a idéia, formulada desde "Entwurf", segundo a qual a difícil tarefa de diferenciar uma representação de uma percepção - conseqüentemente, distinguir entre passado e presente - só seria possível através da atividade do eu. Ora, conforme vimos em nosso exame daquele escrito, essa tarefa não pode ser realizada

⁶⁰ Cf. Rascunho M, op. cit., pp. 247-249.

⁶¹ "Um fragmento da cena visual combina-se então com um fragmento da cena auditiva, formando a fantasia, enquanto o fragmento liberado se liga a outra coisa. Assim, a conexão original torna-se impossível de rastrear" (Ibid. p. 248).

⁶² "Todos os sintomas de angústia (fobias) são assim derivados das fantasias" (Idem, Ibidem). Note-se que este tipo de sintoma é precisamente aquele que é usado como modelo na parte II (dedicada à psicopatologia) de "Entwurf".

senão através das representações de palavra.⁶³ A distorção das relações cronológicas implicaria, portanto, a intromissão de um processo primário no interior do processo secundário.

O conceito de fantasia possibilitaria uma nova maneira de se pensar a memória. Com efeito, através daquela, esta não se limitaria apenas a reproduzir acontecimentos passados, mas poderia mesmo produzir, a partir de fragmentos de lembranças de coisas ouvidas e vividas, recordações de eventos que nunca teriam efetivamente ocorrido. Essa nova característica da memória aproximaria a fantasia dos sonhos, embora venha a se diferenciar dos mesmos por não envolver o mecanismo da regressão tópica, isto é, por não se apresentar sob a forma de alucinação.

Entretanto, o conceito de fantasia tornaria possível pensar o sonho como realização de desejo, não mais nos moldes apresentados em "*Entwurf*",⁶⁴ mas numa perspectiva em que estes envolveriam desejos sexuais. Com a 'sexualização' do conteúdo dos sonhos, faltaria muito pouco para se formular a tese da sexualidade infantil que, ao invés de produto prematuro de uma vivência de sedução e de uma disposição hereditária, passaria a ser a produtora de lembranças de sedução, na qualidade de fantasias. A partir dessa suposição, Freud admite não ser mais plausível a sua teoria da sedução.

⁶³ Supomos ser este o fundamento da noção, formulada por Freud anos mais tarde, de que o inconsciente não conhece a idéia da própria morte. Com efeito, tal idéia pressupõe a noção de temporalidade (a morte como futuro inexorável), inacessível ao inconsciente, justamente porque este sistema não tem acesso às representações de palavra.

⁶⁴ Em "*Entwurf*", a noção de sonho como realização de desejo ainda estava muito próxima da concepção médica tradicional, uma vez que ainda não admitia a natureza sexual do desejo; este pertencia apenas ao circuito da fome.

Entre as inúmeras conseqüências produzidas por essa reviravolta conceitual, cumpre destacar a que nos interessa particularmente: com o descrédito da teoria da sedução, ele reuniria condições para substituir a idéia de que a origem dos distúrbios psiconeuróticos remontaria a um desprazer decorrente da recordação de um acontecimento externo, pela suposição de que essa origem implicaria um prazer negado pela repressão.

A partir dessa modificação, Freud pareceria aproximar-se do fundamento para o caráter derivado do desprazer. À luz do mesmo, tornar-se-ia plausível supor a busca do prazer como o motor primordial da intencionalidade e, como corolário, a tese da precedência do inconsciente sobre os demais processos psíquicos. Contudo, a tradição empirista herdada por Freud imputaria aos modelos subseqüentes a mesma tarefa - realizada em "*Entwurf*" - de descrever o processo de formação do aparelho psíquico numa perspectiva cronológica, isto é, a partir de uma ordem de sucessão dos eventos. O resultado seria a reincidência da necessidade teórica de se supor um desprazer anterior ao prazer, uma vez que a fuga do desprazer se imporia como a primeira meta da ação psíquica.

Nesse sentido, supomos que esse duplo movimento evidenciaria uma espécie de tensão no pensamento freudiano no que tange à intencionalidade - tensão esta que pareceria escamoteada pela aparente indiferença com que Freud, nas várias versões do princípio de prazer, conceberia a inclinação do funcionamento psíquico: para a fuga do desprazer, para a busca do prazer, ou para a manutenção da quantidade nos mais baixos índices. Ao nosso ver, no

entanto, seria justamente a referida tensão que o levaria a recuar cada vez mais a origem dos processos anímicos a fim de obter uma possível derivação para o desprazer: da ontogênese à filogênese, até chegar, com a introdução da pulsão de morte, a um ponto em que não seria mais possível retroceder - a origem da vida sobre a Terra.

Nesse momento, Freud seria como quem obrigado a reconhecer um desprazer irreduzível a qualquer possibilidade de prazer anterior. Veremos que, na obra em que introduz essa nova pulsão, ele retoma a suposição, veiculada em "*Entwurf*", de uma relação entre o desprazer envolvido em certos quadros patológicos e um acontecimento externo. Contudo, a conclusão a que pretende chegar em "*Jenseits des Lustprinzips*" - a existência de um movimento psíquico em direção a uma morte internamente determinada - não seria pensável a partir do contexto anterior, de acordo com o qual o Princípio da Inércia Neuronal seria aplicável apenas à Q externa.

Ademais, supomos que essa tensão estaria igualmente envolvida naquilo que Kimmerle (op. cit.) denominou de 'embaraçamento dos princípios'. Com efeito, a idéia de um prazer originário fundamentaria a anterioridade do processo psíquico primário em relação ao processo secundário, ao passo que a noção contrária - a de um desprazer originário - exigiria a vinculação da quantidade (processo secundário) como uma condição anterior ao próprio fluxo livre da mesma.

A correspondência com Fliess permite, por conseguinte, acompanhar, a partir de 1897, uma progressiva reformulação da noção freudiana de sexualidade que viabilizaria a referida internalização da origem do desprazer, suposto

agora como um derivado - resultante da repressão - de um prazer primordial.

Às noções de fantasia e sexualidade infantil, segue-se a formulação do Complexo de Édipo, baseado justamente na constatação de que as fantasias sexuais infantis prendiam-se, invariavelmente, ao tema das relações com os pais: revelavam, de um lado, desejos amorosos dirigidos ao genitor do sexo oposto e, de outro, ciúme e desejo de morte voltados contra o genitor do mesmo sexo.

A despeito da consolidação da teoria freudiana da representação viabilizada pela noção de fantasia, impunha-se a tarefa de dar um novo encaminhamento à teoria das substâncias sexuais, masculina e feminina, que Freud supunha envolvidas, respectivamente, nos processos de compulsão (perversão) e repressão (psiconeurose). Com efeito, se de um lado as formulações freudianas caminhariam na direção de uma teoria da representação, de outro lado, a nova concepção de sexualidade não livraria a teoria psicanalítica do recurso a certos processos biológicos - como se pode depreender da noção de zonas erógenas - para a descrição do funcionamento psíquico.

No mesmo rascunho, Freud reitera a suposição das substâncias sexuais, formulada em cartas anteriores,⁶⁵ ao sugerir que *"o elemento essencialmente responsável pela repressão é sempre aquilo que é feminino"*.⁶⁶ A base de tal suposição é a já anunciada⁶⁷ tese da bissexualidade de todos os seres humanos. Na carta de 14 de novembro de 1897,

⁶⁵ Ver cartas de 06 e 17 de dezembro de 1896, op. cit.

⁶⁶ Rascunho M, op. cit. p.247.

⁶⁷ Cf. Carta de 6 de dezembro de 1896, op. cit.

ele finalmente desiste "*da idéia de explicar a libido como fator masculino e a repressão como fator feminino*",⁶⁸ substituindo-a por novas formulações acerca da sexualidade.⁶⁹

De acordo com tais formulações, a repressão decorreria de fatores orgânicos ligados ao próprio curso de desenvolvimento da sexualidade que teria a característica singular de emergir em diversas fases antes de atingir sua forma adulta: a sexualidade genital. Em cada uma dessas fases, a sexualidade irromperia como uma espécie de secreção, que seria, por assim dizer, liberada em uma dada zona do corpo.

Freud parece considerar esse aspecto orgânico da sexualidade como o "*estado interno da libido*".⁷⁰ Ele supõe que essas zonas sexuais iniciais seriam progressivamente abandonadas, de um modo equivalente à atrofia de certos órgãos internos ao longo do desenvolvimento. Desse modo, identifica no caráter multifásico da sexualidade a origem do prazer e do desprazer: a sensação provocada pela liberação sexual em uma dada zona do corpo é aprazível se a sexualidade se encontrar na respectiva fase do desenvolvimento. Ao atingir a fase seguinte, o prazer relativo à excitação daquela zona deve ser abandonado; transforma-se em repulsa (desprazer), indicando a ação do mecanismo da repressão. Nesta suposição, em que o prazer

⁶⁸ Masson, J. M. *A Correspondência completa...*, op. cit., p.282.

⁶⁹ Cumpre, contudo, lembrar que, em "*Drei Abhandlungen*" (GW, V, pp. 27-145; SE, VII, pp. 123-243; ESB, VII, pp. 123-250), Freud retoma a idéia de que a libido é essencialmente masculina, não mencionando, contudo, nenhum componente feminino da sexualidade.

⁷⁰ Ver carta de 14/11/1897, op. cit., p. 280. Entendemos, com essa consideração, que a libido é a sexualidade representada psiquicamente.

seria originário e o desprazer o resultado de um prazer retardatário, residiria a base da moralidade e dos sentimentos de piedade e vergonha humanos.

A não ocorrência desse processo de abandono das zonas sexuais iniciais conduziria às perversões e, conseqüentemente, a processos compulsivos. Freud considera a possibilidade de ação retardada da excitação das zonas sexuais, incluindo a genital.⁷¹ Desse modo, a excitação dos genitais vivida na infância produziria, quando recordada posteriormente (na puberdade), a irrupção de libido e não de repulsa. Essa irrupção geraria processos compulsivos, presentes, nesse caso, também nas neuroses.

A repulsa, por sua vez, irromperia como sensação desprazível no caso de recordação de vivências em que zonas sexuais pré-genitais (boca e ânus) tivessem sido excitadas. De todo modo, contudo, a repulsa seria o derivado da repressão prevista no desenvolvimento normal. Se a repulsa se mantiver psiquicamente desligada, dará origem à angústia; ao ser empregada psiquicamente, produzirá sintomas psicopatológicos. Nesse contexto, libido e angústia seriam provocadas por fatores separados.

Na carta de 22 de dezembro de 1897,⁷² Freud mostra-se bastante interessado pelas conseqüências que essa formulação acerca da sexualidade produziria não só na compreensão dos casos clínicos - a própria escuta das queixas seria completamente modificada -, mas também na

⁷¹ Note-se que esse processo continua sendo utilizado para explicar os distúrbios neuróticos. Contudo, com o abandono da teoria da sedução, parece estar suposto que as vivências por que passam necessariamente todas as crianças (manuseio de adultos ligado à higiene, etc) seriam capazes de despertar sensações sexuais de prazer passíveis de serem transformadas em desprazer.

compreensão do uso comum e cotidiano da linguagem. Considerando que esta, em Freud, seria pensada como uma espécie de ferramenta que, inicialmente, teria surgido para nomear as sensações corpóreas representadas psiquicamente adquirindo, com a complexificação da cultura, significações metafóricas e também ambíguas, a concepção freudiana da sexualidade conferiria uma forte conotação sexual às expressões lingüísticas.

Contudo, cumpre notar que, nessa perspectiva, as representações lingüísticas a respeito da morte ter-se-iam originado necessariamente de um ponto distinto do das demais representações de palavra, já que não parece possível representar nem conceitual, nem verbalmente, a vivência da própria morte. Assim sendo, a representação de palavra que expressa a idéia da morte seria, diferentemente das demais, construída a partir de um outro referente, a saber, a morte do outro (contemporâneo e antepassado). Algo, portanto, que só se instauraria tardiamente na história do indivíduo. Nesse caso, a própria morte constituiria uma idéia ainda mais tardia, donde adviria sua difícil absorção por parte da instância psíquica diretamente implicada - o eu.

Todas as inovações conceituais já aludidas e desencadeadas a partir da auto-análise de Freud exigem, por assim dizer, uma reformulação no modelo do aparelho psíquico, acompanhada da construção de uma teoria da sexualidade. Desse modo, a máquina psíquica que, no contexto de "*Entwurf*", guardava ainda alguma relação com a anatomia, aparece agora em uma versão totalmente

⁷² Op. cit., pp 288-290.

independente desse referencial. Há, contudo, alguns problemas que merecem ser mencionados.

Enquanto a sexualidade em "*Entwurf*" era suposta como força pulsional que irrompia somente com a chegada da puberdade, ela passa a ser pensada, com a constatação da sexualidade infantil, como algo presente desde os primórdios do desenvolvimento. Assim sendo, ao invés de uma, as duas pulsões - fome e sexualidade -, deveriam figurar nesse novo modelo do aparelho psíquico como forças intimamente envolvidas no processo de formação do desejo.

Com efeito, apesar de ser formalmente apresentada apenas em 1905, em "*Drei Abhandlungen*", a teoria da sexualidade já estava suposta desde 1897, como indica a carta a Fliess de 14 de novembro daquele ano. Ademais, pode-se depreender da análise de vários sonhos expostos ao longo de "*Die Traumdeutung*"⁷³ que a sexualidade infantil enquanto força propulsora do desejo motivador do sonho é plenamente reconhecida. Por que então a pulsão sexual não é considerada na exposição do modelo do aparelho psíquico constante no capítulo VII de "*Die Traumdeutung*", datada de 1900? Por que esse processo primordial que inaugura o psíquico (a formação do desejo) continua a ser explicado apenas a partir do circuito da fome?

Ora, não se pode esquecer que, descrever a formação do aparelho sem usar como exemplo a pulsão sexual, implicaria em negligenciar uma importante diferença entre as duas pulsões, cujas conseqüências para a concepção da origem dos processos psíquicos não poderiam ser desprezadas. A

sexualidade, diferentemente da fome, não se origina a partir de um imperativo somático cujo não atendimento por parte do agente prestativo conduziria à morte do organismo. Antes, as ações exteriores que estimulam as zonas de prazer sexual podem facilmente ser substituídas pela satisfação alucinatória - típica do funcionamento psíquico primário -, favorecendo assim a formação de fantasias. Desse modo, as condições para a inibição do processo primário, no caso do desejo sexual, seriam distintas daquela imposta para a pulsão da fome (com efeito, a inibição da sexualidade implicaria o mecanismo da repressão e seria promovida por sentimentos de repulsa e vergonha, que não desempenhariam nenhum papel no caso da fome).

Por conseguinte, ainda que o modelo do aparelho psíquico proposto no capítulo VII de "*Die Traumdeutung*" pressuponha a sexualidade como um dos pilares da noção de conflito entre os sistemas *Ics* e *Pcs*, bem como da noção de que o sintoma implicaria uma formação de compromisso, a especificidade da pulsão sexual - sua capacidade auto-erótica, que lhe permite desconsiderar os imperativos da realidade externa - não é explorada na descrição da construção dessa (nova) máquina mental.⁷⁴

⁷³ Ver, por exemplo, o exame dos meios de representação dos sonhos no capítulo VI, seções C e D de "*Die Traumdeutung*" (GW, II/III, pp. 315-354; SE, IV, pp. 310-349; ESB, IV, pp. 330- 372).

⁷⁴ No final da seção E do capítulo VII de "*Die Traumdeutung*" (GW, II/III, p. 612; SE, V, p. 607; ESB, V, pp. 644-45), Freud admite deixar essa espécie de lacuna em sua teoria do aparelho psíquico, suposta a partir de sua psicologia dos processos oníricos, justamente por não considerar solucionados alguns problemas relacionados à perversão e à tese da bissexualidade. Desse modo, Freud abstém-se de concluir que os pensamentos inconscientes que funcionariam como o 'capitalista' dos sonhos seriam **necessariamente** desejos sexuais infantis reprimidos - o que poderia ser depreendido das seguintes teses, explicitamente anunciadas no corpo de "*Die Traumdeutung*": a de que haveria completa identidade entre sonho e sintoma (GW, II/III, p. 603; SE, V, p. 597; ESB, V, p. 636); e a de que apenas

impulsos sexuais infantis impregnados de desejo e submetidos à repressão estariam aptos a fornecer a força motivadora dos sintomas" (GW, II/III, p. 611; SE, V, p. 605; ESB, V, p. 644).

CAPÍTULO V

O CAPÍTULO VII DE "DIE TRAUMDEUTUNG"

Esse importante capítulo teórico da obra sobre os sonhos realiza uma espécie de acomodação de uma série de formulações anteriores, de maneira a relacionar prazer-desprazer, conflito psíquico e repressão,⁷⁵ além de manter o esquema tópico do psiquismo apresentado na carta a Fliess de 6/12/1896.⁷⁶ O conflito é definido a partir da existência de uma contradição que, além de implicar relações de significação, envolve ainda uma dimensão tópica e outra econômica.

O primeiro aspecto ressaltado nesse modelo é a existência de uma direção, de modo que a atividade psíquica tenha início a partir de estímulos (internos ou externos) e termine em uma eliminação.⁷⁷ Em vista dessa direção, o aparelho psíquico, composto de sistemas com características distintas, apresentaria uma extremidade sensorial e uma motora. O primeiro sistema, situado na extremidade sensória

⁷⁵ Lembremo-nos de que o esquema do psiquismo proposto em "Entwurf" não admite a existência de conflito nos sonhos, além de não conseguir explicar a repressão do prazer.

⁷⁶ O modelo do aparelho psíquico apresentado no capítulo VII constituiria uma versão aprimorada daquele proposto na carta acima referida. A censura acrescentada na fronteira entre os sistemas permitiria descrever em que consistiria e como se geraria o conflito.

⁷⁷ A direção da atividade psíquica no sentido estímulo-eliminação constituiria a base sobre a qual se fundaria a intencionalidade. Com essa reformulação da teoria do aparelho psíquico a noção de intencionalidade designaria um processo que não seria descrito nem em termos fisiológicos, nem como uma função da consciência.

do aparelho, seria responsável pelo recebimento de todas as impressões provenientes do exterior, bem como por suprir a consciência de múltiplas qualidades sensórias. Dada a sua incapacidade de reter qualquer traço de memória,⁷⁸ foram supostos diversos sistemas de registro, tal que em cada um deles houvesse formas distintas de organizar o material mnemônico.⁷⁹

O inconsciente constituiria o primeiro sistema de registros de memória e o material armazenado no mesmo seria destituído de qualidade. No entanto, por ser suscetível à contínua excitação proveniente de fontes corpóreas, produziria impulsos impregnados de desejo, de modo a pôr o aparelho em movimento no sentido sensório - motor.

Em outras palavras, a representação inconsciente ocupada forçaria o acesso à consciência a fim de obter a realização do desejo através de uma ação. No sistema *Ics* vigoraria o processo psíquico primário, de acordo com o qual a quantidade circularia livremente por entre as diversas representações, de maneira que a quantidade pertencente a várias representações distintas possa simplesmente abandonar sua origem para concentrar-se sobre uma única, aumentando assim o seu poder de forçar o caminho à consciência. O reforço contínuo de excitação e o livre trânsito da quantidade confeririam às lembranças inconscientes o caráter da indestrutibilidade, de modo que as mesmas não se desgastariam com o passar do tempo.

⁷⁸ A incompatibilidade entre percepção e memória já havia sido formulada em "*Entwurf*", em cujo modelo essas funções seriam respectivamente realizadas pelos sistemas ϕ e ψ .

⁷⁹ Tal como na carta de 6/12/1896, a memória seria registrada em cada sistema de acordo com certas leis da associação de representações: simultaneidade, similaridade, contigüidade, relações lógicas.

Na extremidade motora do aparelho, entre o inconsciente e a consciência, situar-se-ia o sistema crítico do aparelho, o pré-consciente. A quantidade nesse sistema seria automaticamente submetida ao processo secundário, através do qual se manteria de forma vinculada, ou seja, circulante apenas no interior de conjuntos cada vez mais complexos de representações. Essa vinculação compulsória da quantidade tornaria as representações do *Pcs* suscetíveis ao desgaste paulatino de sua intensidade, o que as conduziria, diferentemente das lembranças inconscientes, ao esquecimento.

As representações do *Pcs* ter-se-iam ligado ao sistema mnemônico de signos lingüísticos, de modo a adquirirem qualidades próprias capazes de se emancipar, em certa medida, do princípio do desprazer - princípio que regularia o funcionamento do aparelho mental. Tais representações, desde que ocupadas por uma quantidade suficiente⁸⁰ para atrair o mecanismo da atenção, ganham facilmente acesso à consciência.

Entre os dois sistemas agiria uma censura cuja função seria impedir que representações inconscientes se tornassem conscientes.⁸¹ Esse trabalho implicaria em retirar (esvaziar) a ocupação das referidas representações (mecanismo da repressão).⁸² A quantidade retirada, no

⁸⁰ É possível que a quantidade ideal para atrair o mecanismo da atenção corresponda àquela situada na zona de indiferença entre prazer e desprazer, suposta em "Entwurf".

⁸¹ Nesse sentido, o modelo do capítulo VII da "Traumdeutung" diferiria daquele apresentado na carta de 06.12.1896, uma vez que o desprazer não seria mais atribuído a uma falha de tradução, mas a uma ação da censura que agiria sobre um prazer inadmissível ao sistema pré-consciente.

⁸² Freud, nessa obra, não aborda as especificidades do mecanismo da repressão. Somente quinze anos mais tarde é que dedica um de seus artigos metapsicológicos exclusivamente a esse tema (Cf. "Die Verdrängung"

entanto, poderia vir a ocupar um pensamento do pré-consciente que guardasse alguma relação com a lembrança inconsciente. Esse processo de transferência de quantidade dotaria a representação pré-consciente de uma hiper-ocupação, de modo a possibilitar o seu acesso à consciência. Contudo, devido à proveniência de sua quantidade, tornar-se-ia igualmente inadmissível à consciência, configurando-se assim um conflito.

Ora, as lembranças inconscientes que transfeririam sua energia para os pensamentos do pré-consciente nunca teriam sido acessíveis a este último. Desse modo, a quantidade proveniente de tais lembranças não poderia ser inibida (pelo *Pcs*). Nesse caso, a censura retiraria dos pensamentos de transferência (pré-conscientes) a sua quantidade de excitação original, isto é, sua ocupação pré-consciente. Com essa operação, tais pensamentos ficariam entregues a si próprios, isolados das demais representações do sistema de que fariam parte, no qual circularia a quantidade vinculada.

Este procedimento, todavia, nem sempre seia bem-sucedido, uma vez que as lembranças inconscientes receberiam algum reforço orgânico, vindo a transferir uma maior soma de quantidade para aqueles pensamentos já desligados de sua ocupação pré-consciente. Tais pensamentos ficariam, portanto, sujeitos ao processo regulador da quantidade proveniente do inconsciente, com a qual tornariam a ser ocupados - o processo psíquico primário. O

["Repressão"]. GW, X, pp. 247-261; SE, XIV, pp. 141-158; ESB, XIV, pp. 169-189). Contudo, a partir do modo como esse mecanismo é suposto no contexto de 1900, pode-se depreender a persistência dos problemas apontados desde o início do presente estudo.

conflito adquiriria, assim, maior intensidade e o resultado seria o acesso desses pensamentos à consciência através de uma espécie de acordo, de uma solução de compromisso entre material reprimido e força repressora, expressa pelos sintomas psicopatológicos e pelos sonhos. Contudo, enquanto os sintomas constituiriam irrupções do processo primário no interior da atividade psíquica secundária (na vida desperta), os sonhos, apesar de resultarem de um processo semelhante, aproveitariam o estado de sono, em que ocorreria o relaxamento da atividade secundária, para só então virem à consciência.

Todos esses processos seriam regulados por um mecanismo de ação automática que controlaria o funcionamento da máquina mental: o princípio do desprazer.⁸³ Ora, este princípio constituiria uma espécie de corolário do princípio da constância, formulado em "*Entwurf*" e mesmo antes, na carta a Breuer de 29/6/1892.⁸⁴ Com efeito, uma vez que todo acúmulo de quantidade no interior do aparelho seria sentido como desprazer, a tendência a manter a quantidade no nível mais baixo possível implicaria uma tendência primordial do aparelho a fugir do desprazer.

⁸³ Cerca de onze anos mais tarde, esse princípio passou a ser denominado de princípio do prazer, ao qual se superpõe o princípio da realidade. Cf. "*Formulierungen über die zwei Prinzipien des psychischen Geschehens*" (1911) ("Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental". GW, VIII, pp. 229-238; SE, XII, pp. 213-226; ESB, XII, pp. 273-286).

⁸⁴ Cf. "Esboços para a 'Comunicação preliminar'". GW, XVII, pp. 5-6; SE, I, pp. 147-148; ESB, I, pp. 208-216, seção C: "*O sistema nervoso procura manter constante, nas suas relações funcionais, algo que podemos descrever como a 'soma de excitação'. Ele executa essa precondição da saúde fazendo dissipar-se, eliminando-o por meio da associação, todo acúmulo significativo de excitação, ou, então, eliminando-o mediante uma reação motora apropriada*" (GW, XVII, p. 6; SE, I, p. 148; ESB, I, p. 216).

Os problemas apontados no quadro exposto em "Entwurf" reapareceriam no contexto do 'Capítulo VII' precisamente porque Freud, apesar de afastar do segundo qualquer pretensão de estabelecer uma correspondência anatômica, pareceria manter-se, tal como no primeiro, vinculado à exigência de propor explicações de acordo com as quais os processos deveriam ser remontados à sua gênese.

Em outras palavras, Freud mantém, no modelo de "Die Traumdeutung", a tese da anterioridade cronológica do processo primário em relação ao secundário, embora admita que a mesma só pareça viável enquanto uma ficção teórica.⁸⁵ No entanto, a suposição de uma repressão primeira como uma operação necessária para explicar a divisão da mente nos sistemas *Ics* e *Pcs* através da criação de uma censura pareceria constituir o próprio fator originário da atividade psíquica - o que equivaleria a admitir, igualmente no plano da ficção teórica, que o mental, configurado pelo campo da representação, só passaria a existir a partir de uma inibição da quantidade. Tal conjectura implicaria, mais uma vez, uma anterioridade do processo secundário em relação ao primário, como parece sugerir a seguinte passagem:

*"Qualquer coisa que pudesse fugir a essa inibição seria inacessível **também** ao segundo sistema, porque seria prontamente abandonada em obediência ao princípio do desprazer".*⁸⁶

⁸⁵ Cf. "Die Traumdeutung". GW, II/III, pp. 607-609; SE, V, pp. 601-603; ESB, V, pp. 639-646.

⁸⁶ "Die Traumdeutung". GW, II/III, p. 607; SE, V, p. 601; ESB, VII, p. 639. Salientamos em negrito a palavra 'também', dado que ela sugere que a inibição da quantidade seria igualmente imprescindível para o primeiro sistema.

Tentaremos mostrar a reincidência dos mesmos problemas ao longo das reformulações metapsicológicas subseqüentes, nas quais se inclui a introdução do conceito de pulsão de morte. Nessa perspectiva, ao invés de considerá-la como uma reviravolta conceitual que inviabilizaria a consecução da psicanálise nas bases em que havia sido erigida, proporemos que ela seja pensada como o ponto sobre o qual convergiriam contradições inerentes aos termos em que se erigiria a empresa freudiana.

De resto, cumpre-nos destacar, entre as importantes formulações contidas em "*Die Traumdeutung*", dois tópicos mais estreitamente relacionados ao tema de nosso estudo: 1) as condições de representabilidade dos sonhos, a partir do que examinaremos alguns sonhos que Freud admite envolverem o tema da própria morte; 2) a noção de intencionalidade à luz do modelo do aparelho psíquico apresentado no 'Capítulo VII'.

5.1. A REPRESENTABILIDADE DOS SONHOS

Todo o trabalho reunido em "*Die Traumdeutung*" parece concentrar-se no afã de mostrar que os sonhos seriam dotados de sentido; que, contrariamente ao que até então supunham a pesquisa científica e a investigação filosófica, os sonhos constituiriam um veículo privilegiado através do qual se poderia ter acesso às formas genuínas de funcionamento do psiquismo, suposto como um aparelho essencialmente dividido em instâncias.

A fim de tornar essa tese plausível, Freud supõe, subjacente ao material confuso e indistinto que comumente comporia o sonho, a existência de pensamentos plenamente consistentes - os pensamentos oníricos.⁸⁷ Estes, por impedimentos de natureza diversa, não teriam alçado à consciência durante a vigília, de modo a aproveitarem o estado de sono para então se insinuarem sob a forma de sonhos. Essa passagem para a forma de sonho exigiria a *transcrição* dos pensamentos oníricos para uma outra espécie de representação. Contudo, além de passar por essa transposição, os pensamentos oníricos, dada a sua natureza geralmente inadmissível à consciência, seriam ainda submetidos ao crivo da censura, a partir do que sofreriam outras deformações. Todo esse processo implicaria um trabalho que se iniciaria muito antes de se alcançar o estado de sono.

No capítulo VI de "*Die Traumdeutung*", Freud trata justamente desse trabalho de elaboração dos sonhos e, ao atribuir um caráter pictográfico à forma de expressão dos mesmos, compara-os a um enigma de figuras; uma espécie de rébus que, ao invés de ser simplesmente apreendido a partir das imagens visuais que retrata, deve ter cada um de seus elementos substituídos

"por uma sílaba ou palavra que possa ser representada por aquele elemento de alguma maneira ou de outra. As palavras que juntamos dessa forma não deixam mais de

⁸⁷ Conforme aludido acima, os pensamentos oníricos são formações do sistema pré-consciente, cuja força para produzir sonhos provém da quantidade obtida dos impulsos impregnados de desejo, oriundos do inconsciente. Freud atribui aos pensamentos oníricos o papel de "empresários" do sonho, enquanto os impulsos inconscientes seriam o "capitalista" que "financiaria" a produção onírica (Cf. "*Die Traumdeutung*". GW, II/III, p. 566; SE, V, p. 560; ESB, V, p. 597).

*fazer sentido, mas podem formar uma frase poética da maior beleza e significado."*⁸⁸

Seria, pois, esse processo de "derramamento do conteúdo de um pensamento em um outro molde"⁸⁹ que tornaria particularmente difícil representar as características abstratas e as relações lógicas, das quais os pensamentos oníricos, como qualquer pensamento da vida de vigília, seriam plenamente dotados. Essa dificuldade constituiria o principal fator responsável pelo caráter de irracionalidade que comumente se imprime nos sonhos.

Freud chega a comparar essas desvantagens apresentadas pelos sonhos, no que tange às condições de representabilidade, com os limitados meios à disposição da pintura e da escultura primitivas, quando comparadas à poesia. Nessa perspectiva,

*"os sonhos não têm meios à sua disposição para representarem estas relações lógicas entre os pensamentos oníricos. Pois na maior parte dos casos os sonhos desprezam todas essas conjunções, sendo somente o conteúdo substantivo dos pensamentos oníricos que assumem e manipulam."*⁹⁰

Desse modo, no caso de sonhos nos quais se verificariam algumas das mais intrincadas relações lógicas - causalidade, contradição, confirmação, comparação, identificação -, haveria duas possibilidades: ou se estaria diante de resíduos dos próprios pensamentos oníricos, ou estaria presente a ação da elaboração secundária, cujo trabalho seria impedir que certos elementos de tais

⁸⁸ Ibid. GW, II/III, p. 284; SE, V, p. 278; ESB, V, p. 296.

⁸⁹ Ibid. GW, II/III, p. 349; SE, V, p. 344; ESB, V, p. 366.

pensamentos fossem reconhecidos, vindo a operar sobre os mesmos um novo tipo de deformação. Nesse sentido, qualquer sentença falada nos sonhos remontaria necessariamente a fragmentos de coisas ouvidas ou conversas entabuladas durante a vigília que poderiam, inclusive, servir de material para a formação de relações de compromisso entre os pensamentos oníricos e a censura.

Diante desses aspectos levantados por seu próprio trabalho, como Freud pode admitir, tal como o faz, a possibilidade de sonhos cujos pensamentos oníricos remeteriam ao tema da morte daquele que sonha? Como seria possível representar algo que, do ponto de vista teórico, seria irremediavelmente irrepresentável?

O tema da morte, inegavelmente presente nos sonhos, não poderia ser ignorado por Freud em "*Die Traumdeutung*", sob a pena de deixar uma indisfarçável lacuna em uma de suas obras mais importantes. Além disso, trata-se de um tema particularmente interessante para uma teoria que considera os sonhos como realizações de desejo, à medida que se relaciona, na maior parte das vezes, a sentimentos desagradáveis de temor e pesar.

Em "*Die Traumdeutung*", portanto, os sonhos de morte são sobretudo abordados na seção dedicada aos sonhos típicos,⁹¹ na qual são examinados vários casos em que esse tema aparece de forma explícita. Contudo, Freud considera que, dentre os vários tipos de sonho de morte, merecem maior

⁹⁰ Ibid. GW, II/III, p.317; SE, V, p. 312; ESB, V, p. 332.

⁹¹ Cf. Capítulo V, seção (D) de "*Die Traumdeutung*". GW, II/III, pp. 246-282; SE, IV, pp. 241-276; ESB, IV, pp. 234-294. Ver também Capítulo VI, seção (E) GW, II/III, pp. 355-409; SE, V, pp. 350-404; ESB, V, pp. 373-431.

atenção aqueles que são acompanhados de sentimentos de dor e sofrimento.

Tal seria o caso, por exemplo, dos sonhos com a morte de pessoas queridas, durante os quais aquele que sonha sentir-se-ia profundamente penalizado, o que pareceria contrariar a tese de que o sonho realizaria desejos. Ora, sonhos desse tipo constituiriam exemplos paradigmáticos do funcionamento de um aparelho psíquico dividido em instâncias. Os pensamentos oníricos - possivelmente uma preocupação diurna voltada para a pessoa querida em questão -, seriam "financiados" por impulsos inconscientes hostis, impregnados de desejo, cuja realização implicaria em desprazer para o sistema pré-consciente. O sofrimento e a angústia que, em geral, acompanhariam esses sonhos constituiriam sentimentos originalmente ligados, no pré-consciente, a pensamentos dessa natureza. Estes, contudo, seriam intensificados, quer pela censura, quer pela ligação a um sentimento de angústia anteriormente formado no interior do aparelho.

Desse modo, sonhar, por exemplo, com a morte de irmão(ã)(s), pode significar a realização de desejos egoístas característicos da infância, quando se nutre, sem censuras, o anseio de não dividir com mais ninguém o amor dos pais. Sonhos em que um dos pares do casal parental morre, remeteriam, por sua vez, à trama edípica.

Freud faz questão de esclarecer que a idéia que a criança tem da morte seria diferente daquela que tem o adulto, de maneira que o que coincidiria nesse caso seria

tão-somente a palavra.⁹² Desse modo, ter-se-ia, em tal circunstância, o mesmo nome para duas referências distintas. Contudo, a própria psicanálise argumenta que a criança continuaria a 'viver' na mente do adulto, de modo que a diferença quanto à concepção de cada um acerca da morte não implicaria em que o adulto viesse a abandonar totalmente a maneira infantil de encarar tal acontecimento. Antes, essa diferença apontaria apenas para uma outra concepção da morte adquirida tardiamente, com a qual o adulto tentaria, sem muito sucesso, suplantar a crença primitiva.

Nesse sentido, portanto, a morte para a criança não se relacionaria ao mesmo tipo de sentimentos pesarosos e temíveis que, em geral, suscitaria nos adultos; simplesmente significaria manter afastado alguém que a retirasse, por qualquer motivo, de seu suposto lugar de exclusividade, de modo a servir plenamente aos seus propósitos absolutistas e imediatistas. Nesses casos, o 'financiador' de um sonho de morte seria um impulso infantil dessa natureza, de modo que o sofrimento ligado a esse tipo de sonho resultaria de um trabalho da censura que tiraria proveito do significado tardio aderido à mesma palavra.

A esse respeito, impõe-se de imediato a seguinte questão: qual a natureza das duas referências da morte, considerando que a teoria freudiana pretende manter a tese

⁹² "As crianças nada sabem dos horrores da corrupção, do congelamento na tumba fria, dos terrores do nada eterno - idéias que os adultos acham tão difícil de tolerar, conforme é provado por todos os mitos de uma vida futura. O medo da morte não tem significado para uma criança; daí ela brincará com a palavra temível e usará como uma ameaça contra um colega de

empirista segundo a qual a referência remontaria, em última instância, à representação de sensações corpóreas primevas às quais se associaria posteriormente um nome?

A referência infantil da palavra morte parece magistralmente ilustrada em "*Jenseits des Lustprinzips*" - obra que não só foi escrita muitos anos depois de "*Die Traumdeutung*", como também introduziu a noção de pulsão de morte, a partir da qual o funcionamento da mente mantido até então foi posto em xeque. No entanto, os elementos usados na análise que julgamos ilustrativa de tal referência datam ainda desse período anterior, de modo que pareceria legítimo trazê-la para o presente contexto.

Trata-se da análise de um jogo infantil, à qual Freud se dedica no segundo capítulo dessa obra, quando tenta abordar o fenômeno da repetição de estados desprazíveis na vida normal. O jogo consiste em realizar gestos que fazem desaparecer e retornar um certo objeto, de modo que o aspecto lúdico do mesmo residiria na repetição incansável de tais gestos. Mediante a interpretação psicanalítica, o jogo constituiria uma simbolização de uma vivência de pesar protagonizada pela criança quando da separação de sua mãe. Seria precisamente o desamparo evidenciado por essa separação que constituiria a referência infantil da morte, cuja recordação produziria intenso desprazer.

Contudo, no jogo, esse sentimento de desprazer seria atenuado pelo sentimento de vingança expresso na repetição incansável dos gestos de fazer desaparecer e retornar um objeto. Por meio dessa repetição, a criança transformaria

folgedes: se você fizer isso novamente, você morrerá, como Franz!" (Ibid. GW, II/III, p. 260; SE, IV, p. 254; ESB, IV, pp. 269-270).

o total desamparo e passividade em relação à desejada manutenção da presença da mãe pelo controle absoluto de seu desaparecimento e retorno. Nesse sentido, a criança não encontraria dificuldade em verbalizar um desejo de morte dirigido a um ente querido, uma vez que tal desejo estaria inserido em uma espécie de circuito lúdico que transformaria o desprazer da passividade em um desprazer ativo. Portanto, o financiador dos sonhos de morte seriam impulsos infantis que teriam origem em fontes corpóreas - por exemplo, o prazer associado à fantasia de deter a exclusividade do objeto de amor.

Qual seria, contudo, a referência da palavra 'morte' no vocabulário do adulto, que remete a fortes sentimentos de desprazer, sobretudo porque envolve a notícia da própria morte?

À luz do material reunido nas duas teorias freudianas do aparelho psíquico abordadas até o presente momento deste estudo, não pareceria de todo insensato supor que a referência tardia da morte implicaria uma *construção* - algo análogo ao que ocorre na formação de fantasias - viabilizada por um mecanismo ainda pouco explorado por Freud, mas já suposto naquele contexto: a identificação.⁹³ Essa construção derivaria de um processo de associação, *a posteriori*, entre o desprazer gerado pela recordação da vivência de dor e a palavra 'morte'. Nesse caso, sua significação como algo equivalente a um aniquilamento ou extinção da vida seria adquirida através de uma espécie de somatório de operações.

⁹³ Ver último exemplo de sonho com a própria morte (retirado de "*Die Traumdeutung*") e citado na nota 95, abaixo.

De início, por meio da comparação automática entre as representações dos dois circuitos - dor e satisfação - o aparelho seria capaz de discriminar as representações do primeiro como algo que poria em risco a sua economia interna - o que configuraria a idéia de morte na mente infantil. A vinculação da palavra 'morte' a um evento inexorável, reservado a um futuro ao mesmo tempo desconhecido, seria algo que, com efeito, só ocorreria posteriormente, quando fosse vivenciado ou observado nos outros a dor e o sofrimento pela morte de alguém estimado.

Através do mecanismo da identificação, abrir-se-ia, por assim dizer, a possibilidade de "colocar-se no lugar de um morto". Essa espécie de aprendizagem por meio da morte do outro que, geralmente, vem acompanhada de grande sofrimento, bem como de informações sobre o destino ignorado dos mortos e da notícia de que todo ser humano é mortal constituiria a referência tardiamente associada à mesma palavra 'morte' e tentaria, sem muito sucesso, suplantar a referência infantil.

Tudo se passa, portanto, como se, diante do sofrimento causado por uma morte e, a partir da forma como é culturalmente recebida a mortalidade humana, a referência da própria morte se constituísse, via mecanismo de identificação, como uma espécie de reprodução, ininterrupta, da sensação desprazível ligada à recordação da vivência de dor. Desse modo, ao invés de simplesmente não possuir uma referência, de ser uma representação de

palavra vazia,⁹⁴ a própria morte teria uma referência construída, indireta.

Não se deve esquecer que a principal tese defendida em "*Die Traumdeutung*" é a de que os pensamentos oníricos que emergem após a interpretação dos sonhos são pensamentos tão coerentes quanto qualquer outro da vida de vigília, constituindo, desse modo, produções do pré-consciente. Portanto, os pensamentos oníricos envolvidos em um sonho com a própria morte seriam, conforme ilustram os exemplos fornecidos por Freud,⁹⁵ pensamentos oriundos do pré-consciente submetidos à repressão e, conseqüentemente, aos trabalhos da censura. O desejo inconsciente que, de acordo com sua teoria, poderia funcionar como o "capitalista" de tais pensamentos oníricos seria (embora ele não o explicita) um desejo infantil de morte transformado pelo eu (dotado da referência tardia) em desejo de autopunição.

Freud sugere, em "*Die Traumdeutung*", que a repressão do pensamento envolvendo a idéia da própria morte decorreria de uma tendência universal a negá-la.⁹⁶ Onde

⁹⁴ Como supõe Valabrega, Jean-Paul em 'Representations de mort' in "*Topique*". n.º 48 ('De la mort'). Paris, Dunod, 1991, pp. 165-205.

⁹⁵ 1) Sonhar com um trem partindo, ou ainda, com a visita de algum conhecido, todavia não identificável, pode significar sonhar com a morte, cujo desejo poderia ser o de desvendar o destino dessa que seria a nossa última partida, a grande Incógnita (GW, II/III, pp. 390 e 476; SE, V, pp. 385 e 473; ESB, V, pp. 411 e 505); 2) Sonhar que alguém que ocupa um cargo importante é morto pode significar sonhar com a própria morte, tal que o pensamento onírico possa remeter-se à curiosidade de saber o que acontecerá aos parentes próximos daquele que sonha, quando ele vier a morrer (GW, II/III, pp. 467-468; SE, V, pp. 464-465; ESB, V, p. 497); 3) Sonhar com algum morto que, no sonho, não é especificado como morto, pode significar que aquele que sonha está **identificado** ao morto, de modo a se tratar de um sonho com a própria morte (GW, II/III, p. 433; SE, V, p. 431; ESB, V, p. 460). Neste último caso, Freud admite não ser capaz de supor que tipo de desejo estaria sendo realizado.

⁹⁶ Ibid. GW, II/III, p. 260; SE, IV, p. 254; ESB, IV, pp. 269-270. Contudo, a explicitação do pensamento freudiano acerca da atitude dos adultos em relação à morte pode ser encontrada em obras mais tardias como "*Totem und*

então a negação da morte haver-se tornado, nas mais variadas culturas, desde os mais remotos períodos da história das civilizações, um dos principais temas a figurarem nos mitos, lendas e outras produções culturais. A abundância de formas através das quais a vida após a morte aparece em tais produções seria indicativa da dificuldade de tolerar a idéia da mortalidade humana. Tal dificuldade, por sua vez, decorreria de uma espécie de fracasso, por parte do pré-consciente, em suplantar a "crença" do inconsciente na imortalidade. Ora, esta crença consistiria, mais precisamente, na própria tendência imposta pelo princípio do desprazer; ou seja, o inconsciente, enquanto uma máquina desejante que se orienta no sentido de evitar o desprazer, estaria teoricamente impedido de se confrontar com uma representação cujo desprazer não poderia absolutamente evitar.

Contudo, para que a mente seja orientada no sentido de evitar o desprazer, parece necessário supor - considerando que a teoria freudiana se fundamente sobre uma tradição empirista - um desprazer originário a partir do qual essa tendência passaria a vigorar; um desprazer, nesse sentido, não só inevitável, como imprescindível, uma vez que seria o próprio condicionante do surgimento da atividade mental.

Ao nosso ver, esse desprazer originário poderia ser pensado, no próprio contexto de "*Die Traumdeutung*", como uma sensação de pesar cuja referência remontaria, em última

Tabu" ([1912-13] GW, IX; SE, XIII, pp. 7-161; ESB, XIII, pp. 17-194. Ver seção 3 [c] do segundo ensaio); em "*Das Motiv des Kästchenwahl*" ("O tema dos três escrínios" [1913] GW, X, pp. 23-37; SE, XII, pp. 289-301, ESB, XII, pp. 367-379 e em "*Zeitgemäßes über Krieg und Tod*" ("Reflexões para os tempos de guerra e morte" [1915] GW, X, pp. 323-355; SE, XIV, pp. 273-300; ESB, XIV, pp. 311-339).

instância, à separação da mãe abordada na análise do jogo infantil, de cuja recordação (desprazível) a criança tentaria vingar-se por meio de certas atividades lúdicas. Nesse sentido, o referido jogo implicaria um exercício análogo à negação da morte evidenciada nas diferentes produções culturais acima aludidas, uma vez que envolveria a tentativa de transformar um desprazer passivo (o desamparo da separação, o aniquilamento da vida) em desprazer ativo (deter o controle sobre a presença/ausência dos objetos, escolher a morte)⁹⁷.

Posteriormente, conforme veremos em nosso exame de "*Jenseits des Lustprinzips*", esse desprazer originário recuaria para a transformação sofrida pela matéria inanimada a partir da qual teria surgido a vida sobre a Terra. Sob essa nova perspectiva, a própria deflagração da vida seria associada ao desprazer, ao passo que a morte adquiriria uma dupla conotação. A morte a que Freud se refere, em "*Die Traumdeutung*", como alvo da negação implicaria um acontecimento externo contra o qual a pulsão de autopreservação deveria lutar a fim de alcançar a sua meta, a saber: a morte interna, o retorno, em seu devido tempo, à condição inorgânica da qual tudo que é vivo ter-se-ia originado.

Nas formulações metapsicológicas que compõem o longo percurso até a introdução da pulsão de morte, ter-se-ia, portanto, o desprazer como elemento originário da organização psíquica. Desse modo, apesar do empenho de Freud em reduzir o desprazer do sintoma a um prazer sexual

⁹⁷ O tema da escolha da morte é magistralmente abordado por Freud em "*Das Motiv des Kästchenwahl*" ("O tema dos três escrínios" [1913] GW, X, pp. 23-

subjacente - o que pareceria fundamentar a tese da primazia do inconsciente sobre a consciência -, a teoria do aparelho psíquico apontaria a fuga do desprazer como princípio regulador da atividade mental - o que, ao nosso ver, comprometeria a referida tese.

5.2. INTENCIONALIDADE E RACIONALIDADE NO MODELO DO CAPÍTULO VII DE "DIE TRAUMDEUTUNG"

Resta-nos um último ponto a considerar em nosso exame da obra freudiana sobre os sonhos. Trata-se do tipo de relação entre intencionalidade e racionalidade a ser depreendido do novo quadro teórico da mente, a partir do qual Freud procura demonstrar os seguintes aspectos: 1) os sonhos seriam dotados de sentido; 2) a não-racionalidade, atribuída aos sonhos sobretudo pela ciência médica, dever-se-ia tão-somente a uma apreciação equivocada do processo onírico; em outros termos, a ciência médica teria até então abordado o sonho apenas do ponto de vista fisiológico, desconsiderando, por conseguinte, seu valor psicológico; 3) uma vez reconhecido este valor, a ausência de sentido comum ao sonho passaria a ser apenas aparente - o sonho constituiria, portanto, um processo irracional, à medida que envolveria pensamentos racionais submetidos a inúmeras distorções em virtude de serem inadmissíveis à consciência; 4) mediante o trabalho da interpretação, o aspecto irracional dos sonhos seria desfeito, de modo a trazer à tona pensamentos tão coerentes e consistentes quanto qualquer outro pensamento da vida de vigília.

Conforme aludido na seção anterior, as modificações efetuadas sobre o modelo do aparelho anímico apresentado em "Entwurf", que resultaram na tópica do psiquismo exposta no capítulo VII de "Die Traumdeutung", não teriam propriamente comprometido as bases da empresa freudiana. Mesmo que o modelo apresentado na virada do século XX tenha conferido à teoria um estatuto distinto mediante a introdução de alguns elementos novos, a essência do empreendimento vislumbrado por Freud no contexto de "Entwurf" - a convicção de que o funcionamento psíquico seria passível de uma descrição mecânico-teleológica - pareceria conservada.

Com efeito, mantém-se a idéia do psiquismo como um aparelho que se constituiria em obediência a um princípio regulador da quantidade, a partir do qual seria criada uma meta primordial: a fuga do desprazer. Mantém-se também que os meios para a obtenção dessa meta seriam criados a partir das vivências de dor e de satisfação. Por conseguinte, a participação de um falante para "instalar o programa" na máquina, isto é, para tornar o aparelho desejante, implica que o papel imprescindível do outro na fixação das sensações, por meio de atos de nomeação, permaneceria como um *sine qua non* para o estabelecimento das condições em que a meta seria atingida.

Nessa perspectiva, é possível que a ruptura identificada por alguns comentadores⁹⁸ no contexto de 1900 deva-se à grande importância que Freud, ao renunciar à fórmula da sedução, passa a atribuir ao trabalho da

⁹⁸ Entre os quais se destaca o nome de Paul Ricoeur como um dos mais influentes representantes da tese de que a teoria freudiana caminharia, progressivamente, de uma dimensão quantitativa rumo a uma interpretativa. (Cf. Ricoeur, P. De l'interprétation, op. cit.).

interpretação psicanalítica, que logo é estendido, dos sonhos e sintomas, às diversas produções psíquicas do indivíduo e da humanidade:⁹⁹ atos falhos, lapsos, chistes, mitos, lendas, realizações artísticas e culturais. Esse movimento poderia ter alimentado a suposição de que Freud, ao voltar sua atenção para os aspectos semânticos presentes nos processos psíquicos, teria, por assim dizer, *admitido* que a linguagem desempenharia um papel primordial, isto é, constitutivo desses próprios processos.

Contrariamente a essa tradição, nosso trabalho procura justamente mostrar que o papel constitutivo que a linguagem possa vir a ter em relação aos processos psíquicos não decorreria propriamente de uma formulação conceitual preconcebida por Freud; antes, esse papel emergiria sob a forma de uma contradição, de um embaraçamento dos princípios fundamentais da empresa freudiana de fornecer uma descrição dos processos psíquicos pressupondo uma ordem empírica de formação dos mesmos.

Supomos, portanto, ao invés de uma ruptura, uma continuidade entre os dois modelos, a partir da qual se poderia entrever, de um lado, uma tentativa de sanar os

⁹⁹ Logo após a conclusão de "*Die Traumdeutung*", Freud passou a se ocupar de "*Zur Psychopathologie des Alltagslebens*" ("A Psicopatologia da vida cotidiana" [1901]. GW, IV; SE, VI; ESB, VI), um estudo no qual são amplamente abordadas as diversas possibilidades de intromissão, na fala, de processos inconscientes que costumam produzir uma série de efeitos insólitos, aparentemente irracionais. Em 1905, ele publica um outro trabalho, no qual essa relação entre o inconsciente e a fala é examinada nos chistes ("*Der Witz und seine Beziehung zum Unbewußtem*") ["Os chistes e sua relação com o inconsciente"]. GW, VI; SE, VIII; ESB, VIII). Contudo, mostrar que a irrupção de processos primários no interior do processo secundário ocorre também em situações da vida cotidiana não é o mesmo que atribuir ao inconsciente uma natureza linguística.

problemas identificados no primeiro;¹⁰⁰ de outro, o ressurgimento das contradições a que nos vimos referindo desde o início do presente estudo e que, ao nosso ver, estariam vinculadas às bases empiristas do projeto metapsicológico de Freud.

Com efeito, as contradições pareceriam novamente incidir sobre o modelo de "*Die Traumdeutung*" no momento em que Freud tentaria fundamentar, por meio das intrincadas relações semânticas identificadas nos sonhos e sintomas, um aspecto vislumbrado na terceira parte de "*Entwurf*", mas cujas limitações não o teriam permitido explorá-lo naquele contexto: a idéia segundo a qual as relações entre os nomes determinariam o curso da quantidade em obediência ao princípio do desprazer.

Contudo, conforme mencionamos acima, o caráter originário do desprazer importaria à metapsicologia a contradição concernente à ordem cronológica de formação dos processos primário e secundário. Essa contradição levaria Freud a uma espécie de busca infrutífera por uma derivação do desprazer. Com efeito, cada tentativa de fornecer uma gênese dos processos psíquicos - biológica, acidental, ou a combinação de ambas - implicaria ou em extrapolar as explicações do campo da intencionalidade, ou em reintroduzir o problema da anterioridade do processo secundário em relação ao primário. Em outros termos, ou se retomaria a noção de um inconsciente fisiológico, ou não se conseguiria excluir a intervenção da linguagem - e, portanto, da atividade do pré-consciente/consciente - da

¹⁰⁰ O modelo do capítulo VII fornece uma explicação para a repressão do prazer - impensável no contexto de "*Entwurf*" -, a partir do que se

constituição dos processos psíquicos, suposto por Freud como uma organização cuja base seria eminentemente formada por material não-lingüístico.¹⁰¹

Nesse sentido, supomos, com Kimmerle,¹⁰² que a introdução da pulsão de morte representaria o ponto em torno do qual essas contradições se aglutinariam, uma vez que, com essa noção, não seria mais possível recuar a origem do desprazer.

Mesmo que tais contradições pareçam manter-se como uma espécie de pano de fundo à frente do qual as formulações seriam apresentadas, o modelo da mente proposto em "*Die Traumdeutung*" permite entrever o empenho freudiano na tarefa de corrigir as falhas identificadas em "*Entwurf*". Nesse sentido, pode-se dizer que ele tentaria resgatar um aspecto, contemplado antes mesmo dos "*Studien über Hysterie*", mas que, naquela obra não publicada, teria sido desconsiderado em favor da teoria da sedução. Referimo-nos aos motivos subjacentes aos sintomas que, conforme examinamos em capítulo anterior, resultavam de um conflito entre representações incompatíveis - de um lado, um desejo de conteúdo (geralmente) erótico e, do outro, uma censura a

estabelece a identidade entre sonho e sintoma.

¹⁰¹ "É essencial abandonar a supervalorização da propriedade de ser consciente antes que se torne possível formar qualquer opinião correta da origem daquilo que é mental. Nas palavras de Lipps (...) o inconsciente tem de ser pressuposto como constituindo a base geral da vida psíquica. O inconsciente é a esfera maior, que inclui dentro de si a esfera menor do consciente. Tudo o que é consciente possui uma etapa preliminar inconsciente, enquanto que aquilo que é inconsciente pode permanecer nesse estágio e, não obstante, reivindicar ser encarado como possuidor do pleno valor de um processo psíquico" ("*Die Traumdeutung*". GW, II/III, p. 617; SE, V, p. 612; ESB, V, pp. 650-651).

¹⁰² "Há contradições nos próprios fundamentos da psicanálise que, consideradas à luz dos fenômenos de repetição, conduzem para a concepção da pulsão de morte, em que todas elas encontram-se reunidas (...) A busca de

esse desejo. Contudo, a explicação proposta com base no novo modelo é diferente daquela encontrada nos casos Lucy e Elisabeth, segundo a qual a repressão decorreria de um ato de vontade em princípio consciente.

A nova explicação respalda-se em uma configuração da mente composta de sistemas de memória, com formas de registro distintas, separados por uma censura. Em tal configuração, a origem do desprazer associado aos quadros patológicos é atribuída a um conflito entre representações de natureza sexual (ocupadas com quantidade do inconsciente) e as demais representações do pré-consciente. Nesse caso, a especificidade do caráter sexual do alvo da repressão decorreria da natureza multifásica da sexualidade, em consonância com a qual a memória seria constituída nos referidos sistemas de registro. Desse modo, uma sensação que fosse considerada aprazível em determinado sistema poderia vir a ser desprazível de acordo com as regras vigentes no sistema seguinte; a incompatibilidade das regras de funcionamento nos diferentes sistemas configuraria o conflito (desprazer) e a conseqüente repressão.

O papel da censura seria, portanto, o de observar as ameaças de desprazer no interior do aparelho, provenientes da tentativa de acesso das representações inconscientes ao pré-consciente. O trabalho de impedir esse acesso promoveria uma série de efeitos que se refletiriam nas intrincadas operações semânticas apontadas na formação dos sonhos e sintomas.

Freud pela origem encontra a si mesma no tema da morte" (Kimmerle, G. "Verneinung und Wiederkehr". op. cit., pp. 8 e 10).

Com esse novo modelo, Freud tentaria mostrar que tais operações indicariam a inexistência de um sujeito da consciência, ou de um sujeito do sentido por trás das mesmas. Portanto, não pareceria insensato supor que, à luz da teoria freudiana, os processos envolvidos no sintoma e no sonho constituiriam, por assim dizer, transgressões às regras que organizariam o uso cotidiano da linguagem, em obediência às quais as sensações seriam fixadas e, conseqüentemente, a quantidade seria submetida ao fluxo ligado (processo secundário).¹⁰³

Essas transgressões, por sua vez, seriam deflagradas por determinadas combinações de nomes e sensações (mais especificamente, por sensações sexuais) que entrariam em conflito com o conjunto das demais. Desse modo, as seqüências de palavras que figurariam nos sonhos e sintomas em desacordo com as regras de uso da linguagem indicariam a ocorrência de uma substituição do nome apropriado de dada sensação (ditado pelas referidas regras) por um nome falso. Essa operação acarretaria na "intromissão" do funcionamento primário no interior do processo psíquico secundário, provocando um 'ato irracional' e o subsequente estranhamento por parte do próprio agente.

A esse respeito, vimos tentando mostrar que o problema enfrentado por Freud, ao retirar da consciência o controle dos processos psíquicos, seria o de acabar tendo que incumbir ao outro, enquanto uma espécie de usuário-modelo das regras cotidianas da linguagem, o papel de conferir um caráter intencional às manifestações

¹⁰³ No sonho, contudo, vimos que as "transgressões" às regras de uso da linguagem são exacerbadas pela vigência do estado de sono, no qual o fluxo da quantidade em estado livre (processo primário) tem acesso à consciência.

comportamentais do ser humano. Desse modo, a condição necessária da participação de um outro nas vivências de dor e de satisfação impõem-lhe uma tarefa que, em última análise, implicaria um trabalho de fixar sensações por meio de atos de nomeação. Desse modo, o processo de vinculação da quantidade pareceria, no plano da intencionalidade, anterior ao fluxo livre da mesma. Conseqüentemente, o processo psíquico secundário se anteciparia em relação ao primário.

Ora, essa antecipação entraria de imediato em choque com a principal tese que Freud pretende demonstrar: o caráter inconsciente da determinação dos processos psíquicos.

A esse respeito, no modelo do capítulo VII de "*Die Traumdeutung*", ele adverte que o trabalho de vinculação da quantidade, sob o encargo do processo secundário, pareceria nunca ser plenamente realizado, dada a abundância de manifestações do processo primário na consciência. Tal incapacidade é atribuída, nesse contexto, a dois aspectos: 1) à possível remessa de quantidade extra, enviada através de algum processo orgânico, que extrapolaria a capacidade de ligação do processo secundário ; 2) ao atraso na formação do processo secundário - em relação ao primário -, o que o impossibilitaria de inibir por completo os impulsos impregnados de desejo que compõem o âmago de nosso ser.¹⁰⁴

Apesar da reicindência dessa contradição na primeira tópica, o processo secundário, cuja função coincide com a do eu de "*Entwurf*", vê-se agora, diferentemente deste,

¹⁰⁴ Cf. "*Die Traumdeutung*", op. cit. GW, II/III, p. 609; SE, V, p. 603; ESB, V, p. 642.

intrínseca e inevitavelmente fadado a falhar. Nesse sentido, o conflito passa a constituir o modo próprio de funcionamento da máquina psíquica, sendo pensado a partir de uma oposição entre sistemas, cujo funcionamento, apesar de visar a mesma meta, seria incompatível.

Cumprе ressaltar que, com esse modelo, Freud pareceria dispor de fundamentos mais sólidos para uma importante tese subjacente a seus escritos psicológicos iniciais e que consideramos o foco sobre o qual ele pretende fazer incidir suas formulações em "*Die Traumdeutung*": a tese de que nenhum processo psíquico pode ser arbitrário, ou seja, não intencional:

"Pode ser demonstrado que tudo de que podemos libertar-nos são idéias intencionais que nos são conhecidas. Assim que houvermos feito isso, idéias intencionais desconhecidas - ou, como dizemos sem precisão, 'inconscientes' - tomam conta e daí por diante, determinam o curso das idéias involuntárias. Nenhuma influência que possamos aplicar a nossos processos mentais poderá capacitar-nos a pensar sem idéias intencionais, nem estou ciente de quaisquer estados de confusão psíquica que possam fazê-lo".¹⁰⁵

Nessa perspectiva, o modelo apresentado no capítulo VII da obra sobre os sonhos parece constituir a melhor configuração, até então formulada por Freud, para explicar como a mente, cujos processos seriam necessariamente intencionais, poderia produzir atos irracionais. Mediante uma teoria da psique dividida em sistemas, ele pareceria sugerir que a irracionalidade de alguns processos psíquicos seria invariavelmente uma fachada que esconderia atrás de

si pensamentos racionais. Contudo, conforme adverte Davidson (1982), para que tal explicação se torne plausível, faz-se necessário supor que o irracional emergiria quando certo estado mental, que no interior de um dado sistema constituiria uma razão, fosse capaz de causar, em outro sistema, uma determinada ação sem, todavia, constituir uma razão para aquilo que causou.¹⁰⁵

Ora, não se deve esquecer que Davidson, deliberadamente, exclui de seu exame a noção de um sistema inconsciente constituído essencialmente por impulsos impregnados de desejo e para o qual seria atraído o material submetido à repressão. Para o filósofo americano, apenas o sentido adjetivo do termo 'inconsciente' seria considerado. Portanto, quando ele se refere à divisão da mente em sistemas no interior dos quais os eventos mentais constituiriam razões, ele certamente não contempla aquele material que Freud supõe ocupar o núcleo do sistema inconsciente. Com efeito, uma vez que este seria não-lingüístico, seu conteúdo não poderia ser pensado como razões, implicando, portanto, processos não-racionais.

Acreditamos, contudo, que a hipótese freudiana de um inconsciente sistemático poderia, em certo sentido, ser pensada como um dos paradoxos da irracionalidade, uma vez considerando que, no contexto da teoria psicanalítica, esse sistema constituiria a base psíquica não-racional sobre a

¹⁰⁵ Ibid. GW, II/III, p. 533; SE, V, p. 528; ESB, V, p. 563.

¹⁰⁶ Este processo consistiria em um dos paradoxos da irracionalidade, uma vez que envolveria explicações do tipo fisicalista - em que causas não constituem razões - para dar conta da irrupção de atos irracionais. Em outros termos, o paradoxo consistiria na emergência do não-racional no interior do campo da racionalidade prática. Cf. Davidson (1982), op. cit.

qual se fundamentaria o plano dos processos propriamente racionais e, por conseguinte, dos processos irracionais.

Cumpre, no entanto, notar que o caráter não-racional do sistema inconsciente diferiria daquele concernente aos processos físicos, uma vez que esse sistema recobriria um material de cunho representacional dotado de intencionalidade.¹⁰⁷ Com efeito, a intencionalidade do inconsciente constitui um pressuposto fundamental para a tese psicanalítica de que todos os processos psíquicos seriam intencionais, mesmo que viessem a desprezar as condições impostas pelos parâmetros da racionalidade; ou seja, mesmo que implicassem em eventos mentais compulsivos e repetitivos, incompreensíveis para o próprio agente. Quando este fosse o caso, tratar-se-iam de processos irracionais que, de acordo com a teoria, remontariam, após análise, a processos racionais submetidos às regras do sistema inconsciente em decorrência da repressão.

O plano propriamente racional seria, nessa perspectiva, fundado sobre o não-racional (de caráter psíquico), uma vez que trataria de garantir a obtenção da mesma meta do sistema inconsciente, mediante, é claro, a observância de certas regras. Nesse sentido, envolveria, por assim dizer, dois subplanos: um prático, a partir do qual a compulsão seria substituída pela mediação - o aparelho passaria a levar em conta as condições externas, de modo a direcionar a quantidade através do caminho que garantisse uma eliminação eficaz; e um teórico, que trataria de emancipar o aparelho da necessária obtenção da

¹⁰⁷ Constituída em obediência ao princípio do desprazer visando, primordialmente, fugir de toda situação geradora de tal sensação.

satisfação, substituindo o objeto desta última por metas, por assim dizer, mais elevadas, como, por exemplo, o conhecimento.

Nesse caso, a racionalidade implicaria, num primeiro momento, a renúncia à compulsão - característica do funcionamento do inconsciente - e a adoção de estratégias de intervenção sobre a realidade material, assegurando assim que a meta desse sistema fosse de fato atendida. Em seguida, requereria uma submissão às regras lógicas que dotam de coerência uma representação - o que implicaria a aquisição da linguagem. De posse desta, o agente poderia compartilhar, com o meio onde vive, o vocabulário que media o conhecimento do mundo material, bem como de seu mundo interno. Essa aquisição implicaria em observar, entre outros, o princípio da não-contradição, segundo o qual uma coisa não pode, a um só tempo, ou sob um único aspecto, ser e não ser.¹⁰⁸

O problema que identificamos nessas formulações - e que vimos reiteradamente apontando ao longo da presente investigação - implicaria mais que um paradoxo da irracionalidade, uma vez que a teoria não parece prever, ou pelo menos parece escamotear o que supomos ser uma contradição insita à suposta anterioridade do sistema inconsciente em relação ao pré-consciente/consciente. Com efeito, ao mesmo tempo em que ela postula o primeiro como a base dos processos psíquicos, parece pressupor, no próprio processo de constituição do registro mental, a linguagem

¹⁰⁸ O caráter não-linguístico do inconsciente residiria justamente em sua completa ignorância do referido princípio.

(e, portanto, o segundo) como uma espécie de organizadora da intencionalidade.

CAPÍTULO VI

DETERMINISMO E DESPRAZER NA TEORIA FREUDIANA DA SEXUALIDADE

A tese da não-arbitrariedade dos processos psíquicos, bem como as formas de relação entre os sistemas inconsciente e pré-consciente, identificadas a partir do trabalho de interpretação dos sonhos, parecem constituir as bases sobre as quais Freud escreve "*Zur Psychopathologie des Alltagsleben*" (1901).¹⁰⁹ O vasto material examinado nessa obra viria reavivar uma discussão de grande importância no campo da ética: a querela entre o livre-arbítrio e o determinismo.

Com efeito, ao supor que os processos psíquicos seriam motivados por forças intrínsecas, alheias, no entanto, à deliberação da consciência, a psicanálise acabaria por contribuir com novos elementos para o antigo debate acerca da responsabilidade do ser humano perante suas ações. Nesse sentido, suscitaria reflexões sobre a possibilidade de haver, no universo psíquico, algum espaço reservado ao acaso.

A esse respeito, no capítulo final dessa obra,¹¹⁰ Freud expressa a convicção de que, à luz da psicanálise, o acaso

¹⁰⁹ "A Psicopatologia da vida cotidiana". GW, IV; SE, VI; ESB, VI.

¹¹⁰ Ibid. GW, IV, capítulo XII, pp. 267-310; SE, VI, pp. 239-279; ESB, VI, pp. 287-332).

só parece plausível como algo proveniente do mundo físico, não havendo lugar para o mesmo no campo psíquico.¹¹¹

Nesse contexto em que procura ilustrar, através de uma infinidade de exemplos, a tese segundo a qual existiriam intenções inconscientes por trás de ações aparentemente acidentais de modo a imprimir um forte determinismo aos processos psíquicos, Freud identifica, curiosamente, uma tendência à autodestruição subjacente a alguns atos acidentais que envolveriam autoferimento:

"Quem acreditar na ocorrência de autoferimentos semi-intencionais - permitam-me que use tal expressão inábil - estará preparado para supor que além do suicídio intencional consciente existe também uma autodestruição semi-intencional (autodestruição com uma intenção inconsciente), que sabe usar com sagacidade uma ameaça à vida e disfarçá-la como acidente casual. Não devemos pensar que essa autodestruição seja rara, pois a tendência à autodestruição está presente numa determinada medida em muito mais pessoas do que naquelas em que ela chega a ser levada a cabo; e os autoferimentos em regra são uma conciliação entre essa pulsão e as forças que ainda se opõem a ela".¹¹²

Apesar de referir-se, em 1901, à tendência à autodestruição como uma espécie de pulsão, Freud ainda estaria longe de generalizá-la e elevá-la, tal como o faz em 1920, à categoria de pulsão antagonista da pulsão erótica, mesmo porque ainda não havia sequer explicitado, de forma mais sistemática, a sua teoria das pulsões. Desse modo, a alusão à tendência que não observaria a meta primordial da vida

¹¹¹ Contudo, na mesma obra, Freud admite a possibilidade de haver casos simples de esquecimento de nomes, além daqueles motivados pela repressão. (Cf. *Zur Psychopathologie des Alltagsleben*. GW, IV, p. 12; SE, VI, p. 7; ESB, VI, p.26).

anímica - fuga do desprazer - não viria propriamente pôr em xeque a tese determinista que se ocupava em demonstrar. Nesse momento,¹¹³ a autodestruição remontaria a uma intenção inconsciente de autopunição de um tipo análogo àquele encontrado nos sonhos com a própria morte.

A formulação mais precisa da noção de pulsão começa a vir a público na obra que Freud consagra à apresentação de sua teoria da sexualidade, "*Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie*" (1905), à medida que aponta certas características da pulsão sexual que poderiam ser atribuídas também à pulsão da fome: objeto, objetivo e fonte.

Contudo, pelo menos na primeira edição dessa obra,¹¹⁴ não se tem a concepção de que as forças responsáveis pela inibição da sexualidade seriam de natureza igualmente pulsional; em outras palavras, ainda não se dispõe de uma teoria segundo a qual a origem do desprazer remontaria a um conflito entre pulsões. O fator inibidor da sexualidade é atribuído nesse momento às forças psíquicas de repugnância, vergonha e moralidade que, nesse caso, subsidiariam o mecanismo da repressão.

¹¹² Ibid. GW, IV, p. 200; SE, VI, p. 180; ESB, VI, p. 222.

¹¹³ E, curiosamente, mesmo em edições ulteriores da obra em que a noção de pulsão de morte já havia sido formulada, nenhuma associação é sugerida entre os acidentes com autoferimento e essa pulsão autodestrutiva.

¹¹⁴ "*Drei Abhandlungen*" e "*Die Traumdeutung*" foram as obras que mais sofreram reformulações ao longo de suas várias reedições (durante a vida de Freud, a primeira foi reeditada, com acréscimos, em 1910, 1915, 1920 e 1924). Uma vez que nem sempre estão indicadas todas as alterações, torna-se difícil proceder a um exame da obra que obedeça à cronologia dos conceitos. Para efeito do presente estudo, interessa-nos particularmente os acréscimos da edição de 1915, quando Freud já havia publicado os artigos metapsicológicos mais importantes para a configuração de sua teoria das pulsões (anterior, é claro, à introdução da pulsão de morte): "*Zur Einführung des Narzissmus*" e "*Triebe und Triebchicksale*". Portanto, optamos por abordar o conteúdo desses acréscimos quando examinarmos os referidos artigos.

A esse respeito, cumpre notar que a própria natureza dessas forças seria imprecisa, a partir do que pareceria legítimo depreender o movimento de Freud no sentido de apontar uma origem para o desprazer (enquanto um derivado). Inicialmente, o fator inibidor da sexualidade é atribuído a determinantes orgânicos fixados pela hereditariedade, de modo que a educação mostrar-se-ia prescindível no desempenho de qualquer papel auxiliar.¹¹⁵ Nesse caso, o estatuto psicológico das forças inibidoras pareceria comprometido, pois se a intervenção do outro não é de nenhum modo determinante, como atribuir a tais forças um componente intencional?

Uma nota acrescentada em 1915 acenaria a saída encontrada por Freud. Cumpre notar que, nessa época, ele já havia publicado "*Totem und Tabu*" (1912-13),¹¹⁶ obra em que a gênese do desprazer já se havia associado ao Complexo de Castração, de modo que, nesse contexto, restava encontrar uma origem para tal complexo; esta, por sua vez, deveria condicionar a emergência do Complexo de Édipo na infância de todos os seres humanos.

Em outras palavras, Freud precisava de uma teoria capaz de explicar que a própria história individual do homem estaria marcada desde o início pela castração, de maneira que esta adquirisse um estatuto originário, ou seja, organizador de todos os processos psíquicos. Na referida nota, portanto, ele supõe que essas forças "*devem também ser consideradas como precipitados históricos das inibições externas a que a pulsão sexual tem estado sujeita*

¹¹⁵ GW, V, p. 78; SE, VII, p. 178; ESB, VII, p. 181.

¹¹⁶ GW, IX; SE, XIII; ESB, XIII.

durante a psicogênese da raça humana".¹¹⁷ E finaliza: *"Podemos observar a forma pela qual, no desenvolvimento dos indivíduos, elas surgem no momento apropriado, como que espontaneamente, quando a educação e a influência externa dão o sinal"*.¹¹⁸

Mediante essa explicação, segundo a qual a ontogênese repetiria a filogênese que, por sua vez, repetiria algo que um dia teria sido ontogenético, Freud pareceria empenhado em resolver o recorrente problema da origem do desprazer. No entanto, a explicação fornecida - uma espécie de solução de compromisso entre o biológico e o acidental -, apontaria novamente o desprazer como elemento originário do psíquico.

Freud não alude, em *"Drei Abhandlungen"*, a uma tendência à autodestruição. Por outro lado, concede um importante papel à agressividade que, nesse quadro conceitual, passa a ser considerada como um elemento da própria pulsão sexual. A partir do estudo das perversões, ele conclui que a pulsão sexual não seria uma "coisa simples";¹¹⁹ antes, constituiria uma espécie de amálgama de vários componentes que, no caso das perversões, ter-se-iam novamente dissociado e exacerbado. Esses componentes apresentar-se-iam regularmente como pares de opostos que envolveriam, por sua vez, uma posição passiva e outra ativa.

A obtenção de prazer através da dor e da crueldade decorreria, portanto, do componente agressivo da pulsão sexual que, em sua forma ativa, configuraria o sadismo e,

¹¹⁷ GW, VII, p. 61 ; SE, VII, p. 162 ; ESB, VII, p. 164.

¹¹⁸ Idem, Ibidem.

¹¹⁹ Ibid. GW, V, pp. 61-62 ; SE, VII, pp. 162-163; ESB, VII, p. 165.

na forma passiva, o masoquismo.¹²⁰ O componente agressivo da pulsão sexual teria como zona erógena a pele que, para Freud, constituiria a zona erógena '*par excellence*'.¹²¹ No entanto, ele seria capaz de emancipar-se do prazer específico da zona e vincular-se, por exemplo, a idéias de punição, freqüentes nos casos de neurose obsessiva.

Freud acrescenta que a ocorrência simultânea do sadismo e do masoquismo não seria atribuída apenas ao elemento de agressividade da pulsão sexual; estaria também ligada à oposição masculinidade-feminilidade decorrente da bissexualidade.¹²²

A importante discussão acerca do caráter originário ou derivado do masoquismo, presente em "*Drei Abhandlungen*", data da edição de 1915 e aparece pela primeira vez no artigo metapsicológico, publicado no mesmo ano, dedicado à teoria das pulsões.¹²³ Portanto, voltaremos a esse tópico quando examinarmos o artigo metapsicológico em questão.

A noção de que o conflito psíquico envolveria duas forças oponentes, ambas de natureza pulsional, só é explicitamente formulada em um artigo publicado em 1910, portanto, cinco anos após a primeira edição de "*Drei Abhandlungen*". Nesse artigo, intitulado "*Die Psychogenese*

¹²⁰ Enquanto o sadismo envolveria o desejo de subjugar, dominar e humilhar o objeto sexual de modo a vencer-lhe a resistência por meio de recursos distintos do galanteio, o masoquismo teria uma de suas raízes na "supervalorização sexual como uma consequência psíquica necessária da escolha de um objeto sexual" (nota de rodapé ausente da edição alemã cotejada. SE, p. 158; ESB, VII, p. 160).

¹²¹ Ibid. GW, V, p. 69; SE, VII, p. 169; ESB, VII, p. 172 (em grego no original).

¹²² Depreende-se dessa formulação os resquícios da temática que, conforme pudemos acompanhar, obteve por algum tempo destaque na correspondência com Fliess e que diz respeito à existência de uma substância sexual masculina, cuja eliminação produziria prazer e uma feminina, geradora de desprazer.

Sehstörung in Psychoanalytischer Auffassung",¹²⁴ Freud propõe que a oposição entre representações incompatíveis consistiria em uma expressão da luta entre a pulsão sexual (constituída de várias pulsões componentes) e o grupo de pulsões que teriam por objetivo a autopreservação do indivíduo - as pulsões do eu (entre as quais se inscreveria a pulsão da fome).

Nesse sentido, a máquina psíquica suposta por Freud seria capaz de desejar algo que não só não visa como até mesmo despreza a própria sobrevivência do organismo, meta das pulsões do eu. Essa inobservância das funções de autopreservação por parte das manifestações da sexualidade originaria o conflito pulsional, de modo que o prazer sexual se transformaria em desprazer, desencadeando o mecanismo da repressão.

Sob essa nova perspectiva, a compulsão parece ser pensada como a forma primordial de expressão da intencionalidade concernente à pulsão sexual; mais precisamente, a compulsão constituiria a marca do material que resistiria à inibição imposta pelo processo secundário.

Por conseguinte, a explicação fornecida à questão que indagava por que somente as representações sexuais seriam objeto da repressão modificar-se-ia de forma significativa. De modo distinto ao quadro explicativo fornecido pela teoria da sedução, a teoria freudiana da sexualidade permitiria depreender a seguinte explicação: a sexualidade, diferentemente da fome, seria capaz de obter satisfação

¹²³ Cf. *"Triebe und Tribschicksale"* ("Os instintos e suas vicissitudes" [1915]. GW, X, pp. 209-232; SE, XIV, pp. 109-140; ESB, XIV, pp. 137-162).

¹²⁴ "A concepção psicanalítica da perturbação psicogênica da visão". GW, VIII, pp. 93-102; SE, XI, pp. 209-218; ESB, XI, pp. 193-203.

mesmo após o afastamento do agente da ação específica.¹²⁵ Graças a essa característica auto-erótica, a presença do objeto de desejo no mundo externo seria plenamente dispensável; partes do próprio corpo seriam eleitas como objeto das pulsões parciais, de modo que a satisfação seria obtida através da atividade masturbatória. Conseqüentemente, o desejo sexual arregimentaria uma força de inibição distinta da que seria imposta pelo processo secundário à pulsão da fome. Essa força seria justamente a repressão e continuaria, tal como em "*Entwurf*", a ser pensada como um mecanismo desencadeado pelo eu.

Contudo, o eu adquiriria um novo atributo: o de ser a sede da pulsão de autopreservação, antagonista da pulsão sexual. A repressão seria, pois, acionada sobre cada uma das formas de organização da libido, inclusive sobre a libido genital, para a qual a satisfação auto-erótica não seria suficiente.

Uma das formas encontradas pela libido para fugir à repressão seria a regressão a formas anteriores de obtenção de prazer. Nesse caso, a libido geralmente regridiria para o que Freud denominou de pontos de fixação - organização em que outrora fora obtida maior satisfação.

Apesar de nosso exame um tanto condensado de "*Drei Abhandlungen*", consideramos legítimo depreender do mesmo

¹²⁵ No caso da pulsão sexual, Freud supõe três fontes de excitação: o mundo externo (através da estimulação das zonas erógenas), o interior do organismo e a própria mente (GW, V, pp. 109-110; SE, VII, pp. 208-209; ESB, VII, p. 214). Nos primórdios da constituição do psiquismo, a ação específica da pulsão sexual talvez possa ser pensada como consistindo na excitação das zonas erógenas, provocada, por sua vez, pelo contato estabelecido com aquele que realiza a ação específica concernente à pulsão da fome (Esta suposição estaria de acordo com a "teoria do apoio", introduzida na edição de 1915 de "*Drei Abhandlungen*", segundo a qual a pulsão sexual surgiria apoiada sobre a pulsão de autopreservação, desprendendo-se posteriormente da mesma).

que a formulação da teoria freudiana da sexualidade promoveria, em certo sentido, a possibilidade de pensar o desprazer como derivado de um prazer sexual negado, uma vez que a pulsão sexual implicaria uma fonte de prazer originário. Nessa perspectiva, não pareceria mero acaso que o princípio regulador dos processos mentais, o 'princípio do desprazer', tenha alguns anos mais tarde sido rebatizado como 'princípio de prazer'.

Antes de passarmos ao exame dos escritos subseqüentes de Freud, cumpre lembrar que a formulação das noções deflagradoras de todas as modificações brevemente apresentadas até aqui obviamente não se deu de forma imediata, mas a partir de laboriosa e contínua reflexão. Nesse sentido, mesmo a famosa carta de 21 de setembro de 1897, em que Freud comunica a Fliess seu descrédito em relação à teoria da sedução, e que desencadeia as importantes reformulações acima aludidas, representaria apenas o ápice de um período em que todo esse processo de confrontação da referida teoria com as evidências clínicas seria organizado e relatado.

Na mesma carta, Freud alude pela primeira vez à idéia de que o inconsciente não seria passível de ser completamente "domado" pela consciência, através do tratamento.¹²⁶ Quarenta anos mais tarde,¹²⁷ ele chega a

¹²⁶ "A Correspondência Completa". op. cit., p. 266.

¹²⁷ Cf. "Die endliche und die unendliche Analyse" ("Análise terminável e interminável" [1937]. GW, XVI, pp. 57-99; SE, XXIII, pp. 209-253; ESB XXIII, pp. 239-287).

admitir, à luz dos problemas evidenciados pela difusão da prática psicanalítica¹²⁸ e dos novos aspectos psíquicos trazidos à tona pela introdução da pulsão de morte,¹²⁹ que a análise não só constituiria um processo interminável, como também esbarraria em limites intransponíveis.¹³⁰

Desse modo, tudo se passa como se o inconsciente extrapolasse as possibilidades de apreensão por parte da consciência, o que pareceria reiterar a tese freudiana de que esta representaria uma ínfima porção dos processos psíquicos, em sua maioria inconscientes. Contudo, ao pressupor a intervenção do outro - e, por conseguinte, da linguagem - como condição para dotar as demandas pulsionais de intencionalidade, a metapsicologia pareceria incorrer nas contradições que julgamos aglutinarem-se em torno da noção de pulsão de morte.

Com efeito, ter-se-ia, de um lado, a idéia do sistema inconsciente - e, portanto, de um conteúdo não-lingüístico - como o substrato dos processos psíquicos; de outro lado, o caráter imprescindível dos atos de nomeação para fixar as sensações do organismo no plano da representação (o que coincidiria com a própria operação de 'intencionalização' dos eventos mentais).

128 Freud chegou à conclusão de que a maioria dos analistas reconhecia apenas a si próprio como o legítimo herdeiro de seu legado, de modo a se inviabilizar, com isto, a difusão de uma prática propriamente psicanalítica.

129 Como, por exemplo, a reação terapêutica negativa, isto é, a total incapacidade, por parte do analisando, de suportar qualquer sinal de melhora devido a um sentimento de culpa cuja raiz remontaria à pulsão de morte.

130 Em "*Die endliche und die unendliche Analyse*" (op. cit. GW, XVI, pp. 96-99 ; SE, XXIII, pp. 250-253; ESB, XXIII, p. 284 e segs.), Freud aponta como entrave a um término bem sucedido da análise a dificuldade, apresentada tanto pelos analisandos de sexo masculino, como feminino, de aceitar os respectivos limites, impostos pela castração.

PARTE III

CAPÍTULO I

O EMBARAÇAMENTO DOS PRINCÍPIOS DA TEORIA FREUDIANA NO CONTEXTO DA INTRODUÇÃO DO NARCISISMO

A introdução do narcisismo traz repercussões de grande importância para a teoria freudiana. No presente capítulo, contudo, enfatizaremos apenas dois aspectos mais intimamente relacionados ao tema de nosso estudo: 1) o risco que esse conceito representaria para a concepção eminentemente dualista sobre a qual se erige a teoria freudiana, pensada como uma teoria dos atos irracionais;¹ 2) os efeitos da introdução do narcisismo sobre o papel do eu e o conseqüente reaparecimento do problema em torno dos processos primário e secundário. Acerca deste aspecto, tentaremos mostrar que, além de promover um deslocamento do conflito para o âmbito do eu, a introdução do narcisismo imputaria a essa organização psíquica uma outra mudança estrutural: se antes a sua constituição coincidia com a própria instauração do processo secundário, o novo conceito

¹ A esse respeito, examinaremos em que medida a introdução do narcisismo poria em xeque essa teoria que, àquela época, estaria, por assim dizer, firmando seu estatuto sobre o conceito de pulsão, de maneira a atribuir o efeito de irracionalidade de certos atos à existência de um conflito entre demandas pulsionais antagônicas.

impõe-lhe agora uma configuração inicial - o eu-prazer - regida pelo processo primário.

A noção freudiana de narcisismo é formulada pelo menos 5 anos antes² da publicação de "*Zur Einführung des Narzissmus*" (1914) e parece emergir da progressiva ampliação da investigação psicanalítica na direção das perversões e psicoses. Em 1910, em uma das notas à segunda edição de "*Drei Abhandlungen*",³ bem como na análise de uma lembrança de Leonardo da Vinci,⁴ Freud recorre à noção de narcisismo para explicar um tipo de escolha de objeto característica dos homossexuais. Ele supõe que tais indivíduos teriam vivido durante um curto período da infância uma fase de intensa fixação na mãe, com a qual se teriam identificado após ultrapassada a fase. Desse modo, passariam a considerar a si próprios como objeto sexual, ou seja, procurariam rapazes que se assemelhassem a si a fim de amá-los como haviam sido amados por suas respectivas mães.

² O narcisismo como estágio intermediário entre o auto-erotismo e a escolha objetal é anunciado por Freud em uma reunião da Sociedade Psicanalítica de Viena em 10 de novembro de 1909.

³ Op. cit., GW, V, p. 44; SE, VII, p. 145; ESB, VII, p. 145.

⁴ Cf. "*Eine Kindheitserinnerung des Leonardo da Vinci*" ("Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância" [1910]. GW, VIII, pp. 127-211; SE, XI, pp. 57-137; ESB, XI, pp. 53-124).

Na análise da autobiografia de Schreber⁵, o tema do narcisismo é novamente aludido, mas nesse contexto a escolha objetal de base narcisista passa a ser pensada como o produto de um elemento primordial de todo ser humano, possivelmente relacionado com a tendência universal à bissexualidade. O narcisismo constituiria, nesse sentido, um estágio em que o indivíduo reuniria seus componentes libidinais - cuja satisfação fora de natureza auto-erótica - a fim de eleger um objeto amoroso. O objeto, entretanto, seria ele próprio (Freud acrescenta: o próprio corpo).⁶ Freud admite que, nesse estágio, os órgãos genitais já desempenhariam um papel preponderante no eu. Desse modo, o passo seguinte no processo de desenvolvimento - a escolha de um objeto externo - apontaria para um objeto cujos órgãos genitais fossem semelhantes, configurando uma escolha homossexual. A escolha heterossexual dar-se-ia somente em uma etapa posterior à primeira. A libido homossexual, contudo, não seria extinta, mas desviada de seu objetivo sexual. Passaria, nesse caso, a integrar as pulsões de auto-preservação, de modo a ser empregada nos impulsos sociais. Essa utilização imprimiria uma conotação

⁵ Cf. "Psychoanalytische Bemerkungen über einen autobiographisch Beschriebenen Fall von Paranoia" ("Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia" [1911]. GW, VIII, pp. 239-316; SE, XII, pp. 1-79; ESB XII, pp. 23-108).

⁶ Ibid. GW, VIII, p. 297; SE, XII, p. 60; ESB, XII, p. 83. Note-se uma espécie de superposição da noção de eu com a de imagem do próprio corpo. Ou seja, é como se a referência do eu pudesse ser identificada à sensação de um corpo diferenciado do mundo. Nesse sentido, talvez se pudesse pensar o narcisismo como decorrente desse processo de diferenciação.

erótica na amizade, na camaradagem, no espírito de grupo e no amor à humanidade em geral⁷.

Em "*Totem und Tabu*",⁸ Freud parece ampliar ainda mais a influência do narcisismo sobre a vida mental, à medida que lhe atribui um caráter universal. O narcisismo passa a ser considerado uma organização psíquica que reproduz na história do indivíduo uma etapa da história da humanidade. Ele identifica a marca da organização narcisista na forma animista de compreensão do mundo, característica não só dos povos primitivos e selvagens, mas também de crianças e neuróticos. Conclui, por fim, que essa organização integraria o desenvolvimento de todos os seres humanos, de modo a nunca ser totalmente abandonada. Nessa perspectiva, a própria libido dirigida aos objetos constituiria uma

⁷ Cf. "*Psychoanalytische Bemerkungen über einen autobiographisch beschriebenen Fall von Paranoia*" (op. cit., GW, VIII, pp. 297-298; SE, XII, pp. 60-61; ESB, XII, pp. 83-84). A idéia de que a libido homossexual é sublimada e empregada nas pulsões sociais reaparece em "*Totem und Tabu*" (Ver referência na nota a seguir). A libido homossexual remontaria aos sentimentos e atos homossexuais originados durante o convívio dos irmãos expulsos da horda, contribuindo, nesse sentido, para a decisão acatada por todos no pacto que interditaria o incesto e o assassinato. Desse modo, ter-se-ia desviado de seu objetivo sexual e transformado-se em sentimento de amor fraterno, amizade, preocupação com questões sociais. Por conseguinte, ao advertir que "*os desejos sexuais não unem os homens, mas os dividem*" ("*Totem und Tabu*". GW, IX, p. 170; SE, XIII, p. 140; ESB, XIII, p. 172), Freud provavelmente refere-se nesse momento à libido heterossexual, cuja sublimação constituiria um processo posterior, além de incompleto. Chamamos a atenção para este aspecto porquanto ele indica que, antes da introdução da pulsão de morte, o fator pulsional de desagregação dos homens - algo mais que a simples agressividade individual - é atribuído à própria libido.

⁸ Conjunto de ensaios escritos entre 1912 e 1913, através dos quais Freud tenta explicar a origem dos sentimentos morais e religiosos. Conforme assinalamos em capítulo anterior, a obra pode ser compreendida como uma entre uma série de tentativas de fornecer uma origem para o desprazer. Cf. GW, IX; SE, pp. 7-161; ESB XIII, pp. 17-191).

emanação da libido narcisista que, por sua vez, poderia ser novamente arrastada de volta para o eu.

Nos primórdios da vida mental, os dois grupos pulsionais - sexualidade e auto-preservação - surgiriam unidos, de modo a se separarem somente no período da escolha objetal.⁹

Se a noção de narcisismo já vinha sendo veiculada por Freud desde 1909, por que então o artigo de 1914 proporia, conforme sugere seu título, *introduzir* essa noção na teoria psicanalítica? Ora, o tema do narcisismo traz um indisfarçável problema para a teoria das pulsões que, apesar de erigir-se sobre uma noção reconhecidamente obscura,¹⁰ teria de todo modo formalizado os termos da concepção freudiana a partir da qual os sintomas neuróticos passaram a ser pensados como distúrbios na esfera da intencionalidade. Nesse sentido, o narcisismo pareceria justamente esfumçar os parâmetros dualistas que fundamentavam essa concepção, uma vez que é definido como o complemento libidinal do egoísmo da pulsão de auto-preservação. Com a noção de narcisismo, o eu passa a ser

⁹ Essa suposição é reafirmada no próprio artigo sobre a introdução do narcisismo. Cf. "*Zur Einführung des Narzissmus*" ("Sobre o narcisismo: uma introdução" [1914]. GW, X, p. 140; SE, XIV, p. 75; ESB, XIV, p. 92).

¹⁰ Tanto na análise da biografia de Schreber, quanto no artigo que introduz o narcisismo, pode-se encontrar passagens em que Freud demonstra insatisfação quanto à incipiente fundamentação de sua teoria das pulsões. Cf. "*Psychoanalytische Bemerkungen über einen autobiographisch beschriebenen Fall von Paranoia*", op. cit. GW, VIII, p. 311; SE, XII, p. 74; ESB, XII, pp. 98-9; Ver também "*Zur Einführung des Narzissmus*", op. cit., GW, X, p. 143; SE, XIV, p. 77; ESB, XIV, p. 94.

considerado o reservatório primordial de toda a quota de libido de que dispõe o aparelho mental, libido que será posteriormente distribuída entre o próprio eu e os objetos externos. Se as pulsões do eu passaram a ser pensadas como estando impregnadas de um complemento libidinal, como manter a tese segundo a qual essas pulsões se oporiam às demandas da libido?

Em outras palavras, a que oposição se deverá remeter o conflito desencadeador de distúrbios na esfera da ação? Ou ainda, como explicar a origem do desprazer se a libido, produtora de um prazer originário, parece não ter mais um opositor?

Considerando as dificuldades que Freud vinha enfrentando com alguns membros do Círculo Psicanalítico de Viena¹¹ por volta da mesma época, o artigo sobre o narcisismo parece surgir com a função estratégica de se contrapor às formulações de libido não-sexual de Jung e de protesto masculino de Adler que, na visão de Freud, representavam uma ameaça a seu árduo trabalho de consolidação da sexualidade como o principal motor da intencionalidade humana.

Por conseguinte, se, por um lado, a introdução do narcisismo viria salvaguardar o caráter inalienavelmente sexual da libido, por outro lado, teria enfraquecido o

¹¹ Cf. "Zur Geschichte der psychoanalytischen Bewegung" ("A história do Movimento Psicanalítico" [1914]. GW, X, pp. 43-113; SE, XIV, pp. 7-66; ESB, XIV, pp. 11-82), escrito simultaneamente ao artigo sobre o narcisismo (op. cit.).

dualismo pulsional libido/auto-preservação ao qual, naquele contexto, era remetido o conflito psíquico. Freud reconhece o problema e chega a levantar as seguintes questões:

"se concedemos ao eu uma ocupação primária da libido, por que há necessidade de distinguir ainda uma libido sexual de uma energia não-sexual das pulsões do eu? A postulação de uma única espécie de energia psíquica não nos pouparia de todas as dificuldades que residem em diferenciar uma energia das pulsões do eu da libido do eu e a libido do eu da libido objetal?"¹²

A dificuldade de fornecer qualquer resposta definitiva para essas indagações indicaria que Freud ter-se-ia deparado com uma espécie de impasse teórico; como se, naquele contexto, não fosse teoricamente possível abrir mão de nenhuma das duas formulações.

Com efeito, renunciar ao dualismo pulsional implicaria em perder as bases que fundamentavam a suposição dos transtornos psíquicos como conflitos no campo da intencionalidade; por outro lado, negar o componente libidinal do eu resultaria em sucumbir aos apelos de Jung por uma teoria do interesse generalizado para explicar o motor da intencionalidade humana.

Freud tenta justificar o impasse atribuindo-o à natureza científica (que julga ser a) de sua investigação. Nesse sentido, faz questão de diferenciá-la daquilo que ele

¹² "Zur Einführung des Narzissmus". Op. cit. GW, X, pp. 141-142; SE, XIV, pp. 76-77; ESB, XIV, p. 93.

considera um exercício especulativo - este sim, a seu ver, seria dotado de fundamentos logicamente inatacáveis. Para Freud, suas formulações se assemelhariam às da Física que, fundamentada em princípio sobre a observação, erige seus conceitos a partir da interpretação empírica. Desse modo, à medida que a observação progredir, a psicanálise deve estar preparada para reformular e até mesmo para substituir seus conceitos por outros, sem se prejudicar com esse procedimento.¹³ Por conseguinte, ela deveria contentar-se, por ora, com a concepção de um dualismo pulsional esfumaçado, até que o curso de suas investigações empíricas apontasse-lhe uma hipótese mais consistente.

A fim de tornar sua solução provisória plausível, Freud estabelece uma correspondência com duas outras concepções dualistas, exteriores (e anteriores) à psicanálise: a primeira seria a distinção popular entre fome e amor, que configurariam as duas grandes forças responsáveis pela intencionalidade humana. A segunda seria a consideração biológica segundo a qual o indivíduo levaria uma existência dúplice: uma de natureza egoísta - a serviço de suas próprias finalidades - e outra de natureza altruísta - a serviço da perpetuação da espécie. Desse modo, o indivíduo poderia até pensar que a sexualidade se

¹³ Veremos que um ano mais tarde, no artigo metapsicológico "*Triebe und Triebesicksale*", Freud reformula essa posição, admitindo que toda ciência, apesar de trabalhar com a observação, não pode prescindir de certos pressupostos não observáveis que funcionariam como fundamento da investigação empírica. Tais pressupostos seriam da natureza de uma convenção e é como tal que Freud define a noção de pulsão.

prestaria ao serviço de suas demandas egoístas, uma vez que sua fruição implicaria a produção de prazer. Mas, sob uma perspectiva mais ampla, o próprio indivíduo seria apenas um apêndice de seu germoplasma, substância que deve perpetuamente se reproduzir.

Ao se valer de tais equivalências, Freud adverte que, apesar de tentar manter sua psicologia *"isenta de tudo que lhe seja diferente em natureza, inclusive das linhas biológicas de pensamento"*,¹⁴ sua hipótese de um dualismo pulsional não repousaria inteiramente em bases psicológicas. Antes, extrairia seu principal apoio da biologia.

Esse comentário parece indicativo da interessante relação que Freud estabelece entre sua teoria psicológica e a biologia. Ao mesmo tempo em que propõe um distanciamento entre ambas, identificável desde seu desligamento das hipóteses fisiológicas de Charcot e Breuer, ele acredita que, no futuro, todas as suas idéias provisórias em psicologia basear-se-ão em uma subestrutura orgânica. E é apostando nessa convergência futura que ele recorre à correspondência com a biologia no caso da teoria das pulsões, quando não parece possível manter o distanciamento proposto: *"Estamos levando essa probabilidade em conta ao*

¹⁴ *"Zur Einführung des Narzissmus"*. Op. cit. GW, X, p. 144; SE, XIV, p. 75; ESB, XIV, p. 95.

substituírmos as substâncias químicas especiais por forças psíquicas especiais".¹⁵

Com efeito, esse comentário parece fortalecer a suposição de Kimmerle, segundo a qual o conceito de pulsão de morte, por não obter respaldo na biologia da época, inverteria a relação até então mantida por Freud entre esta ciência e a psicanálise:

"Freud partiu da questão se o saber biológico poderia apoiar hipóteses psicanalíticas. No entanto, agora ele observa que a psicanálise poderia possibilitar à biologia uma melhor compreensão dos processos vitais".¹⁶

Freud só admite que sua teoria havia corrido o risco de se tornar monista com o conceito de narcisismo quando ele finalmente introduz a pulsão de morte, ou seja, quando o dualismo é reassegurado pela nova versão de sua teoria das pulsões. Contudo, veremos que mesmo quando se dispõe da formulação dessa nova pulsão, o monismo voltaria a ameaçar a teoria uma vez que Freud supõe, num primeiro momento, que uma única tendência agiria sobre tudo que é vivo: o retorno, no seu devido tempo, à condição inorgânica originária.

A introdução do narcisismo também gera contradições na concepção do agente de repressão. Ao mesmo tempo em que mantém a tese do antagonismo entre pulsão sexual e pulsão de auto-preservação e insiste em que esta última continue a

¹⁵ Idem, Ibidem.

¹⁶ Kimmerle, G. (1988) "Verneinung und Wiedekehr". Op. cit., p. 107.

ser considerada a força que subsidia a repressão, Freud aponta uma antítese no eixo eu-objetos. Desse modo, o conceito de narcisismo revelaria a existência de uma tensão no próprio processo de distribuição da libido que, uma vez armazenada no interior do eu, deve ter uma parte destinada aos objetos. Nessa perspectiva, seria possível entrever uma nova forma de conflito, na qual o clamor narcisista passaria a subsidiar a repressão,¹⁷ de tal maneira que a oposição seria, por assim dizer, deslocada para o interior do eu.¹⁸

Dessa maneira, o conceito de narcisismo promoveria uma profunda reformulação na própria concepção dessa organização psíquica que, até então, fora identificada como a instância repressora das representações impregnadas de um conteúdo sexual de natureza inconsciente. Com efeito, ao impor um elemento erótico ao próprio eu, a noção de narcisismo faria emergir algo impensável do ponto de vista da metapsicologia anterior: a concepção de um eu inicialmente regido pelo processo primário.

¹⁷ Freud se mantém igualmente ambíguo a esse respeito (Ver, por exemplo, "Aus der Geschichte einer infantilen Neurose" ("História de uma neurose infantil" [1918{1914}]). GW, XII, pp. 73, 145-146; SE, XVII, pp. 46, 110-111; ESB, XVII, pp. 64, 137-139). Se, por um lado, ele afirma que a libido narcisista pode impulsionar a repressão, por outro lado, considera-a apenas uma força coadjuvante no referido processo, promovido pela pulsão do eu (não-sexual).

¹⁸ O conceito de narcisismo explicitaria um aspecto que já parecia subjacente às formulações metapsicológicas anteriores: a idéia de que o eu seria constituído a partir de outros eus, o que tornaria mais complexa a distinção eu-objeto.

Em outras palavras, se antes o eu era suposto justamente como a organização instauradora do processo secundário, com a introdução do narcisismo essa função imprescindível é projetada para um outro momento da organização egóica, qual seja, o narcisismo secundário. Impõe-se, nesse sentido, a concepção de um 'eu-prazer', um eu eminentemente alucinatório - algo que, à luz do modelo de "*Entwurf*", implicaria uma contradição.

Conforme tivemos oportunidade de acompanhar no exame desse escrito, a instauração do eu parecia coincidir com a inibição do processo primário em prol da vigência do processo secundário - algo atribuível a uma aprendizagem biológica que apontaria a inviabilidade dos processos alucinatórios em relação à satisfação das carências desencadeadoras do próprio funcionamento psíquico. Mediante a suposição de um eu inicialmente regido pelo processo primário, modifica-se radicalmente a concepção da função primordial dessa organização: ela não consistiria mais em impor a obediência ao processo secundário, mas em reunir em torno de si a libido de que dispõe o psiquismo - operação que, em certo sentido, implicaria uma vinculação da quantidade.

Cumprе notar, contudo, que, tal como em "*Entwurf*", Freud reitera sua filiação à tradição empírico-naturalista na qual se teria formado, uma vez que não concebe a atuação do eu desde o início. Desse modo, traz novamente à tona a

questão de sua origem no contexto da introdução do narcisismo:

"uma unidade comparável ao eu não pode existir no indivíduo desde o começo; o eu tem de ser desenvolvido. As pulsões auto-eróticas, contudo, ali se encontram desde o início, sendo, portanto, necessário que algo seja adicionado ao auto-erotismo - uma nova ação psíquica - a fim de formar o narcisismo".¹⁹

Freud não especifica a ação psíquica que daria origem ao eu, mas insiste em reiterar essa idéia tributária do modelo de explicações biológicas - com o qual vimos que ele não teria propriamente pretendido romper. Com efeito, além de mantê-la no capítulo VII de *"Die Traumdeutung"*, ele a reafirma em *"Formulierungen über die Zwei Prinzipien des psychischen Geschehens"*,²⁰ quando adverte que a hipótese da formação tardia do eu seria uma ficção.²¹ Nesse contexto, ele alude a um processo de origem e transformação do eu,

¹⁹ *"Zur Einführung des Narzissmus"*, op. cit., GW, X, p. 142; SE, XIV, p. 77; ESB, XIV, pp. 93.

²⁰ *"Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental"*. GW, VIII, pp. 229-238; SE, XII, pp. 218-226; ESB, XII, pp. 277-286). O referido artigo veio à lume em 1911, portanto, 3 anos antes da publicação do artigo sobre o narcisismo. Contudo, esse conceito já havia sido formulado pelo menos desde 1909 (ver nota nº 134, acima). Em nota de rodapé ao primeiro, ele reconhece a objeção concernente à suposição de uma organização que fosse escrava do princípio de prazer e desprezasse a realidade. Admite que uma organização como essa não se poderia manter viva nem pelo mais breve período de tempo, de maneira que tal suposição constituiria uma ficção.

²¹ *"A utilização de uma ficção como esta, contudo, justifica-se quando se considera que o bebê - desde que se inclua o cuidado que recebe da mãe - quase realiza um sistema psíquico deste tipo. Ele provavelmente alucina a realização de suas necessidades internas; revela seu desprazer, quando há um aumento de estímulo e uma ausência de satisfação, pela descarga motora de gritar e debater-se com os braços e pernas, e então experimenta a satisfação que alucinou"* (op. cit. GW, VIII, p. 232; SE, XII, p. 220 ; ESB, XII, p. 279).

que passaria da condição de *eu-prazer* para a de *eu-realidade*.²²

Entretanto, mesmo no plano da ficção teórica, não pareceria plausível supor uma formação cronologicamente tardia do eu, uma vez que as formulações propostas já pareceriam pressupor a ação do mesmo. Desse modo, o narcisismo faria emergir novamente o embaraçamento dos princípios fundamentais da teoria psicanalítica, uma vez que pareceria evidenciar a contradição que a confusão entre o plano lógico e o plano empírico imprimiria às explicações fornecidas por Freud.

Em outras palavras, ao mesmo tempo em que ele mantém a idéia de que os processos psíquicos se constroem empiricamente - e, portanto, ao longo de uma seqüência temporal -, formula um quadro conceitual no qual a anterioridade de certos processos sobre os outros não pareceria possível.

Com efeito, o próprio eu é agora imbuído de uma aspiração primitiva tipicamente alucinatória (característica do processo psíquico primário): o desejo de ser o ideal, ao qual terá que renunciar em favor do narcisismo secundário. Por outro lado, a suposição de que o narcisismo decorreria de uma 'nova ação psíquica' adicionada ao auto-erotismo implicaria algum tipo de

²² Ibid. GW, VIII, p. 237; SE, XII, p. 224; ESB, XII, p. 284. Com a introdução do narcisismo, essa ficção seria modificada quanto ao seguinte aspecto: o *eu-prazer* coincidiria com o narcisismo primário, enquanto o *eu-realidade* corresponderia ao narcisismo secundário.

vinculação da quantidade sob a regência do eu - característica do processo secundário.

Cumpre notar que esse embaraçamento pareceria intimamente relacionado à temática do prazer-desprazer. A esse respeito, em "*Formulierungen über die Zwei Prinzipien des psychischen Geschehens*",²³ o mesmo problema seria identificável, à medida que Freud, por um lado, sugere que o desprazer imporia a necessária observância da realidade externa e, por outro, supõe o princípio de prazer como antecessor do princípio de realidade.²⁴

Ora, se o desprazer resulta de qualquer elevação da quantidade no interior do aparelho e se a eliminação da mesma produz prazer, a ordem empírica adotada por Freud em suas explicações aponta para a anterioridade do primeiro em relação ao segundo no processo de formação do psiquismo. Contudo, esse aspecto pareceria, por assim dizer, escamoteado pela maneira indiferenciada como ele trata as metas do princípio de prazer. Ou seja, tal como Freud enuncia no referido artigo,²⁵ esse princípio envolve tanto o esforço por alcançar prazer, quanto por afastar-se do desprazer. No entanto, a diferença entre ambas traz importantes repercussões para o tipo de explicação

²³ Ibid.

²⁴ "Foi apenas a ausência da satisfação esperada, o desapontamento experimentado, que levou ao abandono desta tentativa de satisfação por meio da alucinação. Em vez disso, o aparelho psíquico teve de decidir formar uma concepção das circunstâncias reais do mundo externo ..." (Ibid. GW, VIII, p. 231; SE, XII, p. 219; ESB, XII, pp. 278-279).

²⁵ Bem como em *Jenseits des Lustprinzips* (1920), quando põe em xeque a vigência do princípio.

privilegiado por Freud. Com efeito, fugir do desprazer não seria o mesmo que buscar o prazer, sobretudo porque não pareceria possível, a partir da primeira meta, manter a anterioridade do eu-prazer sobre o eu-realidade; o desprazer e, portanto, a observância da realidade impõe-se - nesse contexto, assim como nos modelos metapsicológicos anteriores - como um dado anterior ao prazer.

A seguinte passagem, constante da mesma nota em que Freud alude à ficção de um organismo em que o eu inexistiria, ilustraria a contradição que insistimos em evidenciar:

"(...) Não o encararei como correção, mas como amplificação do quadro esquemático em exame, se se insistir que um sistema que vive de acordo com o princípio de prazer deve possuir dispositivos que o capacitem a afastar-se dos estímulos da realidade. Tais dispositivos são simplesmente o correlativo de 'repressão', que trata os estímulos desagradáveis internos como se fossem externos - ou seja, empurra-os para o mundo externo".²⁶

De acordo com o trecho acima, a garantia para a vigência do princípio de prazer seria a instauração de mecanismos que lançariam para o mundo externo os estímulos internos geradores de desprazer, de modo a manter o referido sistema afastado da realidade - o que já

²⁶ *Formulierungen über die Zwei Prinzipien des psychischen Geschehens*, op. cit. GW, VIII, p. 232; SE, XII, p. 220 ; ESB, XII, p. 279.

pressuporia a existência de um outro sistema capaz de observar as limitações impostas pela mesma.

Ao invés, portanto, de admitir o caráter indissociável (do ponto de vista lógico) do par desprazer/prazer, Freud parece insistir na anterioridade empírica de um sobre o outro, com base na qual tentaria fundamentar a antecendência - e, por conseguinte, a preponderância - do inconsciente sobre a consciência.²⁷ O problema, ao nosso ver, parece consistir na impossibilidade de se manter essa preponderância (pautada sobre uma ordem cronológica) ao mesmo tempo em que se depara com o desprazer como dado originário.

Freud, portanto, pareceria empenhado em manter, no plano empírico, a anterioridade do prazer sobre o desprazer, apelando para o auto-erotismo e o período de latência como os dois fatores que "*ocasionam que a pulsão sexual seja detida em seu desenvolvimento psíquico e permaneça muito mais tempo sob o domínio do princípio de prazer(...)*"²⁸ Contudo, o conceito de narcisismo, aliado à idéia de que não seria empiricamente possível um psiquismo destituído de um eu pareceria, por outro lado, emaranhar a ordem dessas vivências originárias. O resultado, ao nosso

²⁷ "Na psicologia que se baseia na psicanálise, acostumamo-nos a tomar como ponto de partida os processos mentais inconscientes, com cujas peculiaridades nos tornamos familiarizados através da análise. Consideramos que são os processos mais antigos, primários, resíduos de uma fase do desenvolvimento em que eram o único tipo de processo mental(...)" Ibid. GW, VIII, p. 231; SE, XII, p. 219; ESB, XII, p. 278.

²⁸ Ibid. GW, VIII, p. 234; SE, XII, p. 222; ESB, XII, p. 282.

ver, seria o ressurgimento da contradição identificada no interior das formulações freudianas.

De resto, com a introdução do narcisismo, a importância do outro na constituição do aparelho mental parece, por assim dizer, tornar-se mais ostensiva. Com efeito, além de introduzir a atividade de nomeação durante a ação específica,²⁹ o outro passa a ser uma espécie de subsidiário do narcisismo do ser humano.

Considerando, portanto, que o eu seja formado a partir de outros(s) eu(s), parece plausível supor que essa formação teria origem na própria ação específica, dado que seria através da intervenção de um agente prestativo que se imprimiria uma meta ao que inicialmente seria um aglomerado de sensações corpóreas de um organismo necessitado. Ora, se a intencionalidade constitui-se igualmente por meio dessa ação que, por sua vez, realiza-se no interior de um universo de significação (linguagem), o processo de fixação das sensações corpóreas - mediante o qual o somático alçaria o plano da representação - pareceria coincidir com a vinculação da quantidade característica do processo secundário.

Ao mesmo tempo, todavia, a organização egóica recém-formada deve orientar-se pelo princípio de prazer (sob a vigência do processo primário) e não pelo princípio de

²⁹ Não esquecer que a atividade de nomeação, à medida que fixa as sensações, possibilita o conhecimento dos processos psíquicos e promove a inserção do indivíduo em uma comunidade falante.

realidade (em que vigora o processo secundário). Nessa perspectiva, a noção de narcisismo primário ou eu-prazer engendraria mais um ponto de estrangulamento conceitual da teoria freudiana, a partir do qual a anterioridade empírica do processo primário em relação ao secundário reapareceria como uma contradição.

A formação do eu a partir de outro(s) eu(s) seria efetivada por meio de duas operações psíquicas: a identificação³⁰ e a idealização. Através da identificação, o eu internalizaria o ideal em torno do qual se concentraria primariamente a libido narcísica, de modo a configurar o eu-prazer. Com a resignação do eu ao narcisismo secundário³¹, parte da libido voltar-se-ia para o eu-real - de onde seria retirada a libido objetal - e parte se manteria concentrada sobre o ideal internalizado.³² Este passaria a funcionar como uma espécie de agente observador (controlador) do eu-real, de modo a regular suas ações e conferir-lhe a medida da auto-estima.

À luz de todas essas reformulações promovidas pela introdução do narcisismo sobre o papel do eu

³⁰ A identificação constituiria um mecanismo bastante arcaico (embora continue a ser utilizado por toda a vida), através do qual o eu construiria seus alicerces. Vinculada ao erotismo oral, a identificação implicaria a interiorização (pela incorporação), por parte do eu rudimentar, de características de outro(s) eu(s).

³¹ A renúncia ao narcisismo primário em prol de um narcisismo secundário teria um caráter necessário, uma vez que desempenharia um papel fundamental na dissolução da situação edípica.

³² Nesse sentido, conforme mencionamos há pouco, o conflito psíquico ter-se-ia deslocado da oposição eu-libido para um novo antagonismo no interior do próprio eu: o antagonismo eu-prazer / eu-realidade.

(reconhecidamente constituído a partir do outro), impõe-se-nos a seguinte questão: em que medida essa organização mental, que passa a deter o controle sobre a distribuição da libido, adquiriria atributos semelhantes àqueles conferidos a uma certa noção de sujeito tributária da filosofia da consciência, em que o eu implicaria uma unidade deliberativa, detentora do controle da intencionalidade? Propomos adiar essa discussão para o exame de "*Das Ich und das Es*" (1923). Nessa obra mais tardia, Freud volta a abordar os atributos do eu à luz de uma nova tópica do aparelho psíquico, na qual são explicitadas noções deflagradas justamente pela introdução do narcisismo e pela pulsão de morte - a noção de Supereu é um exemplo - que, no contexto de 1914, contudo, não poderiam ter sido suficientemente exploradas.

CAPÍTULO II

PULSÃO E REPRESENTAÇÃO

Na Parte I deste estudo, vimos que a noção de pulsão estaria presente desde "*Entwurf*", quando Freud utiliza o termo "mola pulsional" ("*Triebfelder*") para designar o efeito provocado em ψ do núcleo pelos estímulos endógenos gerados pela necessidade da vida. Identificamos também a presença dessa noção, como uma espécie de pressuposto necessário, na primeira edição de "*Drei Abhandlungen*" (1905), considerando que Freud dedica essa obra às peculiaridades das pulsões sexuais. Contudo, a primeira versão explícita da teoria freudiana das pulsões só aparece cinco anos depois, no artigo sobre as perturbações psicogênicas da visão.³³ Na trigésima-segunda das "*Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*" (1933[1932]),³⁴ Freud admite que a teoria das pulsões constituiria a mitologia da psicanálise, à medida que as pulsões configurariam verdadeiras "entidades míticas, magníficas em sua imprecisão".³⁵ Todavia, antes de

³³ Cf. "*Die psychogene Sehstörung in psychoanalytischer Auffassung*". GW, VIII, pp. 93-102; SE, XI, pp. 209-218; ESB, XI, pp. 197-203.

³⁴ "Novas conferências introdutórias sobre Psicanálise". Conferência XXXII. GW, XV, pp. 86-119; SE, XXII, pp. 80-112; ESB, XXII, pp. 103-138.

³⁵ Ibid. GW, XV, p. 100; SE, XII, p. 94; ESB, XXII, p. 119.

classificá-la (o que provavelmente implicaria em aceitá-la) nesses termos, Freud demonstrara em vários momentos de sua obra³⁶ uma atitude de insatisfação em relação à falta de uma teoria bem fundamentada sobre as forças que supunha desencadear o funcionamento mental.

A julgar pelos relatos contidos em "*Zur Geschichte der Psychoanalytischen Bewegung*" (1914),³⁷ é possível que a dificuldade de formular sua teoria das pulsões em termos mais precisos tenha-se tornado particularmente alarmante a partir das investidas de alguns dos discípulos de Freud no sentido de refutar sua teoria da libido.

Na análise do caso Schreber,³⁸ escrita no auge da discordância de Jung acerca do caráter eminentemente sexual da libido, Freud admite não dispor de uma teoria das pulsões de bases sólidas.³⁹ Contudo, a definição de pulsão proposta naquele contexto não difere das demais definições encontradas em trabalhos escritos pouco tempo depois:

³⁶ Mesmo em "*Jenseits des Lustprinzips*" ("Além do princípio do prazer". GW, XIII, p. 35; SE, XVIII, p. 34; ESB, XVIII, p. 51), Freud admite que as pulsões constituiriam o elemento ao mesmo tempo mais importante (*wichtigste*) e obscuro (*dunkelste*) da pesquisa psicológica.

³⁷ "História do Movimento Psicanalítico". GW, X, pp. 43-113; SE, XIV, pp. 7-66; ESB, XIV, pp. 11-82).

³⁸ Freud (1911) "*Psychoanalytische Bemerkungen über einen autobiographisch beschriebenen Fall von Paranoia (Dementia Paranoides)*". ("Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (*Dementia Paranoidea*)" GW, VIII, pp. 239-320; SE, XII, pp. 1-82; ESB, XII, pp. 15-1108).

³⁹ "Seria diferente se pudéssemos partir de alguma teoria bem fundamentada das pulsões, mas, na realidade, nada disso possuímos à nossa disposição" (Ibid. GW, VIII, p. 311; SE, XII, p. 74; ESB, XII, pp. 98-99).

"Consideramos a pulsão como sendo o conceito sobre a fronteira entre o somático e o mental e vemos nele o representante psíquico de forças orgânicas".⁴⁰

No artigo sobre o narcisismo⁴¹ - no qual se vale justamente da introdução desse conceito para opor-se de forma explícita à concepção jungiana de libido -, Freud ressalta novamente a ausência de fundamentos para a teoria segundo a qual haveria dois grupos de pulsões: as sexuais e as de auto-preservação. Contudo, ao argumentar que o uso de hipóteses de caráter provisório seria comum a qualquer empreendimento científico, identificável mesmo na mais sólida de todas as ciências, ele tentaria convencer seus interlocutores de que a fragilidade de suas formulações - de cunho eminentemente científico - seria apenas aparente.

Na terceira edição de *"Drei Abhandlungen"*, organizada no mesmo ano em que foi publicado *"Zur Einführung des Narzissmus"*, Freud inclui uma descrição do conceito de pulsão muito semelhante àquela apresentada no estudo sobre a autobiografia de Schreber. Por pulsão dever-se-ia entender *"o representante psíquico de uma fonte endossomática e contínua de excitação, em contraste com um 'estímulo', que é estabelecido por excitações simples vindas de fora"*.⁴² A pulsão seria assim um dos conceitos *"que se situam na fronteira entre o psíquico e o físico"*.⁴³

⁴⁰ Op. cit., GW, VIII, p. 311; SE, XII, p. 74; ESB, XII, p. 99.

⁴¹ Freud (1914) *"Zur Einführung des Narzissmus"*. Op. cit.

⁴² Freud (1915[1905]) *"Drei Abhandlungen"*. ("Três ensaios sobre a teoria da sexualidade". GW, V, p. 68; SE, VII, p. 168; ESB, VII,

A mesma descrição reaparece no artigo metapsicológico "*Trieb und Tribschicksale*" (1915),⁴⁴ especialmente dedicado a esse obscuro fundamento da investigação psicanalítica, do qual nos ocuparemos no presente capítulo.

Freud abre o artigo com uma digressão cujo conteúdo consiste em uma argumentação mais detida da mesma posição, explicitada no estudo sobre o narcisismo, à qual nos referíamos acima. Ao chamar a atenção para a natureza dos conceitos que normalmente fundamentam as ciências, mesmo as mais sólidas e bem estruturadas como a física, seu objetivo, nesse contexto, parece ser o de reiterar o estatuto científico da psicanálise, de modo a tentar convencer o leitor de que os problemas enfrentados pela mesma em relação a seus próprios fundamentos sejam encarados como percalços comuns a qualquer empreendimento desse tipo.

Nessa perspectiva, argumenta que, apesar de comumente se atribuir aos conceitos básicos de uma ciência um caráter bem definido no início mesmo de qualquer atividade científica - a fase de descrição dos fenômenos -, costuma-se utilizar certas concepções abstratas, não provenientes da observação. Essas concepções, indispensáveis para a consecução da própria atividade científica, apenas

p. 171).

⁴³ Idem, Ibidem.

⁴⁴ "Os instintos e suas vicissitudes". GW, X, pp. 209-232; SE, XIV, pp. 109-140 ESB, XIV, pp. 127-182.

pareceriam provir do material observado; na verdade, teriam sido impostas ao mesmo. Seriam, nesse sentido, da natureza de uma convenção, apesar de estabelecerem com o material empírico uma relação significativa, ou seja, não arbitrária. Somente em uma etapa seguinte desse processo, após uma "*investigação completa do campo da observação*",⁴⁵ os conceitos passariam à condição de definições. Todavia, mesmo as definições mais estruturadas estariam sujeitas a constantes alterações de seu conteúdo e até à substituição total, caso outra convenção venha mostrar-se mais adequada.

Freud ressalta que tal procedimento ocorreria comumente na Física, de maneira que lhe pareceria plenamente justificado supor a ocorrência de algo semelhante no campo da investigação psicanalítica. Neste caso, o conceito básico que implicaria uma convenção seria precisamente o conceito de pulsão. Um conceito obscuro, porém indispensável, fundamental para o desdobramento dos demais conceitos que compõem o corpo teórico da psicanálise; um conceito-limite ("*Grenzbegriff*").⁴⁶

Freud procede a uma explanação da natureza da pulsão (em contraposição ao estímulo externo) que não difere daquilo que fora apresentado em "*Entwurf*" e no capítulo VII

⁴⁵ Ibid. GW, X, 210-211; SE, XIV, p.117; ESB, XIV, p. 137.

⁴⁶ No capítulo em que examinaremos a introdução da pulsão de morte, retomaremos o conteúdo dessa importante digressão freudiana, a fim de contrapormos a tese, amplamente difundida por certa tradição de leitura da obra de Freud, segundo a qual *Jenseits des Lustprinzips* promoveria uma ruptura no pensamento do autor em virtude de seu recurso explícito à especulação.

de "*Die Traumdeutung*" acerca da quantidade e dos processos do sistema ψ : a pulsão é uma força endógena e constante, ao contrário do estímulo, que provém de fora e age por impacto. Ele menciona também a tendência primordial do sistema nervoso a manter-se livre de estímulos, ou pelo menos a reduzi-los ao menor nível possível, o que corresponderia ao princípio da constância formulado desde a carta a Breuer de 29/06/1892.⁴⁷ Contudo, no artigo em exame, Freud refere-se ao princípio regulador do funcionamento mental pela denominação mais recentemente proposta: princípio de prazer, definido como o mecanismo de regulação automática através dos sentimentos que fazem parte da série prazer-desprazer.⁴⁸

A novidade, por assim dizer, em relação às formulações anteriores é a suposição segundo a qual as pulsões seriam "*precipitados dos efeitos da estimulação externa, que no decorrer da filogênese ocasionaram modificações na substância viva*".⁴⁹ A pulsão constituiria, na visão de Freud, uma força que compelia a mente a trabalhar em virtude de sua ligação com o corpo.⁵⁰

⁴⁷ Cf. "*Brief an Joseph Breuer*" ("*Esboços para a Comunicação Preliminar*"), op. cit.

⁴⁸ Tentaremos mostrar, logo adiante, o ressurgimento dos problemas relativos a essa temática no exame freudiano dos destinos das pulsões.

⁴⁹ "*Trieb und Triebschicksale*". Op. cit., GW, X, p. 214; SE, XIV, p. 121; ESB, XIV, pp. 140-1.

⁵⁰ Veremos, em nosso exame de "*Jenseits des Lustprinzips*" (1920), que, apesar de Freud atribuir o surgimento da vida à intervenção de um processo desconhecido sobre a matéria inorgânica, a concepção de pulsão sofre uma modificação radical: ao invés de explorar seu aspecto propulsor de compelir a mente para o trabalho, ele chama a atenção para o seu caráter conservador, no sentido de que imporia o retorno a uma condição anterior.

De resto, o conceito de pulsão envolveria os seguintes termos, todos eles de certo modo já conhecidos desde "*Drei Abhandlungen*" (1905):

- 1) O impulso ("*Drang*"), que constituiria o fator motor da pulsão, a quantidade de força ou a exigência de trabalho ("*Arbeitsanforderung*") que ela imporia à mente; este, em suma, consistiria na própria essência da pulsão;
 - 2) A meta ("*Ziel*"), que seria, de modo geral, a satisfação (ainda que possa haver a inibição da mesma, ou o recurso a finalidades intermediárias);
 - 3) O objeto ("*Objekt*"): "*aquilo no qual e pelo qual a meta é atingida*";⁵¹ um elemento contingente da pulsão; o registro do veículo através do qual a pulsão atinge sua meta;
 - 4) A fonte ("*Quelle*"), que constituiria, por assim dizer, o substrato orgânico da pulsão: "*o processo somático localizado num órgão ou numa parte do corpo e cuja excitação é representada na vida psíquica pela pulsão*".⁵²
- Freud adverte que o estudo das fontes pulsionais extrapolaria os limites da investigação psicanalítica, que se contentaria em inferi-las através das metas das pulsões.

Cumprе notar que, nesse contexto ulterior à introdução do narcisismo, ele reitera a divisão das pulsões nos dois

⁵¹ Freud (1915) "*Trieb und Tribschicksale*". Op. cit. GW, X, p. 215; SE, XIV, p.122; ESB, XIV, p.143.

⁵² Freud (1915) *Trieb und Tribschicksale*. op. cit. GW, X, p.215; SE, XIV, 122; ESB, XIV, p.143).

grupos anteriormente propostos: pulsões sexuais e pulsões de autopreservação.⁵³ Contudo, é possível que o esfumaçamento do dualismo pulsional promovido pelo conceito de narcisismo reflita-se sobre o próprio tratamento que Freud promete conceder aos destinos das pulsões. Ou seja, apesar de ele reconhecer-se capaz de fornecer informações mais precisas somente a respeito das pulsões sexuais - em virtude de haver-se voltado para a investigação das neuroses de transferência -, a descrição proposta para os destinos dessas pulsões inclui necessariamente a participação das pulsões de autopreservação, uma vez que eles implicam o eu. Com efeito, ao descrever, por exemplo, a transformação do amor em ódio, Freud pressupõe a participação da pulsão de autopreservação à medida que atribui ao amor uma origem na pulsão sexual, enquanto o ódio teria origem nas pulsões do eu.

Os destinos das pulsões abordados nesse artigo são a reversão em seu oposto e o retorno em direção ao próprio eu. Os demais, a repressão e a sublimação, constituiriam objeto de outros trabalhos.

A reversão da pulsão em seu oposto é suposta em relação a sua meta e a seu conteúdo. O primeiro caso

⁵³ Observe-se também que ele reitera o caráter meramente funcional e, portanto, provisório, dessa suposição que, nesse sentido, não poderia ser equiparada ao princípio de prazer, este sim, um postulado legítimo da teoria psicanalítica. Contudo, em "*Jenseits des Lustprinzips*", escrito cinco anos depois do artigo em questão, é curioso que a reformulação dessa hipótese provisória (a teoria das pulsões) implicaria pôr em xeque precisamente esse postulado legítimo da psicanálise.

consiste na substituição da meta ativa pela passiva, tal como ocorre nos pares antitéticos sadismo-masiquismo e escopofilia ("*Schaulust*")-exibicionismo. Nesse caso, a transformação da meta coincidiria ainda com o outro destino da pulsão abordado: o retorno ao próprio eu.

A esse respeito, cumpre notar que, no contexto desse artigo, Freud considera que o masiquismo seria o sadismo voltado para o próprio eu, enquanto o exibicionismo seria o prazer do olhar voltado para o próprio corpo. Nessa perspectiva, o masiquismo constituiria uma formação secundária. Ora, tal suposição parece indicar que Freud pretendia manter a idéia de um prazer originário, viabilizada pelas noções de fantasia e sexualidade infantil, contrária, porém, à inclinação inicial para atribuir um caráter primário às vivências passivas.⁵⁴ Contudo, pode-se facilmente depreender, do próprio curso de suas formulações acerca dos destinos das pulsões, que essa idéia só pode ser mantida ao preço de uma contradição.

No artigo em exame, a reversão do sadismo em masiquismo é suposta em três etapas: em primeiro lugar surgiria o sadismo, definido como o exercício da violência ou poder sobre um objeto (exterior ao eu); o segundo momento envolveria o abandono do objeto e a substituição

⁵⁴ No capítulo I da segunda parte de nosso estudo, examinamos uma carta em que Freud teria comunicado a Fliess que, mesmo nos casos de neurose obsessiva caracterizados por lembranças de vivências sexuais ativas, teria ocorrido uma vivência sexual anterior de natureza puramente passiva. (Cf. Rascunho K da Correspondência Freud-Fliess, op. cit.).

deste pelo eu - momento em que a atividade seria revertida em passividade. A terceira etapa consistiria na escolha de outrem como objeto, a quem seria delegada a função ativa.

A contradição começa a ressurgir à medida que Freud, ao mesmo tempo em que rejeita a hipótese de um masoquismo não derivado, admite que o prazer em infligir dor, característico do sadismo, não seria, por sua vez, primário; antes, adviria de uma retrogressão do masoquismo ao sadismo. Em outros termos, só uma vivência masoquista seria capaz de descobrir prazer sexual concomitante à sensação de dor. Assim sendo, qual seria a origem da inclinação sádica original? Em outros termos, como o agente obteria prazer originalmente a partir de uma sensação provocada em outrem e não no próprio corpo?

A esse respeito, note-se que, ao descrever a reversão da escopofilia em exibicionismo, Freud sugere que a substituição dar-se-ia em três etapas análogas às supostas para o par sadismo-masoquismo, embora neste caso houvesse uma fase anterior à primeira das três etapas, consistindo em uma atividade auto-erótica: o olhar voltado para uma parte do próprio corpo.

Com o recurso a essa fase preliminar, Freud parece tentar (r)estabelecer a referência da pulsão no próprio corpo. Com efeito, apesar de insistir com a idéia de que tal fase estaria ausente no sadismo, ele chega a admitir que não seria absurdo supor a ocorrência de algo análogo

quando se considera os "esforços da criança para obter controle sobre seus próprios membros".⁵⁵

De todo modo, ele ressalta que a transformação da meta ativa em passiva não se daria em sua totalidade, de maneira que componentes ativos coexistiriam com formas passivas de obtenção da finalidade pulsional. Nesse contexto, compara a vida pulsional a uma série de ondas sucessivas isoladas, tal que a relação entre elas seria análoga à de erupções de lava. A coexistência de ondas ativas e passivas configuraria a ambivalência pulsional, característica da mente humana primitiva e atual.

A alusão a uma etapa preliminar auto-erótica implica necessariamente em uma referência ao narcisismo - organização na qual, conforme examinamos no capítulo anterior, o objeto da pulsão sexual é o próprio eu. Freud supõe que a satisfação pulsional ativa (sadismo e escopofilia) representaria um distanciamento da condição narcísica primordial, dado que visaria objetos exteriores ao eu, enquanto a passividade (masoquismo e exibicionismo) apontaria um retorno ao objeto narcisista. Ora, se Freud estabelece uma relação entre o auto-erotismo - característico da organização narcísica - e a forma passiva de obtenção da meta pulsional - característica do masoquismo e do exibicionismo -, como ele mantém a tese de que a primeira erupção pulsional apresentaria uma forma

⁵⁵ "Trieb und Tribschicksale". GW, X, p. 223; SE, XIV, p.130 ESB, XIV, p. 151.

ativa de obter sua meta? Em outros termos, que tipo de movimento da pulsão sexual poderia existir anteriormente ao auto-erotismo, de modo a se poder salvaguardar o caráter originário do prazer ?

O segundo caso de reversão da pulsão em seu oposto diz respeito ao seu conteúdo e consiste exclusivamente na transformação do amor em ódio. Trata-se de um caso particularmente interessante, uma vez que parece fugir ao esquema das pulsões proposto por Freud. Com efeito, o amor não seria, por assim dizer, redutível a componentes da pulsão sexual; antes, envolveria a totalidade da mesma, de modo a poder ser atribuído apenas à "*toda a corrente sexual de sentimento*".⁵⁶

Ademais, o amor não apresentaria apenas uma, mas três possibilidades de formação de pares de opostos: amar-odiar, amar - ser amado e amor-indiferença. O segundo par, amar - ser amado, envolveria igualmente uma reversão da atividade em passividade, bem como remontaria a uma fase preliminar auto-erótica que coincidiria com a principal característica do narcisismo: o amor do eu por si próprio. Por conseguinte, enquanto a forma ativa de obter a satisfação da pulsão - amar outrem - distanciar-se-ia do narcisismo, a forma passiva - buscar ser amado -, representaria em certa medida uma fixação narcisista.

⁵⁶ Ibid. GW, X, p. 225; SE, XIV, p. 132; ESB, XIV, p. 154.

Freud propõe que uma melhor compreensão das três possibilidades de antítese envolvendo o amor poderia ser obtida à luz das três polaridades que regem a vida mental: Sujeito (eu) - Objeto (não-eu, mundo externo), Prazer - Desprazer e Ativo - Passivo. Nos primórdios da vida mental, caracterizados pela organização narcisista, duas de tais polaridades coincidiriam. Desse modo, na vigência dessa organização - quando o eu constituiria ao mesmo tempo sujeito e objeto de amor -, o eu equivaleria ao prazer, enquanto o não-eu corresponderia ao indiferente ou potencialmente desprazível.⁵⁷

Note-se que o conceito de narcisismo parece de fundamental importância para a explicação dos destinos da pulsão sexual proposta por Freud. Com efeito, Freud atribui ao auto-erotismo característico do narcisismo o papel de veículo através do qual se instauraria o princípio de prazer. Conseqüentemente, este princípio não constituiria algo imanente ao funcionamento psíquico, mas sim uma espécie de mecanismo instalado, viabilizado pela característica auto-erótica da pulsão.

A esse respeito, Freud supõe a vigência de uma certa organização do eu que seria anterior à instauração do princípio de prazer. Tratar-se-ia do 'eu-real inicial' ("*dem anfänglichen Real-Ich*"), que teria sido capaz de

⁵⁷ A constituição do par antitético eu - não-eu dar-se-ia através das operações de introjeção (tudo o que é aprazível torna-se parte do eu) e projeção (tudo o que é desprazível ou indiferente é posto fora do eu).

distinguir o interno do externo a partir de critérios sólidos e objetivos. O princípio de prazer seria responsável pela transformação do 'eu-real inicial' em 'eu do prazer purificado' ("*purifiziertes Lust-Ich*"), cujo critério para distinguir o eu do não-eu seria estabelecido pela série prazer-desprazer. Desse modo, a parte do mundo externo que fosse apazível seria incorporada ao eu e passaria a fazer parte de tal organização. Em contrapartida, partes do próprio eu capazes de gerar desprazer seriam projetadas para o mundo externo e passariam a integrar o não-eu. Nesse caso, ocorreria uma modificação do mundo externo que, na qualidade de não-eu, deixaria de ser simplesmente indiferente (tal como teria sido para o 'eu-real inicial') e passaria a ser hostil.

Conforme se pode depreender do exame freudiano desse outro destino das pulsões, as contradições voltariam a surgir à medida que o princípio de prazer deixa de ser pensado como originário. Ou seja, uma vez que passaria a vigorar posteriormente à organização denominada 'eu-real inicial', tudo se passa como se houvesse um princípio de realidade anterior ao princípio de prazer; conseqüentemente, um princípio que não teria a sua meta necessariamente associada à deste último, não lhe cabendo, portanto, o atributo de substituto do princípio de prazer. Nesse sentido, talvez não parecesse errôneo supor que os elementos que poriam em xeque a vigência do princípio de

prazer não proviriam tão-somente dos fenômenos de compulsão à repetição, mas de contradições teóricas intrínsecas.

Com efeito, ressurgiria também a impossibilidade de se atribuir ao eu o papel de inibidor do processo primário, dado que essa organização seria anterior à vigência de tal processo. Por conseguinte, Freud pareceria fadado a readmitir um desprazer originário, para o qual se veria obrigado a formular uma nova origem.

De resto, Freud ressalta que a condição narcisista primordial dever-se-ia, em última análise, ao desamparo ("*hilflosigkeit*") inicial do ser humano em relação à satisfação, por conta própria, de suas necessidades vitais. Tal desamparo, por sua vez, implicaria uma dependência em relação a um agente prestativo externo que, à medida que promovesse a satisfação de suas necessidades, prolongaria artificialmente essa espécie de hegemonia da organização narcísica. Caberia aos componentes alo-eróticos da pulsão sexual,⁵⁸ bem como às pulsões de autopreservação, impor uma modificação da organização narcisista e, conseqüentemente, uma modificação do princípio de prazer.⁵⁹ Estas pulsões, dada a sua incapacidade de auto-satisfação, forçariam a entrada do objeto no eu, gerando desde então a segunda antítese do amor: o ódio. Pouco a pouco, contudo, o 'eu do

⁵⁸ Apesar de não especificá-los, parece plausível inferir que Freud provavelmente refere-se à pulsão fálica, que não pode prescindir de um objeto externo (não-eu).

⁵⁹ Nesse caso, tratar-se-ia de uma segunda emergência do princípio de realidade.

prazer purificado' incorporaria como parte de si aspectos agradáveis do objeto e projetaria sobre o mesmo os aspectos geradores de desprazer que, por sua vez, passariam a ser fomentadores de ódio.

Quando a organização narcisista cedesse lugar à escolha objetal, a relação eu-objeto passaria igualmente a ser regulada pela polaridade prazer-desprazer. O objeto capaz de gerar sensações aprazíveis seria considerado objeto de amor, enquanto o causador de desprazer tornar-se-ia objeto de repulsa⁶⁰ e ódio - podendo este último desencadear posteriormente a intenção de destruir o objeto.

Além dos aspectos mencionados, a análise do par antitético amor-ódio levaria Freud à conclusão de que tais sentimentos não poderiam se referir propriamente às pulsões - segundo ele, soaria estranho dizer que a pulsão odiaria um objeto -, mas às relações do 'eu total' ("Gesamt-Ichs") com os objetos. Parecer-lhe-ia igualmente estranho atribuir o sentimento de amor aos objetos da pulsão de autopreservação, uma vez que a relação com tais objetos seria em princípio de necessidade.⁶¹

Observe-se que o fundamento utilizado para essas suposições é o próprio uso da linguagem cotidiana. Freud alega que não se costuma dizer que se ama um objeto que

⁶⁰ O eu tentaria efetuar em relação ao objeto odiado o mesmo movimento de fuga utilizado para os estímulos externos.

⁶¹ "...das man ihrer *bedarf*". Freud(1915) *Trieb und Triebchicksale*. GW, X, p. 230; SE, XIV, p. 138; ESB, XIV, p. 159(negrito nosso).

atenda tão-somente às demandas da pulsão autopreservativa. Desse modo, o amor seria reservado à relação entre o eu e os objetos da pulsão sexual. Contudo, cumpre ressaltar que o recurso ao uso comum da linguagem como fundamento para suas suposições acabaria por criar uma certa confusão entre sua concepção do amor enquanto sentimento e da conveniência, por assim dizer, do emprego da palavra 'amor': em princípio ele admite que a palavra 'amor' caberia apenas à sexualidade unificada sob a primazia da pulsão genital e não aos componentes isolados da pulsão sexual. Por outro lado, uma vez que atribui ao amor uma origem na satisfação auto-erótica do eu, supõe que tal sentimento passaria por fases preliminares, correspondentes às fases dos diversos componentes da pulsão sexual. Desse modo, em cada uma dessas fases, o amor apresentaria uma finalidade provisória, supostamente abandonada no período genital.

O recurso ao uso da linguagem como fundamento parece trazer ainda maiores problemas quando Freud passa a tratar da natureza do ódio e de sua relação com o amor. Pelo critério do uso lingüístico, tem-se que a palavra 'ódio' não aparece relacionada ao prazer sexual, mas ao desprazer: *o eu "odeia, abomina e persegue, com intenção de destruir, todos os objetos que constituem uma fonte de sensação desagradável para ele"*.⁶² Com base nesse critério, Freud

⁶² Ibid. GW, X, p. 230; SE, XIV, 138; ESB, XIV, pp. 159-160.

atribui a origem do ódio não à sexualidade, mas à luta do eu "*para preservar-se e manter-se*".⁶³ Nessa perspectiva, o ódio não compartilharia com o amor a mesma fonte, uma vez que surgiria a partir das pulsões de autopreservação. Por conseguinte, o par antitético amor-ódio contrariaria a tendência freudiana quanto a supor que os opostos teriam surgido "*da cisão de uma entidade originalmente comum*".⁶⁴

Por outro lado, nas fases preliminares da pulsão sexual, Freud identifica o ódio mesclado ao amor, ao ponto de não ser possível distinguir um do outro senão na emergência da pulsão genital (quando passariam a configurar o par de opostos). Nesta perspectiva, amor e ódio poderiam ser pensados como elementos provenientes de uma mesma fonte. Contudo, apesar de se poder inferir essa origem comum a partir dos próprios elementos fornecidos por Freud, ele mantém a concepção de que o ódio seria mais antigo que o amor, uma vez que se originaria do "*repúdio primordial*" do eu narcisista "*ao mundo externo com seu extravasamento de estímulos*".⁶⁵

Apostar na anterioridade do ódio em relação ao amor pareceria, portanto, reintroduzir a idéia de um desprazer originário. Se esse artigo acrescenta ao antagonismo pulsional já esfumaçado um princípio de prazer abalado pela suposição de um princípio de realidade não derivado deste

⁶³ Idem, Ibidem.

⁶⁴ Idem. Ibidem.

⁶⁵ Ibid. GW, X, p. 231; SE, XIV, p.138; ESB, XIV, p.161.

último, a origem do ódio e daquilo que dele decorre, a destrutividade, terá que ser atribuída a um outro antagonismo.

CAPÍTULO III

'ESTRANHAS' SÃO A REPETIÇÃO E A MORTE

O artigo dedicado ao tema do 'estranho'⁶⁶ parece particularmente interessante para o presente estudo, uma vez que permite entrever uma espécie de transição do pensamento freudiano em relação à teoria das pulsões. Mais precisamente, ele parece conter o entrecruzamento de dois momentos da produção conceitual freudiana cronologicamente distantes entre si: o contexto em que Freud escreveu "*Totem und Tabu*", quando a grande novidade teórica seria a introdução do narcisismo;⁶⁷ e um segundo contexto - do qual se tem a impressão de que foi 'enxertado' no anterior - no qual seria possível admitir que a repetição involuntária da mesma coisa, que remete àquilo que é fatídico e inescapável, relaciona-se a uma força de origem pulsional capaz de prevalecer sobre o princípio de prazer. Uma força, portanto, que se imporia como algo mais arcaico que o próprio narcisismo.

Nesse sentido, tudo se passa como se Freud, à luz de suas novas formulações sobre a compulsão à repetição, percebesse a conexão entre essa noção e o tema do 'estranho', sobre o qual havia escrito alguns anos antes

⁶⁶ Freud (1919) "*Das Unheimliche*". GW, XII, pp. 229-268; SE, XVII, pp. 219-252; ESB, XVII, pp. 275-314.

sem, contudo, levá-lo à publicação, e decidisse fazê-lo mediante alguns acréscimos referentes a esse novo material.⁶⁸ Desse modo, quando o trabalho teve sua versão final, "*Jenseits des Lustprinzips*" já estava praticamente concluído, faltando-lhe apenas a parte em que Freud aborda a potencial imortalidade dos protozoários.⁶⁹ Dado que este último só veio a lume em 1920, "*Das Unheimliche*" viria antecipar a natureza pulsional da compulsão à repetição, de modo a figurar como uma espécie de prenúncio da noção de pulsão de morte.

Por outro lado, contudo, a interessante conexão entre o tema do estranho e a compulsão à repetição pareceria, ela mesma, um tanto estranha. Com efeito, ao invés de ser levada às últimas conseqüências - o que certamente conduziria à ruptura do quadro conceitual sob o qual o artigo teria sido originalmente pensado -, a noção de compulsão à repetição acaba integrando-se de maneira forçada no interior das argumentações centrais acerca do 'estranho', erigidas com base no referencial metapsicológico anterior. Essa superposição conceitual parece explicitar-se no momento em que Freud deixa de aplicar, justamente nos exemplos referentes à repetição

⁶⁷ Sobre esse conceito fundamentar-se-ia a concepção freudiana acerca do animismo, bem como a ênfase dada à atitude cultural e individual de negação e temor diante da idéia da morte.

⁶⁸ A nota de Strachey à edição inglesa viria fortalecer essa suposição, ao informar que o ano em que esse artigo foi originalmente escrito seria desconhecido. A esse respeito, alude a uma carta a Ferenczi de 12 de maio de 1919, em que Freud menciona estar reescrevendo um velho texto desenterrado da gaveta. Cf. SE, XVII, p. 219; ESB, XVII, p. 273.

⁶⁹ Cf. Jones, E. (1989[1953]) "*A vida e a obra de Sigmund Freud*". Rio de Janeiro, Imago, Vol. 3, p. 55 e segs. Ademais, ao aludir ao caráter pulsional da repetição involuntária do mesmo em "*Das Unheimliche*", Freud promete aprofundar o tema em um trabalho já concluído (provavelmente "*Jenseits des Lustprinzips*").

involuntária do mesmo e à morte, a principal tese de "*Das Unheimliche*", qual seja, que o 'estranho' remontaria a algo familiar submetido à repressão.

Nessa perspectiva, procederemos, no presente capítulo, ao exame dos desdobramentos da tese central de "*Das Unheimliche*", por julgá-los ilustrativos da transição do pensamento freudiano em relação à teoria das pulsões que, à época da publicação do referido artigo, estaria em vias de sofrer uma reformulação radical. Desse modo, examinaremos em que medida esse momento de transição estaria relacionado às contradições que vimos procurando evidenciar no interior das formulações e reformulações da metapsicologia.

O objetivo central de "*Das Unheimliche*" consistiria em mostrar em que medida esse inexplorado ramo da estética⁷⁰ poderia ser pensado como "*aquela categoria do assustador que remete ao que é conhecido, de velho e há muito familiar*".⁷¹ Apesar de seu interesse pelo tema haver partido do exame de uma série de casos individuais que o teriam conduzido, num segundo momento, a uma investigação do uso lingüístico da palavra alemã "*unheimlich*", Freud opta por uma exposição na ordem inversa, uma vez que acredita obter, mediante esse procedimento, a confirmação da hipótese por ele formulada. Na verdade, a confirmação

⁷⁰ O termo 'estética' é empregado por Freud com a acepção de 'estudo das qualidades do sentir'. Cf. "*Das Unheimliche*". GW, XII, p. 229; SE, XVII, p. 219; ESB, XVII, p. 275.

⁷¹ "*Das Unheimliche*". GW, XII, p. 231 ; SE, XVII, p. 220; ESB, XVII, p. 277.

pretendida advém de um minucioso rastreamento dos matizes semânticos do par antitético "heimlich" - "unheimlich", através do qual ele consegue identificar o contexto em que ambas as palavras exibiriam o mesmo significado.

Em um dos dicionários mais completos da língua alemã, Freud encontra a seguinte observação referente à palavra "heimlich": *"Da idéia de familiar, pertencente à casa, desenvolve-se outra idéia de algo afastado dos olhos de estranhos, algo escondido, secreto; e essa idéia expande-se de muitos modos..."*⁷² Ante essa possibilidade de coincidência semântica dos referidos termos antitéticos, Freud acha-se em condições de supor que "heimlich é uma palavra cujo significado se desenvolve na direção da ambivalência, até que finalmente coincide com o seu oposto, unheimlich. Unheimlich é, de um modo ou de outro, uma subespécie de heimlich".⁷³

O passo seguinte consiste em tentar conciliar essa importante "descoberta" com a definição de "unheimlich" fornecida por Schelling, da qual Freud também pretende tirar proveito. Segundo o filósofo, "unheimlich é o nome de tudo que deveria ter permanecido ... secreto e oculto mas veio à luz".⁷⁴

Assim sendo, ele passa ao exame das diversas formas individuais de manifestação do 'estranho', destacando em

⁷² GRIMM, J. & W. (1877) "Deutsches Wörterbuch", Leipzig. Vol. 4, p. 875. in Freud(1919) "Das Unheimliche". GW, XII, p. 236; SE, XVII, p. 225; ESB, XVII, p. 282.

⁷³ "Das Unheimliche". GW, XII, p.237 ; SE, XVII, p. 226; ESB, XVII, p.283.

⁷⁴ Ibid. GW, XII, p. 236 ; SE, XVII, p. 225 ; ESB, XVII, p. 281.

primeiro lugar um exemplo fornecido por Jentsch,⁷⁵ segundo o qual o sentimento de estranheza é facilmente suscitado quando se desperta "dúvidas quanto a saber se um ser aparentemente animado está realmente vivo; ou, de modo inverso, se um objeto sem vida não pode ser na verdade animado".⁷⁶ Tal seria o caso da "impressão causada por figuras de cera, bonecos e autômatos engenhosamente construídos".⁷⁷

O exemplo seguinte, emprestado igualmente do mesmo autor, é dos mais interessantes para o que pretendemos abordar na análise freudiana do 'estranho'. Trata-se do efeito provocado pelos "acessos epilépticos e manifestações de insanidade, porque excitam no espectador a impressão de processos automáticos e mecânicos, operando por trás da aparência comum de atividade mental".⁷⁸

Em termos metapsicológicos, equivaleria a dizer que o estranho figuraria como o efeito provocado na consciência pela invasão de processos característicos do sistema inconsciente (irrupções de processos primários no interior do processo secundário). Essas intromissões revelariam operações de um mecanismo bastante distinto daquilo que se costumou atribuir ao mental, uma vez que deflagrariam

⁷⁵ Na literatura médico-psicológica acessível na ocasião, Freud encontra apenas um estudo a respeito do 'estranho'. Trata-se do artigo de Jentsch (1906), intitulado '*Zur Psychologie des Unheimlichen*' (Psychiat. Neurol. Wschr., 8, 195. in Freud (1919) "*Das Unheimliche*", op. cit.). Nele o autor supõe que a essência do 'estranho' consistiria na incerteza intelectual, de modo que 'estranho' seria tudo aquilo que não se sabe abordar. Freud parece valer-se das formulações de Jentsch como contrapartida de seu próprio exame, de tal maneira que aquilo que foi proposto mostre-se um tanto equivocado ou superficial.

⁷⁶ "*Das Unheimliche*". GW, XII, p.237 ; SE, XVII, p. 226 ; ESB, XVII, p. 284.

⁷⁷ Idem, Ibidem.

⁷⁸ Idem, Ibidem.

compulsões ao invés de *ações*; ou ainda, porque denunciariam um insuspeitado *autômato* subjacente ao suposto *sujeito* da consciência.

Freud, em princípio, não concorda inteiramente com a suposição de Jentsch; mas, ao se aproximar do final do artigo, admite que a Idade Média teria demonstrado coerência ao atribuir o efeito estranho provocado por tais circunstâncias à influência de demônios. A esse respeito, acrescenta que a própria psicanálise poderia adquirir um caráter 'estranho', uma vez que tenta "*revelar essas forças ocultas*".⁷⁹

No entanto, se Freud pretende mostrar que o 'estranho' remeteria a algo que fora outrora familiar e que teria sido reprimido, de modo que o sentimento de estranheza constituiria a própria marca da repressão, por que ele simplesmente não aplica essa tese ao exemplo de Jentsch? Caso a tivesse aplicado, ter-se-ia que o 'estranho' suscitado naquelas situações indicaria que as operações mentais automáticas, como a compulsão, haviam sido um dia familiares e, posteriormente, submetidas à repressão. Tal suposição pareceria de acordo com aquilo que Freud pretende fundamentar com a metapsicologia, a saber, que o automatismo característico do inconsciente seria anterior ao processo secundário instaurado justamente para inibi-lo.

À medida que deixa de propor essa fórmula interpretativa do 'estranho' para o automatismo e a compulsão, Freud parece recuar ante o último passo da trilha de argumentações, por ele mesmo traçada, rumo à formulação que supomos a mais inovadora a ser depreendida

de todo o contexto de "Das Unheimliche": a suposição segundo a qual a morte constituiria não só a meta da compulsão a repetir, como também remeteria a algo familiar que se teria tornado estranho e amedrontador em consequência da repressão.

Com efeito, essa suposição mostrar-se-ia bastante útil para alguém que esteve ocupado, à época da reelaboração desse escrito, com a temática apresentada em "*Jenseits des Lustprinzips*". Ademais, o próprio Freud já teria pelo menos insinuado o aspecto familiar da morte em "*Das Motiv der Kästchenwahl*" (1913), ao propor uma interpretação psicanalítica do tema da escolha de um homem entre três mulheres, segundo a qual elas representariam "*as três formas assumidas pela figura da mãe na vida de um homem - a própria mãe, a amada que é escolhida segundo o modelo daquela, e, por fim, a Terra Mãe, que **mais uma vez** o recebe*".⁸⁰

Todavia, ao invés de seguir essa direção (cujas pistas pareceriam saltar das próprias linhas do texto), Freud opta por um caminho que o levará não à estranha concepção da morte como algo outrora familiar, mas à conhecida temática da castração (na qual a morte é posteriormente subsumida),⁸¹ bem como à idéia de que seria mantida, na

⁷⁹ Ibid. GW, XII, p.257 ; SE, XVII, p. 243 ; ESB, XVII, p. 303.

⁸⁰ Freud (1913) "*Das Motiv der Kästchenwahl*" ("O tema dos três escrínios"). GW, X, p. 37; SE, XII, p.301; ESB, XII, p. 379 (negritos nossos). Nesse pequeno artigo, Freud já teria acrescentado ao caráter inexorável da morte o atributo de uma compulsão.

⁸¹ Ver, por exemplo, "*Das Ich und das Es*" ("O ego e o id"). GW, XIII, p. 289; SE, XIX, p. 59; ESB, XIX, pp. 75-76. Ver também "*Hemmung, Symptom und Angst*" ("Inibições, sintomas e ansiedade"). GW, XIV, pp. 158-159 ; SE, XX, pp. 128-129; ESB, XX, pp. 152-153.

atualidade, a mais primitiva forma de se relacionar com a morte: a negação.⁸²

O encadeamento das argumentações referentes a esta última parece especialmente comprometido, uma vez que Freud relaciona à temática da morte dois tópicos distintos: em primeiro lugar, ele aborda a atitude de negação em relação à idéia da própria morte, que se teria mantido tal como nos tempos primitivos, a despeito do reconhecimento, no plano lógico, da mortalidade humana; num segundo momento, mais próximo do final do artigo, passa a falar da crença no retorno dos mortos e no animismo refreada⁸³ pelo homem civilizado, mas prontamente restabelecida tão logo aconteça algo que possa confirmá-la.

O problema é que a tese central do artigo, segundo a qual o 'estranho' implica algo familiar submetido à repressão, só é aplicada por Freud ao segundo caso e não ao primeiro. Ou seja, o 'estranho' suscitado pela ocorrência de algo que nos faça voltar a considerar crenças abandonadas remontaria ao caráter familiar de tais crenças. Por outro lado, conforme mencionamos acima, o sentimento de estranheza ligado à idéia da própria morte não é relacionado a nenhum conteúdo outrora familiar que não a negação de tal idéia; negação que, de acordo com o próprio Freud, ter-se-ia mantido intocada desde os tempos mais

⁸² "Difícilmente existe outra questão, no entanto, em que as nossas idéias e sentimentos tenham mudado tão pouco desde os primórdios dos tempos, e na qual formas rejeitadas tenham sido tão completamente preservadas sob escasso disfarce, como a nossa relação com a morte" ("Das Unheimliche". GW, XII, p. 255; SE, XVII, p. 241; ESB, XVII, p. 301).

⁸³ Freud faz questão de apontar que o emprego do termo reprimido (*verdrängt*) não é adequado para o caso da operação realizada pela mente civilizada de refrear (*überwinden*) a crença no retorno dos mortos, na oipotência dos pensamentos, na magia, etc. (Cf. GW, XII, p. 263; SE, XVII, p. 249; ESB, XVII, p. 310).

remotos. Se a negação da própria morte não foi reprimida, em que consistiria o aspecto familiar subjacente à estranheza provocada por essa idéia? Sigamos a ordem dos argumentos proposta por Freud nesse interessante trabalho, a fim de formularmos argumentos plausíveis para a suposição que guia o presente exame.

Freud inicia por um dos matizes do 'estranho' esboçados por Jentsch: o sentimento despertado no leitor de ficções pela incerteza "*de que uma determinada figura da história é um ser humano ou um autômato (...) de tal modo que a sua atenção não se concentre diretamente nessa incerteza, de maneira que não possa ser levado a pensar no assunto e esclarecê-lo imediatamente*".⁸⁴ Em seguida, passa ao exame do conto 'O homem de areia' de Hoffman, autor também apontado por Jentsch como sendo pródigo em usar artifícios psicológicos geradores do sentimento de estranheza em suas narrativas fantásticas. Apesar de Hoffman introduzir em sua história uma personagem (Olímpia) que na verdade é uma boneca e provocar no leitor sentimentos de incerteza intelectual ao ponto de não se saber se o que é narrado é fruto de um delírio do protagonista, Freud não considera ser este o principal elemento suscitador de sentimentos de estranheza.

Segundo ele, o aspecto mais estranho presente no conto é o tema do homem de areia,⁸⁵ uma figura temível que, de acordo com a lenda aludida no mesmo, rouba os olhos de crianças insones. Esse tema, ressalta Freud, além de dar o

⁸⁴ "*Das Unheimliche*". Op. cit. GW, XII, p. 238 ; SE, XVII, p. 227 ; ESB, XVII, p.284.

⁸⁵ Que na cultura portuguesa corresponderia à estória do "João Pestana", contada para fazer as crianças dormirem.

título à história, reaparece em todos os momentos críticos da narrativa. De acordo com a teoria psicanalítica, "arrancar os olhos" equivaleria a "castrar". Por conseguinte, o terror em torno de tal figura remontaria ao complexo de castração da infância, sobre o qual converge a angústia ligada a todos os quadros de neurose. Nessa perspectiva, o homem de areia constituiria uma versão do *"pai temido, de cujas mãos é esperada a castração"*.⁸⁶ Por conseguinte, o efeito estranho provocado no leitor do conto relacionar-se-ia igualmente a essa temática.

Ao proceder a uma análise do protagonista do referido conto de Hoffman, o personagem Nataniel, Freud conclui que ele revelaria uma atitude infantil feminina em relação ao pai, a partir da qual ter-se-ia realizado uma espécie de cisão da figura paterna nas facetas "boa" e "má" que, por sua vez, seriam projetadas nos demais personagens masculinos da história. Essa atitude para com o pai tê-lo-ia impossibilitado de amar uma mulher quando adulto, de modo que o amor repentino e sem sentido pela boneca Olímpia denunciaria seu eminente caráter narcísico.

Freud estabelece uma identidade entre Olímpia e Nataniel preparando, desse modo, o terreno para abordar o segundo elemento por ele considerado "estranho" no conto "O homem de areia": o tema do duplo, do qual emerge a repetição enquanto uma compulsão, cuja natureza pulsional suplantaria o princípio de prazer.

Reiterando seu desacordo com a tese de Jentsch a respeito do efeito estranho provocado no leitor por uma personagem-autômato que parece ter vida, Freud procura

⁸⁶ Ibid. GW, XII, p. 244 ; SE, XVII, p. 232 ; ESB, XVII, p. 290.

mostrar que, ao contrário, "as bonecas são intimamente ligadas com a vida infantil",⁸⁷ e lembra que "nos primeiros folgedos, de modo algum as crianças distinguem nitidamente objetos vivos de objetos inanimados, e gostam particularmente de tratar as suas bonecas como pessoas vivas".⁸⁸ Portanto, se o conto desperta algum sentimento estranho relacionado à figura da boneca, a fonte de tal sentimento não residiria no medo ou na incerteza, mas em um desejo; ou ainda, em uma crença infantil.

Na perspectiva freudiana, o aspecto envolto pela aura do 'estranho' seria o tema do 'duplo', "que aparece em todas as formas e em todos os graus de desenvolvimento"⁸⁹ e ao qual estão relacionados tanto o processo de duplicação, divisão e intercâmbio do eu, quanto o retorno constante da mesma coisa. A esse respeito, Freud menciona o cuidadoso trabalho de Otto Rank,⁹⁰ a partir do qual o duplo foi relacionado "com reflexos em espelhos, com sombras, com os espíritos guardiões, com a crença na alma e com o medo da morte".⁹¹ De acordo com esse estudo, a idéia do duplo remontaria a uma tentativa enérgica de proteger o eu contra a finitude acenada pela morte, de tal maneira que a crença na alma imortal constituiria a primeira forma de duplicação do corpo.

Contudo, salienta Freud, se o duplo originalmente é fruto do narcisismo ilimitado característico da mente de

⁸⁷ Ibid. GW, XII, p. 245 ; SE, XVII, p. 233 ; ESB, XVII, p. 291.

⁸⁸ Idem, Ibidem.

⁸⁹ Ibid. GW, XII, p. 246 ; SE, XVII, p. 234 ; ESB, XVII, p. 293.

⁹⁰ RANK, O. (1914) "Der Doppelgänger". Imago, 3, 97. in Freud(1919) "Das Unheimliche", op. cit.

⁹¹ "Das Unheimliche". GW, XII, p. 247 ; SE, XVII, p. 235 ; ESB, XVII,

crianças e povos primitivos,⁹² uma vez superada essa fase, ou seja, quando a idéia do caráter inexorável da morte é imposta, ele adquire o estranho significado de arauto da morte: "o duplo converteu-se num objeto de terror, tal como, após o colapso da religião, os deuses se transformam em demônios".⁹³

Considerando que a psicanálise permite supor que o duplo estaria vinculado também à representação infantil do outro, talvez não fosse injustificado depreender da análise do jogo infantil, proposta por Kimmerle em seu estudo sobre "*Jenseits des Lusprinzips*", um processo análogo à essa inversão do significado do duplo, que, por sua vez, apontaria para a ambivalência 'estranho-familiar'.

Com efeito, a análise realizada por Kimmerle⁹⁴ permite supor que a referência infantil da morte seria a vivência de separação da mãe, de cujo desprazer a criança tentaria livrar-se extraíndo prazer de uma forma lúdica de vingança: o jogo em que controla o desaparecimento e retorno de um certo objeto. Desse modo, tal como no caso do duplo em relação à temática da morte, o outro amado e familiar

p. 293.

⁹² De acordo com a perspectiva psicanalítica, tanto a mente infantil quanto a do homem primitivo ignoram, em princípio, a idéia da morte como um acontecimento inexorável. Desse modo, a criação do 'duplo' seria fruto do confronto posterior da mente narcísica com essa realidade e envolveria o mecanismo da negação.

⁹³ Heine, *Die Götter im Exil*. in Freud, *Ibid.* GW, XII, p. 248; SE, XVII, p. 235; ESB, XVII, p.295. Esse fenômeno já fora abordado por Freud em "*Totem und Tabu*", numa seção dedicada ao tabu em relação aos mortos. Naquele contexto, Freud atribuiu a inversão ao sentimento de ambivalência característico das relações humanas (Cf. GW, IX, p. 66 e segs. ; SE, XIII, p. 51 e segs.; ESB, XIII, p. 72 e segs.).

⁹⁴ Ver a descrição da análise proposta pelo referido autor no capítulo V, seção 5.1 da Parte II deste estudo, na seção dedicada ao exame da representabilidade dos sonhos.

tornar-se-ia, mediante a sujeição da criança à separação/morte, odiado e estranho.

O fenômeno do duplo estaria igualmente presente em outras esferas da vida mental.⁹⁵ Todavia, Freud destaca apenas um outro fator ligado a essa temática que seria capaz, em certas condições, de suscitar impressões estranhas. Trata-se da repetição da mesma coisa, cujo caráter involuntário ("*unbeabsichtigt*") evocaria a sensação de desamparo ("*Hilflosigkeit*") diante de algo que se imporia como fatídico e inescapável ("*Verhängnisvollen, Unentrinnbaren aufdrängt*").⁹⁶ Após citar alguns exemplos dessa natureza, Freud se refere a um trabalho já concluído, no qual ele promete abordar em profundidade o fenômeno da repetição involuntária e sua relação com a psicologia infantil.

Ora, o trabalho a que ele se refere é "*Jenseits des Lustprinzips*", no qual de fato se pode encontrar a abordagem prometida centrada sobre o jogo infantil, ao qual nos referíamos no parágrafo acima. Com efeito, ao abordar o fenômeno da repetição na vida infantil através do jogo do "*Fort-Da*", ele identifica no mesmo a simbolização de uma situação em que a criança inverte o total desamparo frente

⁹⁵ Freud alude a um processo de duplicação presente no desenvolvimento ulterior do eu, quando deste se desprenderia uma instância crítica, incumbida de observá-lo e vigiá-lo em todas as suas atividades. Ademais, à idéia do duplo estaria ainda incorporado tudo o que era ansiado e não foi possível realizar; em suma, tudo aquilo que nutriria em nós "a ilusão da Vontade Livre" ("*Das Unheimliche*". GW, XII, p. 248 ; SE, XVII, p. 235; ESB, XVII, p. 295).

⁹⁶ "... é apenas esse fator de repetição involuntária que cerca o que, de outra forma, seria bastante inocente, de uma atmosfera estranha, e que nos impõe a idéia de algo fatídico e inescapável, quando, em caso contrário, teríamos apenas falado de 'sorte'" (Ibid. GW, XII, p. 250 ; SE, XVII, p. 237 ; ESB, XVII, p. 296).

à separação e retorno da mãe no controle dessa mesma situação.⁹⁷

No contexto de *"Das Unheimliche"*, portanto, Freud apenas anuncia a predominância, na mente inconsciente, de uma compulsão à repetição (*"Wiederholungszwang"*) procedente do movimento pulsional; algo que provavelmente seria inerente à própria natureza das pulsões: "... uma compulsão poderosa o bastante para prevalecer sobre o princípio de prazer, emprestando a determinados aspectos da mente o seu caráter demoníaco, e ainda muito claramente expressa nos impulsos das crianças pequenas; uma compulsão que é responsável, também, por uma parte do rumo tomado pelas análises de pacientes neuróticos".⁹⁸ De resto, supõe que tudo aquilo que remete a essa compulsão à repetição interna é percebido como 'estranho'.

Conforme mencionamos no início deste capítulo, ao invés de explorar os desdobramentos dessa suposição, que o levariam no mínimo a considerar a possibilidade de um caráter familiar atribuível à compulsão à repetição e, por extensão, à morte (o que situaria esse trabalho no contexto conceitual de 1919), Freud alega que esse caso seria difícil de julgar e propõe que se procure exemplos inegáveis do 'estranho', a fim de averiguar a validade de sua hipótese.

⁹⁷ Um exemplo dessa mesma inversão do desprazer em prazer poderia ser encontrado nas produções mitológicas, folclóricas e literárias, nas quais a idéia da morte como algo fatídico e inescapável aparece no tema da escolha de um homem entre três mulheres. Nesse caso, o caráter inexorável da morte é invertido em uma escolha que, necessariamente, recai sobre a terceira das mulheres, que é justamente a mais bela e a mais excelsa. A esse respeito, ver o artigo de Freud (1913) *Das Motiv der Kästchenwahl* ("O tema dos três escrínios". GW, X, pp. 24-37; SE, XII, pp. 291-301; ESB, XII, pp. 363-379).

Assim sendo, passa a examinar outras exemplificações do 'estranho' ("unheimlich") que reconhecidamente o conduzem a um terreno familiar ("heimlich"): o estranho ligado ao princípio da 'onipotência dos pensamentos', característico da concepção animista do universo.⁹⁹

Todavia, a temática do 'estranho' ligada à morte retorna, dessa vez de forma explícita, ao ponto de fazê-lo admitir que deveria ter iniciado sua exposição pelo modo como muitas pessoas lidam com esse obscuro e ao mesmo tempo inexorável acontecimento, pela mais estranha sensação suscitada por cadáveres, bem como pela crença no retorno dos mortos, nos espíritos e fantasmas, posto que constituiriam os aspectos mais impressionantes de toda a temática do 'estranho'. Contudo, ter-se-ia absterido de tal procedimento, dado que esses exemplos estariam por demais impregnados por aquilo que seria puramente horrendo ("dem Grauenhaften").

Das argumentações subseqüentes, tem-se a impressão de que Freud oscila entre o modelo teórico por ele utilizado antes de escrever "Jenseits" e um novo modelo, ainda por construir, mas que pareceria se impor a partir das novas formulações contidas nesta obra que, apesar de concluída, seria publicada somente um ano depois de "Das Unheimliche".

Com efeito, a despeito de reconhecer que o tema da morte seria justamente aquele que mais suscitaria o

98 "Das Unheimliche". GW, XII, p. 251; SE, XVII, p.238 ; ESB, XVII, pp. 297-298.

99 "É como se cada um de nós houvesse atravessado uma fase de desenvolvimento individual correspondente a esse estágio animista dos homens primitivos, (...) e que tudo aquilo que agora nos surpreende como 'estranho' satisfaz a condição de tocar aqueles resíduos de atividade mental animista dentro de nós e dar-lhes expressão" (Ibid. GW, XII, pp.253-254; SE, XVII, pp.240-241; ESB, XVII, p. 300).

'estranho', Freud parece recuar em relação ao que havia pensado em *"Jenseits"*, uma vez que se vale de uma abordagem da morte por ele realizada em *"Totem und Tabu"*, à qual remete o leitor em nota de rodapé. Desse modo, retoma uma tese desenvolvida naquela obra, qual seja, a de que a humanidade seria conservadora em relação à sua atitude diante da morte, posto que a teria negado da forma mais veemente desde os mais remotos tempos até o presente. No contexto de *"Das Unheimliche"*, acrescenta à mesma uma observação que viria a constar em *"Jenseits"*: que a insuficiência de conhecimentos da biologia acerca do caráter inexorável da morte de todo ser vivo contribuiria para que, em relação a esse assunto, continuássemos a pensar como selvagens.

A essa altura, Freud levanta uma questão, cujo próprio modo de formulá-la parece indicador de seu recuo ante a possibilidade de explorar a relação das temáticas da morte e do 'estranho' à luz das noções presentes em *"Jenseits"*, aludidas, conforme pudemos constatar, no artigo em exame:

"Considerando a nossa inalterada atitude em relação à morte, poderíamos, antes, perguntar o que aconteceu à repressão, que é a condição necessária de um sentimento primitivo que retorna em forma de algo estranho. A repressão, porém, também está presente".¹⁰⁰

Ora, se ele pergunta pela repressão que, de acordo com sua hipótese, consiste na condição necessária para a evocação

¹⁰⁰ *"Das Unheimliche"*. GW, XII, p. 256; SE, XVII, p. 242; ESB, XVII, p. 302.

do 'estranho', por que não vai às últimas consequências de tal hipótese, ao menos para considerar as implicações de se pensar a morte como algo em princípio familiar? Ao invés de fazê-lo, Freud simplesmente considera que a marca da repressão seria depreendida da mudança de atitude das pessoas educadas que, ao haverem oficialmente deixado de acreditar na aparição de espíritos, teriam substituído a primitiva ambivalência por um sentimento unilateral de piedade por seus mortos.

A mesma espécie de recuo parece se dar quando Freud se refere à idéia de ser enterrado vivo por engano, considerada por alguns como a mais estranha de todas as coisas. Ora, a própria psicanálise vem nos ensinar que

*"essa fantasia assustadora é apenas uma transformação de outra fantasia que originalmente nada tinha em absoluto de aterrorizador, mas caracterizava-se por uma certa lascívia"*¹⁰¹

relativa à *"fantasia da existência intra-uterina"*.¹⁰² Por que então Freud simplesmente deixa de explorar o possível caráter familiar da morte presente na conexão, por ele mesmo estabelecida anos antes,¹⁰³ entre a mãe que dá a vida e a Mãe-terra que mais uma vez nos acolhe? Não pareceria no mínimo curioso o fato de ele mencionar logo depois, como exemplo de sua tese acerca do 'estranho', que o sentimento suscitado pelos órgãos genitais femininos em alguns

¹⁰¹ Ibid. GW, XII, p. 257; SE, XVII, p. 243; ESB, XVII, p. 304.

¹⁰² Idem, Ibidem.

¹⁰³ Em *Das Motiv der Kästchewahl* ("O tema dos três escrínios"), op. cit.

neuróticos do sexo masculino estaria relacionado ao caráter familiar dessa "porta de entrada" para o lugar que foi um dia o lar ("heim") onde todos os seres humanos viveram?¹⁰⁴ Se tanto a vida intra-uterina quanto a morte constituem acontecimentos cujo registro mental só parece possível de um modo indireto,¹⁰⁵ por que o mesmo Freud, que acabava de escrever "*Jenseits des Lustprinzips*", apenas reconhece o caráter familiar subjacente ao 'estranho' relacionado à vida e nada diz a esse respeito nos recorrentes exemplos ligados à morte?

A dificuldade de Freud em explorar as repercussões da conexão que ele mesmo propõe entre a morte e o estranho, de modo a tornar "*Das Unheimliche*" um caso ilustrativo da transição por que passaria naquele momento a teoria das pulsões, remontaria, em última análise, ao mesmo problema que vimos apontando ao longo do presente estudo.

Em outras palavras, a hipótese segundo a qual o estranho consistiria em algo familiar submetido à repressão, pressupõe a idéia de um prazer originário transformado em desprazer face à ação de tal mecanismo. Nesse caso, a morte não poderia ser pensada como algo outrora familiar (aprazível), uma vez que, no contexto anterior a "*Jenseits*", ela está inscrita apenas no circuito do desprazer enquanto um acontecimento ameaçador proveniente do mundo externo.

¹⁰⁴ "Nesse caso, também, o *Unheimliche* é o que uma vez foi *Heimische*, familiar; o prefixo 'un' é o sinal da repressão" (GW, XII, p. 259; SE, XVII, p. 245; ESB, XVII, p. 305).

¹⁰⁵ No primeiro caso, o registro dar-se-ia a posteriori, por meio de recursos representacionais obviamente não disponíveis à época mesma da vida intra-uterina; no segundo, conforme já abordado em capítulo anterior, seria viabilizado pelo mecanismo da identificação mediante a morte do outro (sobretudo de entes queridos).

Ora, é precisamente em virtude dessa aparente contradição que supomos "*Das Unheimliche*" como obra de transição. Com efeito, a morte que pareceria familiar a partir da análise da compulsão à repetição não seria, conforme mostrará "*Jenseits des Lustprinzips*", a mesma morte associada ao desprazer, aquela que a humanidade se encarregou de negar por meio das várias modalidades da operação de inversão.

A esse respeito, Kimmerle¹⁰⁶ nos faz ver que, no contexto de "*Jenseits*", a morte temida e negada é a morte externa, aquela que ameaçaria a vida de extinguir-se antes de seu devido tempo, contra a qual, portanto, dever-se-ia opor a pulsão de autopreservação.

A morte da pulsão de morte, por sua vez, seria aquela da qual a vida ter-se-ia originado e para a qual deveria retornar, cumpre lembrar, no seu tempo devido. Essa morte, portanto, poderia ser pensada como uma condição que outrora fora familiar. Se Freud não o faz no contexto de "*Das Unheimliche*" é provavelmente porque tal suposição não pareceria teoricamente possível sem a introdução da pulsão de morte, a partir da qual a própria noção de pulsão é radicalmente reformulada. Com efeito, a essência da pulsão deixa de ser a sua pressão, o fator que impele a mente para o trabalho, passando a ser a restauração de um estado de quietude originária, no qual não haveria trabalho algum.

À luz dessa nova concepção de pulsão, a instauração da vida e não mais a morte é que pareceria adquirir uma conotação desprazível, uma vez que perturbaria esse estado de quietude originária. Nesse sentido, a própria vida seria

apontada como a vivência originária de desprazer, a partir da qual o aparelho mental se colocaria em movimento na direção do retorno.

Veremos, contudo, no próximo capítulo, que, se de um lado a formulação da pulsão de morte poderia ser atribuída ao descontentamento de Freud em relação ao dualismo pulsional nuançado pelo conceito de narcisismo, por outro lado, essa mesma noção ameaçaria a teoria das pulsões com um outro risco de monismo, uma vez que pareceria implicar a única meta a ser perseguida. Ademais, tentaremos mostrar que esses e outros aspectos da noção de pulsão de morte atrairiam e concentrariam em torno de si as contradições que se viriam arrastando ao longo de toda a produção freudiana, a saber: as contradições subjacentes às oposições prazer-desprazer, interno-externo, processo primário-processo secundário.

¹⁰⁶ Kimmerle, G. "Verneinung und Wiederkehr". op. cit., pp. 95-97.

CAPÍTULO IV

PULSÃO DE MORTE, REPRESENTAÇÃO E RACIONALIDADE

O exame de "*Jenseits des Lustprinzips*" constitui a etapa mais importante de nosso trabalho. Uma vez que pisaremos em um dos terrenos não somente mais tortuosos¹⁰⁷ como também mais exaustivamente explorados por diversos comentadores do legado freudiano, é prudente resgatarmos o norte de nossa própria incursão por essa obra, a fim de situá-la em relação aos caminhos trilhados pelas correntes mais tradicionais de leitura.

Lembremos, portanto, que nosso estudo partiu da dúvida levantada por Gabbi Jr. (1994) em relação à plausibilidade da tese de Davidson - sobre a expansão do âmbito da racionalidade realizada pela psicanálise - à luz da introdução da pulsão de morte. Em outras palavras, passamos a duvidar se o problema relativo à racionalidade na psicanálise começaria apenas mediante a introdução dessa noção, uma vez que ela poria em xeque a teoria freudiana da representação, ou se, antes, esse problema não remontaria às próprias bases sobre as quais se teria justamente erigido essa teoria da representação. Nesse sentido, ao nos

¹⁰⁷ Em seu estudo sobre o movimento do pensamento freudiano, Monzani indaga, referindo-se a "*Jenseits*", se existiria outra obra mais confusa, desorientadora, embaraçosa, cheia de armadilhas e contradições. Cf. Monzani, L.R. (1989) "*Freud: o movimento de um pensamento*". Campinas, EDUNICAMP, p. 144.

depararmos com o exame de "*Jenseits des Lustprinzips*" proposto por Kimmerle, segundo o qual a pulsão de morte tão-somente aguçaria as contradições da teoria freudiana, supomos legítimo realizar precisamente aquilo que o autor denuncia¹⁰⁸ como uma tarefa ainda não empreendida nem pelos estudiosos, nem pelos detratores da obra: o rastreamento dessas contradições nos textos metapsicológicos precedentes.

Nessa perspectiva, vimos examinando até o presente momento alguns escritos metapsicológicos anteriores à introdução desse conceito, procurando apontar nos mesmos facetas de uma contradição que, ao nosso ver, decorreria do próprio empreendimento psicanalítico de tentar descrever os processos psíquicos nos termos em que propõe: por meio de uma espécie de teleologia mecânico-biológica não-solipsista, pautada sobre uma teoria da representação de base empirista, isto é, de uma teoria que pressupõe a constituição empírica dos processos psíquicos.

Ao realizarmos esse percurso, pretendíamos mostrar que, se de um lado a teoria freudiana poderia ser pensada como uma teoria dos atos irracionais, por outro lado, essa contradição comprometeria as bases da noção psicanalítica de intencionalidade e, conseqüentemente, a própria expansão do âmbito da racionalidade prática a ela atribuída. No presente momento, julgamos haver reunido os argumentos suficientes para avaliarmos os efeitos da introdução da pulsão de morte sobre tais concepções veiculadas na obra de Freud.

¹⁰⁸ Sem, contudo, levá-la a cabo.

Antes, contudo, cumpre ressaltar que o exame a ser empreendido neste capítulo final não pretende esgotar todos os aspectos merecedores de destaque na obra, uma vez que sequer propõe um acompanhamento passo a passo do sinuoso curso da argumentação de Freud - da análise das supostas exceções ao princípio do prazer, passando para a noção de compulsão à repetição até chegar à introdução da pulsão de morte e suas inúmeras repercussões. Além de tal procedimento extrapolar os limites de nosso trabalho, estamos cientes de que um percurso minucioso pela obra já teria sido competentemente realizado por leitores mais argutos. Ademais, concordamos com Monzani (1989) quando ele chama a atenção para uma espécie de redundância em se

"relembrar, mais uma vez, que a noção de pulsão de morte é uma das mais confusas e das mais difíceis de serem apreendidas no interior da teoria freudiana".¹⁰⁹

Em outras palavras, acreditamos não ser possível empreender um exame 'naive' de "Jenseits", isto é, um exame no qual estariam suspensos os efeitos das críticas mais difundidas a respeito da obra¹¹⁰. Por conseguinte, propomos abordá-la justamente a partir de tais críticas, no sentido de averiguar em que medida o conteúdo das mesmas relaciona-se às contradições por nós supostas no interior da metapsicologia.

¹⁰⁹ Monzani, op. Cit., p. 144.

¹¹⁰ Essa é a proposta de Derrida em 'Spéculer sur Freud'. Cf. Derrida, J. (1980) "La Carte Postale". Paris, Flammmarion.

Seguindo essa perspectiva, iniciaremos o nosso exame chamando a atenção para um certa tradição de leitura que considera "Jenseits" uma obra de ruptura, cuja crítica mais freqüente é a de que Freud teria abandonado suas pretensões à cientificidade em prol da especulação.¹¹¹ O fundamento para essa crítica pareceria inatacável, uma vez que adviria de uma espécie de confissão do próprio autor. Com efeito, na abertura do capítulo IV de "Jenseits", Freud admite que

*"O que se segue é especulação, freqüentemente especulação inacreditável, que o leitor tomará em consideração ou porá de lado, de acordo com sua predileção individual. É mais uma tentativa de acompanhar uma idéia sistematicamente, só por curiosidade de ver até onde ela levará".*¹¹²

Ademais, o estilo utilizado por Freud na apresentação das teses de "Jenseits"¹¹³ pareceria indicar uma espécie de

¹¹¹ Dentre os comentadores que se incluem nessa tradição, Monzani (op. cit) destaca Hendrick (s/d), para quem a pulsão de morte seria contraditória com o próprio conceito de pulsão; Robert (1968), Ricoeur (1965) e Alexander (1976), segundo os quais "Jenseits" partiria de considerações clínicas de alcance limitado para, logo a seguir, entrar em especulação; Benassy (1969), que lamenta por Freud, justamente ele, que tinha alertado para os perigos de se enveredar pelas vias da especulação filosófica, haver no final sucumbido à mesma; Dalbiez, segundo o qual a introdução da pulsão de morte implicaria uma mudança inesperada na teoria. A estes gostaríamos de acrescentar o biógrafo oficial de Freud que, no capítulo dedicado à escolha profissional do fundador da psicanálise, chama a atenção para uma forte tendência à especulação presente no espírito do jovem Freud, a qual, todavia, ele teria refreado em prol do rigor do raciocínio científico. Ao comentar as repercussões de "Jenseits", Jones afirma que Freud teria revelado "uma ousadia de especulação que era única em todos os seus textos" (Jones, E. (1989[1953]) "A vida e a obra de Sigmund Freud". Tradução de Júlio C. Guimarães. Rio de Janeiro, Imago, Vol. III, p. 269), como se tivesse se deixado finalmente levar por aquela tendência juvenil. Laplanche (1985[1970]), para quem a pulsão de morte só pareceria plausível se constituísse uma porção da pulsão sexual que reuniria a energia desligada, também poderia ser incluído nesse grupo.

¹¹² GW, XIII, p. 23; SE, XVIII, p. 24; ESB, XVIII, p. 39.

¹¹³ Tantas vezes submetido aos mais diversos comentários, como o de Laplanche, para quem se trataria de um estilo "Profundamente desnorteante, esse discurso não se subordina senão esporádica e superficialmente a

reconhecimento explícito acerca da fragilidade de que padeceria a teoria psicanalítica. Estilo este que, em princípio, parece bem distante do modo como ele se referia aos fundamentos de sua metapsicologia na abertura de "*Triebe und Triebchicksale*" (1915), quando partia do pressuposto de que o recurso a conceitos como o de pulsão, da natureza das convenções, constituiria um procedimento característico de qualquer atividade científica, estando analogamente presente na produção conceitual da física.

Nessa espécie de balanço público a que parece expor o conjunto de suas formulações, o convicto cientista da mente provoca com "*Jenseits*" as mais variadas reações de surpresa ao admitir que a teoria psicanalítica se ergueria não propriamente sobre convenções, mas sobre - o termo agora é precisamente este - especulações...

Ora, se nos detivermos menos sobre o que é alardeado e examinarmos o conteúdo do que de fato se segue ao aviso de

imperativos lógicos: trata-se de um pensamento livre - no sentido de associações livres -, pensamento 'para ver', que implica em retornos, arrependimentos e desmentidos" (Laplanche, J. (1985[1970]) "*Vida e morte em Psicanálise*". Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago. Porto Alegre, Artes Médicas, p. 109); ou, na direção oposta, o comentário de Ricoeur, segundo o qual "*toda a marcha do ensaio é um longo e hábil movimento (...) Digo um longo e hábil movimento. Pois Freud, contornando as resistências de seu leitor, e investindo prudentemente, ordena fatos que se poderiam explicar pelo princípio de prazer, mas que, também, se poderiam explicar de outro modo*" (Ricoeur, P. (1977[1965]) "*Da interpretação: ensaio sobre Freud*". Tradução de Hilton Japiassu. Rio de Janeiro, Imago, p. 236). Derrida, por sua vez, sugere que o estilo de "*Jenseits*" estaria em estreita consonância com seu conteúdo. Ou seja, a própria '*démarche*' do texto seria repetitiva, "diabólica" como seu tema principal, a compulsão à repetição, uma vez que não cessaria de caminhar sem nada avançar. A repetição apareceria naquilo que o filósofo francês entrevê como um verdadeiro esforço, por parte de Freud, em não pôr em xeque a supremacia do princípio de prazer. Esse recurso promoveria uma forma de dizer que as pulsões de morte nada dizem. A especulação abertamente anunciada nas páginas de "*Jenseits*", Derrida (op. cit.) atribui um estilo próprio - nem filosófico, nem científico -, o estilo psicanalítico de teorização.

especulação,¹¹⁴ talvez possamos contrapor esse argumento da 'tese da ruptura' com a suposição de que tal estilo estaria mais próximo de uma espécie de apelo retórico, do que propriamente de uma confissão de abandono de seu almejado projeto científico rumo à especulação metafísica.

Com efeito, nas páginas iniciais da obra, Freud adverte que o seu trabalho de teorização adviria da tentativa de responder questões impostas a partir da experiência e não de exigências teóricas internas:

*"...não nos interessa indagar até onde, com a hipótese do princípio do prazer, abordamos qualquer sistema filosófico específico, historicamente estabelecido. Chegamos a essas suposições especulativas numa tentativa de descrever e explicar os fatos da observação diária em nosso campo de estudo."*¹¹⁵

Nesse sentido, Freud não se distanciaria da posição marcada anteriormente, segundo a qual a dificuldade relativa à teoria das pulsões decorreria do caráter empírico de sua investigação - procedimento, a seu ver, comum a qualquer outro empreendimento científico. Ademais, após finalmente introduzir a noção de pulsão de morte, ele parece reiterar essa posição na seguinte passagem:

¹¹⁴ Com efeito, a expressão 'suposições especulativas' ("*spekulativen Annahmen*") aparece no primeiro capítulo da obra - muito antes, portanto, da introdução do conceito de pulsão de morte - e remete naquele contexto a todas as formulações metapsicológicas propostas até então. Ademais, mesmo na abertura do capítulo IV, quando se tem a famosa passagem em que Freud admite que tudo "o que se segue é especulação, freqüentemente especulação inacreditável" (op.cit.), o que de fato se segue não é ainda a apresentação da noção de pulsão de morte, pois esta noção só aparece no capítulo seguinte. Antes, tem-se uma espécie de recapitulação de tópicos fundamentais de metapsicologia - a função da consciência, o registro dos traços de memória, as fontes de excitação externa e interna - todos explicados a partir de um modelo segundo o qual o aparelho mental seria comparado a uma vesícula viva primitiva e novamente considerados como produtos da especulação psicanalítica.

"Não precisamos sentir-nos grandemente perturbados em ajuizar nossas especulações sobre as pulsões de vida e de morte pelo fato de tantos processos desnorteantes e obscuros nelas ocorrerem (...) Isso se deve simplesmente ao fato de sermos obrigados a trabalhar com termos científicos, isto é, com a linguagem figurativa, peculiar à psicologia (ou, mais precisamente, à psicologia profunda). Não poderíamos, de outra maneira, descrever os processos em questão e, na verdade, não nos teríamos tornado cientes deles. As deficiências de nossa posição provavelmente se desvaneceriam se nos achássemos em condição de substituir os termos psicológicos por expressões fisiológicas ou químicas. É verdade que estas também são apenas parte de uma linguagem figurativa, mas trata-se de uma linguagem com que há muito tempo nos familiarizamos, sendo também, talvez, uma linguagem mais simples".¹¹⁶

O mesmo posicionamento é reafirmado anos mais tarde, no prefácio às suas novas conferências introdutórias, quando ele supõe que a peculiaridade no exercício da ciência dos processos mentais não se deveria propriamente a suas lacunas e pontos obscuros, pois tal aspecto seria característico da produção de qualquer conhecimento científico. Nesse contexto, ele reconhece que, especificamente em relação aos problemas no campo da ciência psicológica, haveria uma reação particular de intolerância que, na sua visão, demonstraria a inabilidade constitucional da humanidade para a investigação científica. Desse modo, supõe que o objetivo em relação à

¹¹⁵ GW, XIII, p. 3; SE, XVIII, p. 7; ESB, XVIII, p. 17.

¹¹⁶ GW, XIII, p. 66; SE, XVIII, p. 61; ESB, XVIII, p. 81.

psicologia não seria o progresso científico, mas satisfações pessoais de algum outro tipo.¹¹⁷

Por conseguinte, Kimmerle parece ter razão em supor que a rejeição à especulação anunciada em "Jenseits" por grande parte dos comentadores decorreria de um preconceito positivista que não lhes permitiria reconhecer que esse recurso já estaria presente nas formulações anteriores de Freud, dado que toda teoria seria especulativa.¹¹⁸

Nesse caso, não pareceria ser propriamente a especulação anunciada o indicador de ruptura realizada pela obra. Contudo, como interpretar o tom especialmente carregado com que Freud parece se referir a sua metapsicologia como, por exemplo, na passagem abaixo?

"A indefinição de todas as nossas discussões sobre o que descrevemos como metapsicologia é naturalmente devida ao fato de nada sabermos sobre a natureza do processo excitatório que se efetua nos elementos dos sistemas psíquicos, e ao fato de não nos sentirmos justificados em estruturar qualquer hipótese sobre o assunto. Por conseguinte, ficamos operando todo o tempo com um grande fator desconhecido, que somos obrigados a transportar para cada nova fórmula".¹¹⁹

117 Ver Prefácio às "Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse" ("Novas Conferências introdutórias sobre psicanálise". GW, XV, p. 4; SE, XXII, p. 6; ESB, XXII, p. 16.

118 "... também é indefensável, enquanto rejeição, a rejeição surgida em muitos círculos psicanalíticos do especulativo enquanto tal. Ela está enraizada em preconceitos positivistas que há muito dominam o teorizar científico. Toda teoria é especulativa" (Kimmerle, G. "Verneinung und Wiederkehr", op. cit., p. 69). A esse respeito, ver também Vergote, A. (1982) 'Pulsion de mort et destins mortifère de la pulsion'. in "Psychanalyse à l'université", 7(28): 561-581, 1982. Segundo este autor, a crítica duramente lançada sobre a pulsão de morte pela tradição analítica consistiria em um mal-entendido, dado que se teria associado à especulação freudiana um caráter marginal.

119 GW, XIII, pp. 30-1; SE, XVIII, p. 30-1; ESB, XVIII, p. 46.

Ou ainda, como compreender essa espécie de autocrítica profunda que se depreende de certas passagens do capítulo VI de "Jenseits", justamente o que se segue àquele em que Freud consegue reunir coragem para formular a pulsão de morte? Com efeito, este pareceria conter os trechos que mais justificariam os comentários acerca dos recuos e arrependimentos atribuídos ao estilo da obra. Logo em seus primeiros parágrafos, Freud faz a seguinte 'confissão':

"... deveríamos sentir-nos aliviados se toda a estrutura de nossa argumentação se mostrou equivocada. A oposição entre as pulsões do eu ou pulsões de morte e as pulsões sexuais ou pulsões de vida deixaria então de sustentar-se e a compulsão à repetição não mais possuiria a importância que lhe atribuímos (...) Tiramos suposições de longo alcance da hipótese de que toda substância viva está fadada a morrer por causa internas".¹²⁰

Mais adiante, acrescenta:

"Pode-se perguntar se, e até onde, eu próprio me acho convencido da verdade das hipóteses que foram formuladas nessas páginas. Minha resposta seria que eu próprio não me acho convencido e que não procuro persuadir outras pessoas a nelas acreditar, ou, mais precisamente, que não sei até onde nelas acredito (...) O terceiro passo pela teoria das pulsões, por mim dado até aqui, não pode reivindicar o mesmo grau de certeza que os dois primeiros: a extensão do conceito de sexualidade e o conceito de narcisismo."¹²¹

Diante de tamanha demonstração de austeridade em relação à reformulação que acaba de propor, pareceria

¹²⁰ GW, XIII, pp. 46-47; SE, XVIII, p. 44; ESB, XVIII, pp. 63-64.

¹²¹ GW, XIII, p. 64; SE, XVIII, p. 59; ESB, XVIII, p. 80.

justificado supor que Freud consideraria a pulsão de morte uma noção particularmente obscura, resultante de um salto teórico excessivamente ousado. Todavia, a julgar pelo modo como, nesse mesmo capítulo, ele encaminha a argumentação para uma série de alusões às deficiências estruturais da metapsicologia, parece legítimo supor que, através das mesmas, ele tentaria justificar a introdução desse conceito, de tal maneira que seu caráter nebuloso dever-se-ia tão-somente a peculiaridades da linguagem imposta pela ciência psicológica; mais precisamente, à pouca familiaridade com a linguagem figurativa dessa ciência em relação à linguagem - igualmente figurativa, porém mais simples - da fisiologia e da química.

Nessa perspectiva, a hesitação de Freud em relação ao passo (ou salto) dado em "*Jenseits*" - que desaparece em escritos posteriores como "*Selbstdarstellung*" (1925)¹²² e "*Das Unbehagen in der Kultur*" (1930) -,¹²³ não seria propriamente indicativa de que os argumentos dos quais ele parte seriam desproporcionalmente limitados em relação à envergadura das conclusões a que chega, mostrando assim uma espécie de abandono de sua habitual postura

¹²² Nesse contexto mais tardio, a explicação para a hesitação com que havia conduzido sua argumentação em favor da formulação da pulsão de morte parece ser a de que tal noção iria muito além da psicanálise. Ou seja, que ela apontaria para uma tendência do mundo orgânico em geral a retornar à sua condição orgânica original. (Cf. "Um estudo autobiográfico". GW, XIV, p. 82; SE, XX, p. 55; ESB, XX, p. 73).

¹²³ Nessa obra, encontra-se a seguinte passagem:

"A afirmação da existência de uma pulsão de morte ou de destruição deparou-se com resistências, inclusive em círculos analíticos (...) A princípio, foi apenas experimentalmente que apresentei as opiniões aí desenvolvidas, mas, com o decorrer do tempo, elas conseguiram tal poder sobre mim, que não posso mais pensar de outra maneira. Para mim, elas são muito mais úteis, de um ponto de vista teórico, do que quaisquer outras possíveis; fornecem aquela simplificação, sem ignorar ou violentar os fatos, pela qual nos esforçamos

científica.¹²⁴ Ao contrário, essa hesitação parece indicar justamente o esforço de Freud para reiterar seu compromisso para com a ciência.

Em outros termos, ao se mostrar um tanto resistente ao ponto de quase recuar por completo ante à noção que acaba por introduzir, ele retiraria de si a responsabilidade de seu procedimento e a imputaria a 'certos dados da experiência'¹²⁵ que imporiam uma reformulação nos fundamentos da metapsicologia; ou ainda, à pouca familiaridade do próprio conhecimento científico em relação à psicologia a que se dedica - que nos levaria a crer que o recurso à especulação fosse algo peculiar apenas à mesma.

Por conseguinte, seria como um cientista que considera *"perfeitamente legítimo rejeitar sem remorsos teorias que são contraditórias pelos próprios primeiros passos dados na análise dos fatos observados"*¹²⁶ - ciente, ao mesmo tempo, dos problemas e do caráter provisório das modificações que está em vias de propor -, que Freud acaba por formular uma nova teoria das pulsões.

Ora, ao admitir que a incorreção de sua teoria anterior dever-se-ia aos aspectos evidenciados pelos fenômenos da compulsão à repetição - que o teriam obrigado a propor uma outra, capaz de explicar aquilo que apontaria para um além do princípio de prazer -, Freud pareceria

no trabalho científico" ("O mal-estar na civilização". GW, XIV, p. 478; SE, XXI, p. 119; ESB, XXI, p. 142).

¹²⁴ A esse respeito, ver referência de Monzani (op. cit.) aos comentários realizados por Robert, Alexander e Ricoeur acerca de "Jenseits".

¹²⁵ No caso, às manifestações clínicas e cotidianas da compulsão à repetição, cujo caráter 'demoníaco' indicaria sua natureza pulsional.

¹²⁶ GW, XIII, p. 65; SE, XVIII, p. 60; ESB, XVIII, p. 81.

isentar sua própria teoria de uma incorreção interna. Desse modo, o estilo adotado em "*Jenseits*" implicaria, ao nosso ver, mais um recurso retórico do que propriamente um dado revelador da fragilidade dos exemplos de que se utiliza. Com efeito, ao atribuir a fatores externos a necessidade de formular um conceito como o de pulsão de morte, Freud tentaria, por assim dizer, preservar a legitimidade do empreendimento psicanalítico.

Ora, se o recurso à especulação implicaria um expediente amplamente utilizado por Freud em escritos anteriores, como também um requisito obrigatório de toda produção teórica; se a hesitação que parece transbordar das páginas de "*Jenseits*" não passaria de uma retórica sofisticada de que o autor se utilizaria para introduzir uma nova reformulação na teoria das pulsões, a 'tese da ruptura' pareceria perder seu argumento central. No entanto, talvez ela não parecesse de todo equivocada ao criticar em tal reformulação o fato de a psicanálise vir a forjar explicações que extrapolariam o âmbito da psicologia, avançando pelo que considera constituir o terreno da metafísica até chegar na pura mitologia.

Pode-se, contudo, depreender do próprio contexto de "*Jenseits*" que Freud não pareceria furtar-se a apresentar justificativas para esse aspecto ostensivamente criticado no interior mesmo dos círculos psicanalíticos. Com efeito, ele alega que esse procedimento aparentemente heterodoxo implicaria, antes de tudo, uma linguagem figurativa provisória, por ele proposta até que uma outra - igualmente figurativa, porém mais familiar e mais simples - possa substituí-la. Desse modo, pareceria, mais uma vez, tentar

isentar suas formulações de uma incorreção interna, advertindo que o recurso a explicações metafísicas e mitológicas seria necessário em virtude de limitações inerentes não só ao próprio campo que ele se propôs estudar, como também à fisiologia e a química, que ainda não teriam avançado ao ponto de poderem fornecer explicações para a maior parte dos processos mentais.

Ora, em que pese a ortodoxia dos críticos de "*Jenseits*", bem como a plausibilidade das justificativas apresentadas por Freud, a obra parece, efetivamente, trazer algo novo relacionado ao tipo de explicação que propõe. Nesse caso, a novidade, ao nosso ver, não residiria propriamente em recorrer a explicações não-mentalistas para fundamentar o funcionamento dos processos psíquicos nos moldes propostos pela psicanálise. Com efeito, vimos que tal expediente seria uma espécie de recorrência na produção freudiana,¹²⁷ de modo a constituir a expressão mesma da dificuldade - remontável à teoria da sedução - de fornecer explicações capazes de guardar as relações intencionais entre esses processos.

A esse respeito, vimos tentando mostrar, ao longo de todo o presente estudo, que tal dificuldade decorreria da filiação freudiana a uma tradição empirista que o levaria a supor uma gênese para os referidos processos. Ou seja, ao nosso ver, essa concepção tê-lo-ia aprisionado, por assim dizer, numa espécie de impasse: ou a origem dos processos psíquicos seria atribuída a determinantes exteriores à

¹²⁷ No contexto da primeira teoria das pulsões, por exemplo, Freud recorre à usual distinção Fome-Amor, bem como às considerações biológicas acerca de uma existência dúplici para tentar fundamentar a tese do dualismo pulsional

esfera da intencionalidade - o que pareceria fazê-lo retornar ao universo conceitual compartilhado por Breuer e Charcot, do qual se teria deliberadamente afastado;¹²⁸ ou, no caso de remontá-la a fatores intencionais,¹²⁹ surgiria o problema de garantir a tese que julgamos central na psicanálise, segundo a qual o inconsciente seria anterior e, portanto, preponderante em relação à consciência. Tal garantia, conforme tentamos mostrar, pareceria vinculada à suposição do prazer como dado originário da vida psíquica, a partir do qual a intencionalidade se constituiria como busca do prazer regida pelo processo primário.

O problema, nesse caso, residiria justamente no fato de as explicações psicanalíticas apontarem, no lugar do referido prazer, um desprazer ainda mais originário, de modo que a fuga do desprazer se imporia como o motor primordial da intencionalidade. Tal conjectura, contudo, implicaria a preexistência do processo secundário em relação ao primário, uma vez que a fuga do desprazer exigiria a observância das limitações impostas pela realidade externa. Ora, essa operação, que coincidiria com a inibição da quantidade psíquica, estaria, de acordo com a própria teoria psicanalítica, excluída do funcionamento inconsciente. Por conseguinte, a tese da supremacia dos processos deste sistema sobre a consciência não poderia contar com seu principal fundamento.

como determinante da intencionalidade (Cf. *"Zur Einführung des Narzissmus"*. GW, X, p. 143; SE, XIV, p. 77; ESB, XIV, p. 94).

¹²⁸ De acordo com o qual os quadros psicopatológicos envolveriam fatores causais hereditários e acontecimentos externos, ao invés de determinantes propriamente intencionais.

¹²⁹ Como aqueles ditados pelo princípio de prazer.

Apesar de tal contradição parecer, digamos, camuflada pela indiferenciação entre as metas do princípio de prazer - fuga do desprazer e busca do prazer -, supomos que as constantes reformulações metapsicológicas propostas por Freud estejam de algum modo relacionadas à mesma; ou seja, suspeitamos que as inúmeras modificações na teoria do aparelho psíquico constituam tentativas de mostrar que o desprazer - que no sintoma aparece de forma ostensiva - remontaria a um prazer originário negado pela repressão.

Nesse sentido, a cada possibilidade de se supor um desprazer ainda mais originário, Freud trataria de recuar a origem dos processos psíquicos, recaindo, contudo, no mesmo problema inicial.

Considerando, por um lado, que a novidade anunciada nas páginas de "*Jenseits*" não residiria na inviabilização abrupta de um projeto até então bem fundamentado, cumpre notar que, por outro lado, ela tampouco consistiria na solução para o problema da origem, posto que teria chegado a um ponto em que não seria mais possível recuá-la. Portanto, a novidade indicaria o aguçamento do referido problema, uma vez que teria conduzido a origem dos processos psíquicos para fora dos próprios limites da experiência.

Em outras palavras, a principal novidade trazida primeiro pela reformulação do conceito de pulsão, seguida da introdução da pulsão de morte, consistiria em pôr em xeque a própria teoria da representação (de base empirista), sobre a qual se teria erigido toda a metapsicologia. Contudo, vimos tentando mostrar que essa 'ameaça' não se daria a partir do que foi considerado uma

espécie de 'corpo estranho' conceitual, mas à medida que os problemas trazidos à tona por tal formulação se revelaram como um 'infiltrado' na teoria freudiana. Por conseguinte, propomos que as inovações introduzidas em "*Jenseits*" sejam pensadas como renovações da tentativa inicial que fundou o projeto psicanalítico; com a diferença, é claro, de tornar os problemas ligados a tal empreendimento indisfarçáveis. Cumpre lembrar que a nossa proposta não foi propriamente a de julgar a viabilidade da psicanálise. Antes, tentamos apenas fornecer, mediante o percurso por alguns textos de cunho metapsicológico, os fundamentos para a tese de Kimmerle, segundo a qual

*"A suposição da pulsão de morte assinala uma ruptura radical no interior da experiência de interpretação psicanalítica do inconsciente. Todavia, essa ruptura mostra tão-somente que a psicanálise não se insere sem contradição na ordem tradicional do saber. Ela ultrapassa seus limites."*¹³⁰

Nossa suposição de que o estilo adotado em "*Jenseits*" implicaria uma espécie de retórica que visaria dissimular os determinantes internos da reformulação a que Freud submeteria a teoria das pulsões angariaria maior plausibilidade do fato de que a noção de pulsão de morte só é formulada no quinto capítulo da obra; mais precisamente, após um exame que inclui uma série de etapas, em cada uma das quais parece ser posta à prova a legitimidade do princípio de prazer. A esse respeito, se prestarmos atenção para o elenco de exemplos escolhidos para esse fim, veremos que o questionamento não pareceria afetar propriamente o

princípio de prazer - mantido inclusive após a introdução da pulsão de morte -, mas a tese de um prazer originário.

Com efeito, Freud inicia pelo exame dos aspectos que pareceriam favoráveis a esta tese, a saber: o desprazer decorrente da substituição do princípio de prazer pelo princípio de realidade e a transformação do prazer em desprazer por meio da repressão. Em seguida, passa a abordar outras manifestações de desprazer que, diferentemente das primeiras, apontariam para o caráter originário de tais sensações. É então que Freud traz para o centro da discussão o fenômeno da compulsão à repetição, aludido em "*Das Unheimliche*" como um dos aspectos que suscitarium os mais impressivos sentimentos de estranheza sem, contudo, remontarem a nenhum conteúdo familiar.

Diferentemente deste artigo, os exemplos apresentados em "*Jenseits*" não provêm de análises de manifestações culturais, mas de material retirado da clínica e da observação de um jogo infantil. São eles: 1) os sonhos de angústia, recorrentes nas neuroses traumáticas; 2) a repetição de uma vivência originária de desprazer no jogo infantil de desaparecimento e retorno de certo objeto (jogo do "*Fort-Da*"); 3) a repetição, na neurose de transferência, de vivências infantis eminentemente desprazíveis que, por sua vez, conduziriam a um desprazer intrínseco à própria sexualidade; 4) a repetição de fatos geradores de desprazer nas neuroses de destino.

De todos esses exemplos de desprazer originário, apenas o terceiro não pareceria passível de domínio pelo princípio de prazer, ou seja, somente neste caso o

¹³⁰ Kimmerle, G. op. cit., p. 9.

desprazer não seria de algum modo revertido, senão em prazer, ao menos em quantidade vinculada. E é justamente esta exceção que permitirá a Freud reivindicar uma reformulação radical da própria noção de pulsão para, em seguida, introduzir a pulsão de morte.

Assim procedendo, Freud empenhar-se-ia em demonstrar um profundo rigor na análise de cada um dos exemplos, de tal maneira que a reformulação conceitual proposta subsequente parecesse, aos olhos do leitor - a julgar pelo estilo hesitante com que o próprio autor comentaria o novo conceito - um passo inevitável.

Por outro lado, ao mesmo tempo em que pareceria desviar a atenção do leitor para os deflagradores externos da reformulação a ser apresentada, Freud aproveitaria a análise de cada um dos exemplos para retomar os pressupostos fundamentais da metapsicologia e, desse modo, dar continuidade ao movimento ao qual a herança empirista tê-lo-ia, por assim dizer, condenado: a busca de uma vivência originária a partir da qual o psiquismo seria constituído.

Conforme aludimos em diversos momentos de nosso estudo, essa busca pareceria incessante, uma vez que o almejado prazer originário - que na visão de Freud fundamentaria a tese do primado do inconsciente sobre a consciência, ou ainda, da realidade psíquica sobre a realidade externa, - não seria encontrado em nenhum dos modelos metapsicológicos. Ao contrário, todos eles engendrariam uma contradição, uma vez que, invariavelmente, indicariam a necessidade teórica de se supor um desprazer prévio, organizador do funcionamento psíquico. Esse

desprazer originário implicaria supor o externo como fundamento do interno e, em última análise, o pré-consciente como condicionante do inconsciente. Por conseguinte, apontaria para a impossibilidade de se manter, nos termos propostos por Freud, a tese central da psicanálise.

Conforme pudemos depreender de nosso exame sobre a introdução do narcisismo, de "*Triebe und Tribschicksale*" e de "*Das Unheimliche*", tanto o antigo dualismo pulsional, quanto o próprio princípio de prazer - nos moldes apresentados no artigo sobre os dois princípios do funcionamento mental - ter-se-iam mostrado, digamos, pouco plausíveis. Nesse sentido, a necessidade de uma reformulação conceitual pareceria partir do próprio interior da teoria e não somente das evidências clínicas e cotidianas da compulsão à repetição. Vejamos brevemente como Freud parece valer-se de cada um dos exemplos selecionados, ou seja, como ele parece conduzir sua argumentação de maneira a manter no leitor a convicção no rigor psicanalítico em obedecer à exigência dos dados empíricos.

A respeito da análise do jogo do "*Fort-Da*", tivemos a oportunidade de mencioná-la, em capítulos anteriores, como exemplo paradigmático do modo pelo qual a teoria freudiana suporia o significado da morte na mente infantil. Em tais ocasiões, aludimos à leitura realizada por Kimmerle, segundo a qual o referido jogo serviria como uma espécie de treinamento de técnicas de sobrevivência, uma vez que

viabilizaria uma forma de convívio com o desprazer.¹³¹ Ou seja, o jogo promoveria uma inversão do desprazer originário e passivo, gerado pela separação compulsória do outro, em um desprazer ativo, decorrente da possibilidade de comandar o desaparecimento e retorno daquele, agora simbolizado no brinquedo.

Nesse jogo, o comentador de "*Jenseits*" identifica o surgimento do comportamento de apossar-se do objeto, característico do principal atributo até então conferido por Freud à pulsão: a atividade, da qual derivaria a agressividade evidenciada no sadismo. Contudo, ele chama a atenção para o caráter fundante da vivência originária de separação, uma vez que ela conferiria o significado de prazer ao momento anterior de indiferenciação eu-objeto, a ser reencontrado. Ou seja, sem o desprazer originário decorrente da separação, não seria possível marcar no psiquismo o prazer que ele procurará reencontrar. Conseqüentemente, o desprazer originário seria a condição para se instaurar o próprio atributo de atividade da pulsão.

O outro exemplo de desprazer originário, aludido primeiramente, mas examinado por Freud somente depois da análise do jogo infantil, parece reiterar os indícios de nossa suposição acerca do embaraçamento dos princípios fundamentais da teoria freudiana. Por esse motivo, examinaremos o mesmo de forma um pouco mais detida.

Trata-se dos sonhos de angústia nas neuroses traumáticas, para cuja explicação Freud retoma a descrição do processo de constituição do psiquismo apresentada em

¹³¹ Ibid., p. 30

"*Die Traumdeutung*" valendo-se, desta feita, de uma metáfora na qual o mesmo é comparado a uma vesícula indiferenciada de uma substância suscetível de estimulação.

Cumprе notar que essa descrição resgata certos aspectos importantes para o contexto de "*Entwurf*" que, no entanto, desde a correspondência subsequente com Fliess, foram aos poucos destituídos de sua relevância. Tal é o caso da diferenciação entre as quantidades interna e externa, aludida muito rapidamente no modelo de "*Die Traumdeutung*", uma vez que, naquele momento, distintamente da teoria da sedução, todos os processos referentes à vida psíquica teriam passado à condição de eventos internos. Por conseguinte, a quantidade em jogo tanto na repressão do prazer, quanto no desprazer ligado ao sintoma seria interna.

Contudo, ao retomar essa antiga distinção, Freud não iria simplesmente transpor para o contexto de "*Jenseits*" a mesma explicação encontrada em "*Entwurf*", de acordo com a qual a intervenção de agentes externos seria um *sine qua non* para a origem do desprazer. Antes, esse recurso pareceria o meio por ele encontrado para tentar dissipar as dificuldades surgidas no modelo da primeira tópica, sobretudo após a introdução do narcisismo.

Antes de dar início a essa descrição, em que, um tanto diferente do que consta em "*Die Traumdeutung*", a consciência aparece como uma espécie de ponto de referência a partir do qual são abordados tanto os processos externos quanto os internos, Freud renova o que consideramos constituir a tese central da psicanálise; ou seja, adverte

acerca do limitado papel daquela função psíquica, por assim dizer, super-valorizada pela tradição filosófica:

*"A especulação psicanalítica toma como ponto de partida a impressão, derivada do exame dos processos inconscientes, de que a consciência pode ser, não o atributo mais universal dos processos mentais, mas apenas uma função especial deles. Falando em termos metapsicológicos, assevera que a consciência constitui função de um sistema específico que descreve como Cs."*¹³²

No entanto, considerando que esse sistema, no qual a consciência se subsume, é suposto como ocupando um espaço fronteiro entre o interior e o exterior, de modo a acusar tanto a excitação proveniente do mundo externo quanto os sentimentos de prazer e desprazer oriundos do interior do aparelho psíquico, sua importância não pareceria ser tão limitada quanto a tese central da psicanálise pretenderia sustentar.

Com efeito, na metáfora da vesícula viva, à medida que o sistema Cs é comparado à parte mais externa desse organismo, ele consistiria na própria garantia da vida psíquica, uma vez que teria sofrido um processo de mortificação por meio do qual as grandes intensidades de excitação provenientes do mundo externo seriam barradas. Ou seja, antes de funcionar como receptor de estímulos, o sistema no qual se inscreveria a consciência atuaria como protetor contra estímulos excessivamente intensos, impedindo que o interior do aparelho fosse invadido por

¹³² GW, XIII, p. 23; SE, XVIII, p. 24; ESB, XVIII, p. 39.

grandes quantidades e viesse a sucumbir em virtude de não estar preparado para lidar com tais magnitudes.

Nesse sentido, o sistema Cs funcionaria como um escudo protetor e disporia de mecanismos capazes de apanhar pequenas amostras do mundo externo, com as quais o aparelho estaria em condições de lidar. A transformação nesse tipo de escudo implicaria o referido processo de mortificação, de caráter filogenético, o qual teria levado o sistema Cs ao máximo de sua capacidade de modificação. Desse modo, do ponto de vista ontogenético, ele permaneceria totalmente inalterado com a passagem de estímulos.

Com essa observação, Freud retoma a suposição já presente no capítulo teórico de Breuer constante de "*Studien*", defendida em "*Entwurf*" e reiterada em "*Die Traumdeutung*", segundo a qual as funções de percepção e memória seriam excludentes. Desse modo, a circulação da quantidade no sistema Cs fluiria de forma livre, característica do processo psíquico primário.¹³³

Além de funcionar como protetor contra estímulos externos, o sistema Cs receberia ainda estímulos provenientes do interior do aparelho, os quais, contudo, não seria capaz de evitar. Embora a magnitude da quantidade interna seja incomparavelmente menor que a externa, sua ação sobre o aparelho psíquico seria predominante em relação a estes, uma vez que produziria sentimentos de prazer e desprazer - na visão de Freud, os verdadeiros direcionadores do curso do funcionamento psíquico.

¹³³ A esse respeito, é curioso que, nesse contexto, Freud atribua ao sistema Cs a origem da idéia abstrata de tempo, tendo em vista que a temporalidade fora anteriormente associada ao fluxo vinculado da quantidade,

Desse modo, se o índice de desprazer for elevado a um grau demasiadamente intenso, a quantidade interna passa a ser tratada como se fosse externa, vindo a acionar no aparelho medidas defensivas análogas às do escudo protetor - o que daria origem ao mecanismo da projeção. A respeito da quantidade interna, cumpre notar que a sua forma de circulação seria igualmente a do processo primário (energia livre).

Mediante essa espécie de recapitulação de noções básicas de metapsicologia, Freud reiteraria os termos do princípio de prazer. Mais que isto, uma vez que a quantidade interna coincidiria com a excitação proveniente do sistema inconsciente, ele tentaria garantir a plausibilidade da tese do primado deste sistema sobre a consciência. Todavia, no momento em que ele tenta aplicar o conteúdo de tal recapitulação ao caso dos sonhos de angústia, recorrentes nas neuroses traumáticas, veremos que a plausibilidade dessa tese pareceria comprometida.

Freud reedita a definição de trauma formulada à época de "*Studien*", segundo a qual são consideradas "*traumáticas quaisquer excitações provindas de fora que sejam suficientemente poderosas para atravessar o escudo protetor*".¹³⁴ Contudo, nesse contexto, ele enfatiza um efeito particular do trauma provocado no aparelho em relação ao modo de lidar com a quantidade. Ou seja, chama a atenção para uma espécie de suspensão temporária de princípio do prazer, o que traria à tona uma função que consiste justamente no que ele pretende explorar; uma

característico do processo psíquico secundário vigente no sistema pré-consciente.

função que seria anterior e, portanto, necessária à instauração do princípio de prazer: o trabalho de dominar a quantidade por meio de sua vinculação (*"Bindung"*). Essa função é atribuída a um sistema ocupado com elevado índice de quantidade vinculada e que coincide com o eu formulado em *"Entwurf"* e com o pré-consciente da primeira tópica:

*"Do presente caso, então, inferimos que um sistema que é altamente ocupado, é capaz de receber um influxo adicional de energia nova e de convertê-la em ocupação quiescente, isto é, de vinculá-la psiquicamente. Quanto mais alta a própria ocupação quiescente do sistema, maior parece ser a sua força vinculadora".*¹³⁵

Freud relembra a concepção, formulada desde *"Studien"*, segundo a qual o aspecto do trauma valorizado pela psicanálise seria o seu efeito psíquico, ou seja, o susto decorrente da falta de preparo para a angústia que, nesse caso, serviria de sinal para arregimentar o trabalho de vinculação do eu. Ademais, o choque causado pelo impacto externo provocaria uma agitação mecânica que, por sua vez, liberaria uma quantidade de energia sexual para a qual o aparelho psíquico não estaria preparado para receber. Nessa perspectiva, supõe que os sonhos de angústia recorrentes nas neuroses traumáticas estariam à serviço da função, anterior ao princípio de prazer, de *"dominar retrospectivamente o estímulo, desenvolvendo a angústia cuja omissão constituiu a causa da neurose traumática"*.¹³⁶

¹³⁴ GW, XIII, p.29 ; SE, XVIII, p.29 ; ESB, XVIII, p. 45.

¹³⁵ GW, XIII, p.30 ; SE, XVIII, p.30; ESB, XVIII, p. 46.

¹³⁶ GW, XIII, p.31 ; SE, XVIII, p.31; ESB, XVIII, p. 48.

Ora, se dessa análise Freud depreende

"a visão de uma função do aparelho mental, visão que, embora não contradiga o princípio de prazer, é sem embargo independente dele, parecendo ser mais primitiva do que o intuito de obter prazer e evitar desprazer",¹³⁷

ele parece novamente sugerir que o processo secundário seria anterior ao processo primário - o que, ao nosso ver, comprometeria a tese que consideramos central na psicanálise: o predomínio do inconsciente sobre a consciência.

O passo seguinte de Freud consiste em abordar a compulsão à repetição nas neuroses de transferência - justamente o exemplo em que o desprazer repetido seria irreduzível. Por meio dessa análise, ele submete a própria sexualidade a uma profunda reavaliação, uma vez que sua finalidade suposta até então - a produção de prazer - deparar-se-ia muitas vezes com uma impossibilidade decorrente de características a ela intrínsecas.

No terceiro capítulo de *"Jenseits"*, Freud chama a atenção para o fato de que a sexualidade infantil, mais precisamente a pulsão fálica - que particularmente ressaltaria a incompatibilidade entre psíquico e somático-, redundaria inevitavelmente em um desprazer que se repetiria ao longo de toda a vida adulta, inclusive na análise, apontando, desse modo, para uma tendência psíquica, de natureza pulsional, que extrapolaria o princípio de prazer.

¹³⁷ Idem, Ibidem.

Ora, se há na própria organização da sexualidade algo que leva inevitavelmente a um desprazer absoluto, a finalidade anteriormente atribuída a essa pulsão não pareceria mais capaz de explicar seu funcionamento. Mais que isto, a própria noção de pulsão precisaria ser repensada. Ao invés de constituir uma força que impeliria o aparelho psíquico a trabalhar no sentido de evitar desprazer e buscar o prazer, ela passa a ser pensada como

"um impulso, inerente à vida orgânica, a restaurar um estado anterior de coisas, impulso que a entidade viva foi obrigada a abandonar sob a pressão de forças perturbadoras externas, ou seja, é uma espécie de elasticidade orgânica, ou, para dizê-lo de outro modo, a expressão da inércia inerente à vida orgânica".¹³⁸

Valendo-se, portanto, dos fenômenos de compulsão à repetição,¹³⁹ Freud tenta mostrar que a definição anterior de pulsão seria mesmo inadequada, uma vez que o fator impelidor (*"drängende Moment"*), através do qual o aparelho seria impulsionado para empreender atividades que modificassem o mundo externo - e que foi considerado o

¹³⁸ GW, XIII, p. 38; SE, XVIII, p.36; ESB, XVIII, p.54.

¹³⁹ Na Conferência XXXII das *"Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse"* ([1932] "Novas conferências introdutórias sobre psicanálise"), Freud faz um comentário que alimentaria a nossa suposição de que o estilo por ele adotado em *"Jenseits"* teria um forte apelo retórico. Nessa obra mais tardia, ele atribui aos fenômenos do sadismo e do masoquismo um papel importante na reformulação da teoria das pulsões, chegando a insinuar, ao se colocar no lugar de seu suposto interlocutor, que teria recorrido a bases mais amplas para introduzir a pulsão de morte a fim de não ser acusado de derivar essa teoria de tão longo alcance de alguns casos patológicos: *"Afim, não se pode arriscar com uma hipótese de tão largo alcance, simplesmente porque uns pobres loucos uniram sua satisfação sexual a condições peculiares. Acredito que um estudo mais profundo das pulsões nos proporcionará aquilo de que necessitamos"* (GW, XV, p. 113; SE, XXII, p. 106; ESB, XXII, p. 132).

atributo essencial da pulsão -,¹⁴⁰ não constituiria mais a sua característica primordial. Esses fenômenos apontariam o exato oposto, ou seja, a pulsão consistiria em uma *"expressão da natureza conservadora da substância viva"*,¹⁴¹ cuja tendência básica seria a *"restauração de um estado anterior de coisas"*.¹⁴²

É justamente dessa nova forma de conceber a pulsão que Freud desenvolve o curso das suposições que o conduzem até a apresentação da pulsão de morte. À luz de tal concepção, Freud se permite supor que *"os fenômenos do desenvolvimento orgânico devem ser atribuídos a influências perturbadoras e desviadoras externas"* - algo relacionado aos efeitos do sol sobre a Terra. A mudança, que imputaria às substâncias a passagem de uma condição inicialmente inorgânica para uma condição orgânica elementar e desta para formas cada vez mais complexas, seria incorporada às pulsões conservadoras. Em seguida, seriam submetidas aos processos de repetição, cuja meta, contudo, seria o retorno à condição originária.

Nesse sentido, a tendência à mudança e ao progresso, anteriormente atribuída à essência da pulsão, consistiria apenas na aparência enganadora de uma verdadeira essência, cujo objetivo seria buscar alcançar algo antigo, *"por caminhos tanto velhos quanto novos"*.¹⁴³

140 *"A característica de exercer pressão é comum a todas as pulsões; é, de fato, sua própria essência. Toda pulsão é uma parcela de atividade"* (*"Triebe und Triebesicksale"*. GW, X, p. 214; SE, XIV, p. 121; ESB, XIV, p. 142).

141 *"Jenseits"*. GW, XIII, p. 38; SE, XVIII, p.36; ESB, XVIII, p.54.

142 Ibid. GW, XIII, p. 39; SE, XVIII, p.37; ESB, XVIII, p.55.

143 Idem, Ibidem.

Os argumentos segundo os quais *"não conhece exceção o fato de tudo o que vive, morrer por razões internas"*¹⁴⁴ e *"as coisas inanimadas existiram antes das vivas"*,¹⁴⁵ constituiriam os elos finais da longa cadeia de raciocínio construída por Freud como que para preparar o terreno para a suposição de que *"o objetivo de toda vida é a morte"*.¹⁴⁶ Desse modo, longe de parecer o produto de inconsistências teóricas que reincidiriam em todos os modelos propostos até então, a noção de pulsão de morte deveria ser pensada como resultante do esforço freudiano em adequar a teoria aos dados da experiência.

A crítica, todavia, teria perseguido um terceiro viés de leitura de *"Jenseits"*, tratando de enquadrá-lo justamente como um desvio do compromisso científico firmado por Freud desde seus primeiros trabalhos; de acordo com a 'tese da ruptura', o fundador da psicanálise teria inadvertidamente sucumbido aos apelos da especulação.

Na perspectiva lançada no capítulo V dessa obra polêmica, a primeira pulsão teria sido a pulsão *"a retornar ao estado inanimado"*,¹⁴⁷ à qual Freud, em princípio, associa as pulsões de autoconservação. Sob esse novo quadro conceitual, estas últimas passariam a constituir

"componentes cuja função é garantir que o organismo seguirá seu próprio caminho para a morte, e afastar todos os modos possíveis de retornar à existência"

¹⁴⁴ Ibid. GW, XIII, p. 40; SE, XVIII, p.38; ESB, XVIII, p.56.

¹⁴⁵ Idem, Ibidem.

¹⁴⁶ Idem, Ibidem.

¹⁴⁷ Idem, Ibidem.

*inorgânica que não sejam os imanentes ao próprio organismo".*¹⁴⁸

Ora, ao supor que "*o organismo deseja morrer do seu próprio modo*",¹⁴⁹ Freud parece admitir, conforme ressalta Kimmerle,¹⁵⁰ a existência de duas formas distintas de morte: uma externa - aliás, aquela que já figuraria nas formulações anteriores e que faria parte do circuito do desprazer -, contra a qual lutariam as pulsões de autoconservação; e uma outra, anteriormente não formulada, a morte interna, aquela a que o organismo aspiraria alcançar, a fim de retornar ao estado originário de onde teria partido.¹⁵¹

Esta última, em princípio, não poderia implicar nem o sentimento de desprazer, nem o de prazer, uma vez que se situaria fora dos limites da experiência. No entanto, a própria instauração da vida adquiriria uma conotação desprazível, uma vez que deflagraria o acúmulo de quantidade decorrente de seus carecimentos.

¹⁴⁸ Idem, Ibidem.

¹⁴⁹ Idem, Ibidem.

¹⁵⁰ "*Mas agora a morte não é nenhum poder que submete a vida vindo apenas de fora (...) A oposição talvez mais fundamental da psicanálise, a entre interno e externo, obriga Freud a dividir a morte em duas, uma divisão cuja linha divisória passa entre a meta interna pulsional e uma ameaça externa (...) Freud opõe a morte externa à morte interna*" (Kimmerle, G. "*Verneinung und Wiederkehr*". op. cit., pp. 95-97).

¹⁵¹ Ainda que se defenda a idéia de que a pulsão de morte constituiria tão-somente a explicitação de uma tendência suposta por Freud desde "*Entwurf*" sob o nome de 'princípio da inércia' - segundo o qual o sistema nervoso primitivo aspiraria libertar-se de toda a excitação -, pareceria legítimo considerar que tal explicitação seria viabilizada a partir de uma mudança no conceito mesmo de pulsão. Se em "*Entwurf*" ela é suposta como uma mola ativada pelas carências da vida, de modo a impulsionar o aparelho no sentido de trabalhar para a satisfação de tais carências, em "*Jenseits*", a pulsão passa a ser pensada como tendência à restauração de estados anteriores de inorganicidade, apontando para uma necessidade anteriormente inabordada: a necessidade interna de morrer.

Considerando que Freud, nas linhas finais de "Jenseits", admite que o princípio de prazer serviria às pulsões de morte,¹⁵² parece legítimo supor, baseado nas observações de Kimmerle sobre o jogo infantil, que o surgimento da vida enquanto produtora de desprazer conferiria à condição anterior uma conotação aprazível, a ser reencontrada. Contudo, essa suposição pareceria um tanto forçada, uma vez que, conforme mencionamos acima, a condição inorgânica estaria aquém da experiência. Por conseguinte, não pareceria possível pensá-la em termos de representação.

A esse respeito, a pulsão de morte viria, nos moldes em que fora inicialmente proposta, implodir a teoria da representação sobre a qual se teria erigido toda a metapsicologia. Ademais, essa forma de concebê-la ameaçaria novamente a teoria freudiana com a possibilidade de um novo monismo pulsional, corolário da suposição de que a morte consistiria na única meta a ser atingida pelo vivente. Nesse caso, é provável que a gravidade de tais repercussões tenha levado Freud a repensar, logo em seguida, a validade de suas recentes formulações.

Com efeito, no parágrafo que se segue a essas polêmicas suposições, ele parece refletir sobre suas conseqüências e retoma a concepção da sexualidade à luz da própria psicanálise, de modo a sugerir que se reconsidere a importância dessa pulsão no âmbito da vida mental:

¹⁵² "Outro fato notável é que as pulsões de vida têm muito mais contato com nossa percepção interna, surgindo como perturbadores da paz e constantemente produzindo tensões cujo alívio é sentido como prazer, ao passo que as pulsões de morte parecem efetuar seu trabalho discretamente ("unauffällig zu leisten scheinen"). O princípio de prazer parece, na realidade, servir às pulsões de morte" (GW, XIII, p. 69; SE, XVIII,

*"Mas detenhamo-nos por um momento e reflitamos. Não pode ser assim. As pulsões sexuais, a que a teoria das neuroses concede um lugar inteiramente especial, surgem sob aspecto muito diferente."*¹⁵³

Após essa espécie de apelo aos frutos de sua laboriosa produção em torno do papel fundamental da sexualidade no funcionamento psíquico, Freud introduz a ressalva de que *"a totalidade do caminho do desenvolvimento para a morte natural não é percorrido por todas as entidades elementares que compõem o complicado corpo de um dos organismos mais elevados"*.¹⁵⁴ Por meio desse expediente, ele tentaria, por assim dizer, salvaguardar o aspecto impelidor anteriormente associado à sexualidade; afinal, uma das noções mais caras à psicanálise, além de parecer a melhor candidata à contraparte indispensável para a manutenção do dualismo pulsional.

Nessa perspectiva, Freud lança mão da suposição de que as células germinais teriam de algum modo - na história do desenvolvimento que teria levado à reprodução sexuada -, conseguido desviar-se do objetivo primordial da vida de maneira a se tornarem potencialmente imortais. Ora, com essa suposição, ele pareceria propor que se admitisse, ao mesmo tempo, duas concepções antagônicas de pulsão: uma que se adequasse à formulação recém-introduzida que, não se pode esquecer, deveria explicar o fenômeno da compulsão à repetição. De acordo com a mesma, a pulsão consistiria em uma espécie de tendência que, discretamente, impeliria tudo

p. 64; ESB, XVIII, pp. 84-85).

¹⁵³ GW, XIII, p. 41; SE, XVIII, p.39; ESB, XVIII, p. 57.

que é vivo ao retorno, em seu devido tempo, à origem inorgânica da qual teria surgido. A outra, que, afinal, abrangeiria tanto a libido quanto a pulsão de autopreservação, deveria salvaguardar a validade de tudo o que a psicanálise teria produzido anteriormente à noção de pulsão de morte. Nesse sentido, a pulsão continuaria a ser pensada como força que impeliria o psiquismo ao trabalho.

Note-se que o antagonismo aludido diria respeito à concepção mesma de pulsão; algo anterior, portanto, à noção de oposição entre pulsões. No entanto, a manutenção desta oposição - característica do modo psicanalítico de pensar a intencionalidade humana -, dependeria, ao nosso ver, da permanência daquele antagonismo; ou seja, da coexistência, na teoria, de duas concepções distintas de pulsão - uma novidade no contexto da teoria pulsional.

De todo modo, Freud parece tentar dissimular essa contradição ao insinuar que a imortalidade das células germinais poderia ser pensada como um *"alongamento da estrada para a morte"*¹⁵⁵. Ademais, atribui à sexualidade um caráter igualmente conservador, uma vez que ela traria *"de volta estados anteriores de substância viva"*.¹⁵⁶

Todavia, o preço que Freud parece ter que pagar para manter sua hipótese dualista seria o de diluir as especificidades das pulsões sexuais no grupo pulsional que vai chamar de 'pulsões de vida':

¹⁵⁴ Idem, Ibidem.

¹⁵⁵ Idem, Ibidem.

¹⁵⁶ Idem, Ibidem. Freud, contudo, não consegue obter da biologia o respaldo para esse caráter conservador da pulsão sexual, a partir do qual poderia estabelecer um só atributo essencial à noção de pulsão, qual seja, a tendência a restaurar um estado anterior (ver exame a seguir).

"São as verdadeiras pulsões de vida. Operam contra o propósito das outras pulsões, que conduzem, em razão de sua função, à morte e este fato indica que existe oposição entre elas e as outras, oposição que foi há muito tempo reconhecida pela teoria das neuroses".¹⁵⁷

Cumprir notar que, ao eleger as pulsões de vida como oponentes da pulsão de morte, Freud deixa de explorar um aspecto que ele mesmo teria apontado no funcionamento da sexualidade e que, inclusive, teria constituído o argumento forte para a introdução da nova pulsão. Referimo-nos à possibilidade de a pulsão sexual produzir um desprazer irreduzível a qualquer prazer que houvesse anteriormente sido negado pela repressão. Essa característica, ao nosso ver, traria certas implicações para o próprio modo como fora primeiramente pensada a meta da pulsão libidinal.

Com efeito, a sexualidade fora inicialmente suposta como o fator impelidor da busca de prazer que, em virtude de seu caráter auto-erótico, resistiria - diferentemente da fome - à submissão ao princípio de realidade. No entanto, no contexto da introdução da pulsão de morte, Freud trouxe à tona uma característica da libido jamais abordada: a capacidade de produzir um desprazer que, de modo algum, remeteria a um prazer inadmissível à consciência.

Essa suposição pareceria conduzir a uma outra, acima mencionada, segundo a qual a sexualidade seria associada ao desprazer, enquanto a pulsão de morte cumpriria os desígnios do princípio de prazer. A esse respeito, embora Freud chegue a supor, no parágrafo final de "Jenseits", a possibilidade de o princípio de prazer servir às pulsões de

¹⁵⁷ GW, XIII, p. 42; SE, XVIII, p. 40; ESB, XVIII, p. 58.

morte, ele não consegue, todavia, reiterar a associação entre sexualidade e desprazer que o teria conduzido à formulação dessa nova pulsão:

"Contudo, ainda sentimos nossa linha de pensamento apreciavelmente entravada pelo fato de não podermos atribuir à pulsão sexual a característica de uma compulsão à repetição que primeiramente nos colocou na trilha das pulsões de morte".¹⁵⁸

Em outras palavras, apesar de valer-se dessa característica da sexualidade para formular a pulsão de morte, Freud não consegue, por assim dizer, bancar a idéia da própria vida como desprazer, uma vez que todas as suas formulações acerca do desejo sexual como motor da intencionalidade praticamente perderiam o significado.

Esse aspecto, que parece apontar para um novo embaraçamento dos princípios fundamentais da teoria psicanalítica, permaneceria como que dissimulado pelo trabalho de 'acomodação' da noção de pulsão de morte no qual Freud passaria a se empenhar. Entretanto, esse trabalho faria tão-somente com que ele se deparasse com novas versões das antigas contradições que vimos tentando mostrar.

Com efeito, logo na abertura do sexto capítulo de *"Jenseits"*, Freud admite que somente as pulsões de morte implicariam fenômenos de compulsão à repetição, uma vez que somente as mesmas apresentariam de fato um caráter conservador. Desse modo, ele parece esquecer que teria sido

¹⁵⁸ GW, XIII, p. 60; SE, XVIII, p. 55 ; ESB, XVIII, p. 76.

justamente a compulsão à repetição ligada à sexualidade que o teria conduzido à própria formulação da pulsão de morte.

Um outro problema com que Freud parece deparar-se nesse difícil contexto diz respeito à associação por ele proposta, num primeiro momento, das pulsões de morte às pulsões de autoconservação. Conforme aludimos acima, Freud supõe, logo que a pulsão de morte é introduzida, que a força pulsional autopreservadora trabalharia no sentido de proteger o organismo contra as possibilidades de antecipação da morte externa em relação à morte interna - aquela ao encontro da qual, em seu devido tempo, tudo que é vivo deve dirigir-se. Ora, se as pulsões de autopreservação já haviam sido anteriormente associadas à pulsão sexual - por ocasião da introdução do narcisismo -, quais os termos do novo dualismo pulsional que, segundo examinamos há pouco, já pareceria ser mantido ao preço da contradição em relação ao próprio conceito de pulsão?

A esse respeito, supomos que Freud dedicaria boa parte do capítulo VI de "*Jenseits*" à tentativa de resolver o que julgamos constituir a nova versão do problema de manter o dualismo pulsional. Mais precisamente, acreditamos que ele o tenha feito por meio da busca de refutação, na ciência biológica, para a tese de que a morte ocorreria por determinantes internos.

Nesse sentido, Freud enveredaria pelo exame de algumas das mais recentes teorias biológicas de sua época, não propriamente para abandonar - tal como pretende fazer-nos crer - a hipótese da pulsão de morte, caso encontrasse uma refutação da mesma. Ao nosso ver, ele se valeria desse expediente para forjar a suposição segundo a qual a união

celular seria um recurso comum tanto às células germinais, quanto às demais células do organismo. Portanto, ao tentar obter respaldo na pesquisa biológica, Freud prepararia o terreno para introduzir uma mudança em sua mais recente formulação, a saber: a suposição de que ambos os tipos de células lutariam contra a meta das pulsões de morte, o que tornaria inválida a associação proposta inicialmente entre estas e as pulsões de autoconservação. Com base nessa nova suposição, Freud reuniria, sob o nome de Eros, as pulsões libidinais e as autoconservadoras, há muito tempo fundidas pela introdução do narcisismo.

A tarefa seguinte consistiria em encontrar um meio de estender à pulsão sexual um atributo pulsional garantido anteriormente apenas à pulsão de morte: seu caráter conservador. O fato de não haver obtido nenhuma informação da biologia a respeito da origem da pulsão sexual levaria Freud ao que a crítica da ruptura teria considerado seu passo mais ousado. Ou seja, ele recorre ao mito relatado por Aristófanes em "*O Banquete*" de Platão, segundo o qual a procura do parceiro amoroso consistiria em uma forma de reencontro daquela metade que, por castigo de Zeus, os seres humanos teriam perdido. Desse modo, o mito platônico constituiria o fundamento para que Freud atribuísse o movimento de perpetuação da vida - por meio da união das células germinais - ao caráter igualmente conservador de Eros.

Mediante esse rearranjo habilmente forjado, Freud restabeleceria o dualismo pulsional, de maneira a opor Eros às pulsões de morte. Estas, sob esse novo prisma, seriam

agora pensadas como o aspecto destrutivo presente nos processos da vida.

Diante de todo esse empenho demonstrado por Freud para salvaguardar o dualismo pulsional abalado desde a introdução do narcisismo, não pareceria injustificado supor que a prioridade da concepção dualista nas formulações freudianas impediria que se desse ênfase à interessante possibilidade, viabilizada pela própria reformulação da noção de pulsão, de haver duas formas de morte: uma interna - em princípio nem aprazível nem desprazível, posto que estaria aquém da experiência -, que condicionaria a verdadeira meta da existência; e uma externa, desprazível, justamente a que seria negada por todas as formas de manifestações culturais. Nessa perspectiva, a garantia do dualismo acabaria por relegar a um plano secundário a idéia de que o organismo aspiraria morrer no seu devido tempo, uma vez que, no confronto com Eros, a pulsão de morte passaria a encarnar o aspecto destrutivo - e, por conseguinte, algo de conotação negativa - presente na vida.

Tudo se passa, portanto, como se a exploração dessas possibilidades implicasse, de fato, o aguçamento de todas as contradições das teses da psicanálise, vindo a pôr em xeque a sua viabilidade teórica e clínica. Em vista dessa espécie de ameaça, Freud pareceria recuar e, digamos, optar pelo caminho mais fácil de dissimular as dificuldades em torno da manutenção do dualismo, bem como das características eminentemente aprazíveis da sexualidade. O meio encontrado para esse fim parece ter sido a noção de associação ou fusão pulsional ("*Triebmischung*").

Nesse sentido, ele recorreria à polaridade amor-ódio, examinada anteriormente em "*Triebe und Triebchicksale*",¹⁵⁹ para sugerir uma possível vinculação do primeiro à ação de Eros e do segundo às pulsões de morte,¹⁶⁰ de tal maneira que a ambivalência seria agora explicada pela associação dessas pulsões.

Em seguida, recorreria ao exemplo do par sadismo-masiquismo, a fim de identificar, no componente agressivo de tais manifestações da sexualidade, uma possível expressão das pulsões de morte.

De resto, a noção de associação pulsional pareceria igualmente dissimular o problema da representabilidade, tão caro à metapsicologia. A partir dessa noção, qualquer expressão psíquica envolveria o amálgama das duas pulsões, de modo a não se poder pensar a representação pura de uma única pulsão. Nesse caso, a pulsão de morte não implicaria um conteúdo totalmente irrepresentável, ainda que Freud mantenha a idéia de que seu trabalho seria silencioso e em grande parte abafado pela força neutralizadora dos ruidosos representantes de Eros. De todo modo, ela teria uma representação mais conspícua no sadismo e no masiquismo. Acerca da natureza deste último, Freud admite a necessidade de rever sua posição anterior, no sentido de reconhecer a

¹⁵⁹ Cumpre lembrar que, nesse contexto, Freud havia atribuído o sentimento de ódio às pulsões de autoconservação. Ver nosso exame desse artigo no capítulo II desta terceira parte (acima).

¹⁶⁰ "Partimos da grande oposição entre as pulsões de vida e de morte. Ora, o próprio amor objetal nos apresenta um segundo exemplo de polaridade semelhante: a existente entre o amor (ou afeição) e o ódio (ou agressividade). Se pudéssemos conseguir relacionar mutuamente essas duas polaridades e derivar uma da outra!" (GW, XIII, pp. 57-58; SE, XVIII, pp. 53-54; ESB, XVIII, p. 74)

possibilidade de haver um masoquismo originário, não derivado do sadismo.¹⁶¹

Ora, conforme pudemos acompanhar ao longo deste capítulo, a entrada em cena da pulsão de morte, ao invés de constituir a causa mesma de inúmeros problemas para a teoria freudiana, pareceria, antes, promover uma espécie de encurralamento das contradições que identificamos no decorrer de todo o presente estudo. Contradições que Freud submete, nas próprias páginas de "*Jenseits*", a uma verdadeira sessão de ajustes conceituais, na tentativa de resolver aspectos pendentes desde as primeiras formulações metapsicológicas. Todavia, essas 'pendências' implicariam, ao nosso ver, aporias intrínsecas à prevalência, no pensamento freudiano, de uma ordem empírica sobre a ordem lógica no que tange à formação dos processos psíquicos.

Nessa perspectiva, as soluções forjadas pela noção de associação pulsional tão-somente ocultariam os problemas relativos à origem eminentemente desprazível dos propulsores da intencionalidade. Em outras palavras, essa noção apenas manteria o aspecto que, no modelo anterior, vinha igualmente sendo disfarçado sob a indistinção entre 'fuga do desprazer' e 'busca de prazer'. A diferença em relação a esse contexto mais tardio residiria no recurso de Freud a explicações que extrapolariam os limites da experiência, vindo a despertar discordâncias por parte de seu próprio círculo de adeptos. No entanto, estas não atingiriam as bases do legado freudiano, uma vez que recairiam mais incisivamente sobre o recurso à especulação

¹⁶¹ Essa revisão foi realizada por Freud em "*Das Ökonomische Problem des Masochismus*" ("O problema econômico do masoquismo" [1924]. GW, XIII, pp. 369-383; SE, XIX, pp. 155-170; ESB, XIX, pp. 199-212).

metafísica (com efeito, não se tardou a atribuir a introdução da nova pulsão a aspectos concernentes à vida particular de Freud).

Conforme tentamos mostrar, a indiferenciação das metas da intencionalidade escamotearia o caráter necessário - de acordo com a ordem empírica de constituição dos processos psíquicos - da anterioridade do funcionamento secundário em relação ao primário. Desse modo, tal indiferenciação pareceria proteger a tese central da psicanálise - a predominância do inconsciente sobre a consciência - de expor-se a uma contradição que, no entanto, não cessaria de reincidir nas diferentes versões da teoria do aparelho psíquico.

Essa reincidência comprometeria, em última análise, as bases da concepção de racionalidade subjacente à teoria freudiana, depreendida, por sua vez, de uma tese amplamente difundida pela psicanálise e que poderia ser enunciada nos seguintes termos: os processos irracionais remontariam a processos racionais que, em decorrência de seu caráter inadmissível, sofreriam repressão, após o que seriam submetidos às regras do sistema mais antigo, não-racional da psique: o inconsciente. Contudo, a anterioridade do processo secundário em relação ao primário - identificada no exame dos diferentes modelos metapsicológicos - permitiria entrever, ao mesmo tempo, a emergência de uma suposição contrária: a de que a base não-racional (o inconsciente) dependeria de uma racionalidade (o pré-consciente/consciente) a partir da qual dar-se-ia a própria constituição da mente como um aparelho dividido em instâncias.

Os ajustes propostos por meio do recurso à noção de associação pulsional pareceriam - embora de um modo não tão bem-sucedido -, tentar recobrir novamente os problemas descortinados pela introdução da pulsão de morte. Em vista das sérias implicações decorrentes das contradições evidenciadas, tudo se passa como se Freud tentasse agora manter o que a sua vasta produção ter-se-ia empenhado em mostrar: que o motor da intencionalidade humana, aquilo que tornaria o seu agir em grande escala distinto dos demais animais, seriam as peculiaridades relativas às formas de obtenção do prazer sexual.

Entretanto, apesar de todo o esforço de Freud em rever as recentes reformulações a partir da noção de associação pulsional, não teria sido possível desfazer, nem tampouco encobrir o embaraçamento referente à anterioridade do processo psíquico secundário em relação ao primário. A propósito, esta parece ser a principal tarefa de *"Das Ich und das Es"* (1923).

No último capítulo de *"Jenseits"*, pode-se reencontrar os sinais do mesmo problema à medida que, num primeiro momento, Freud se refere da seguinte maneira ao trabalho de vinculação da quantidade característico do processo secundário: *"a sujeição constitui o ato preparatório que introduz e assegura a dominância do princípio de prazer"*.¹⁶² Logo adiante, contudo, emite o comentário reproduzido a seguir:

"Além disso, os processos primários são os mais antigos no tempo; no começo da vida mental não existem outros e

¹⁶² GW, XIII, p. 68; SE, XVIII, p.63; ESB, XVIII, p. 83

podemos inferir que, se o princípio de prazer não tivesse sido operante neles, jamais se poderia ter estabelecido para os posteriores".¹⁶³

Por conseguinte, se tivermos alguma razão em supor que o novo dualismo sustenta-se em grande parte pela noção de associação pulsional; se, conforme tentamos mostrar, essa noção apenas dissimularia contradições concernentes ao próprio conceito de pulsão, à relação prazer-desprazer, ao binômio morte-sexualidade; enfim, à preexistência do inconsciente sobre o pré-consciente/consciente, talvez não estejamos equivocados em supor que a introdução da pulsão de morte viria tão-somente tornar indisfarçáveis as aporias intrínsecas ao projeto freudiano. Projeto este que, tal como consta na abertura de "*Entwurf*",¹⁶⁴ pretenderia fornecer uma descrição dos processos psíquicos livre de contradição, a partir da qual a intencionalidade seria explicada à luz de um modelo mecânico-biológico. Com esse recurso, Freud proporia descrições mentalistas em terceira pessoa, opondo-se a uma tradição que atribui à consciência o controle dos processos psíquicos.

O problema, conforme assinalamos na primeira parte de nosso estudo, é que o mecanicismo suposto por Freud não admite o solipsismo característico desse tipo de concepção. Em outras palavras, ele pressupõe a intervenção do outro

¹⁶³ GW, XIII, p. 69; SE, XVIII, p.64; ESB, XVIII, p. 84

¹⁶⁴ "O propósito [é] fornecer uma psicologia científico-naturalista, ou seja, apresentar processos psíquicos como estados quantitativamente determinados de partes materiais capazes de serem identificadas e, com isso, torná-los intuitivos e livres de contradição" ("*Entwurf einer Psychologie*". Op cit., p. 9). Mesmo que Freud não tenha mantido o caráter realista pretendido pelo quadro conceitual proposto nesta obra e, subsequenteemente, tenha-o submetido a inúmeras e significativas reformulações, acreditamos que a essência do empreendimento exposto na citação acima tenha permanecido em todos os modelos ulteriores.

como elemento imprescindível para a constituição da intencionalidade. Em vista deste aspecto, a teleologia mecânica seria fundamentada sobre uma teoria da representação, de acordo com a qual os complexos representacionais (compostos de representação de coisa e representação de palavra) seriam empiricamente constituídos. Desse modo, a formação dos processos psíquicos seria pensada a partir de uma origem em que uns precederiam os outros.

Essas peculiaridades da teoria freudiana fariam emergir, de seu próprio interior, contradições que ressaltamos ao longo de todo o nosso percurso pelos textos selecionados e que parecem convergir, em última análise, para o papel organizador da linguagem no processo de constituição do psiquismo. Considerando que, para Freud, o inconsciente seria não-lingüístico, esse papel indiretamente atribuído à linguagem pareceria comprometer a tese psicanalítica da ascendência do inconsciente sobre a consciência.

À luz da pulsão de morte, a meta da intencionalidade parece, portanto, cair em uma espécie de impasse: ou ela extrapolaria os limites da experiência e das explicações mecânicas,¹⁶⁵ comprometendo as bases empírico-naturalistas da teleologia freudiana; ou, no caso de se aceitar a saída da associação pulsional, seriam o conceito de pulsão e as relações entre prazer e desprazer, morte e sexualidade que exibiriam uma nova versão da antiga contradição - o que

¹⁶⁵ Com efeito, nem as explicações biológicas, que sempre vieram em auxílio de Freud quando não era possível propor explicações mecânicas, seriam capazes de respaldar essa suposta tendência do organismo a morrer por causas internas.

acabaria igualmente por comprometer a noção de intencionalidade na psicanálise.

Considerando o rumo tomado pelas formulações psicanalíticas ulteriores, a noção de associação pulsional pareceria constituir - ao preço das contradições mencionadas - o eixo sobre o qual Freud teria tentado dar continuidade ao seu empreendimento. Com efeito, em "*Das Ich und das Es*" (1923) - obra dedicada à apresentação de um segundo esquema tópico do psiquismo -, tudo se passa como se ele tentasse mostrar que algumas reformulações seriam suficientes para assegurar o fortalecimento do projeto psicanalítico a partir de sua nova teoria das pulsões.

Nessa reconfiguração do modelo do aparelho anímico, considerada por Freud como consequência direta da introdução da pulsão de morte,¹⁶⁶ a concepção sistemática dá lugar a uma visão estrutural, de modo que muito do que já havia sido formulado no quadro conceitual anterior não seria propriamente rejeitado, mas repensado a partir da nova teoria das pulsões.

Em outras palavras, com a segunda tópica, Freud parece tentar resolver, entre outras, certas dificuldades relativas ao papel do eu, apontadas desde o início do presente trabalho como um dos pontos mais problemáticos da metapsicologia. É, pois, com um breve exame de "*Das Ich und das Es*" - no qual privilegiaremos esse aspecto específico - que pretendemos finalizar nosso estudo.

¹⁶⁶ "Os presentes estudos constituem novo desenvolvimento de algumas seqüências de pensamento que expus em *Para além do princípio de prazer...*" (*Das Ich und das Es* ["O ego e o id"]. GW, XIII, p. 237; SE, XIX, p. 12; ESB, XIX, p.23).

Conforme pudemos depreender de algumas passagens de "Jenseits", Freud teria encontrado dificuldade em atribuir uma característica que fosse comum à sexualidade e à compulsão à repetição, o que julgamos comprometer a essência mesma do conceito de pulsão. Naquele contexto, o recurso ao mito platônico pareceria o único meio encontrado por Freud para forjar uma natureza conservadora para a sexualidade e, desse modo, reiterar a nova concepção segundo a qual a meta da pulsão seria restaurar um estado anterior de coisas. No quarto capítulo de "Das Ich und das Es", contudo, ele não parece hesitar em se referir a essa característica como um traço comum a ambas as classes de pulsão, aproveitando inclusive a ocasião para sintetizar sua nova concepção de intencionalidade:

"O surgimento da vida seria, então, a causa da continuação da vida e também, ao mesmo tempo, do esforço no sentido da morte. E a própria vida seria um conflito e uma conciliação entre essas duas tendências. O problema da origem da vida permaneceria cosmológico, e o problema do objetivo e propósito da vida seria respondido dualisticamente".¹⁶⁷

Ao supor que os processos de anabolismo e catabolismo estariam respectivamente relacionados à Eros e à pulsão de morte, Freud reiteraria a noção de associação pulsional:

"A hipótese não lança qualquer luz sobre a maneira pela qual as duas classes de pulsão se fundem, misturam e ligam uma com a outra, mas que isso se realiza de modo

¹⁶⁷ GW, XIII, p. 269; SE, XIX, p. 41; ESB, XIX, p.56.

regular e de modo muito extensivo, constitui pressuposição indispensável à nossa concepção".¹⁶⁸

Seria, pois, a partir de tal pressuposição que Freud empreenderia sua última reformulação do esquema do aparelho psíquico, na qual poderíamos entrever seu esforço em propor uma solução para o problema da anterioridade do (sistema) inconsciente sobre o eu.

Com efeito, em primeiro lugar, ele substitui a antiga divisão do aparelho nos sistemas inconsciente e pré-consciente/consciente pela concepção de uma estrutura tripartite composta pelo isso, eu e supereu. Nesse novo esquema conceitual, ele retiraria do eu a função de auto-observação, passando a atribuí-la ao supereu. Desse modo, a antiga tarefa da repressão (repressão primeva e repressão propriamente dita)¹⁶⁹ pareceria, em certo sentido, ficar dividida entre essas duas estruturas.

O eu passa a ser pensado como uma porção modificada do isso a partir do contato do aparelho com o mundo externo. Nesse caso, tal organização não implicaria algo que essencialmente se oporia ao isso, pois "*sua parte inferior funde-se com ele*".¹⁷⁰ Contudo, sua função repressora seria mantida, uma vez que lhe caberia, tal como pressupunha o modelo de "*Entwurf*", observar as imposições da realidade. Desse modo, essa organização permaneceria com a tarefa de dotar os processos psíquicos de coerência, fazendo-os

¹⁶⁸ Idem, Ibidem.

¹⁶⁹ A esse respeito, ver artigo metapsicológico dedicado ao tema da repressão "*Die Verdrängung*" (1915). GW, X, pp. 247-261; SE, XIV, pp. 141-158; ESB, XIV, pp. 169-182).

¹⁷⁰ "*Das Ich und das Es*" ("O ego e o id"). GW, XIII, p. 237; SE, XIX, p. 12; ESB, XIX, p.23.

obedecer a certas premissas lógicas balizadoras de sua atividade.

O novo papel atribuído ao eu assemelhar-se-ia ao de uma espécie de sedutor, dado que ele deverá tentar de todas as maneiras atrair para si a libido do isso, oferecendo-se ao mesmo como objeto de amor. Com essa reformulação, a questão relativa à erotização do eu - trazida à tona pela introdução do narcisismo - deixaria de ser um problema, passando a constituir justamente o recurso a ser utilizado para mover o aparelho na direção de sua meta.

Ademais, essa característica estaria em consonância com a tese que julgamos central na psicanálise, uma vez que pressuporia a anterioridade do isso em relação ao eu. Em outras palavras, à medida que supõe o eu como uma espécie de continuação do isso - que procuraria a melhor forma de obter a satisfação requerida pelo mesmo -, a segunda tópica pareceria reiterar a ascendência e, por conseguinte, a predominância dos processos inconscientes sobre os pré-conscientes e conscientes.

O supereu, por sua vez, herdaria do isso alguns conteúdos ligados ao Complexo de Édipo, além de abrigar a instância ideal - fruto das identificações narcísicas do eu. Desse modo, ter-se-ia instaurado como uma instância observadora das atividades da organização egóica relativas à sua tarefa de tentar obter a satisfação das demandas do isso. Em outros termos, seria responsável por parte da repressão que, anteriormente, era atribuída ao próprio eu.

O problema, contudo, pareceria ressurgir de um modo muito semelhante ao que tentamos apontar nos modelos anteriores; ou seja, emergiria da própria concepção da

relação entre as funções mentais alucinatória e inibidora. Na descrição que Freud reserva para o isso, ele atribui-lhe as seguintes características:

"Os senhores não deverão de esperar que eu tenha muita coisa nova a dizer-lhes acerca do isso, exceto seu nome novo. É a parte obscura, a parte inacessível de nossa personalidade; o pouco que sabemos a seu respeito aprendemo-lo de nosso estudo da elaboração onírica e da formação dos sintomas neuróticos, e a maior parte disso é de caráter negativo e pode ser descrita somente como um contraste com o eu. Abordamos o isso com analogias; denominamo-lo caos, caldeirão cheio de agitação fervilhante. Descrevemo-lo como estando aberto, no seu extremo, a influências somáticas e como contendo dentro de si necessidades pulsionais que nele encontram expressão psíquica; não sabemos dizer, contudo, em que substrato".¹⁷¹

Ora, se Freud mantém para o isso as características anteriormente atribuídas ao sistema inconsciente: a ausência de contradição, a atemporalidade, a ausência de juízos de valor, a amoralidade; se ele reitera que o mesmo abrigaria tão-somente *"ocupações pulsionais que procuram a eliminação - isto, em nossa opinião, é tudo o que existe no isso"*,¹⁷² tem-se novamente o mesmo problema que tantas vezes aludimos. Problema este que, em última análise, consiste na dificuldade de fornecer fundamentos plausíveis para a tese

¹⁷¹ "Neue Folge der Vorlesungen..." ("Novas Conferências Introdutórias...". Conferência XXXI: 'Die Zerlegung der Psychischen Persönlichkeit' [A dissecação da personalidade psíquica]). GW, XV, p. 80; SE, XXII, p.73; ESB, XXII, p. 94). Apesar de constar de uma publicação posterior a "Das Ich und das Es", o trecho acima não acrescenta nada de propriamente novo ao que já havia sido proposto nesta obra, ao mesmo tempo em que fornece uma síntese do estatuto dessa estrutura mental pouco abordada.

¹⁷² "Neue Folge der Vorlesungen..." ("Novas Conferências Introdutórias...". Conferência XXXI, op. cit. GW, XV, p. 81; SE, XXII, p.74; ESB, XXII, p. 95.

de que esse núcleo puramente não-racional e inacessível seria a origem e a base dos processos racionais.

Conforme tentamos mostrar ao longo deste estudo, em todas as formulações do aparelho psíquico em que Freud tentaria demonstrar essa tese central da psicanálise, ele acabaria por cair em contradição, uma vez que permitiria entrever o oposto: o caráter, por assim dizer, condicionante e, portanto, anterior de uma racionalidade na própria constituição da mente como um aparelho dividido em instâncias, entre as quais se incluiria aquela em que vigoram processos não-racionais. No contexto de *"Das Ich und das Es"*, a pista para essa contradição pareceria contida na seguinte passagem:

"O isso, ao qual finalmente retornamos, não possui meios de demonstrar ao eu amor ou ódio. Ele não pode dizer o que quer (Es kann nicht sagen was es will); não alcançou uma vontade unificada. Eros e a pulsão de morte lutam dentro dele(...)".¹⁷³

A possibilidade de se supor, na teoria freudiana, a emergência de uma contradição que inverteria a sua tese central; mais precisamente, a suposição de uma racionalidade condicionante daquilo que, oriundo de fontes somáticas receberia o estatuto, no plano mental (isto é, representacional), de um material não-racional traria de volta a seguinte questão que lançamos em alguns momentos de nossa investigação: em que medida poder-se-ia entrever, subjacente à noção freudiana de eu, o possível resquício de um 'sujeito da razão'? A esse respeito, ousaríamos tão-

¹⁷³ *"Das Ich und das Es"* ("O ego e o id"). GW, XIII, p. 289; SE, XIX, p. 59; ESB, XIX, p. 76.

somente dizer que, se de um lado o eu é comparado a um pobre diabo que deve favores e serviços a três senhores - o isso, o supereu e a realidade -¹⁷⁴ estando, portanto, muito distante da figura soberana de um sujeito da razão, por outro lado, ele parece manter o privilégio de ser o intérprete e, nesse sentido, o próprio condicionante das demandas não-rationais do isso.

Nessa perspectiva, gostaríamos de finalizar o nosso trabalho com uma espécie de paráfrase de um conhecido comentário de Freud acerca da moralidade humana,¹⁷⁵ transposto para a noção de racionalidade que pudemos depreender de nosso percurso por sua obra: o homem normal não apenas é muito mais não-rationaL do que crê, mas também muito mais racional do que sabe.

¹⁷⁴ Cf. "Das Ich und das Es". GW, XIII, p. 286; SE, XIX, p. 56; ESB, XIX, pp. 72-73.

¹⁷⁵ Cf. "Das Ich und das Es". GW, XIII, p. 282; SE, XIX, p. 52; ESB, XIX, p. 68.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Observação:

A obra de Freud foi consultada (salvo "Aphasien" e "Entwurf") nas seguintes edições: a alemã ("*Sigmund Freud Gesammelte Werke*". Frankfurt am Main, S. Fischer Verlag, Sechste Auflage, 1991 [abreviada para GW]); a inglesa ("*The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*". London, The Hogarth Press, Fifth Edition, 1968 [abreviada para SE]); a brasileira ("*Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*". Rio de Janeiro, Imago, 1970-77 [abreviada para ESB]). As citações foram acompanhadas das referências às três edições, na ordem apresentada acima. Para a referência aos volumes e às páginas, foram utilizados, respectivamente, algarismos romanos e arábicos.

BORRADONNI, G. (1994) "*The American Philosopher*". Chicago, The University of Chicago Press.

BREUER, J. (1895) "*Fraulein Anna O.*" GW, Nachtragsband; SE, pp. 18-47; ESB, pp. 63-90.

(1895) "*Theoretischen*" ("Considerações Teóricas"). GW, Nachtragsband; SE, II, pp. 183-251; ESB, II, pp. 237-308.

- BREUER, J. & FREUD, S. (1893) 'Über den psychischen Mechanismus hysterischer Phänomene: Vorläufige Mitteilung'. in "Studien über Hysterie" ('Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos: Comunicação Preliminar' in "Estudos sobre Histeria"). GW, I, pp. 81-98; SE, II, pp. 2-17; ESB, II, pp. 43-59.
- DAVIDSON, D. (1982) 'Paradoxes of irrationality'. in "Philosophical essays on Freud". Wolheim, R. e Hopkins, J.(org.) Cambridge, Cambridge University Press, pp. 289-305.
- DERRIDA, J. (1980) 'Spéculer sur Freud'. in "La Carte Postale". Paris, Flammarion.
- FREUD, S. (1888) 'Hysterie'. GW, Nachtragsband; SE, I, pp. 37-57; ESB, I, pp. 77-100.
- _____ (1888-9) "Prefácio à tradução de 'De la Suggestion', de Bernheim". GW, Nachtragsband; SE, I, pp. 73-86; ESB, I, pp. 117-131.
- _____ (1889) "Besprechung von August Forel 'Der Hypnotismus'" ("Resenha de 'Hipnotismo' de August Forel"). GW, Nachtragsband; SE, I, pp. 89-102; ESB, I, pp. 133-150.
- _____ (1891) "Hypnose". Nachtragsband; SE, I, pp. 103-114; ESB, I, pp. 151-165.
- _____ (1891) "Zur Auffassung der Aphasien". Leipzig und Wien: Deuticke ("Contribution à la conception des aphasies". Tradução de Claude Van Reeth. Paris, PUF, 1983).
- _____ (1892) "Ein Fall von hypnotischer Heilung" ("Um caso de cura pelo hipnotismo") GW, I, pp. 1-17; SE, I, pp. 115-128; ESB, I, pp. 171-185.
- _____ (1892-94) "Prefácio e notas de rodapé à tradução das Leçons du Mardi, de Charcot". GW, Nachtragsband; SE, I, pp. 131-143; ESB, I, pp. 191-203.

(1893) "*Quelques considérations pour une étude comparative des paralysies motrices organiques et hysteriques*" ("Alguns pontos para o estudo comparativo das paralisias motoras orgânicas e histéricas"). GW, I, pp. 36-55; SE, I, pp. 155-172; ESB, I, pp. 223-239.

(1893) "*Brief an Josef Breuer*" ("Esboço para a Comunicação Preliminar". GW, XVII, pp. 3-6; SE, I, pp. 145-150; ESB, I, pp. 205-216.

(1894) "*Die Abwehr-Neuropsychosen*" ("As neuropsicoses de defesa"). GW, I, pp. 59-73; SE, III, pp. 45-59; ESB, III, pp. 57-73.

(1895[1894]) "*Über die Berechtigung von der Neurasthenie einen Bestimmten Symptomenkomplex als 'Angstneurose' Abzutrennen*" ("Sobre os critérios para destacar da neurastenia uma síndrome particular intitulada 'neurose de angústia'). GW, I; pp. 313-342; SE, III, pp. 90-115; ESB, III, pp. 107-135.

(1895) Casos clínicos (Emmy, Lucy, Katharina, Cäcilie e Elisabeth). in BREUER, J. & FREUD, S. "*Studien über Hysterie*". GW, I, pp. 99-251; SE, II, pp. 48-181; ESB, II, pp. 91-231.

(1895) '*Zur Psychotherapie der Hysterie*' ('A Psicoterapia da Histeria'). in BREUER, J. & FREUD, S. "*Studien über Hysterie*". GW, I, pp. 252-312; SE, II, pp. 255-305; ESB, II, pp. 311-363.

(1895) "*Entwurf einer Psychologie*" ("Projeto de uma Psicologia"). GW, Nachtragsband, pp. 387-477. Tradução, seguida de notas críticas, de Osmir Faria Gabbi Jr., Rio de Janeiro, Imago, 1995.

(1896) "*L'hérédité et l'etiologie des névroses*" ("A hereditariedade e a etiologia das neuroses"). GW, I pp. 407-422; SE, III, pp. 143-156; ESB, III, pp. 165-179.

(1898) "*Die Sexualität in der Ätiologie der Neurosen*" ("A sexualidade na etiologia das neuroses"). GW, I, pp. 489-516; SE, III, pp. 263-285; ESB, III, 289-312.

(1900) "*Die Traumdeutung*" ("A Interpretação dos sonhos"). GW, II/III; SE, IV/V; ESB, IV/V.

(1901) "*Zur Psychopathologie des Alltagslebens*" ("A Psicopatologia da vida cotidiana"). GW, IV; SE, VI, ESB, VI.

(1905) "*Der Witz und seine Beziehung zum Unbewussten*" ("Os chistes e sua relação com o inconsciente"). GW, VI; SE, VIII; ESB, VIII.

(1905) "*Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie*" ("Três ensaios sobre a teoria da sexualidade"). GW, V, pp. 27-145; SE, VII, pp. 123-243; ESB, VII, pp. 135-226.

(1910) "*Eine Kindheitserinnerung des Leonardo da Vinci*" ("Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância"). GW, VIII, pp. 127-211; SE, XI, pp. 57-137; ESB, XI, pp. 53-124.

(1910) "*Die Psychogene Sehstörung in Psychoanalytischer Auffassung*" ("A concepção psicanalítica da perturbação psicogênica da visão"). GW, VIII, pp. 93-102; SE, XI, pp. 209-218; ESB, XI, pp. 193-203.

(1911) "*Formulierungen über die zwei Prinzipien des psychischen Geschehens*" ("Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental"). GW, VIII, pp. 229-238; SE, XII, pp. 213-226; ESB, XII, pp. 273-286.

(1911) "*Psychoanalytische Bemerkungen über einen autobiographisch Beschriebenen Fall von Paranoia*" ("Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia"). GW, VIII, pp. 239-316; SE, XII, pp. 1-79; ESB XII, pp. 23-108.

- ____ (1912) *Zur Onanie-Diskussion* ("Contribuições a um debate sobre a masturbação"). GW, VIII, pp. 332-345; SE, XII, pp. 243-254; ESB, XII, pp. 307-319.
- ____ (1912-13) *Totem und Tabu* ("Totem e tabu"). GW, IX; SE, XIII; ESB, XIII.
- ____ (1913) "*Das Motiv des Kästchenwahl*" ("O tema dos três escrínios"). GW, X, pp. 23-37; SE, XII, pp. 289-301, ESB, XII, pp. 367-379.
- ____ (1914) "*Zur Geschichte der psychoanalytischen Bewegung*" ("A história do Movimento Psicanalítico"). GW, X, pp. 43-113; SE, XIV, pp. 7-66; ESB, XIV, pp. 11-82.
- ____ (1914) *Zur Einführung des Narzissmus* ("Sobre o narcisismo: uma introdução"). GW, X, pp. 137-170; SE, XIV, pp. 73-102; ESB, XIV, pp. 89-119.
- ____ (1915) "*Trieb und Tribschicksale*" (1915) ("Os instintos e suas vicissitudes"). GW, X, pp. 209-232; SE, XIV, pp. 109-140; ESB, XIV, pp. 137-162.
- ____ (1915) "*Die Verdrängung*" ("Repressão"). GW, X, pp. 247-261; SE, XIV, pp. 141-158; ESB, XIV, pp. 169-189.
- ____ (1915) "*Das Unbewusste*" ("O Inconsciente"). GW, X, pp. 263-303; SE, XIV, pp. 159-204; ESB, XIV, pp. 191-233.
- ____ (1915) "*Zeitgemäßes über Krieg und Tod*" ("Reflexões para os tempos de guerra e morte"). GW, X, pp. 323-355; SE, XIV, pp. 273-300; ESB, XIV, pp. 311-339.
- ____ (1918[1914]) "*Aus der Geschichte einer infantilen Neurose*" ("História de uma neurose infantil"). GW, XII, pp. 73, 145-146; SE, XVII, pp. 46, 110-111; ESB, XVII, pp. 64, 137-139.
- ____ (1919) "*Das Unheimliche*". GW, XII, pp. 227-268; SE, XVII, p. 217-252; ESB, XVII, p. 275-314.

____ (1920) "*Jenseits des Lustprinzips*" ("Além do princípio de prazer"). GW, XIII; pp. 1-69; SE, XVIII, pp. 1-64; ESB, XVII, 17-89.

____ (1922) "*Psychoanalyse*" und "*Libidotheorie*" ("Psicanálise" e "A Teoria da Libido"). GW, XIII, pp. 211-233; SE, XVIII, pp. 235-259; ESB, XVIII, pp. 287-312.

____ (1923) "*Das Ich und das Es*" ("O ego e o id"). GW, XIII, pp. 235-289; SE, XIX, pp. 1-59; ESB, XIX, pp. 23-76.

____ (1925) "*Selbstdarstellung*" ("Um estudo autobiográfico"). GW, XIV, pp. 33-96; SE, XX, pp. 70; ESB, XX, pp. 17-87.

____ (1926) "*Hemmung, Symptom und Angst*" ("Inibição, sintoma e angústia"). GW, XIV, pp. 111-205; SE, XX, pp. 75-172; ESB, XX, pp. 107-198.

____ (1930) "*Das Unbehagen in der Kultur*" ("O mal-estar na civilização"). GW, XIV, p. 419-506; SE, XXI, p. 57-145; ESB, XXI, pp. 81-171).

____ (1932) "*Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*" ("Novas conferências introdutórias sobre psicanálise"). GW, XV; SE, XXII; ESB, XXII.

____ (1937) "*Die endliche und die unendliche Analyse*" ("Análise terminável e interminável"). GW, XVI, pp. 57-99; SE, XXIII, pp. 209-253; ESB XXIII, pp. 239-287.

GABBI Jr., O.F. (1994) *Racionalidade, sentido e referência*. Campinas, Coleção CLE, Vol. 13.

____ (1981) *A pré-história da Psicanálise - Materiais para construção*. Tese de doutorado apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo.

- GARDNER, S. (1993) *"Irrationality and the Philosophy of Psychoanalysis"*. Cambridge, Cambridge University Press.
- GOLDBERG, S.E. (1988) *"Two Patterns of Rationality in Freud's Writings"*. Alabama, The University of Alabama Press.
- JONES, E. (1989[1953]) *"A vida e a obra de Sigmund Freud"*. Rio de Janeiro, Imago, Vol. 3.
- KIMERLE, G. (1988) *"Verneinung und Wiederkehr: Eine Methodologische Lektüre von Freuds 'Jenseits des Lustprinzips'"*. Tübingen, Edition Diskord.
- Kris, E. (org.) (1950) *"Sigmund Freud, Aus den Anfängen der Psychoanalyse. Briefe an Wilhelm Fliess, Abhandlungen und Notizen aus den Jahren 1887-1902"*. Londres, Imago Publishing Company.
- LAPLANCHE, J. (1985[1970]) *"Vida e morte em Psicanálise"*. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago. Porto Alegre, Artes Médicas.
- LEBRUN, G. (1977) *"L'idée d'epistemologie"*. in *"Manuscrito"*. Vol. 1, nº 1, Campinas, pp. 7-21 Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).
- MASSON, J.M.[org.] (1985) *"A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess (1887-1904)"*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro, Imago.
- MILL, J.S. *"Sistema de Lógica"* (excertos). in *"Os pensadores"* (1974). Vol. XXXIV. Tradução de Pablo R. Mariconda. São Paulo, Abril Cultural.
- _____
"Um exame da Filosofia de Sir William Hamilton" (excertos). in *"Os pensadores"* (1974). Vol. XXXIV. Tradução de João Marcos Coelho. São Paulo, Abril Cultural.
- MONZANI L.R. (1989) *"Freud: o movimento de um pensamento"*. Campinas, Editora da UNICAMP.

RICOEUR, P. (1965) *"De l'interprétation - Essai sur Freud"*. Paris, Seuil.

SARTRE, J-P. (1958) *"Being and nothingness: an essay on phenomenological ontology"*. Tradução de Hazel Barnes, Londres.

VALABREGA, J-P. (1991) 'Representations de mort'. in *"Topique"* ('De la mort'), n° 48: 165-205. Paris, Dunod.

VERGOTE, A. (1982) 'Pulsion de mort et destins mortifère de la pulsion'. in *"Psychanalyse à l'université"*, 7(28): 561-581.

WITTGENSTEIN, L. (notas de Smythies, Rhees & Taylor [1970]). *"Psicologia, Estética e Religião"*. Tradução de J. Paulo Paes. S. Paulo, Cultrix.